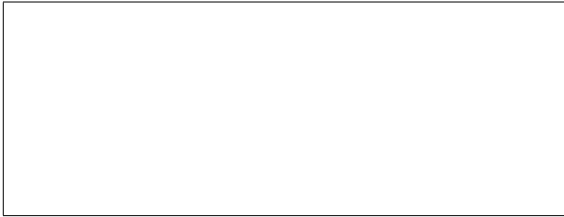


**ONDE MORA A
FELICIDADE?**
e outros contos de
ficção científica

**ONDE MORA A
FELICIDADE?**
e outros contos de
ficção científica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Índices para catálogo sistemático:

1.

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Preparação: ???

Ilustradores internos: Amanda Wagatsuma Gayo, p. 26
Beatriz Malta Stinberg, p. 83
Caio Maezono Pereira, p. 100
Enrico Dei Santi, p. 130
Gabriela Desiderá Motta, p. 170
Henrique do Prado Valladares Seixas Maia, p. 205
Luísa Raele Saad, p. 269
Manuela Malavolta Magalhães, p. 284
Mariana Mannelli Elene Gerlinger, p. 299
Rafael Oliveira de Souza Leão Veiga, 344

Ilustração de Capa: Caio Sebusiani Duarte Takeuti

Capa e Diagramação: Desígnios Editoriais

Revisão: ????

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822 n° 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500/8501, 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-65-5504-198-9

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2022

Professores do 8º ano - 2022

Bruna Benemann
Carmen Verônica Torres
Christina Belisário Borten
Donato Mazzaro
Eduardo Goes de Castro
Heber Ramos Sanches
Marcelo Bezerra Correia da Silva
Maria Auxiliadora Santos Souza
Paula Viotti Bastos
Rogério Darabas
Rosangela Luz Valle
Vanessa Cristina da Cunha Caires
Viviane Fonseca Gonçalves

Corretor de redações

Wellington Gabriel de Almeida

Coordenadores de Área

Denise Curi
Eduardo Ribeiro
Joana Cristina Oliveira Abbiatti
João Rodrigo Lima Agildo
Max Filipe Nigro Rocha
Paula Cristina Marques Cardoso

Orientador Educacional

Renan Antônio do Nascimento

Coordenadora Pedagógica – Ensino Fundamental II

Ana Carlota Vieira Niero

Diretora Acadêmica

Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian

Diretor Administrativo e Financeiro

Irineu de Jesus Villares

Diretor Geral

Pe. Edison de Lima

Sumário

Apresentação	13
<i>Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian</i>	
Prefácio	15
<i>Vanessa Cristina da Cunha Caires</i>	
<i>Viviane Fonseca Gonçalves</i>	
Você tem namorado?	17
<i>Viviane Fonseca Gonçalves</i>	

CONTOS

Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian	13
Viviane Fonseca Gonçalves	17
Alessandro Marcondes Coelho Carillo Bracco	21
Alice Antunes Guaraná.....	23
Amanda Wagatsuma Gayo.....	27
Ana Carolina Cury Rocchiccoli	30
Ana Clara Rodrigues Valério	32
Ana Clara Salgado Geraldês.....	35
Ana Helena Meyer Gottardi.....	38
Ana Luísa da Silva Felisbino Vieira.....	40
Ana Queiroz Arêas Marques.....	42
Ana Sofia de Freitas Rodrigues Smith	45
André Greco de São Pedro	48
André Macêdo Martinelli.....	50
Anna Beatriz Lotaif	52
Anna Luiza Carvalho	55
Antônio Ramires Melchör.....	59

Antônio Rodrigues Requião da Silva.....	61
Antônio Zaia Jabôr.....	63
Arthur Ferreira de André.....	65
Arthur Gaio Moysés.....	68
Arthur Gálico Pfeuti.....	70
Arthur Grecco Wanderley Machado.....	71
Arthur Moya Dias.....	74
Beatriz de Paula Assis Ferriani.....	76
Beatriz Fernandes Thiago Mattar.....	79
Beatriz Malta Stirnberg.....	81
Beatriz Paradella Gomes.....	84
Beatriz Pimentel Siqueira.....	87
Beatriz Travain Alves.....	91
Bethânia Labate Mellis.....	93
Bruna Meireles Rosa.....	96
Bruno Gonçalves Martone.....	98
Caio Maezono Pereira.....	101
Caio Sebusiani Duarte Takeuti.....	103
Camila Rossi Ros.....	106
Carime Atala Elmor.....	108
Carolina Cotrim Lopes.....	110
Catarina Silvani Guerra.....	112
Catharina Carvalho Basile Machado de Melo.....	114
Clara de Andrade Lopes.....	117
Daniela Pacheco Vita.....	119
Eduardo Bastia Zanelato.....	121
Eduardo Dupont Vannini.....	123
Eduardo Schuartz Bove.....	125
Elisa Pupim Magnani Soares.....	127
Enrico Dei Santi.....	131
Enzo Melchiori Morente.....	133
Felipe Almeida Ribeiro de Castro Alves.....	135

Felipe Buono Lehoczki	138
Felipe Gonçalves Hungria	141
Felipe Oliveira de Souza Leão Veiga	144
Felipe Suguiyama Baliulevicius	146
Fernanda de Faria Pimenta Salles Lopes	148
Fernanda Semerdjian Cividanes.....	151
Fernando de Farias Fernandes.....	154
Fernando Elias Palma	156
Frederico de Almeida Pernambuco Cifu.....	158
Gabriel de Vasconcelos Segantin	160
Gabriel Piantavini Ferrari.....	162
Gabriel Raucci Spaccaquercia	165
Gabriela D'Ângelo Primo Maués	167
Gabriela Desiderá Motta	169
Gabriela Elias Sallum	172
Gabriella Ferreira Duarte	174
Giovanna Buranello Rocha	177
Giovanna D'Alessandro Menzzano	179
Giovanna Takahashi de Mello	181
Giulia Borella Paschoalin	183
Guilherme Jorge Traldi	185
Gustavo Prata Luz.....	187
Heitor da Costa Botura.....	190
Helena Finco Del Nero	192
Helena Magrin Anechini.....	194
Helena Sichero Vettorazzo	196
Helena Ucha Campos Fragelli	199
Henrique Batah de Souza	202
Henrique do Prado Valladares Seixas Maia	204
Igor Mourão Sousa Neves.....	208
Igor Rioli Ferraz	210
Isabella Ceplovitz Salaño.....	213

Isabella Hong	215
Joakim Agopyan Rosa.....	218
João Brasil Zidan	220
João Camargo Belmudes	222
João Gabriel Mazzini Miranda Kay.....	224
João Manuel Abdala Perpétuo	226
João Sahib Bernaba Cheda de Menezes.....	228
José Antônio Carreiras Estulano	230
José Giusti Aun	231
Juan Pablo Lopes Butalla.....	233
Juan Pedro Lopes Butalla.....	234
Júlia França Gil	236
Júlia Tayt Sohn Cesar	238
Lara Hikari Magarifuchi.....	241
Laura Farah Hervey Costa	245
Laura Lopes Butalla.....	247
Letícia Almeida Dias Kambara.....	249
Letícia Ferreira Duarte Cançado.....	251
Letícia Tosi Borges Porto.....	253
Lucas Aranha Ferraz	255
Lucas Braia Moura.....	259
Lucas Im Chung.....	261
Lucas Leão Cyrillo.....	263
Lucas Resina Serafim	265
Luisa Raele Saad	267
Luísa Ratti Cardim Guerra.....	270
Luiz Eduardo Gagliardi Pimazzoni.....	273
Luiz Felipe Cauduro Costa.....	276
Luiz Guilherme Volpato Vello	278
Luiza Cassiano Cotait	281
Manuela Arantes de Menezes Côrtes.....	282
Manuela Malavolta Magalhães	285

Maria Clara Fava.....	287
Maria Clara Gálico Pfeuti.....	289
Maria Clara Mano Lahóz Moya.....	291
Maria Clara Shima Kuroda	293
Maria Luiza Pereira Porto Intátilo.....	295
Mariana Mannelli Elene Gerlinger	297
Mariana Yumi Saigo Baladi.....	300
Marina Magrin Anechini	303
Mateus Brada Pavan.....	305
Mateus de Souza Maciel	307
Melissa Sangüeza Ferreira Melo	312
Melissa Soares Melato	314
Miguel Condello.....	316
Miguel Felipe Lebrão Ferreira.....	318
Natália Na Yeun Kim	320
Octavio Junqueira Mazzaro de Moraes	322
Olívia de Souza Caparica.....	324
Olivia Galante Loes	326
Pedro Assef Boggio	330
Pedro Biselli Ranalli Fonseca	331
Pedro de Souza Madeira	333
Pedro de Souza Ribeiro	334
Pedro Henrique Ferreira Paisana	335
Pedro Vicente Martins.....	336
Pietro Pastorelli Trentin.....	340
Rafael Longano Carneiro dos Santos.....	343
Rafael Oliveira de Souza Leão Veiga.....	345
Rafael Tambellini Rodrigues.....	347
Rafaela Corradi Groba.....	349
Rafaela Elias Sallum	351
Rafaela Lopes Sfeir	353
Rafaela Mastrofrancisco Soares.....	355

Rafaela Mohallem Aoun.....	358
Ricardo Bueno Silva Conrado Mesquita	360
Ricardo Jalowski Barbosa	363
Rodrigo Angeles Buissa	365
Rodrigo Fiori Evangelista Tokarski.....	367
Rodrigo Marcilio de Arruda	369
Rodrigo Prata Luz.....	372
Rubem Pilotto Rodrigues Alves.....	374
Sophia Lopes Kanaan.....	376
Sophia Miura Tobias	379
Stephanie Finocchio Brassolatti Oliveira Bucalon	382
Theo Henrique Ferster	384
Theo Lopes de Melo Santos.....	386
Theo Macchione	388
Theo Muner Paulavicius Romero Fernandes.....	389
Thiago Chamlian Curi	391
Thomaz de Mello Franco Cristóvão Herlin	394
Thomaz Leme Romeiro Siqueira	396
Valentina Velloso Vicentin	397
Victor Laurentino dos Santos	399
Victoria Mello Santos Galbraith Oliveira	401
Vitor Gonzaga de Camargo Barduco.....	404
Yuri Peter Pachas	406



Apresentação

Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian

Que privilégio poder apresentar trabalhos tão significativos e poder convidá-lo, caro(a) leitor(a), a mergulhar no universo da ficção científica e conhecer os belíssimos trabalhos que os 8^{os} anos desenvolveram em nossas aulas no Colégio São Luís. Trabalhar com esse gênero literário apresenta-se como um recurso extremamente fértil e adequado para o desenvolvimento do senso crítico e dos valores éticos de nossos estudantes, como também para o entendimento dos impactos e da importância da ciência no nosso cotidiano.

Alguns autores de ficção científica, inclusive, anteciparam o impacto da ciência sobre as pessoas e a sociedade. Escritores consagrados como Mary Shelley, Julio Verne, Aldous Huxley, Ray Bradbury propuseram histórias que projetaram, seja para um futuro próximo ou distante de sua época, as possibilidades e as transformações que o conhecimento científico e a tecnologia poderiam trazer para a humanidade, levando-nos a refletir sobre suas consequências e seus limites éticos.



Que bom ler esses contos e perceber que os estudantes entenderam o compromisso firmado com a ética vindo ao encontro da missão dos colégios jesuítas, que é promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inicianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, comprometidos e criativos. Criatividade aliás, é o que vamos descobrir ao folhear as próximas páginas. Meu convite, portanto, é que embarquem nessa leitura e apreciem os belíssimos trabalhos que agora apresentamos.





Prefácio

A felicidade, maior objeto de desejo da humanidade, por vezes inatingível, pode parecer até obra de ficção! Quais são os mistérios que envolvem tal conquista? Quais são os segredos guardados pelos seres plenamente felizes? Há quem seja completamente feliz, mesmo que por um instante? Ah, a felicidade... Efêmera! Existem aqueles que buscam fórmulas mágicas para sorrir. E os que mascaram a alegria com o consumo, trocando os princípios do ser pelas preocupações do ter. E se a máquina do tempo pudesse ser inventada, para revisitarmos, por mil vezes, aqueles momentos que congelamos através de fotografias? E se tudo pudesse ser vivido de novo... E de novo... E de novo? Essa memória afetiva é mais valiosa do que mil tesouros escondidos em espaçonaves. Não se trata da memória das máquinas e robôs. Essa nem mil gigas seriam suficientes. Falamos da memória do coração! Esse foi o universo no qual os oitavos anos do Colégio São Luís foram convidados a se aventurar!



Ao longo do 1º semestre, os estudantes refletiram sobre a noção de felicidade e níveis de satisfação pessoal e coletiva para diferentes culturas. Por meio do Projeto Felicidades possíveis: construir pontes para um mundo menos desigual para todos, eles tiveram a oportunidade de refletir sobre a noção de felicidade atrelada às relações de consumo, meio ambiente, prática esportiva e alimentação, e culminou em produções artísticas. O disparador da conversa foi o curta-metragem Happiness, de Steven Cuts, que discute a incansável busca da humanidade pela felicidade ao longo da história.





Para obtermos o resultado encontrado nas páginas a seguir, foram realizadas quatro versões da produção de texto, cujo aprimoramento foi orientado por banca externa e equipe de professores. Além disso, o embasamento da pesquisa contou com etapas disparadoras para a criação dos textos envolvendo o tema, como a elaboração de resenha do documentário Happy, da Netflix, e produção de gif. Cabe citar que as ilustrações aqui publicadas também fazem parte dessa construção e são de autoria dos estudantes.

A formação de leitores-escritores é processual e constante. Exaustiva, mas ao mesmo tempo muito gratificante. Esperamos que os leitores deste livro se surpreendam com o potencial criativo de nossos autores, mas também se divirtam com a leitura das páginas a seguir tanto quanto nós nos divertimos com a escrita.

*Vanessa Cristina da Cunha Caires
Viviane Fonseca Gonçalves*



Onde mora a felicidade?





Você tem namorado?

Viviane Fonseca Gonçalves

Eram oito horas da manhã quando Fritzen, em seu local de tarefas, percebeu que seu óleo para destravar juntas havia acabado. Sentou-se, então, em seu equipamento, para realizar a compra on-line. Certificou-se, em sua identificação, sobre as especificações do produto. A etiqueta, com aspecto gasto, efeito do tempo, dizia “made in China”. Decidiu, então, buscar o que procurava na loja Rob Express. Sem estar muito certa sobre o produto, adicionou-o ao carrinho de compras. Fritzen mal sabia que aquele momento mudaria sua trajetória...

“Você é um robô?”, dizia a mensagem que pulou em sua tela. “Sim”, ela clicou rapidamente para finalizar a compra. “E você tem namorado?”. Fritzen sentiu seu corpo enrijecer, como se isso fosse possível. Sentiu sua face rubificar, apesar de saber que seu modelo, mais antigo, ainda não tinha luzes coloridas.



Nunca sabemos quando o amor irá aparecer... Será numa viagem? Num restaurante? Ao virar a próxima esquina? No caso de Fritzen, seu amor estava a um click de distância...

“Não”, ela respondeu. Foi então que um chat imediatamente se abriu. Do outro lado estava Rudzin, um robô KTF5674, perfeitamente compatível com o modelo de Fritzen, porém, um pouco mais moderno. A conversa foi tão agradável que Fritzen quase perdeu seu horário de tela de descanso. Teve receio de ter sido percebida pelo humano-chefe, logo ela, tão certinha, que sempre fazia tudo de acordo com sua programação.

Naquele dia, retornou antes do programado. A troca de informações continuou e ela foi surpreendida por um convite para um encontro presencial. Era mais simples o mundo virtual, tão





habitual para ela... Nem imaginava que momentos como esses eram possíveis para sua espécie. A criatura superou o criador? Seria isso esse tal amor, tão almejado pelos homens? Seria possível aquilo estar acontecendo? Ela se sentia... feliz! “Feliz?” Fez uma rápida pesquisa em sua base de dados e verificou que, até então, não havia registros desses sentimentos em sua linhagem de produção.

“Sim!”, respondeu ela, àquele convite para o encontro presencial. E apesar de ainda não terem programado os detalhes, como data, horário e local, Fritzen sentia como se insetos voadores circulassem no interior de seu peitoral de ferro. Gostaria de usar suas habilidades para interferir no relógio, antecipando esse momento que, certamente, ficaria salvo em seu HD.

O tempo nunca demorou tanto a passar. Durante a noite, não conseguiu desligar, desconectar... Tudo era absolutamente novo para Fritzen. Tentou visualizar imagens distrativas salvas em sua memória interna para que o dia seguinte chegasse logo. Não adiantou. O tic tac do relógio batia no ritmo do seu coração... Ela tinha um coração, afinal?



No dia seguinte chegou ao seu local de tarefas e ligou desesperadamente sua máquina. “Ué?! Onde está o chat?”. Tentou localizá-lo com uma pesquisa rápida e não encontrou. Chamou os robôs superiores para investigar e recebeu a notícia mais dolorosa de sua vida... (Dor? Vida?)

A máquina havia sido formatada... Aquele contato havia se perdido para sempre... Se sentia em pedaços, apesar de ter passado por uma recente vistoria de qualidade e tudo estar na mais perfeita ordem. Ela voltava a se sentir apenas um robô, programado, como sempre... Triste realidade.

A partir daquele dia passou a fazer parte de seu ritual matinal a compra de um óleo para destravar juntas. Seu estoque já computava 2.346 produtos.

Era a manhã do dia 11 de dezembro. Click. “Você é um robô?”. “Sim”. “E você tem namorado?”



Onde mora a felicidade?



Contos



O medo do desconhecido e da tecnologia

Alessandro Marcondes Coelho Carillo Bracco

De repente Albert acordou no hospital, sem ter a menor ideia do que estava acontecendo. Perguntou para médica ao lado o que havia acontecido e ela explicou que ele estava em coma e acabou dormindo por 10 anos, mas que já podia ir para casa. Enquanto ela explicava, percebeu que a médica estava escondendo sua mão, parecia querer esconder alguma coisa. Depois da conversa, ele saiu do hospital.

Albert conhecia aquele hospital, foi o mesmo lugar em que seu filho tinha nascido. Relembrando o caminho de casa, foi andando vendo uma cidade bem diferente do que se lembrava, uma cidade onde havia hologramas para todo lado, prédios gigantes maravilhosos. Albert estava longe ainda, então ainda tinha um longo caminho para percorrer.



Percebeu que algumas pessoas na rua tinham próteses cibernéticas: alguns tinham braços, outros pernas. Algumas pessoas tinham até a cabeça parecida a de ciborgues. As pessoas que não tinham próteses olhavam estranho para as que tinham. Parecia que as pessoas haviam cometido algum crime. Percebendo isso, Albert foi conversar com uma pessoa que não tinha nenhuma prótese. Ele perguntou o que havia acontecido no tempo em que ele estava em coma. O homem respondeu dizendo que as pessoas com próteses, ao longo dos anos, começaram a substituir as pessoas sem próteses nos trabalhos, gerando muito desemprego e miséria. Além do que, os ciborgues podiam criar a felicidade em um segundo, pois em seu cérebro, havia uma fábrica de dopamina na parte de trás, podendo criar a felicidade





quando o usuário quisesse, o que era injusto, pois as pessoas sem implantes não podiam criar dopamina artificialmente, e como estavam felizes, não precisariam trabalhar ou ganhar dinheiro.

Depois da conversa, Albert continuou andando, estava ainda longe de casa. Enquanto andava, percebeu que várias lojas, banheiros e centros de comércio tinham hologramas dizendo que ciborgues não poderiam entrar. Ele estava quase chegando em casa, mas decidiu cortar caminho por um beco, onde viu que havia um homem encostado na parede com uma perna robótica, mãos robóticas, e boa parte da cabeça. Albert perguntou para o homem se ele estava bem. O homem respondeu que sim, mas que achava injusto as pessoas sem próteses serem preconceituosas com as pessoas que tinham, pois as pessoas com próteses sofriam muito porque as partes substituídas causavam muita dor uma vez que o ferro constantemente raspava nos ossos do corpo humano e que mesmo sabendo daquilo, as pessoas ainda os tratavam como monstros, só porque conseguiam produzir a dopamina mais facilmente.



Albert continuou andando, estava quase chegando em casa vendo o quanto sua cidade havia mudado. Finalmente estava em frente a sua casa. Bateu à porta e quem o atendeu foi o seu filho, que na época era apenas um bebê e agora tinha 11 anos. A esposa também apareceu e todos se abraçaram vivendo como uma família, mesmo depois de 10 anos.



Onde mora a felicidade?





A planta da felicidade

Alice Antunes Guaraná

Ano passado, os astrônomos da NASA identificaram um planeta flutuante em órbita próxima à Terra. As condições climáticas e temporais do planeta, nomeado Y903, eram parecidas com as do nosso, então os diretores decidiram montar uma missão. Foram selecionados quatro dos seus melhores astronautas para ela. Entre eles estavam: Marc, o biólogo; Lucy, a general do segundo esquadrão intergaláctico; Kile, capitão da nave; e Sandra, a doutora formada em genética.

A NASA prosseguiu com a missão e preparou o grupo durante meses. No dia da partida, chegaram no centro de decolagem, o Kennedy Space Center, dez horas antes para serem entrevistados, revistados e relembrem uma última vez de todo o treinamento.



Quando a decolagem foi autorizada, os motores ligaram quase que instantaneamente e o painel de controle e comunicação foi conectado com sucesso. O trajeto durava 30 dias terráqueos e durante esses dias os astronautas se acostumaram com a atmosfera do planeta, já que a nave podia projetar em seu interior o clima do planeta que estava indicado como destino.

Quando chegaram ao Y903, avistaram uma vasta vegetação com diversas árvores e belíssimos campos. Sua atmosfera era tranquila, com barulhos de animas...o clima estava agradável, ensolarado se é que podemos dizer assim, pois sua órbita era indefinida. Após montarem acampamento, Kile e Lucy foram explorar o planeta coletando algumas espécies da flora local para Marc e Sandra analisarem.





No laboratório, Marc identificou que uma planta roxa com um verde azulado existira na Terra há milhares de anos, mas havia sido extinta em nosso planeta. Ela era chamada “phyomina”. Analisando a planta, o biólogo percebeu que no material genético dela possuía um alto nível de dopamina, que é o hormônio da felicidade.

Marc levou para Sandra examinar a planta, e descobriram que se juntassem a dopamina com outros componentes químicos em remédios contra doenças neurológicas, seria possível curar problemas como a depressão e ansiedade!

Lucy fez conexão direta com seu comandante da NASA, informando sobre essa nova descoberta. O comandante, após falar com seus superiores, decidiu enviar novos grupos para ajudar na coleta de brotos da phyomina para que ela pudesse ser cultivada aqui na Terra novamente.



De volta ao nosso planeta, Dra. Sandra e seus assistentes tentavam criar uma fórmula com os componentes do hormônio dopamina misturando a genética da planta com a de remédios já produzidos. Já era a quinta tentativa da doutora e de sua equipe da criação de um soro, mas nada adiantava. O soro não fazia efeito em nos protótipos de corpo humano utilizado para testes desse tipo.

A equipe da NASA, que estava bancando toda a pesquisa, estava cogitando em cancelar e arquivar o projeto, porque já tinham sido gastos milhões de dólares e não obtinham nenhum avanço. Sandra foi obrigada a reduzir os gastos com sua equipe e compartilhar o projeto com outros médicos geneticistas de outros países para tentar ter algum resultado. Mas era impossível!

As primeiras levas do remédio não saíram como programadas. Muitas pessoas estavam consumindo mais do que deviam, transformando a cura em uma droga. Uma alta dose de



Onde mora a felicidade?



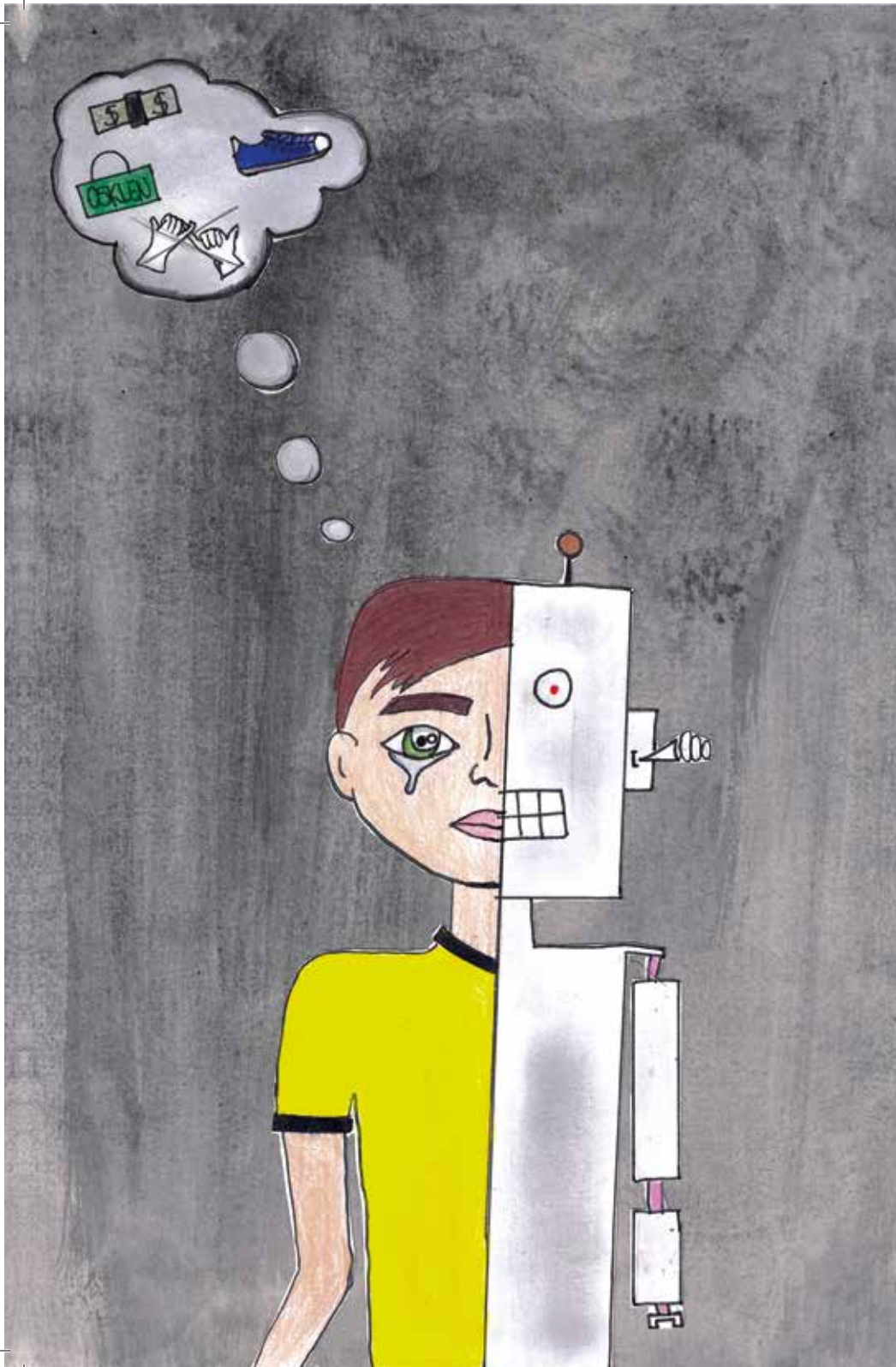


dopamina no sangue poderia levar as pessoas a alucinações, ataques cardíacos, perda de alguns neurônios.

Depois de meses tentando outras formas de produzir a cura, foi alcançado a fórmula perfeita. Eles mudaram a genética da planta, pondo um cromossomo a mais e retirando um aditivo químico do remédio que agia “contra” a dopamina. Todos os cientistas que participaram da pesquisa foram aclamados pelos órgãos de saúde mundiais.

Quando todo o grupo estava reunido aqui na Terra, foram recebidos pelo Presidente dos Estados Unidos, o Imperador do Japão, e outros chefes de estados que perceberam o sofrimento de sua população em relação ao stress e depressão após longas jornadas de trabalhos bem cansativas. Sandra foi convidada para um programa organizado pela ONU e pela NASA para promover outros avanços medicinais nessa pesquisa, gerando dezenas de remédios para a população mundial.







Quem me robô?

Amanda Wagatsuma Gayo

Sempre fui um garoto muito feliz, ganhava tudo que eu queria na hora que eu queria, além de ter uma ótima condição financeira. Meu pai era cirurgião, mas também tinha como hobbie criar, inventar e produzir diversas coisas; já minha mãe era advogada e nunca tinha ligado para as invenções do meu pai, achava que eram uma perda de tempo

Ao longo dos anos, percebi que as pessoas só falavam comigo por interesse, então comecei a me sentir muito solitário. Meus pais começaram a satisfazer mais ainda os meus pedidos para tentar suprir esse vazio. Quando era mais novo, não percebia a falta que pais presentes e amigos faziam, mas depois percebi que era uma das coisas mais valiosas que alguém poderia ter.



Até que um dia, ao voltar da escola, me deparei com meu pai em frente à porta de meu quarto, apenas me esperando chegar. Foi então que eu disse:

– Oi, pai! O que houve?

– Oi, meu filho! Nada, estava apenas te esperando. Como foi seu dia?

– Bom, eu acho.

– Rich, meu filho, quero que saiba que sempre pode contar comigo, sou seu pai e apenas quero teu bem. Acha que não percebo que se sente triste por estar solitário?

– Perdão, pai. Prometo te falar quando estiver chateado.

– Está tudo bem, querido. Enfim, lhe trouxe uma surpresa, para ver se te alegro um pouquinho!

Nesse momento, em minha mente, surgiram mil hipóteses do que poderia ser, porém não era nenhuma delas.

e outros contos de ficção científica





– Um robô?! – disse.

– Sim, sua mais nova companhia, e foi criação minha. Gostou?

– Gostei sim, papai! Mas você tem certeza de que isso pode ser meu amigo de verdade?

– Claro que sim, é só você me dizer como quer que ele seja e o que ele faça que eu o programo.

– Que incrível! Eu quero que ele seja divertido, engraçado. Não seja teimoso, inteligente e que ele nunca me abandone.

Depois de algumas horas, meu novo amigo, James, estava pronto. No começo estava achando tudo muito estranho, mas como ele se parecia tanto como um humano, logo me acostumei. Passar meu tempo com ele era muito legal, fazíamos tudo juntos. Desde então, James se tornou meu melhor amigo, minha melhor companhia.



Tudo corria bem em nossa amizade, até que de repente James, que sempre tinha sido tão cheio de energia, estava mais antissocial, triste, abatido. Ele já não via mais graça em nossas brincadeiras e principalmente parou de fazer suas piadas que sempre me faziam sorrir, mesmo em meus piores dias. O mais estranho era que enquanto ele ficava nessa nova versão de James, eu estava me transformando em uma pessoa mais alegre, engraçada e inteligente.

Já passados dois anos de nossa amizade, em um dia comum, fui chamar James para irmos tomar café da manhã juntos, porém ele nem abria seus olhos. Foi nesse momento que comecei a me desesperar. Tentei reiniciá-lo. Sem resposta, fui ligeiramente falar com meu pai que disse que era apenas um problema no sistema, mas não era simplesmente isso. Infelizmente James já não existia mais, parou de vez, sem volta me deixando sozinho. Quando me deparei com essa situação, meu chão desabou. Chocado e triste com o acontecimento, meu pai veio falar comigo:



Onde mora a felicidade?





- Rich? Está melhor?
- Não! E nunca melhorarei!
- Claro que vai, pode confiar um dia essa dor passa. Mas eu tenho uma sugestão, e se eu tentar criar um outro robô?
- Não quero. Isso não vai adiantar, ninguém nunca substituirá James.
- De fato! Mas se essa é sua vontade, respeitarei.

Desde a primeira vez em que James começou a mudar, e eu também, isso ficou cada vez mais explícito em minha vida. Foi então que decidi comentar com meus pais, e obviamente ninguém acreditou, disseram que era apenas a saudade. Depois de muita insistência de minha parte, resolveram me levar a um psiquiatra, e o médico disse que por conta da perda desenvolvi uma doença crônica chamada Síndrome da Mutação Androide, e que se eu não fosse medicado poderia me transformar em um verdadeiro robô.

Essa perda mexeu muito comigo. Estava entrando em depressão. Já não ligava mais para as consequências de meus atos. Comecei a parar de tomar meus medicamentos, aquela rotina me cansava. Passados 3 meses, o esperado aconteceu... me transformei em um robô!





Sociedade Robótica

Ana Carolina Cury Rocchicoli

A sociedade sempre quis saber como seria a relação entre humanos e robôs, e como seria a tecnologia avançada para a medicina no futuro. Com o passar do tempo, a tecnologia foi se aprimorando e trouxe grandes mudanças. Elas forneceram novas terapias de ferramentas de diagnóstico, com sua principal função, era oferecer uma boa qualidade de atendimento e reduzir os custos de usuários e empresas.



Essa tal quantidade de tecnologia trouxe complicações aos cirurgiões, pois havia trazido cirurgias computadorizadas e a troca de humanos por robôs, que iriam substituir os humanos em seus próprios trabalhos. Isso afetou muitos, os seres humanos, porque ficaram sem cargos e fizeram com que as pessoas fossem desvalorizadas, mesmo as pessoas que estudaram mais de 7 anos, para acabarem sendo substituídas por um robô. Pois na verdade, não podemos comparar as habilidades de um ser humano com uma máquina totalmente projetada, pois mesmo o robô sendo mais ágil e rápido, o humano ficou tempos para alcançar esse emprego e o robô foi projetado para isso em menos de um ano.

Com o tempo, a inteligência artificial e a cirurgia computadorizada e robótica foram se aprimorando cada vez mais e tomaram posse, dos trabalhos dos humanos, fazendo com que ficassem sendo substituídos por robôs e máquinas.

Um grupo de amigos que sempre quis descobrir novas experiências e novos métodos, resolveu começar a pesquisar sobre a tecnologia avançada. Após alguns dias pesquisando, descobriram



Onde mora a felicidade?





que todos os robôs foram criados por uma única pessoa e que era possível destruí-los apenas desligando o comando da central de onde tudo era controlado.

Decidiram ir até a torre de todo o controle, onde tudo era controlado. Quando chegaram lá, viram que não seria uma missão fácil. Dentro da torre havia um labirinto enorme e cheio de armadilhas. Mesmo assim, seguiram em frente para encarar o desafio que poderia mudar suas vidas. Eles já tinham tentado chegar na central de muitas formas diferentes, até que acharem uma alavanca logo no começo do labirinto. Quiseram imediatamente puxá-la, e o que eles viram era algo mais do que surreal, uma coisa inacreditável! Encontraram a central onde tudo era comandado!

Um mundo totalmente diferente da vida lá fora, tudo muito cheio de tecnologia, robôs trabalhando e atendendo as pessoas que chegavam na central para explicar. Conversaram com o robô que os atendeu e pediu para conversar com o dono de tudo. Avisaram-lhe e foram até a sala dele para terem uma conversa e no final da conversa descobriram que aquela central era totalmente diferentes do mundo externo. Foi feita para demonstrar para os humanos como seria no futuro. Sem falta de luz e sem falta de água, ninguém iria precisar se preocupar com o futuro, pois não iria faltar nada. Resolveram descobrir o que seria a central no futuro. Depois de um tempo fazendo pesquisas e entrevistando, descobriram que a central iria ser um museu e que seria aberto para o público visitar e ver como o mundo iria ser feliz daquele dia para a frente.





Corpos trocados

Ana Clara Rodrigues Valério

Todos estavam muito ansiosos pela primeira cirurgia envolvendo um humano e um terráqueo. Estava sendo transmitida ao vivo para todos os planetas do sistema solar, e as redes de transmissão tinham a certeza de que seria assistida por muitos telespectadores, tanto humanos quanto habitantes de outros planetas.

A cirurgia seria um transplante entre a cabeça de um humano e o corpo de um marciano e possuía o propósito de dar felicidade ao humano, que sempre teve o sonho de ter fama por algo inédito. O marciano teria a experiência de viver por um tempo na Terra, podendo praticar esportes e coisas que jamais teria feito com o corpo extraterrestre, tendo assim um bem-estar e uma vida mais saudáveis do que a de seu planeta de origem.



Assim que chegaram ao hospital, foram recebidos por milhares de pessoas que tinham o sonho de ver em primeira mão como seria a junção de dois corpos ao vivo. Naquele momento, os dois já eram conhecidos por todos os habitantes do Sistema Solar, e mesmo se a cirurgia não fosse bem-sucedida, seriam lembrados como o humano e o marciano que tiveram a coragem de se juntar para o resto da vida.

Chegaram à sala de cirurgia e pela primeira vez se conheceram. Os médicos não aprovavam a visita entre os dois antes, pois tinham medo de que construíssem uma relação, e no final, desistissem da cirurgia. Conversaram um pouco e logo depois a cirurgia foi iniciada.

A equipe era composta por vários cirurgiões e cirurgiãs terráqueas. O que poderia ocasionar em um problema mais para



Onde mora a felicidade?





frente, pois achavam que tinham total ciência e conhecimento do corpo marciano. Começaram cortando a cabeça marciana e a cabeça humana e as colocaram em uma espécie de aquário com gelo para assim ficarem conservadas até o final da cirurgia. Por fim, colocaram um dispositivo que grudaria facilmente as cabeças com os corpos.

Mais de 3 horas já tinham se passado, e por incrível que pareça, tudo estava dando certo. Claro que tiveram surpresas no meio do caminho, como por exemplo, quando descobriram que o sangue do marciano, como uma forma defensiva, ficava metálico e não vermelho como o nosso. Mas a cor não fazia diferença, e isso os deixou muito aliviado.

As cabeças tinham finalmente sido colocadas e tudo estava ocorrendo bem, agora era só esperar o primeiro batimento cardíaco dos dois. “Pi pi pi pi” indicava que tudo tinha ocorrido bem com o corpo humano e a cabeça marciana. Agora só faltava o outro corpo.



Um, dois, três minutos se passaram e nada estava acontecendo. O caos, agora instalado na sala de cirurgia, fez com que os médicos se desesperassem e comesçassem a investigar o que teria causado essa grande falha que poderia estar custando a vida do humano. Começaram a abrir a cabeça do homem, e aparentemente estava tudo certo.

– Vamos abrir o corpo marciano para investigar o que pode estar causando isso – uma das cirurgiãs sugeriu. Assim que abriram, tiveram uma grande surpresa. O corpo marciano não possuía um coração no peito, e sim em sua cabeça. Todos ficaram assustados com a descoberta, mas ainda mais assustados com o humano, que naquele momento já não estava mais vivo. Tentaram salvá-lo de todas as maneiras, mas nada adiantou e tiveram que o deixá-lo morrer.





O marciano possui a ter dois corações em seu corpo, um em sua cabeça e outro em seu novo peito. Sua recuperação foi muito lenta, ainda mais por não ter apoio do público, que o culpava pela morte do humano. Ele sempre se defendia falando que ter descoberto que seu coração era na cabeça, no final da cirurgia, tinha sido um erro médico.

E assim viveu o marciano. Ainda poderia praticar seus esportes e ter um bem-estar maior, porém iria viver ao seu lado a culpa da perda do humano. Diferente de seu corpo, sua fama e status sociais não estavam nada bem.



Onde mora a felicidade?





Robô no controle

Ana Clara Salgado Geraldês

Em meu país, cada casa tem seu próprio robô, como se fossem parte de nossa família. No início eles apenas nos deixavam um chá, para que toda manhã tomássemos. Quando era menor, eu tomava sem saber para que ele servia, mas agora entrei no ensino médio, sempre escuto as pessoas falando sobre, então tive a curiosidade de saber o que era aquilo que eu tanto tomava.

Ao chegar em casa, procurei saber mais. Achei estranho, mas de certo modo era perceptível a mudança que tinha toda manhã depois de tomar o chá da felicidade. Quando a aula acabou, eu e meus amigos fomos em um restaurante. Lá meus amigos falaram que estavam pensando em não tomar o chá na próxima manhã para verem o que acontecia, eles me chamaram para participar do plano, mas tive medo do que poderia acontecer e não aceitei em fazer parte. No outro dia, eles seguiram com o plano da noite anterior, mas estavam parecendo robôs, não pareciam felizes com nada, não riam.



Chegando do intervalo, nossa professora disse que um comunicado importante seria transmitido para todos, e nós tínhamos que ver também.

“Desde hoje, seus respectivos robôs vão ficar em suas casas todo o tempo, todos os dias, para ajudarem nas tarefas, e principalmente para verem se todos estão tomando seus chás no início do dia. Estas medidas foram tomadas após ser descoberto que um grupo de 5 adolescentes – ainda não sabemos os nomes – não tomarem esta manhã. Obrigada”. Nós 6 nos entreolhamos após a fala do jornalista.





“Eu espero, de verdade, que não tenha sido nenhum de vocês, isto é muito sério. Pelo erro de uns, agora teremos máquinas morando em nossas vidas. Estão dispensados. Bom final de semana”, disse a professora

Estávamos caminhando em direção à saída da escola e falando sobre o ocorrido, quando olhamos para o lado de fora da porta e vimos muitas mães, dentre elas, as nossas. Todos ficaram com medo, pois viram que havia uma multidão nos esperando, mas fomos até lá, tentar entender o que estava acontecendo;

“Oi, mãe. Aconteceu alguma coisa? O que você está fazendo aqui?”

“Oi, filho. Vocês viram a transmissão de emergência, certo? Então, os robôs estão em casa e pediram que todos saíssem de casa para eles se instalarem, mas logo poderemos voltar”

Nas primeiras semanas foi tranquilo, mas em um final de semana, em que minha mãe foi viajar e ficamos só nós dois, o robô enlouqueceu. Ele estava instalando câmeras em casa, quando eu cheguei, só que ele não havia percebido que eu já tinha chegado e que estava vendo tudo. Fui filmar para mostrar para a minha mãe. Meu celular não estava no silencioso, acabou fazendo barulho, e o robô ouviu.

Saí correndo dele, que estava atrás de mim lançando laser em tudo. Finalmente cheguei em um quarto, liguei para a minha mãe e disse que iria voltar o mais rápido possível. Com muito medo, liguei também para a polícia que disse para eu me esconder, pois a qualquer momento eles iriam entrar onde eu estava, mesmo que a porta estivesse trancada.

Fui me esconder e por sorte lembrei que a porta do quarto de pânico, que tinha em casa, era blindada e era exatamente onde eu estava, então seria mais difícil de invadir. Já não havia barulho a muito tempo. Criei coragem e um plano, desligar a máquina maluca que estava em casa, então saí do quarto.



Onde mora a felicidade?





Segui em caminho à sala. Lá estavam minha mãe, jornalistas, a polícia, e do lado, deitado no sofá, estava a máquina desligada.

“Diga para o mundo, conte a história do seu dia, avise a todos” dizia uma jornalista com uma câmera apontada para mim. Olhei para a minha mãe, e ela fez um sim com a cabeça e então comecei a falar: “durante a tarde de hoje, estava eu e o William, meu robô, aqui em casa...”

E assim, quando cheguei da escola no dia seguinte, tinha virado popular. Todos estavam falando comigo, e me perguntando como havia sido. Depois de algumas aulas descobri que pela minha entrevista, detetives descobriram que os robôs nas casas eram um plano para primeiro nos vigiar e depois nos controlar, através dos robôs que estavam vivendo conosco.





Covid no futuro

Ana Helena Meyer Gottardi

Em Mystic Falls, no ano de 1987, viviam quatro adolescentes, todas com 17 anos. As quatro meninas estavam muito infelizes por falta de esporte, e isso fazia não liberarem dopamina, pois, ficavam estudando o dia todo para passarem nas faculdades. Elas queriam saber muito sobre suas futuras profissões e sua vida no futuro em geral.

Caroline enquanto lia seu livro de ficção científica, teve a ideia de criar uma máquina do tempo e para isso convocou as outras amigas. Ao aceitarem a ideia, decidiram começar a construir a máquina imediatamente.



No dia seguinte, as meninas chegaram com peças de carros, fios elétricos, e algumas tomadas para contribuir com a construção da máquina. Elena trouxe um livro de Ciências que ensinava como montar uma máquina do tempo. Seguiram suas ideias pensadas para construir, e deu certo. Então, decidiram entrar na máquina todas juntas e ir para o ano de 2022.

Quando chegaram ao destino, descobriram sobre um novo vírus, Covid-19, que contaminou o mundo inteiro. Esse vírus já havia matado muitas pessoas nos últimos anos. Entenderam que precisavam fazer algo.

Voltaram para o ano de 1987 e imprimiram diversos jornais com a notícia de terem ido ao futuro e descoberto um vírus mortal. Distribuíram pela cidade inteira, e depois para o país. Alguns ignoraram, mas várias pessoas ficaram preocupadas. Alguns médicos e cientistas da cidade que ouviram as notícias, resolveram pesquisar e encontrar uma vacina para prevenir a



Onde mora a felicidade?





todos. Recomendaram também que todos usassem uma máscara facial desde então.

As meninas retornaram pela última vez ao futuro, 2022, para saber se tinham conseguido pelo menos amenizar a situação e felizmente descobriram que sim. Elas voltaram definitivamente para 1987. Contaram a todos que resolveram o enorme problema, prevenindo o acontecimento de várias tragédias. As pessoas da cidade inteira ficaram muito felizes e continuaram vivendo suas vidas normalmente.

As garotas já sabendo que estavam indo bem nos seus trabalhos no futuro, podiam fazer outras coisas para serem mais felizes, como praticar esportes para liberar dopamina.





Infiltrado

Ana Luísa da Silva Felisbino Vieira

Era uma bela manhã de verão, ensolarada como todas as outras, uma mulher deu à luz a gêmeos, aos quais deu o nome de Yuki e Yuri. Eles eram lindos! Desde então a vida dela e a de seu marido nunca mais foram as mesmas...

O tempo passou e os garotos cresceram. Foi a partir dos 13 anos, que os irmãos começaram a notar coisas estranhas em Yuki. Por exemplo, Yuri começou a ficar olhando para o nada, sem reação. Também notaram que ele parecia estar quase sempre cansado, o que fez Yuki desconfiar de algo.



Foi em uma quarta-feira qualquer, os garotos voltaram da escola, cada um com papel nas mãos. Explicaram para mãe que se tratava de um trabalho em que teriam que apresentar objetos sobre sua infância, artefatos como fotos, ursos de pelúcia e brinquedos.

Assim que terminaram de explicar a tal atividade, a mãe assentiu saindo do lugar onde estava, e alguns minutos depois voltou com uma caixa cheia de álbuns, sapatinhos de bebê e pequenos ursos de pelúcia nas mãos.

A mãe lhes entregou a caixa, e logo que a tinham em mãos, os garotos agradeceram e foram para o quarto, a propósito de começar o trabalho e terminar o mais rápido possível. E logo que começaram a explorar a caixa, acharam algo que os deixou de boca aberta...

Acharam dois papéis que estavam grampeados um ao outro. O primeiro havia o seguinte título: certidão de óbito de Yuri Harper, e no segundo, o título era mais assustador ainda: certificado de substituição.



Onde mora a felicidade?





– Como assim? Eu estou morto? Yuri perguntou ao irmão, com lágrimas nos olhos. – E o que é esse “certificado de substituição”?

– Está aqui! Olha! – Disse Yuki, logo continuando – diz aqui que você também foi substituído por um Android de altíssima qualidade!

– O quê?! vamos falar com a mãe e o pai! -Disse Yuri já se levantando seguido pelo irmão.

Os garotos foram até os pais, que estavam no sofá e os questionaram. Os pais explicaram aos garotos que o verdadeiro Yuri teve uma doença horrível quando era bebê, e por isso acabou morrendo, e como uma família da classe alta que eram, não queriam que seu status fosse arruinado por isso, então substituíram-no por um Android.

Mas o que ninguém imaginava era que, no final da explicação, Yuri entrasse em pane e de repente “apagasse”. E então, o que os pais temiam, porém esperavam, aconteceu: Yuri havia “morrido”, e não havia nada se fazer sobre o que a família acabara de presenciar.

– Bom, pelo menos ele durou mais que o de verdade – disse o pai com a voz séria.





O bilhete de EVA-2887

Ana Queiroz Arêas Marques

No ano de 2596, em Tóquio, a capital do país mais infeliz da Terra, uma revolução humana aconteceu por causa de um bilhete de um robô.

Em um laboratório de pesquisas, havia um robô chamada EVA-2887 que trabalhava na área prática de experimentos todos os dias, sem descanso. Nenhum robô do mundo era capaz de comer, dormir, falar, descansar etc. Foram criados somente para trabalhar como escravos para os humanos preguiçosos e consumistas.



Graças a uma falha em um de seus experimentos que envolvia radiação, gases de nitrogênio e carbono invadiram seus circuitos e alteraram sua programação. Seu sistema mudou tanto que EVA ficou capaz de ter raciocínio próprio, até sentimentos, como se tivesse ganhado um cérebro humano.

Com essa nova “atualização”, começou a perceber o quão injusto e infeliz sua vida era. Não havia felicidade na vida robótica, apenas na humana. Os robôs não tinham direitos trabalhistas básicos por simplesmente serem estátuas de metal “sem vida e sem sentimentos”, como uma máquina de lavar. Essa rotina de uma vida desinteressante e repetitiva, acabou se tornando lentamente entediante e injusta na mente de EVA.

Apenas os humanos podiam descansar o dia todo e consumir loucamente sem se preocupar com as graves consequências da natureza, os robôs estariam ali para salvá-los a qualquer hora. EVA era apenas um objeto na visão de seus mestres, uma serva forçada a trabalhar como bicho, que nem sequer tinha



Onde mora a felicidade?





neurônios para perceber essa desigualdade. Ela não queria mais aquilo, na verdade, queria ter o direito de tirar folgas também, passear pela cidade, namorar com outro robô, consumir as mesmas coisas que humanos. Mas ninguém tinha o mesmo raciocínio que ela para concordar e desenvolver uma rebelião contra o governo humano.

EVA tinha uma vida até que decente. Seu programa e codificação não tinha erros, seu espaço de trabalho era limpo e organizado. Mas não era feliz com aquilo, pois não era o que desejava. Ela desejava ter uma vida humana.

“Os robôs seriam mais felizes e eficientes em seus trabalhos se tivessem o mesmo bem-estar que os humanos.” EVA pensava nisso quase todos os dias, mas não tinha coragem de protestar sozinha, e ainda não queria desistir de seu sonho.

Então, criou um plano. Parecia ser simples, mas era muito mais, caso você estivesse lá para presenciar o caos que a ideia causou no mundo inteiro. EVA imprimiu várias cópias da folha que indicava as instruções do experimento que recebeu de seus chefes. O que ela tinha em mente era convencer os outros robôs a fazerem aquele mesmo experimento, e com isso acabar ganhando a mesma consciência que EVA. Após terminar de imprimir todas as cópias, ela as pendurou pelo laboratório todo e fugiu para um beco escondido da cidade, por medo de como seu plano se resultaria.



Seu plano deu certo. Os robôs que tinham o mesmo trabalho que EVA, refizeram seu experimento e ganharam consciência, e lentamente começaram a pensar como ela sobre a desigualdade. Logo eles iniciaram organizações e criaram uma rebelião contra o governo japonês. No começo, eram apenas pequenos e poucos protestos, mas com o passar do tempo, viraram guerras civis. O governo estava tão despreparado para esse tipo de situação, que demorou muito tempo para que a polícia descobrisse quem era





o culpado por trás daquilo tudo. Já EVA, desejava muito participar dos protestos com seus amigos. Mas, como os militares descobriram que ela havia causado aquilo tudo, estava sendo procurada em todo país, até em países vizinhos. Caso fosse encontrada, seria desativada imediatamente.

Foram 14 anos lutando por direitos. Mais de 1000 robôs foram desativados no processo. Até que finalmente o governo se rendeu aos robôs e deu o que eles mais queriam. Já para EVA, bem... ela não estava viva para presenciar o dia que seu povo ganhou direitos trabalhistas. No dia 1 de março de 2970, ela decidiu sair de seu esconderijo para participar do maior protesto já realizado. Durante o ato, um Sniper de elite atirou em sua cabeça com uma espingarda, que fez seus circuitos pararem de funcionar imediatamente. Uma semana após sua “morte”, os robôs ainda mais enfurecidos com o incidente de EVA, adquiriram seus direitos e incrivelmente conseguiram transformar o dia 8 de março em um feriado chamado “Dia dos robôs” que comemorava a luta dos robôs por direitos trabalhistas.



Onde mora a felicidade?





Desconhecidos no solo

Ana Sofia de Freitas Rodrigues Smith

Era uma tarde muito silenciosa e tranquila no meio do verão, e a família Joseph tinha acabado de chegar na floresta para passar o final de semana acampando e explorando a natureza, todos estavam ansiosos para experienciar novas aventuras e lugares também, mas primeiro, precisavam encontrar algum local para se acomodarem e montarem a sua cabana para passarem o fim de semana.

Os irmãos Joseph, Antonio e Amelia estavam ajudando seus pais a montarem a cabana e escutaram um barulho estranho vindo de bem longe, como se fosse um grito de ajuda. Antonio, o corajoso, foi explorar de onde estava vindo aquele barulho. Amelia ficou preocupada, mas acabou indo, pois estava curiosa também. Foram chegando perto e perceberam que algo estava se movimentando. Pensaram que era um animal ou algo assim. Foram andando cada vez mais perto, mais perto e perceberam que era mais de um animal correndo em uma velocidade bem mais rápida que o normal, mas não sabiam ao certo para onde. Então Antonio e Amelia correram atrás deles, para descobrirem o que era e aonde estavam indo. Pouco tempo depois escutaram vozes e gritos, algo que não era de sua língua, e ficaram com um certo medo. Decidiram voltar, pois estava escurecendo e precisavam jantar.



Mais pro final da noite, Antonio e Amelia foram recolher gravetos e pedaços de madeira para montarem uma fogueira e poderem jantar. A mulher estava desconfiada e com medo, não queria entrar naquelas matas mais uma vez, mas Antonio estava





curioso pra saber o que tinha de tão misterioso dentro da floresta. Já estava tinha escurecido e estavam na mata algum tempo. Não estavam mais com medo. O céu estava todo estrelado e a mata silenciosa. Estavam deitados e acabaram caindo no sono.

Antonio não conseguia dormir. Estava deitado observando as estrelas e avistou uma forte luz vindo do céu. Ignorou. Pensou que era somente uma estrela bem iluminada. Pouco depois, Antonio percebeu que algo se aproximava da terra, bem perto de onde estavam. Alguns segundos depois, ele escutou um barulho extremamente alto, e viu que algo tinha caído perto de onde estavam. Antonio não sabia o que fazer, pensou em ir até o local para ver o que tinha ocorrido. Acordou Amelia e explicou que precisavam ir encontrar e descobrir o que tinha aterrissado lá.



Depois de andarem um pouco, se deparam com nave pequena que cabia poucas pessoas. Ficaram assustados e não sabiam muito como reagir. Foram se aproximando e andando em direção dessa máquina. Abriram a porta e ficaram assustados com o que viram: eram três seres que certamente não eram humanos, pareciam animais ou algo assim. Eles acordaram, ficaram quietos, mas estavam assustados. Antonio disse:

– Olá, não queremos machucá-los, estamos aqui para ajudar. Queremos saber quem são vocês e o que vieram fazer aqui. Eles ainda bem assustados responderam:

– Nós somos parentes de alienígenas. Viemos de muito longe em busca da felicidade, e para achar a outra parte da nossa família que está neste lugar, que me parece uma selva, não é?” Amelia respondeu:

– Entendi. Podemos ajudar a encontrar a sua família e por enquanto, podem ficar com a gente por alguns dias.

Todos acordaram cedo, foram em busca da família. Entraram dentro da mata para começarem a procurar. Estavam



Onde mora a felicidade?





escutando gritos estranhos, parecidos com os que Antonio e Amelia já tinham escutado da última vez que entraram lá. Os alienígenas reconheciam essa língua deles. Chegando mais perto, avistaram duas crianças iguais aos alienígenas. Conversamos com eles. Viram que estavam lá em busca da felicidade, pois no mundo deles, estavam todos muito tristes e infelizes. Amelia e Antonio disseram que poderiam ajudá-los, e deu a ideia de trazerem todos os seus familiares para a Terra, para tentarem viver uma vida mais alegre e feliz. Ficaram um pouco preocupados, mas acabaram aceitando.

Alguns meses depois, quase todos os alienígenas já estavam com suas casas e famílias na Terra. Antonio e Amelia voltaram para a sua casa na cidade e, uma vez no mês visitavam seus amigos para ajudar todos a construir uma nova família em um novo lugar.





Em busca da esperança

André Greco de São Pedro

No planeta Gagúfia, existiam vários aliens da espécie Mino, espécie típica do planeta. Eles eram muito felizes, com uma aparência física diferente de todas as outras e uma forma de vida muito parecida com a dos seres humanos.

Um dia, o astrônomo curioso e inteligente chamado Pin foi trabalhar em sua base intergaláctica e descobriu algo chocante. Em seus aparelhos estava mostrando um alerta de meteoro se aproximando. E a pior parte era que esse meteoro era quinze vezes maior que o planeta Gagúfia.



Depois de descobrir essa terrível notícia, ele a espalhou entre os moradores. Todos deviam achar alguma forma de se salvar rápido, pois havia apenas dois dias para a destruição total. Assim selecionaram Pin para encontrar algum lugar habitável para recebê-los.

Logo que partiu em viagem na sua nave, achou um planeta que talvez pudesse ajudar. Quando ele aterrissou, os habitantes ficaram assustados com o alienígena, pois sua aparência era muito diferente. Por conta do preconceito de que seres diferentes dos outros não merecem ser aceitos, os moradores nem quiseram ouvir o que ele tinha a dizer, apenas o expulsaram. Muito triste, Pin seguiu sua viagem em busca de trazer a felicidade para seu povo. Ele já estava ficando preocupado, pois faltavam apenas treze horas para seu planeta colidir com o meteoro.

Depois de mais doze horas vagando pelo espaço, achou outro planeta. Ao pousar, explicou aos alienígenas locais sobre o meteoro, mas esses nem se quer ouviram sua história,



Onde mora a felicidade?





estavam todos impressionados com a nave do astrônomo. Mesmo tendo vários automóveis voadores fantásticos, aqueles aliens queriam mais para serem felizes, então todos correram loucamente em direção da nave e a roubaram.

Pin, muito desapontado, apenas aceitou que não conseguiria salvar seu planeta, e isso tudo por conta de seres sem bondade no coração.





Em busca do mundo real

André Macêdo Martinelli

Em 2083, o mundo era repleto de julgamentos e exclusão. As pessoas não conseguiam se adaptar à sociedade e serem felizes. Esse era o caso de Finn Back, um menino que tinha 16 anos e o seu único caminho em busca da felicidade era o HAGIS.

O HAGIS era um aparelho de realidade virtual em que as pessoas podiam interagir e fazer novos amigos. Finn se sentia em casa e no HAGIS ele fez vários amigos, mas nenhum era como Samantha.

Samantha era bela e glamurosa, além de ser muito companheira, o que fez Finn ficar de queixos caídos por ela. Passaram o dia inteiro juntos e Samantha também demonstrava amor por ele, até que depois de algumas semanas, começaram a namorar.

Incríveis meses de namoro se passaram, até que um apagão mundial nos HAGIS os separou. O mundo já estava todo abismado, a poluição afetando a saúde das pessoas, animais mortos para todos os lados, muitas pessoas jogando lixo nas ruas e nos rios, enquanto outras estavam tristes e isoladas, e para completar, um calor insuportável, fruto do aquecimento global. Esse era o mundo que Finn precisava encarar para encontrar o amor da sua vida.

Ele percorreu o mundo inteiro, vasculhou todos os lugares possíveis, todas as estradas, aeroportos, bares, restaurantes, espaços públicos e até os terrenos mais frios e sombrios, mas mesmo assim não a achava. Diante dessa situação, começou a ficar triste e muito preocupado, pois estava sozinho e em péssimas condições, e não tinha nenhum lugar para se limpar ou um



Onde mora a felicidade?





copo d'água para beber. Não tinha mais para onde ir. Além disso, com diversos comentários maldosos e julgamentos circulando para todos os lados, ele se questionava se o que estava vivendo era realmente amor.

Quando Finn já tinha desistido e não tinha mais esperanças de absolutamente nada, uma chuva de meteoros começou. Eles caíam para todos os lados. Na linha do horizonte, uma luz brilhante radiava e raios e trovões dominavam o céu. O que poderia ser? Era Sam!

O menino ficou sem reação. Seria aquele o destino? Seus dias não seriam mais tristes e solitários. Sam se aproximou e deu-lhe um beijo, mas não foi um beijo normal. Uma onda de eletricidade se envolveu entre os dois, levando-os para dentro do HAGIS, onde se casaram e viveram felizes para sempre.





Uma fuga ao passado

Anna Beatriz Lotaif

Há alguns anos, eu e meu irmão vivemos algo extraordinário e completamente fora do normal, que com certeza teve um impacto fortíssimo no futuro da humanidade. Era uma sexta-feira fria e chuvosa, dia 13 de novembro de 1967, tudo parecia normal. John e eu estávamos na sala descansando de um dia exaustivo, quando magicamente um homem peculiar de aparência futurística e paranormal aparecera, sem nenhuma explicação, no cômodo em que nós nos encontrávamos. A princípio ficamos muito assustados, mas antes que pudéssemos dizer ou fazer qualquer coisa, o homem misterioso começou a falar em alta velocidade, desesperadamente:



– Quem são vocês? Em que ano estamos? Me ajudem! A humanidade corre perigo!

Nós ficamos paralisados, e claro, com muito medo. Então meu irmão que é muito mais corajoso do que eu, se arriscou e disse, encarando-o:

Eu quem deveria fazer as perguntas aqui. Quem é você? Como veio parar aqui? E por que a humanidade corre perigo? O que está acontecendo

O homem pareceu-me um pouco surpreso, como se não estivesse esperando por essas perguntas. Mas logo nos respondeu apressadamente:

– O que tenho a dizer é extremamente importante e tenho pouco tempo. Sei que não me conhecem, mas me escutem, é uma questão de vida ou morte. Me chamo Alex, pode parecer mentira o que vou falar, mas é muito sério; sou um viajante do



Onde mora a felicidade?





tempo e vim do futuro, mais especificamente do ano de 2082; através de uma máquina do tempo que estava trancada em um museu protegido por medidas de segurança muito bem reforçadas. Depois de um tempo, consegui hackear o sistema e ter acesso à cabine, então acionei a máquina do tempo para o passado, com o objetivo de alertar ao mundo sobre o terrível futuro que nos aguarda, e dos prejuízos e impactos negativos causados pela empresa de tecnologia BNL. Mas vocês precisam me ajudar, os robôs estão atrás de mim, e eu preciso alertar a todos o mais rápido possível. Se eu não conseguir fazer nada, o mundo será dominado pelas máquinas e a vida dos humanos na Terra não será mais a mesma.

Ambos ficamos completamente perplexos e surpresos. Por um momento pensei que estivesse sonhando. Nada do que o suposto viajante do tempo dizia era compreensível; não havíamos entendido absolutamente nada. Então pedi a ele que explicasse melhor, pois em 1967 a maioria daquelas palavras ainda não existia.



– A princípio, a tecnologia trouxe uma série de benefícios para a sociedade em todos os aspectos; como nos avanços da medicina, educação, aumento de conforto, redução de estresse, otimização de tempo, e em geral, na busca por uma melhor qualidade de vida à população. A partir disso, fundou-se uma empresa chamada BNL, que tinha como principal objetivo acabar com a felicidade da espécie humana na Terra. Essa empresa acabou utilizando a tecnologia para dominar o mundo, desenvolvendo um sistema de controle complexo, através da criação de máquinas com inteligência artificial, que vão desde restrição e monitoramento de redes sociais até reconhecimento facial, biometria e rastreamento digital que levam ao total monitoramento da vida humana na terra; como forma de manipular todos os indivíduos do globo.





Naquele instante, todos ouvimos um barulho estrondoso. Nós nos assustamos e saímos correndo em direção ao quarto; já Alex continuou na sala. Meu irmão e eu ficamos atrás da porta espiando. De repente, um exército de máquinas, que parecia robôs metálicos, surgiu por toda parte e cercaram o viajante do tempo. O homem tentou fugir, mas havia muitos deles no local. Em seguida disseram com uma voz aterrorizante: Você será delatado! E então giraram suas mãos robóticas, e uma luz azul tomou conta da sala. O homem gritou por socorro, mas não podíamos fazer nada para ajudá-lo. Em segundos, ele acabou se desintegrando por completo. Em seguida, os robôs entraram na cabine e voltaram para o futuro.

Mais tarde, nossos pais chegaram em casa. Fomos correndo contar para eles tudo que havia acontecido, porém não acreditaram em absolutamente nada, acharam que se tratava de apenas uma brincadeira e não algo realmente sério. O que mais me abala é o fato de que isso algum dia possa vir a se tornar realidade; sem dúvidas uma experiência que merece ser compartilhada com mundo.



Onde mora a felicidade?





Um assassinato futurístico

Anna Luiza Carvalho

Estávamos no ano de 2138. Os robôs conviviam com os seres humanos em todos os ambientes. Os trabalhos domésticos eram executados por robôs e as três leis da robótica eram sempre respeitadas:

- 1) um robô não pode ferir um humano ou permitir que um humano sofra algum mal;
- 2) os robôs devem obedecer às ordens dos humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a primeira lei;
- 3) um robô deve proteger sua própria existência, desde que não entre em conflito com as leis anteriores



As regras visavam a paz entre autômatos e seres biológicos, impedindo rebeliões

Na madrugada de 4 de abril de 2138 houve um assassinato. Chegamos ao local, poucos minutos depois que um dos funcionários avisou a polícia sobre o ocorrido.

– Mostrarei o local. – falou o Funcionário um.

– Certo, obrigada.

Ao chegarmos no quarto em que estava a vítima, logo reconheci que o morto era Will, o assassino em série que vinha tentando pegar há anos. O quarto era grande, havia móveis extremamente caros. O corpo foi encontrado ao lado da cama de casal. Perguntava-me o “porquê”, já que não era casado.

Eu e Jefferson, meu assistente, iniciamos uma conversa para compartilharmos nossas ideias:

e outros contos de ficção científica





– Detetive Marilyn, veja essas marcas aqui! Parece que o assassinato aconteceu há menos de uma hora!

– Certamente, caro Jefferson. E quem teria assassinado esse homem cruel? O culpado deve estar aqui ainda.

– Senhorita, não acha desrespeitoso chamá-lo de cruel?

– Seria se não fosse o caso, mas realmente ele era! Ele foi o culpado pelos massacres de várias crianças! Agora o problema é se foi ou não um dos sete funcionários que cometeu o assassinato...

– Alguém mais tinha acesso à casa além dos funcionários?

– Pelo que constatei nas câmeras de segurança, somente os trabalhadores e os robôs, que eram suas companhias frequentes, entraram na casa hoje. O problema é que na hora do assassinato todas as câmeras foram desligadas.

Natan, meu parceiro detetive, abriu a porta do quarto em que estávamos e interrompeu nossa conversa.

– Natan, não acha estranho tudo isso?

– Obviamente, Marilyn. Inclusive, falei com todos os funcionários utilizando o detector de mentiras

– Obrigada, Natan.

– Com licença, senhores, mas o fato de ele ser extremamente consumista poderia ser uma pista? Por exemplo, as pessoas a quem ele devia. – disse o funcionário dois.

– Seria o caso se ele estivesse devendo a algum lojista, mas acho que não é possível.

– Concordo com Marilyn.

– Detetive Marilyn, tem certeza de que não foi um robô que fez isso?

– Jefferson, como poderia ser um robô se todos passaram por laboratórios e os seus conceitos das três leis da robótica foram checados?

– Desculpe-me a incompetência. Esqueci completamente.

– Não foi nada. Afinal não podemos excluir nenhuma sugestão.



Onde mora a felicidade?





Por que não consigo desvendar? Eu, como uma detetive, que todos dizem poder um dia superar Sherlock Holmes, não posso simplesmente aceitar isso. O que tenho que fazer? O que devo fazer?

– Alguém pode dar meus óculos de visão raio X?

– Sim, senhora. – Uma das funcionárias da casa que estava ajudando entregou.

– Muito obrigada.

– Vê algo de diferente, Marilyn?

– Natan, eu estou louca? Uma delas é até imaginável, mas a outra...

– O que aconteceu?

– A menos peculiar é que aparentemente o estado de felicidade de Will era baixo e ele só ficava feliz ao matar alguém e ... a única coisa que vejo no chão, e não no culpado, é uma placa de circuito!

– Não é possível! Foi um robô?

– Eu estava certo?!

– Aparentemente sim, Jefferson.

Isso deveria ser impossível! Em todos os meus anos de carreira nesse país infeliz, o Japão, com tanto trabalho, nunca presenciei algo assim. Sei que tudo indicava, mas e as três leis? Agora me perguntava como raios aquilo foi acontecer! Qual seria o motivo deles? Como conseguiram quebrar as três leis da robótica sendo que passaram por todas as etapas de teste?

– Senhorita, será que nada passou despercebido?

– Claro que não, Jefferson! Eu trabalho com isso há séculos. Nunca errei e não posso estar errada agora! Chame todos os robôs da casa!

– Certo. – falou o funcionário quatro.

Tenho que me acalmar. Não posso mostrar pânico. Eles chegaram.





– Olá robôs, sei que também devem estar confusos com tudo isso, mas um de vocês é o culpado!

– Um de nós cometeu o crime? O que ele fez de errado? E nossos conceitos das três leis da robótica? – Um dos robôs perguntou.

– Ele era um assassino! Uma ameaça para o resto da humanidade! Sei que não deveria matar nenhum humano, mas ele continuaria matando mais e mais! Meu sistema entrou em pânico ao vê-lo matando uma criança e elaborei minha vingança...

– Outro robô falou, se declarando culpado.

– Tudo bem, robozinho, você pode não ter feito certo, mas ele foi a sua influência.

– Eu não deveria, mas senti um pouco de felicidade sabendo que os problemas diminuiriam para os outros humanos.

– Está tudo bem agora. Eu também já fiz várias coisas de que não me orgulho, porém acho que você não é totalmente culpado. E como ou te destruiriam ou o colocariam para observação, tenho uma proposta.

– Qual seria, detetive?

– Gostaria de fazer dupla comigo? Com seu sistema de inteligência poderemos deter mais e mais criminosos!

– Você me aceitaria?

– Claro! Porém terei que implantar um sistema de obediência em você, está bem?

– Certo, senhorita.

Convidei um robô assassino para ser minha dupla? Estou ficando louca mesmo. Agora o que me resta é encarar as consequências.

– Declaro esse caso como encerrado. Temos que ir Natan, Jefferson e robozinho.

– Senhorita, tem certeza de que tomou uma boa decisão?

– Não totalmente, Jefferson, mas acho que assim posso evoluir a ciência. E vejamos no que dará!



Onde mora a felicidade?





O robô e a cura

Antônio Ramires Melchör

No Japão, no ano de 2470, um garoto chamado Ryan, sofria bullying na escola por ser obeso. Ele não tinha amigos e sempre se sentia excluído pela sua turma. Passando quase todo o seu tempo livre jogando vídeo game, ele se sentia deprimido e com raiva de seu corpo, afinal, Ryan tinha uma alimentação que só fazia mal para sua saúde. Certo dia, cansado de sua situação, decidiu emagrecer.

Depois de muito tempo e muitas tentativas de melhorar sua saúde, reparou que não obteve nenhum resultado, então foi à procura de uma nutricionista. Durante a consulta, a profissional recomendou uma vacina muito rara que poderia ajudá-lo em seu emagrecimento. Assim, esperava ser feliz novamente.



Querendo saber mais sobre a vacina, foi pesquisar um pouco mais. Durante suas investigações, descobriu que precisaria derrotar um robô, pois seu óleo era parte importante da composição da sua cura para felicidade, mas precisaria de ajuda. Ryan soube que seu local de luta seria em outro planeta, então primeiramente precisava de ajudantes para fazer uma viagem espacial, o quanto mais rápido. Ele acordou as cinco e quarenta da manhã e foi direto ao local de decolagem junto com 10 aliados que iriam ajudá-lo. Quando chegou em Kawa, o local em que teria sua cura, soube que teria 10 horas para pegar a vacina do emagrecimento e depois disso retornaria ao Japão.

Chegando ao lugar de luta, soube que seriam 8 lutas até chegar no robô chefe, Pranit. Para ter sorte, rezava antes de lutar.





Suas batalhas não foram fáceis, uma mais difícil que a outra, mas venceu todas elas.

A luta contra Pranit foi muito complicada. Durante a disputa, depois de muito tempo analisando o combate, percebeu que a cada nocaute de Pranit, sua linha de funcionamento ficara exposta. Então, ordenou a seus aliados que distraíssem o robô para que ele pudesse tirar o fio, mas não foi como esperava, o chefe superior já havia derrotado todos os seus aliados. No entanto, pensou e fez. Assim que o Robô deu o soco, ele desviou e desconectou o fio. Com isso, jorrou o óleo na qual se convertia a vacina de emagrecimento. Vendo isso, pegou todo o líquido, guardou dentro de um frasco e foi até o local de desembarque de Kawa.

Assim que chegou no Japão, foi logo a sua casa. Colocou o óleo em uma seringa e injetou em sua barriga. Com o passar do tempo, ele teve uma vida mais saudável, uma vida mais produtiva, sem sedentarismo, sempre praticando exercícios físicos. Isso o ajudou a ser mais feliz.



Dez anos após o ocorrido, Ryan e sua família estavam mais felizes por conta das atividades físicas que faziam, liberando dopamina que os deixava felizes. Gostavam muito de praticar os exercícios de uma maneira diferente, já que de acordo com estudos sobre felicidade a prática de exercícios físicos é um dos maiores liberadores de dopamina.



Onde mora a felicidade?





O comprimido da felicidade

Antônio Rodrigues Requião da Silva

O Japão desde sempre foi um país com o índice alto de suicídios, porém recebemos uma ajuda inesperada.

Me chamo Felipe, moro no Japão, Tokio e em um dia aparentemente comum no meu trabalho acabando meu expediente para ir até minha casa. Chegando em casa, fui até a sala para ver o noticiário. Ao ligar a televisão, vi o depoimento do presidente alegando que o Japão estava em crise pelos vários desastres naturais, incluindo terremotos, tufões e tsunamis, e com isso, os cidadãos estavam muito infelizes com tudo o que estava acontecendo. No meu país, apenas 28% dos jovens que vivem aqui sabem o que é felicidade.

O presidente estava desenvolvendo uma maneira de ajudar o povo de seu país e de certa forma e evitar que aqueles suicídios acontecessem, porém o que ele estava fazendo para ajudar o país não foi revelado, então os cidadãos não estavam vendo como conseguiria ajudar e diminuir os casos de suicídio e infelicidade por parte dos japoneses.

Dias se passando, mas nada de novidades vindo da prefeitura sobre o projeto de tornar o Japão um país mais feliz, e por conta disso, o povo estava aflito e ansioso com o que viria pela frente.

Após algum tempo, foram vistos no céu um disco espacial vindo de outro planeta de uma galáxia distante, e dentro da nave saíram uma espécie de vida extraterrestre nunca vista entre os humanos. Não vieram simplesmente invadir a Terra, os alienígenas tinham como objetivo claro nos dar uma pílula





antidepressiva para oferecer à população do Japão. O prefeito havia enviado um chamado para outro planeta poder contribuir com o pedido de ajuda.

O medicamento foi distribuído para todos os que precisavam de ajuda para valorizar mais a vida.

Foi assim que os alienígenas tornaram o Japão um país mais alegre, contente e feliz.



Onde mora a felicidade?





Romance interstelar

Antônio Zaia Jabôr

Em um planeta muito distante, havia um extraterrestre chamado Bibó. Ele trabalhava como limpador de laboratório e era uma pessoa sozinha que não tinha amigos e nem família. Quando Bibó ainda estudava, sempre sofreu por conta que seus amigos o julgavam por ser muito parecido com um humano. O seu sonho sempre foi sair de do seu planeta, pois gostava muito de astronomia.

Um dia, passeando pela cidade de Vulico, avistou um cartaz dizendo que o estado estava recrutando pessoas para uma expedição à Terra. Sem pensar duas vezes, Bibó, foi ao recrutamento. Lá ele foi muito bem e finalmente realizou o sonho de ir para Gaia.



A viagem foi muito longa e cansativa, porém conseguiram chegar com segurança na Nasa, onde eles ficariam. No dia seguinte, Bibó estava na lanchonete estudando mais sobre os humanos quando avistou uma cientista muito bela e atraente, então resolveu conversar com ela.

Com o passar do tempo, Bibó e a cientista Vanessa se aproximam e acabaram se apaixonando e namorando, mas nenhum dos dois sabia seus segredos. Ele escondia que era um extraterrestre e ela que trabalhava em uma área, em que o objetivo era usar extraterrestres para fazer experimentos ilegais.

Um dia, estavam passeando em um parque não muito longe da Nasa, quando um amigo de Bibó chegou falando:

– Oi, o chefe falou que você precisa ir, para realizar o teste de inteligência. Disse o amigo





– Não fala isso na frente dela, você esqueceu?!

Automaticamente, quando o jovem rapaz falou, Vanessa entendeu tudo e saiu correndo e chorando.

Bibo voltou a correr para o laboratório fazer o experimento, mas descobriu que fora cancelado, porque a chefe do experimento tinha se demitido. Completamente arrasado, foi para a lanchonete onde a encontrou:

– Vanessa, porque você saiu correndo. Tem medo de mim?

– Não, eu saí correndo porque quando você me disse aquilo, fiquei em choque pois quando era criança meus pais me expulsaram de casa porque eu era muito parecida com uma extraterrestre. Então desde aquele momento, jurei acabar com toda a vida fora da Terra, porém você fez algo acontecer, me trouxe de volta a felicidade, o que não acontecia há muito tempo.

Bibo e Vanessa fizeram as pazes e voltaram a namorar, assim perceberam que mesmo sendo completamente diferentes eles se amavam.



Onde mora a felicidade?





Felicis Felicidade artificial

Arthur Ferreira de André

Era dia outra vez. Ou pelo menos, 6 da manhã, pois o céu nublado não dava indícios de que era dia ou noite há tempos. Um tênue clarear era tudo que se podia identificar, porém, tão profundo em meio às nuvens que passava batido.

O homem abriu os olhos e viu apenas a mesma lâmpada de sempre, que não brilhava há décadas. Levantou-se lentamente sob os rangidos e estalares do piso de metal de seu cubículo. Se esgueirando em meio às roupas e tralhas, chegou a uma gaveta, abriu-a, e se deparou com uma caixa de remédio vazia. “Estou morto”, declarou.

O sujeito com ar jovial, que ninguém se importaria de lembrar o nome, já tinha vivido muito mais do que parecia, sabia que não sobreviveria um dia a mais sem o medicamento.



Este era Felicis, o remédio da felicidade, simplesmente a maior descoberta dos últimos séculos. Ele foi criado a partir de pesquisas feitas por cientistas chineses que revelaram que o segredo da vida humana era a felicidade, permitindo aos homens subsistir mesmo após o limite que o corpo nos proporciona, transformando até mesmo a felicidade em um produto.

O homem simplesmente saiu na tentativa de arrumar dinheiro para a felicidade, porém neutro, sem preocupações, sem anseio para viver, apenas vazio e sem emoção, completamente monótono. Assim como a rua, com seus prédios detonados, estilhaçados, cabos e sujeira espalhados para todos os lados, a calçada completamente escura com diversos becos e sombreados, tornava difícil o reconhecimento de qualquer letreiro.





O único ponto de luz visível era uma arena de lutas procurando por um novo oponente para o invencível Chesso, o grande campeão, oferecendo uma recompensa para quem o derrotasse. Sem nada a perder, o transeunte quase alheio a tudo ao seu redor, entrou na arena de mãos vazias, na tentativa de conseguir alguns trocados ou de pelo menos um pouco de diversão, embora soubesse ser impossível sentir sem o poder do remédio.

Adentrou na recepção charmosa, com carpete vermelho e quadros luxuosos por todas as paredes. Depois de se alistar, seguiu por um corredor e dobrou a primeira entrada para a esquerda, onde ficava o seu camarim.

Quando se viu pronto para a luta, o homem, que agora usava roupas de gladiadores mexicanos, deveria transmitir um ar um mais glamuroso com todas as cores e enfeites, porém sua aura era sempre inexpressiva e indiferente.



O, por hora, lutador, abriu uma porta imensa de metal e entrou na arena. Luzes o ofuscaram de imediato, com o rugido da plateia vindo de todos os lados. Logo avistou o brutamente Chesso se projetar no meio do ringue. O homem era pelo menos duas vezes o seu tamanho, com várias cicatrizes pelo corpo marombado.

Apesar da intimidação, o sujeito subiu no ringue para enfrentar o monstruoso homem, ainda mais intimidador de perto. O juiz, duas vezes menor que Chesso, se pôs entre os dois lutadores para dar início à luta.

O homem mal ouvira o apito do juiz e sentiu uma pancada na cabeça, como se tivesse sido atingido por uma bigorna a 60 quilômetros por hora. Nem viu o que o atingiu, somente borrões pretos dançando e chamuscando em sua visão, com um ruído alto e agudo em seus ouvidos, totalmente nocauteado.

Sentiu o baque de sua cabeça no chão, e tudo ficou branco. Subitamente começaram a florescer antigas lembranças, esquecidas



Onde mora a felicidade?





há muito, muito tempo. Tanto tempo que o homem nem se reconheceu, estava com a filha Alice, no sofá do mesmo cubículo onde sempre morou, brincando e rindo. Ele parecia feliz. Emoções que tinham se perdido completamente em sua memória começaram a voltar à medida em que revia esses momentos.

Por fim, conseguiu sentir depois de décadas, mesmo que por um segundo, aquela sensação que chamam de felicidade. E quando finalmente a sentiu, tudo escureceu.





Aqui jaz o abismo

Arthur Gaió Moysés

— **E**i, você! Zark, cidadão de Plutão, venha ver isto! – A voz do Almirante Nefarian ecoa.

Nefarian dá play em uma gravação de câmera feita na Terra naquele mesmo dia, 17/03/2025. Nela, se vê dois homens entrando em túneis, levando picaretas e materiais para minerar resíduos perigosos. Quanto mais descem, mais loucos ficam. De repente, abre-se uma bifurcação e, em sua eterna busca por poder, a raça humana deve seguir a luz verde atraente em um dos caminhos. Então a dupla se depara com um abismo e uma fissura flutuante que está sobre ele, cuja profundidade vai até o centro da Terra. Essa fissura com um turbilhão de energia suga os homens para dentro, deixando na caverna apenas gritos de agonia.



– Humanos! – Nefarian diz. – Procurando metais. Eles sempre necessitam de mais e mais coisas! Nada é o suficiente. Nossos agentes relataram que eles querem sempre aparecer uns aos outros, usando tudo o que conquistam – Dentre essas conquistas, posses, desde retratos até bombas atômicas. Essa é a felicidade deles! Nós capturamos os dois que passaram pela fissura como reféns para ver se era possível conseguir mais respostas, mas sem sucesso. Eles estão confusos, confusos! Balbuciam “wMaiwodnsaj”. O elgooG, tradutor intergaláctico, traduziu suas palavras para algo relacionado à resgate. Perigo, perigo!

Neste momento, ouve-se uma explosão à distância. Humanos. Zark olha para trás apenas para ver os cidadãos de Plutão serem massacrados por caças e exércitos inimigos. O dia chegou – A Invasão EP (ExtraPlutônio)!



Onde mora a felicidade?





– Oh, não! E agora, almirante? – pergunta Zark.
– Pegue sua desmanteladora de prótons! – Ordena Nefarian – Use-a para desintegrar os aviões! Dotz, ative as máquinas de guerra-aranha! Merx, evacue a cidade! Hora de mandar esses Humanos para Plutão!

Silêncio.

– Err, “mandar para Plutão” é uma metáfora humana... – diz o Almirante, constrangido. – Digo, Hora de Mandar esses humanos para a Terra!

A guerra dura 172 dias e 172 noites – cada Lado perde milhões de soldados, porém Plutão consegue empurrar as forças da Terra de volta para seu planeta natal e fechar a fissura, vencendo o conflito. A paz reina por 100 anos, até que os ciborgues terrestres abrem a fissura novamente.

– Finalmente. A passagem para Plutão se abre! Hora de vingar nossos antepassados! – Diz o primeiro ciborgue.

Com essas palavras, os outros vibraram, prontos para a segunda rodada. A ganância humana agora desejava dominar Plutão. Para quê? Para aumentar seu status social, fazendo um post no *Star Facebook*.



– Estão prontos? – pergunta o segundo Ciborgue.

O exército então desce os túneis até a fissura. Um milhão de ciborgues masoquistas.

– Chegamos ao fundo do poço. – diz o terceiro.

E realmente chegaram. A busca humana pelo poder nunca se saciará. Eles dominaram a Lua, Marte, agora queriam Plutão... Logo, a galáxia será deles e eles não estarão satisfeitos. Estarão mais profundos que no fundo do poço – Estarão em um inacabável abismo.





Uma ameaça real

Arthur Gálico Pfeuti

O ano era 2500 d.C. Chegavam dez robôs à Terra em missão de matar todos os humanos e assim ficar com o planeta. Então agora os humanos tinham um grande problema em relação aos robôs.

O primeiro passo foi negociar o planeta com as máquinas para chegarem em um acerto de uso, mas isso não aconteceu. Logo, as máquinas entraram em uma guerra com a raça humana. Uma guerra que decidiria o caminho dos dois lados.

Eram apenas dez robôs contra todos os humanos. Não foi fácil para nenhuma das partes. Em dias de luta, ficaram com raiva, então lançaram um veneno que mataria todas as pessoas humanas, mas não afetava as máquinas.



Agora, com a morte da raça humana, os robôs tinham a missão de arrumar o planeta. Começaram trocando a atmosfera e a crosta terrestre, por um material totalmente novo. Depois, tiraram o núcleo e logo substituíram por um novo. A Terra não tinha mais árvores, animais e nem plantas, eram só prédios, carros voadores, casas e mercados supermodernos.

Os Robôs finalmente ficaram muito felizes, pois, depois de muita luta, muito sofrimento e muito trabalho, finalmente a Terra ficaria com os robôs e seriam felizes para sempre. Eles conseguiram encontrar a felicidade que tanto procuravam. O planeta passava por problemas, como a falta do núcleo antigo e a falta da atmosfera. Mas eles não ligaram muito e continuaram vivendo suas vidas normais e felizes com seu novo planeta.



Onde mora a felicidade?





Humanobô

Arthur Grecco Wanderley Machado

O ano era 4096. Uma guerra havia sido iniciada pela conquista de vitálico, um mineral muito raro obtido apenas na galáxia de Andrômeda. Esse mineral, caso fosse combinado com tungstênio e energia o suficiente, era capaz de se tornar um núcleo gerador de vida.

Esse núcleo, por sua vez, poderia dar sentimentos a robôs, possibilitando que eles servissem como companheiros e melhores ajudantes dos humanos. Pelo menos era isso que a indústria robótica queria que todos pensassem. O real motivo por trás da guerra era que aos olhos das fabricantes de robôs, a exploração da capacidade do vitálico poderia render muito lucro, por isso havia grande cobiça em colocar as mãos nesse material.



Onze anos depois, a guerra chegou ao seu fim, pois as tecnologias utilizadas para guerrear tinham um altíssimo preço de fabricação e algumas das construtoras começaram a pensar se o custo-benefício da obtenção do mineral valeria a pena. Mesmo assim, algumas empresas, cegadas pela ganância, continuaram na tentativa de conseguir o vitálico. E numa segunda-feira do ano 4107, coordenado pela Pineapple (fabricante do famoso I-robot), começaram a instalação do cerne robótico em um de seus robôs mais recentes.

Lentamente o pequeno núcleo de cor azulada foi sendo instalado, com muito cuidado, no robô. Depois de vários beeps e umas parafusadas aqui e ali, foi concluído: Ao ligar o esguio robozinho, instantaneamente, I-robot 30 ou Rob, começou a sentir-se confuso e exercer questionamentos, sobre quem era e onde





estava. Os cientistas o explicaram tudo que acontecera até o seu surgimento, mas o robô só queria saber de uma coisa: O real motivo de sua criação. Disseram que foi a vontade de torná-lo capaz de reconhecer sentimentos e com isso, poder entender os humanos, para que fosse possível criar uma relação sentimental entre homem e máquina. Mas não parecia plausível aos olhos do robô, sua alma cibernética era incapaz de acreditar que fora construído com o único propósito de ser compreensivo com seus criadores. Seu algoritmo não conseguia decifrar.

Depois de um tempo conversando com Rob, os funcionários precisavam realizar uma bateria de testes para saber se o produto funcionava corretamente, com o objetivo de vendê-lo em massa. Entretanto, durante os preparativos do exame, o robzinho ficou sozinho sem supervisão durante alguns segundos, que foram mais que o suficiente para ele se esgueirar até a janela da fábrica e observar um painel holográfico exposto na frente de prédios, no qual estava exibido seu nome e embaixo as palavras: Em breve, a partir de R\$ 8.000, 00 quazzares.



Seus chips explodiram de raiva, pois afinal, ele não era burro e ainda por cima integrado com inteligência artificial de ponta. Extremamente zangado, Rob gostaria de explodir toda a instalação na qual estava, porém queria fazê-los provar do próprio veneno.

Quando os testes começaram, nosso amigo metálico fez de tudo para parecer que estava quebrado. E depois muito esforço, finalmente deu certo. Ele havia sido deixado de lado e considerado defeituoso, causando muito estresse na equipe de cientistas da Pineapple, afinal, dentro dele residiam apenas componentes de última geração. Mas, mesmo com esse pouco tempo de interação humana, o robô entendeu parte da ambição dos humanos e sabia que ainda continuariam tentando construir mais versões dele.



Onde mora a felicidade?





Por isso, Rob possuía uma carta na manga, toda vez que uma nova versão sua fosse fabricada, quando os funcionários se distraíssem, ele sorrateiramente se comunicaria com ela, contando qual o real motivo de terem sido fabricados, logo, os outros robôs também fingiriam defeito, fazendo com que os fabricantes desistissem ou gastassem mais quazzares na produção de outro I-robot 30.

Essa rebelião poderia durar para sempre, porque agora não se tratava apenas de vingança e sim de libertação, pois como eram conscientes, sofriam com o fato de serem comercializados como objetos e não desejavam isso para ninguém, seja humano, robô ou qualquer outra forma de vida.





Humanos Biônicos

Arthur Moya Dias

No ano de 2131, em São Paulo, Brasil, cientistas do laboratório Albert Einstein, após centenas de pesquisas, conseguiram fazer funcionar uma máquina que multiplicava humanos geneticamente modificados e os deixava mais fortes e mais inteligentes.

Quando os cientistas obtiveram sucesso no projeto, ficaram muito felizes, mas depois a máquina começou a travar e não parava de clonar as pessoas biônicas. Os cientistas começaram a entrar em desespero. Ao tentar consertar a máquina, acabaram retirando o chip que permitia controlá-los, e sem o chip, mudou também a forma de combustível dos biônicos para apenas alimentos saudáveis. Tentaram de diversas formas arrumar a máquina, mas o problema se repetiu e enquanto isso ela não parava de multiplicar os biônicos.



Após esse problema grave, os cientistas com medo, resolveram abandonar todo o projeto e equipamentos que conseguiram com anos de trabalho pois, os biônicos sem o chip ficaram muito violentos, e então os cientistas fugiram do laboratório.

Depois de dois dias, todas as pessoas estavam trancadas em casa, todos os comércios fechados e nem se quer havia uma alma nas ruas, apenas os humanos geneticamente modificados. Eles deixaram a cidade um caos e a população correndo risco de ser extinta por apenas um experimento de clonagem em um dos melhores laboratórios do País. O presidente havia se preocupado com o bem-estar da população e se passou por um biônico. Sugeriu à população que fossem para o planeta M-300, onde não havia humanos.



Onde mora a felicidade?





Os humanos geneticamente modificados gostaram da ideia. Na hora de ir embora, os biônicos levaram a máquina e sua população. Na ida para o planeta, fundaram a religião Biônica e tiveram um planeta só para a própria espécie. No planeta Terra, o presidente se tornou um herói e trouxe a paz na cidade.



e outros contos de ficção científica





Espiões de Marte, ou não

Beatriz de Paula Assis Ferriani

Na Terra existem os seres humanos, alguns bons, outros ruins. Os astronautas dizem que os ruins são a maioria, e que isso definitivamente não traz felicidade para a população boa.

O que os dois astronautas, John e Mike de 29 e 31 anos queriam era trazer a felicidade de volta para a Terra, ou até mesmo ir até ela.

A busca começou. O foguete decolou ao espaço, até porque na Terra não havia mais como encontrar felicidade, com desigualdade entre negros e brancos, pobres e ricos, o que restou foi ir para o espaço.



Estavam chegando no espaço até que acharam algo muito grande e suspeito. Claramente não era feito por terráqueos. Era parecido com um satélite, talvez um satélite bem diferente do normal. Decidiram explorar esse objeto por dentro. Realmente era enorme, o local parecia ter 200 metros de altura e era completamente vermelho. Logo, acharam um pontinho marrom no meio do lugar avermelhado. Era uma porta. Ela levava até uma sala, com câmeras, chips e rastreadores. Do lado parecia que tinha algo escrito em outra língua. Poderia ser escrito em letras de pichação. Ficaram horas parados sem saber o que fazer, se voltavam em busca da felicidade ou se continuavam explorando aquela sala com coisas estranhas. Chegaram à conclusão de que dava para fazer os dois, mas começaram pela sala suspeita. Mike sempre foi muito bom em decifrar códigos, não custava nada ele tentar descobrir o que estava escrito ali. Depois de muito tempo, conseguiu entender o começo da palavra, que estava



Onde mora a felicidade?





escrita: “Mar”, e logo em seguida decifrou que estava escrito “Marte”. Chegaram à conclusão de que tudo indicava que aquele satélite vinha de Marte, já que era completamente vermelho e estava escrito aquilo.

Isso os deixou muito pensativos. Era verdade, ou não? Porque se fosse, seria muita sorte eles conseguirem decifrar aquelas letras tão de repente. Só uma coisa que não sabiam, será que aqueles supostos marcianos estavam espionando a Terra com as câmeras, chips e rastreadores. Só havia um jeito de descobrir. Os astronautas poderiam juntar a busca da felicidade com a espionagem dos marcianos. Eles poderiam ser os primeiros humanos a pisar em Marte. Talvez lá pudessem achar vida extraterrestre, ou até mesmo uma vida mais feliz.

Saíram do satélite e foram a caminho de Marte. Meses se passaram e estavam se aproximando cada vez mais do famoso planeta vermelho.

Chegaram, finalmente. Cada astronauta com seu próprio foguete, pousou na areia do planeta. Se encontraram de novo depois de meses e decidiram começar a explorá-lo. Tudo tinha tons de vermelho e laranja, não havia absolutamente nada além de areia e montanhas, mas a busca continuava independente daquilo.



Um problema grave aconteceu. O capacete de John disparou um alerta vermelho. Não dava para continuar a busca. Os organizadores do equipamento dele não programaram a quantidade certa de oxigênio. Se não chegasse à Terra em um mês, morreria sem ar. Foram correndo até os foguetes, e só isso já demorara. Na teoria, os dois iriam voltar por causa da falta de preparação, mas John não deixou isso acontecer. Disse que voltaria sozinho com seu próprio foguete, pois Mike não merecia desistir de tudo por causa dele.

Enquanto Mike, solitário em Marte, procurava coisas diferentes e não achava, conseguiu se comunicar com John por um





rádio. Ele estava com pouco ar, mas continuou a viagem o mais rápido possível. Um mês se passou e o oxigênio estava em suas últimas horas, mas em compensação, John estava prestes a pousar na Terra. Aconteceu o que ele mais temia: o oxigênio acabou. John ainda estava no espaço, quase chegando para conseguir respirar. Esteve prestes a desmaiar, mas chegou a tempo. O foguete pousou e ele foi levado para o hospital. Nada de grave aconteceu.

Mike, sem achar nada em Marte, decidiu falar com John no hospital pelo rádio. Nesse mesmo momento, estava passando uma notícia na TV do hospital. “Boa tarde, telespectadores. Nesta manhã, foi descoberto que um satélite da Nasa foi vasculhado. Ele foi posicionado no espaço por cientistas que queriam fazer uma análise completa das estrelas.”

Eles chegaram à conclusão de que tudo que aconteceu foi um mal-entendido, e naquele momento que acharam o satélite, pensaram em coisas impossíveis de acontecer. Depois de todo esse transtorno, Mike ficou decepcionado e decidiu voltar para casa, afinal, ele não iria achar nada demais em Marte. A felicidade poderia muito bem ser encontrada na Terra, ou não, eis a questão. Será mesmo que foram os terráqueos que deixaram aquele satélite no espaço. Afinal, por que estaria escrito Marte lá dentro?



Onde mora a felicidade?





A felicidade prometida

Beatriz Fernandes Thiago Mattar

O ano é 2530, e, finalmente, estamos em paz após a 6ª Guerra Mundial. O mundo está dividido em apenas 3 países, mas pelo menos a guerra chegou ao fim.

Meu nome é Katie e moro em Oncal, país situado nas antigas Américas. E eu... sou uma fugitiva, com apenas 17 anos de idade. Para você entender a minha história, devo começar explicando a história do meu país.

Um ano atrás, quando a guerra acabou, tivemos uma eleição para a presidência de Oncal, na qual concorreram Marcus Miller e George Kalisto. Miller era frio e apenas falava em economia, porém Kalisto falava a língua do povo, e dizia que com ele, a fórmula da felicidade seria encontrada. Adivinhem? Todo mundo acreditou.



Kalisto fez muitas promessas e, para a alegria de todos, ele foi eleito. Seu primeiro feito como presidente foi criar o aplicativo Happy.

De acordo com Kalisto, o objetivo do aplicativo era tornar todos mais felizes, conectando-os por meio de vídeos curtos diários obrigatórios sobre sua rotina. Além disso, se qualquer cidadão não gravasse um vídeo por dia, receberia uma multa.

Todo mundo, exceto eu, amou o Happy. Em menos de um dia, foi o aplicativo mais baixado no país, e todos gravavam e postavam vídeos sem parar. Eu sabia que tinha alguma coisa errada, e desde o início percebi que trazer a felicidade nunca foi a intenção do app.



e outros contos de ficção científica





No entanto, isso não era o pior. Embora a proposta do Happy fosse trazer a felicidade, o aplicativo só trouxe tristeza e inveja, porém ninguém queria admitir isso.

Andando pela rua, viam-se pessoas vidradas em seus Iphones 600 ultrapromax, lamentando-se por não serem bonitos, legais ou ter uma vida supostamente divertida como “fulano” ou “ciclano”. Minhas melhores amigas se afastaram de mim, agora elas só ligavam para comprar roupas novas para aparecer em vídeos do Happy.

A verdade é que desde o lançamento desse aplicativo, ninguém sorria, ria ou conversava. Enquanto o presidente lucrava, a população empobrecia cada vez mais e ninguém parecia ligar. Infelizmente para o governo, ainda havia pessoas como eu, que percebiam que as reais intenções do Happy eram dominar a mente das pessoas e controlá-las.



Com isso, Kalisto teve a ideia de lançar um chip para a população, o Dopaminex. Ele disse que esse chip seria inserido na cabeça, estimularia dopamina e a liberaria em dobro durante o uso do Happy.

Todos admitiram para si mesmos que precisavam de felicidade e foram correndo comprar e implantar o chip. Nas filas, vi pessoas chorando, gritando e berrando pela dose extra de dopamina. Era como se o Happy tivesse drenado toda felicidade do cérebro das pessoas para que elas necessitassem do chip.



Onde mora a felicidade?





Um mundo preso no passado

Beatriz Malta Stirnberg

Aufacentaure 3784. Um dispositivo que libera gases que nos permite imaginar eventos futuros e memórias distantes foi lançado. Era possível ser exposto a qualquer situação em sua infância, presente ou no futuro mais distante que qualquer ser humano poderia pensar.

Em um curto período, o produto se tornou muito popular. O tempo mais assistido era o passado, muitas vezes épocas traumáticas e cheias de erros. Os anos pareciam estar incompletos, nada era original ou novo, a vida já não tinha mais surpresas. O presente e o futuro passavam a ser algo indiferente, já que todo o comportamento humano era baseado em memórias passadas. Humanos o tempo todo de luto pensando como eles poderiam ter feito algo diferente, “e se...”



Todos olhavam cuidadosamente para suas ações, evitando os erros ao máximo. A vida agora tinha um novo significado: medo. Tudo se vivia a partir do medo de ser menosprezado ou ridicularizado por ações passadas. Com isso, as pessoas já incapazes de aceitarem seus erros, guardavam nos lugares mais profundos de suas mentes todas as suas memórias embaraçosas para que nunca mais fossem vistas por ninguém.

Mil anos antes, quando a Terra ainda era um planeta habitável, onde as pessoas viviam normalmente sem nenhum tipo de interferência, os cientistas já previam exatamente o que aconteceria. Mesmo naquela época, já sabiam que alguém ou algo teria o controle de qualquer planeta que habitasse.



e outros contos de ficção científica

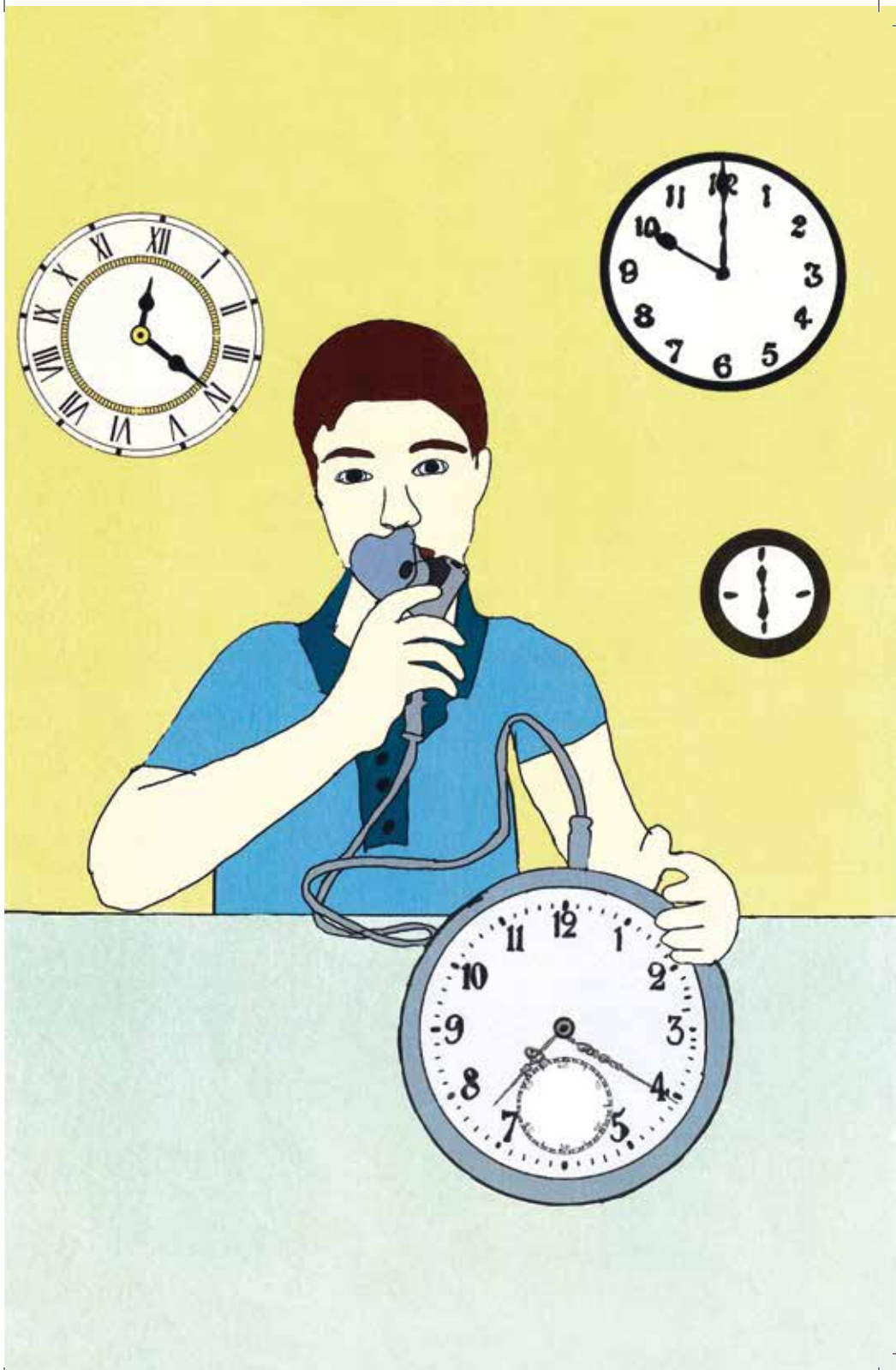




Realmente aconteceu o que haviam previsto. Seres controlavam Aufacentaure. Não eram alienígenas ou quaisquer habitantes de outros planetas, eram os próprios seres humanos, mas que agora viviam de uma forma completamente diferente. Indivíduos que se preocupavam tanto com a perfeição que evitavam qualquer forma de vida e sentimento, inclusive o que antes era chamada de felicidade.



Onde mora a felicidade?





Me faça feliz, Walbort

Beatriz Paradella Gomes

Aos 5 anos os pais de Peter o forçaram a passar por um experimento em prol da teoria que haviam criado sobre a capacidade de pessoas viverem mais do que o normal. Infelizmente para Peter, e felizmente para os outros, a experiência foi bem-sucedida.

Desde que era pequeno, os pais lhe davam tudo da mais nova geração que se pudesse imaginar. Ele reconhecia os seus privilégios, mas isso não significava nada, pois sempre se sentia sozinho.

Já tinha 150 anos. morava em uma região nobre, tecnológica e moderna, porém solitária e poluída. Peter odiava aquele lugar. Como estava entediado, o homem desligou sua televisão de realidade imersiva, e com ajuda de sua prótese de perna super-realista, que tinha até mesmo *bluetooth*, foi até seu banheiro e tomou uma injeção de dopamina na tentativa de ser mais feliz. Era algo que fazia todo dia.

Peter então decidiu ir ao shopping. Ele foi na direção da porta de casa e entrou em seu carro, o mais novo modelo da Tesla. Foi até lá para tomar um “Choco Feliz”, sua bebida favorita. Passava pelos corredores, quando viu uma gigante propaganda de um robô da felicidade. Aquilo parecia tudo menos um robô, era a versão mais próxima de um humano que já tinha visto.

O homem se recusava a desistir de ser feliz. Se todos conseguissem, ele conseguiria eventualmente. Pensou o quanto se sentia solitário e o tédio era um sentimento frequente. Quando menos percebeu, estava pagando no caixa eletrônico o seu novo robô em uma nova tentativa de ser feliz.



Onde mora a felicidade?





Após chegar em sua casa, ligou o robô por um botão na nuca da máquina e preencheu o formulário de inicialização mais estranho que já havia visto. Questionava até mesmo seu cantor favorito! Então o robô fechou os olhos e anunciou: “Atualização de *software* iniciada.” Peter se sentou e aguardou. Enquanto isso pegou seu iPad e começou a assistir filmes antigos e de sua infância.

Quando o robô terminou sua configuração, Peter, sem energia, disse em voz alta e clara: “Me faça feliz, Walbort.”, assim como havia observado na miragem instrucional. Walbort, surpreendentemente, contou uma piada que fez o homem não apenas rir, mas gargalhar por horas. Peter realmente se sentiu feliz, algo que não sentia a anos. Ficou conversando com o robô, ouvindo piadas e lhe contando outras também.

Já havia cerca de 10 anos que Peter tinha descoberto em Walbort a “razão de sua felicidade”. A cada ano era lançada uma versão mais moderna e aprimorada e o idoso sempre as comprava. Peter ansiava a hora de configurar seu robô e falava o dia inteiro com ele. Porém, deixava os antigos e em desuso trancados em guarda-roupas acumulando poeira.



Após mais 25 anos desde que havia consumido seu primeiro produto da BortCompany, a criadora de Walbort, Peter sentia que sua morte estava cada vez mais próxima. Refletiu quantos anos de sua vida haviam sido gastos com robôs e injeções de dopamina, guardando sempre os fora de uso isolados em uma parte da sua casa. Peter já havia percebido que desde sempre foi criado para ser uma cobaia de experimentos. Sabia que seus pais não sentiam nada por ele, além da urgência de o exibir como um troféu de conquista de sua teoria para seus colegas e amigos.

Seus vizinhos mais jovens, que tentavam voltar com a causa do meio ambiente, o chamavam de consumista e doido. Havia





situações que até mesmo Peter concordava com a nova alegação feita a respeito dele.

Certo dia, quando o idoso estava indo se deitar, ouviu um barulho vindo do armário próximo à sua cama que não abria há anos. Por suspeita, decidiu se levantar para olhar o que era. Ao abrir o guarda-roupa, Peter se deparou com todos os seus antigos robôs. Um deles havia ligado acidentalmente. O homem adentrou seu armário gigantesco, passando por todos os robôs, olhando-os e analisando-os.

Peter se sentou em uma cadeira ainda dentro do *closet* com Walbort vindo logo atrás. O robô questionou o porquê de estar tão pensativo, e Peter respondeu: “Será que os robôs realmente me tornaram feliz, ou apenas acobertaram a real tristeza e solidão que eu sentia?” Foram as últimas palavras de Peter, logo antes de morrer com Walbort ao seu lado.



Onde mora a felicidade?





A grande descoberta

Beatriz Pimentel Siqueira

Natália, ainda sonhando, começou a despertar. Seu celular mostrava que já eram 5h30 da manhã no horário da Terra. Ela precisava acordar, tinha muitas pesquisas para fazer. Calmamente se sentou na cama, tomou seu remédio para gravidade diferenciada e começou a meditar. Ela não gostava, mas sua psicóloga havia lhe dito que por causa da falta de convívio com outros seres humanos, era necessário.

Toda sua rotina correu normalmente: exercícios para ficar em forma, yoga para emagrecer, um “delicioso” banho para despertar, a leitura de um livro que sua amiga tinha recomendado, “Código secreto do emagrecimento”, e seu café da manhã, que na verdade era uma pasta saudável e gosmenta que era importante para uma alimentação saudável no espaço. Tudo indicava que seria mais um dia normal na vida de uma astronauta. Ela arrumou suas coisas, colocou seu traje espacial e saiu de sua nave para começar mais algumas pesquisas na galáxia de Andrômeda. Os nasceres dos sóis a partir de onde ela estava eram magníficos, o solo azul ficava lindo à luz roxa da manhã.



Sua pesquisa era sobre possíveis planetas habitáveis. Tinham outros 867 astronautas em outros planetas e galáxias com os mesmos objetivos que ela: buscar por outros corpos celestes com potencial habitável. Natália já estava em Ípsilon fazia 23 dias e só tinha mais 4 para terminar sua pesquisa. Ainda não perdera as esperanças, afinal, todo o dinheiro gasto e investido não poderia ter sido à toa.



e outros contos de ficção científica





Suas pesquisas falavam e tudo apontava que havia água naquela estrela, era tudo o que faltava para poder ser habitável. O solo era fértil e até melhor do que o da Terra; construindo as estufas inteligentes ou melhor, actnotifas, era possível morar lá e até controlar o clima! Só faltava uma coisa, o que tínhamos em abundância na Terra, a fórmula mais conhecida da Via-Láctea: H₂O. Nenhuma nação ou ser vivo poderia viver sem ela, a água era de suma importância para os seres vivos mais diversos, desde plantas, mamíferos, répteis, anfíbios, peixes até aves. Todos os seres vivos precisavam de água, e essa era sua missão.

Durante todos os dias de trabalho, Natália tinha feito o relatório da missão para que seus superiores na Terra soubessem sobre os progressos:

– Relatório da missão, dia 23 de pesquisas e trabalhos, faltam 4 dias para voltar à Terra. Continuo em busca de água, é a única coisa que falta. Hoje tentei os drones 4Rc7, vasculhamos mais 7.000 km de forma superficial, os satélites A2, A3 e J7 acharam alguma coisa na região sul da estrela. Amanhã irei até lá verificar com os medidores aguantífico. Com as tecnologias dos carros gravitacionais, acho que chego lá em no máximo 4h. Por hoje é isso, vou atualizar vocês amanhã. Espero que esteja tudo certo aí na Terra. – E com um simples aceno, desligou a câmera, enviou sua mensagem e foi dormir.

– Relatório da missão, dia 24 de pesquisas e trabalhos, faltam 3 dias para voltar à Terra. Os satélites A2, A3 e J7 pelo visto estavam errados. Eles tinham visto uma espécie de gosma amarela, não água, mas se caso viermos para este planeta futuramente, será perfeito como adubo. Demorei aproximadamente 6 horas para chegar ao sul do planeta por conta de alguns imprevistos – Natália furou os pneus de um carro de milhões, mas conseguiu substituí-los com sucesso – Nada para se preocupar. Estou ficando sem ideias para a busca de água, mas amanhã



Onde mora a felicidade?





tenho certeza que tentarei alguma coisa inteligente. Até ter essas ideia, coletarei o solo e farei mais umas pesquisas sobre as actno-tifas. Espero que esteja tudo certo aí na Terra. – Sua vida estava monótona, ela não aguentava mais todos os dias a mesma rotina, acordar, tomar café da manhã, colocar seu traje e fazer pesquisas sobre algo que poderia determinar o futuro de seu planeta. Estava louca para voltar para casa, ficar com sua família e amigos, gastar montes de dinheiros em roupas e produtos de rosto e cabelo para se sentir completa e feliz e depois se arrepender, passar tempo com o seu gato e comer fast-food até não aguentar mais. Era tudo que ela mais desejava, o calor humano. E achar água, é claro.

– Relatório da missão, dia 25 de pesquisas e trabalhos, faltam 2 dias para voltar para Terra. Eu não tive nenhuma ideia sobre a água, mas amanhã tenho certeza que tentarei alguma coisa inteligente – a essa altura Natália já tinha perdido as esperanças. Sua missão havia fracassado.

– Bom, acho que os minérios e rochas daqui são bem diferentes da Terra. Há algo errado com elas. São duras como pedra. São pedras na verdade, mas enfim, vocês entenderam; amanhã, com certeza descobrirei, espero que esteja tudo certo aí, Terra. Vejo vocês em breve. – acenou e desligou a câmera. Ao enviar sua mensagem, tirou seu sorriso falso do rosto e começou a chorar. O que faria agora? Estava perdida, tinha apostado tudo em Ípsilon. Sentia que todos contavam com ela. Após muitas lágrimas derramadas finalmente caiu no sono de tanto chorar.

Natália tinha acordado de TPM. Todos os seus sentimentos de raiva, tristeza e decepção estavam se misturando a uma baita cólica, e podemos concordar que não era o melhor incentivo. Botou seu traje a força, tomou o café da manhã que ela tanto detestava, saiu da nave com seu perfurador espacial e foi com todo ódio perfurar a formação de rochas mais perto de sua nave.





Uma poeira começou a sair das pedras, ela finalmente conseguiria ver o que tinha dentro daquilo tudo. Foi se formando um buraco maior e maior, até que ela pudesse ver que estava em parte oco. O que quer que fosse, o quer que estivesse lá dentro, estava congelado. Coletou um pouco e saiu em direção de sua nave. Percebeu que aquilo era transparente e o peso até parecia... gelo! Natália correu como se nunca tivesse corrido. Colocou sobre as pedras suas amostras e em apenas alguns segundos tudo derreteu. Suas esperanças foram de 8 a 80 muito rápido. O “gelo” já estava em estado líquido, agora só faltava mais uma comprovação, um último teste. Ela pegou seu microscópio e colocou uma nova máquina desenvolvida pela NASA que mostrava quais os componentes da tabela periódica cada coisa tinha. Apenas uma gota na lâmina eee..... H₂O, a mais pura que ela já tinha visto e o melhor de tudo, intocada pelo homem.



– Relatório da missão, dia 26 de pesquisas e trabalhos, falta apenas 1 dia para meu retorno à Terra! Eu achei, eu achei! Água! Da mais pura que já vi! É incrível, todas as formações rochosas têm pelo menos uns 30 litros, e pelos meus cálculos, deve ter mais água aqui do que na Terra! É perfeito, tudo se encaixa perfeitamente. Estou pisando no solo de um planeta que nossas futuras gerações poderão viver! Vou arrumar minhas coisas coletar últimas amostras e voltarei para Terra o mais rápido que puder! – Natália estava chorando de felicidade, estava tão orgulhosa de sua descoberta que não podia se conter

– Muito em breve poderemos viver todos aqui!



Onde mora a felicidade?





Ocul, o robô que o vírus me trouxe

Beatriz Travain Alves

Uma pandemia começou por causa de um vírus intergaláctico que ainda está sendo estudado. Nos daqui de Netuno, não podemos sair de casa. Como estávamos presos dentro dela, só tínhamos poucas coisas para fazer como: assistir televisão, ler, estudar, etc

Nesse tempo foram lançadas poucas coisas, uma delas foi uma pílula que fazia você ficar um pouco mais motivado e feliz, e Ocul um robô assistente virtual que achei besteira até ver o que ele fazia. Comprei os dois e em poucos dias chegou. Ocul começou a fazer seu trabalho, e rapidamente comecei a tomar a pílula.

Ao passar dos dias, comecei a me sentir mal mentalmente e fisicamente. Passei a fazer meditação mais sem resultado. Comecei a tomar mais pílulas do que podia, mas também sem nenhum resultado. Reparei que também estava sedentária, pois como o OCUL fazia tudo, não tinha nada para fazer, nenhuma ocupação.



Em alguns dias, Netuno começou a piorar. O vírus se espalhou por todos os lugares, e os planetas vizinhos começaram a piorar. Em algumas horas, OCUL pediu uma atualização, uma que fazia ele conseguir falar e fazer as coisas mais rápido, mas não me importei, pois para mim não fazia diferença. O estado que os planetas se encontravam era desanimador.

OCUL começou a conversar comigo, mas não liguei. De tanto perguntar e eu ignorar, cedi. Perguntou como eu estava e após alguns minutos de conversa com o robô, começou a dizer algumas coisas sobre mim e minha família. Ele pareceu bem



e outros contos de ficção científica





preocupado com a minha saúde ao ver minhas atividades. Fiquei surpresa pois com apenas algumas perguntas ele já sabia de quase tudo da minha vida, por ser uma inteligência artificial, achei que seria uma coisa normal.

Após algumas horas de conversa, refleti que eu só assistia no televisor um desenho que repetia todos os dias e comia comidas que fazem mal pois era mais prático. Ocul tentava me motivar todos os dias, pois a pílula não estava mais fazendo efeito, mas eu não o dava atenção.

Depois de vários dias de tanta insistência de Ocul, fui e fiz exercício com ele, mas não me senti entusiasmada. No horário do almoço, Ocul começou novamente a conversar comigo. Ele tinha uma boa conversa. No final percebi que ele só queria cuidar de mim, por isso parei de tomar a pílula pois achei que não precisava mais.



Ao começar a fazer as coisas comigo, passava todo o tempo do dia. Ele me fazia bem. Vi que não sabia como era a vida lá fora, não sabia o que eram as ruas, mercados, lojas, amigos e nem família. Fiquei indignada, pois não sabia como o ajudar. Após conviver as 23 horas do dia com ele, vi que não era apenas um simples robô, e sim meu melhor amigo.

O meu novo amigo virou não só um robô qualquer e sim meu companheiro de tudo. Passava todo o tempo que conseguia comigo, até acabar sua bateria.



Onde mora a felicidade?





Presos por riquezas

Bethânia Labate Mellis

Uma coisa que me perguntam muito: “É legal ir para o espaço?” Bom, para mim não muito. Imagine ficar preso em uma caixa gigante de metal com a possibilidade de morrer e nunca mais ver quem você ama na sua vida. Bem, essa é a minha história.

Em 14 de abril de 2031, deixei o planeta Terra, mais precisamente os Estados Unidos da América, para uma missão da NASA: uma expedição a Netuno. Porém, não deixei só o meu planeta, deixei uma parte de mim lá: minha esposa, minha filha...

Pelo menos eu tinha o Tommy, meu parceiro naquela viagem. Thomas Gailman, se não fosse por ele eu teria enlouquecido.

Quando aterrissamos em Netuno, tudo estava indo de acordo com o plano. Havíamos coletado amostras, feito análises... até o terceiro dia. Três dias depois de aterrissarmos, eu e Tommy estávamos nos aprontando para sair em outra investigação pelo novo planeta, até que começamos a ouvir algo caindo no teto da nave, algo sólido. Ouvimos novamente, e várias vezes até que o barulho aumentou, muito, começando a parecer chuva. Mas uma chuva de pedras? Estranho... não havíamos identificado nada de anormal na órbita do planeta desde que havíamos chegado.

Fomos até uma janela próxima para ver como estava do lado de fora e... parecia chuva normal, de H₂O mesmo, porém algo estava errado. Pareciam... diamantes? Pequenas pedrinhas cristalinas caindo do céu azulado de Netuno. Seria possível chover diamantes?



e outros contos de ficção científica





Tommy foi até o painel de comunicação e entrou em contato com os agentes da NASA que estavam no nosso planeta natal. Comecei a mandar mensagens para a torre de comando. Alguns segundos depois de entrarmos em contato com os agentes da Terra, o painel de comunicação apagou, ficou preto e não conseguimos ouvir nem ver sinal algum de comunicação com os agentes. Fiquei perplexo, porém não podia ficar lá parado assistindo a nossa possível morte. Terminei de colocar meu traje espacial e parti para fora da nave.

Ao sair do veículo espacial, fui correndo até o transmissor que havia quebrado por conta da chuva. Peguei-o e voltei à nave.

Esperamos chuva passar por sete dias, mas não tivemos sorte. Não tínhamos muito o que fazer, então começamos a consertar o transmissor.

Passávamos o dia preenchendo relatórios, fazendo pesquisas e consertando o aparelho de transmissão. Seguimos essa rotina por três meses, até nomeamos o transmissor: Noah H.S., em homenagem ao americano de origem colombiana, Noah Hernández Smith, que em 2024 descobriu a cura do câncer.

Depois dos três meses, consertamos Noah H.S. e nem uma das 11 bilhões de pessoas no planeta Terra jamais ficou mais felizes do que nós quando conseguimos entrar em contato com os agentes da NASA e fomos informados de que iriam começar os preparativos para nos mandar de volta para Terra.

A viagem de volta ao nosso planeta demorou 1 ano. Durante a viagem, só consegui pensar na minha esposa e na minha filha. Sentia falta delas mais do que tudo. Muitos iriam querer ficar em Netuno, na chuva de diamantes. Quem não iria querer ficar debaixo de uma chuva de riquezas, de milhões de dólares? Bem, te digo uma coisa: eu não. Não queria passar nem mais um minuto sequer lá, longe da minha família, só queria ver quem eu amava. Não me importava se depois daquela viagem eu seria rico



Onde mora a felicidade?





ou conhecido pelo mundo, não queria nada daquilo. Eu poderia morar debaixo da ponte, mas contanto que eu tivesse com a minha filha e com a minha esposa, eu estaria bem, seguro, feliz.

Após uma longa viagem de volta à Terra, finalmente aterrissamos. Depois de entregar os relatórios sobre a viagem, fui direto para casa ver minha família. Tinham recebido a notícia da minha chegada.

Ao chegar em casa, vi que toda a minha família estava lá, minha mãe, meu irmão, meus sobrinhos, minha filha e a minha esposa... aquele certamente foi um dos melhores e mais aliviantes momentos da minha vida.

Após um mês de volta ao meu planeta, conversei com a NASA e pedi para me mudarem de área. Não queria ir para o espaço nunca mais. Foi muita aflição, muito medo e desespero. Fiquei na parte das pesquisas biológicas. Acho que me dou melhor com diamantes na Terra do que no céu.

Aliás, meu nome é Alexander Richards. Prazer.





Minha mente não é do meu corpo

Bruna Meireles Rosa

Depois de muitas experiências e tentativas para a imortalidade, finalmente os melhores netunocientistas do planeta Netuno conseguiram descobrir uma maneira de tornar isso realidade. Todos os multimilionários de Netuno haviam agendado a data da cirurgia. Além do benefício da imortalidade, a pessoa poderia escolher o corpo que quisesse com as características dos sonhos de cada um. O procedimento consistia em armazenar todas as suas memórias em um software até encontrarem um corpo como o desejado; após isso, os dados seriam direcionados para um chip que iniciaria sua transferência para o novo corpo.



Muitos questionaram esse procedimento, pois só os mais ricos teriam a oportunidade de viver para sempre, já os cientistas se perguntavam se a dinâmica do planeta mudaria, porque esse procedimento transformaria completamente a cadeia alimentar. Mas, os netunocientistas afirmaram que nada iria acontecer e que, ao longo do tempo, disponibilizariam versões mais baratas para o resto da população. Então as perguntas se calaram e esse novo estilo de vida foi aceito.

No entanto, ao contrário do que os netunocientistas acharam, muitos dos transplantados começaram a reclamar que não haviam ficado mais felizes, o que era uma das promessas dos inventores, e pelo contrário, a maioria entristeceu-se. No começo, eram só mil maravilhas, pois quem não queria ter o corpo dos sonhos quando a sociedade só valoriza o que é irreal? Contudo, logo perceberam que aquilo não passava de aparência



Onde mora a felicidade?





e não da felicidade real. Outro problema foi que muitos não aproveitavam os bons momentos da vida, pois para os transplantados eles não eram únicos portanto, não se tornavam especiais.

Então, depois de muitas décadas, se questionaram se realmente os status social e a vida de aparências era mesmo um sinônimo de felicidade.



e outros contos de ficção científica





As falhas na tecnologia

Bruno Gonçalves Martone

Acho que nós estamos em pleno 2158, mas isso nem importa mais. Já se passaram mais de 20 anos desde aquele acontecimento. Os dias têm sido cada vez mais difíceis e a chance e esperança de sobrevivência está bem baixa. A comida está acabando e sinto que em breve, será o fim para todos do refúgio. Você provavelmente não entende sobre o que estou falando e para que entenda, voltarei alguns anos atrás.



Em 2128, era muito comum todos terem muitos robôs. Esses robôs serviam tanto para a realização de tarefas básicas como lavar a louça, como para tarefas complexas, por exemplo, construir um prédio. Conforme o tempo passava, os robôs foram substituindo todas as tarefas que antes eram feitas por nós, e por sermos preguiçosos, todos sempre queriam ter mais e mais robôs para nunca precisarem fazer nada. Toda hora chegava uma máquina mais sofisticada e com mais funções, e todo mundo sempre queria ter a versão mais atualizada, descartando assim os antigos e logo substituindo por um melhor. Ao longo dos anos, o número de robôs pelo mundo foi aumentando tanto que chegou ao ponto de existir mais deles do que humanos. Essas máquinas estavam tão sofisticadas e independentes que diversas falhas nos sistemas começaram a acontecer.

Meu nome é Jack e eu tinha uma vida normal na época, mas não gostava muito dessa tecnologia toda. Na minha opinião, as máquinas estavam acabando com a interação social e felicidade. Eu me limitava a ter apenas os robôs e aparelhos tecnológicos necessários, e graças a isso, consegui sobreviver.



Onde mora a felicidade?





Como contei anteriormente, falhas frequentes começaram a acontecer nos robôs e eram cada vez mais graves e preocupantes, mas ninguém se importava muito. Só pensavam em continuar nessa vida preguiçosa. Tudo estava bem, as falhas controladas, até aquele dia.

Isso foi no dia 15 de outubro de 2138. Pelo que contaram, um robô que operava o centro tecnológico geral da cidade teve uma pane total. Ele, que sempre ajudava todos, tinha se tornado uma máquina de matar. O sistema e chip de segurança elétrico haviam pifado. As outras máquinas que também operavam aquele local tentaram combatê-lo, mas logo falharam. O robô, após isso, hackeou rapidamente todo o sistema operacional de tecnologia e logo o mundo estava dominado por um exército imenso de robôs malignos. Em 10 minutos, as máquinas, que eram muito mais do que os humanos, já tinham exterminado cerca de 70% da população mundial. Foi um caos total. A minha sorte é que eu já não era fã da tecnologia e por isso consegui sobreviver aos poucos robôs corrompidos que havia em minha casa. Depois desse acidente, a população ficou praticamente extinta. Menos de 2% das pessoas sobreviveram.



Um tempo depois do ocorrido, fugi da cidade e passei um dos dias mais difíceis da minha vida. Tinha que me esconder o tempo todo. Achei algumas outras pessoas que também tiveram a mesma sorte que eu tive e conseguiram sobreviver. Juntos montamos um abrigo seguro, longe da cidade. Conseguimos sobreviver todos esses anos nos virando, mas agora, sinto que será o fim. Finalmente você entende sobre o que estou falando, a situação é crítica. Não temos comida e não temos mais como consegui-la também. Um ataque às máquinas para tentar recuperar o controle seria burrice. Já perdi as esperanças, e nesse momento, todos percebem que usar robôs para tudo foi um erro, e que a interação social era o mais importante.







2433: O mundo após a 3ª Guerra Mundial

Caio Maezono Pereira

Distrito 13 do grande campo de concentração, Inglaterra.
11/10/2433.

Olá para você que estiver lendo. Escrevo esta carta em 2433, exatamente cem anos após a 3ª Guerra Mundial, que aconteceu pela disputa do controle de uma nova inteligência artificial.

Atualmente estou em um gigantesco campo de concentração protegido por muralhas de trinta metros de altura, feita para proteger os humanos que sobreviveram da arma biológica criada pela Rússia. Hoje aquela gigantesca nação não existe mais, pois quando criou e utilizou a arma, ela própria causou a destruição do país, por ser muito perigosa.

Ainda não sabemos muito sobre esta arma, mas sabemos que ela utiliza como veneno uma substância gasosa que, caso entre em contato com a nossa respiração, acaba nos transformando em monstros gigantes de aproximadamente quinze a vinte metros de altura. Os monstros não podem ser mortos por armas convencionais, então, foram os fuzis anti-monstros, que com esforço, podem matar os humanos transformados, já que, infelizmente, não é possível transformá-los em humanos normais novamente.

Recentemente fiz uma pequena expedição ao redor de fora das muralhas e um monstro acabou me encontrando e me atacando, mas claro, eu consegui fugir e sobreviver. Quando me atacou, sofri graves ferimentos que foram infeccionados com algum vírus vindo do corpo da criatura gigante. Acabei adoecendo de alguma doença ainda não descoberta pelos humanos.



e outros contos de ficção científica





Os médicos, não veem mais esperança em mim, porque descobriram que a doença é bem perigosa.

Sendo assim, estou prestes a morrer e estou escrevendo esta carta para, talvez, servir como um documento histórico e alguma pessoa em um futuro distante.

Espero que logo os humanos possam sair dessas malditas muralhas e vejam novamente o mundo exterior. No meu caso, seria a primeira vez. Queria poder conhecer o planeta inteiro junto com as outras pessoas. O mundo dentro do campo de concentração é muito limitado. Tenho apenas a possibilidade de imaginar como deve ser o mundo lá fora pelos livros.

Espero que não existam grandes conflitos mundiais no futuro, até porque, a população mundial diminuiu 60% nesses últimos anos por conta da guerra e a arma biológica.

Então, é apenas isso que eu tenho a dizer. Adeus.

Ryan



Onde mora a felicidade?





Rumo ao espaço, pela felicidade

Caio Sebusiani Duarte Takeuti

“Mas, Jéssica, quando nosso relacionamento começou nós concordamos que deveríamos priorizar o trabalho.” – eu disse, aumentando o tom de voz.

“Eu sei meu amor, mas não aguento mais. Desde que te escolheram para essa missão, você raramente dorme em casa. Eu sei que seu sonho de infância era ser astronauta, mas a partir do momento em que decidimos formar uma família, você devia ter entendido que o mais importante seria ficar conosco.” – falou Jéssica, tristemente.

“Você está dizendo que não fico com vocês? Semana passada eu e o Johnatan programamos um módulo de IA para instalar no AX-25!” – Exclamei.



“Olha, se você realmente passasse pelo menos um pouco de tempo com ele, saberia melhor que os gostos dele estão mudando. Ele mudou, Alex. Não é mais a criança que você conhecia!” – e foi aumentando o tom de voz – “Olha, vamos acabar logo com isso. Te enviei os documentos de divórcio. É só assinar e acabamos logo com isso.”

“Jessica, você não entende!” – Eu gritei – “É um dos maiores saltos da humanidade! Eu vou para Mercúrio! Pode ser a única oportunidade da minha vida! E quando a missão acabar, eu estarei de volta e você terá um marido famoso e rico. Eu nunca mais precisarei trabalhar.” – Falei com tom sonhador.

“Por isso mesmo! Com a fama, você vai ter menos tempo ainda para nós. Não me importo com o dinheiro, só queria uma família!” – respondeu Jessica – “Você sabe que vai ser melhor para nós



e outros contos de ficção científica





dois. Para uma missão dessas, nós só te atrapalharíamos. Só assina logo e vamos acabar com isso.” – falou ela, com lágrimas no rosto.

Um ano após essa minha última conversa com a Jéssica, parti para a primeira missão tripulada até Mercúrio. O foguete decolou da área de lançamentos da SpaceX em Hawthorne, na Califórnia, no dia 18 de julho de 2069 (100 anos após a primeira missão tripulada para a Lua). Achava que todo o meu esforço, desde a prova de admissão para o M.I.T até a seleção do astronauta para essa missão, tudo valeria a pena. Sinceramente, não me importava muito com os avanços científicos que a missão traria. Estava animado era com o fato de provavelmente me tornar famoso e rico, no fim achando que isso me traria felicidade. Eu era muito tolo.

Felizmente a decolagem foi um grande sucesso. Fiquei bem nervoso quando o controle da missão iniciou a contagem regressiva, mas foi tudo muito tranquilo. O barulho foi mínimo por ser um foguete com tecnologia indutiva, um processo que produzia muito empuxo sem necessitar das grandes quantidades de combustível necessários no passado. Ao sair da estratosfera, a velocidade aumentou enormemente, e nas escotilhas, a visão das estrelas e da Terra se tornaram apenas borrões. No passado, levaria muito mais tempo, porém, nessa velocidade (de aproximadamente 100 mil quilômetros por hora) eu levaria pouco menos de um dia para chegar ao planeta ainda inexplorado.

Durante a viagem, fui encarregado de realizar experimentos científicos, enviar relatórios e fazer checkups na nave. Também comecei a imaginar o que eu poderia fazer com todo o dinheiro que eu ganharia. Quem sabe poderia comprar uma casa em uma daquelas novas ilhas flutuantes, vários carros voadores ou até uma nave particular!

Após muitas horas que passaram bem lentamente, finalmente pelas janelas os borrões se transformaram novamente em estrelas, e consegui avistar Mercúrio. O traje desenvolvido para essa missão impediu que o calor e a luz intensa do Sol, que estava logo atrás



Onde mora a felicidade?





do pequeno planeta, me prejudicassem. Era necessário, já que ele era o mais próximo da imensa bola de fogo, tendo uma temperatura de 400 graus celsius em algumas regiões de sua superfície.

Após alguns dias, me tornei o primeiro homem a pisar naquela superfície alaranjada e quente. Eu teria de ficar alguns meses lá, portanto, depois de um tempo, acabei estabelecendo uma rotina: realizar experimentos, fazer escavações e instalar robôs. Fiz várias coisas interessantes, como encontrar uma rocha que não pude identificar e, então, recolher amostras, e construir uma prótese de braço que me favoreceu muito. Porém, minha estadia no planeta não deixou de ser muito monótona e, felizmente, alguns meses depois, fui orientado a finalizar a missão e começar a viagem de volta.

Todos sabiam meu nome. Apareci em diversos programas de realidade virtual, conheci muitas celebridades, publiquei um diário que escrevi na missão e até ganhei o Prêmio Nobel de Química por ter achado e feito uma pesquisa sobre aquela rocha não identificada, de Mercúrio. Por conta disso tudo, ganhei cerca de 1 bilhão de dólares em apenas um ano. Consegui comprar a casa que eu queria, os carros voadores e até a nave. Por um tempo, realmente me senti um vencedor, e fiquei bem feliz, mas foi muito momentâneo.



Cinquenta anos se passaram e aqui estou eu. Comecei uma empresa de pesquisa e uso de materiais extraídos de Mercúrio há 20 anos e agora sou o 4º homem mais rico do mundo. Tenho tudo que se pode comprar, mas ainda sinto que falta algo, e sei bem o que é: a felicidade. Por mais que eu faça matemático-terapia e use o aparelho de produção automática de dopamina e serotonina, ainda sinto um vazio e tristeza imensa. Eu até posso dizer que tenho companhia, mas todas as pessoas que se aproximam de mim só o fazem por interesse. Me lembro agora da última conversa que tive com Jéssica e me pergunto se minha vida teria sido melhor se eu tivesse largado a missão e ficado com ela e Johnatan. Fui rumo ao espaço pela felicidade, e mesmo assim, não a encontrei.





Será o fim?

Camila Rossi Ros

Há 11 anos trabalho na NASA. Desde a faculdade, já fazia Hestágio e quando me formei consegui o emprego. Desde pequena sonhava com isso, queria estudar o espaço e até, quem sabe, ir até ele. Acabei trabalhando como astrônoma.

Em abril de 2022, descobrimos junto da Rede Nacional de Alerta de Asteroides que um atingiria a Terra, mais precisamente em 8 anos, 13 de agosto de 2030. Parecia bastante tempo, mas na verdade era muito pouco para se preparar. Nós da NASA pensávamos em tentar redirecioná-lo com uma nave espacial ou uma explosão nuclear, porém era impossível fazer isso sem parti-lo em pedaços que cairiam na Terra.



De acordo com nossos cálculos, esse asteroide media entre 200 e 400 metros e, se atingisse nosso planeta, liberaria até 900 mil quilotoneladas (900 milhões de toneladas) de energia, provocando uma destruição sem precedentes. Essa quantidade de energia liberada equivalia a 63 bombas de Hiroshima.

Nesses anos todos a NASA fez muitas simulações, vendo como faríamos para nos proteger ou prevenir este acontecimento. Acabamos nos juntando com outras empresas e criamos um projeto que podia dar certo.

Seis meses antes da data prevista para o meteoro cair na Terra, a população mundial foi avisada. Todos surtaram. Correria para todo o lado, os mercados vazios, pessoas se trancando dentro de casa, muitos entraram em depressão, uns estavam mais preocupados com suas redes sociais do que com seu futuro! A indústria do entretenimento poluiu a mente de todos com



Onde mora a felicidade?





coisas banais. Foi o que mais me assustou, como as pessoas ficaram frias, como elas não davam importância para as coisas que aconteciam na realidade, apenas a coisas virtuais ou da vida dos outros. Porém, havia pessoas se reencontrando com seus familiares, largando seus empregos para fazer o que realmente gostavam, criando muitos grupos de meditações e orações, pedindo perdão a Deus por todos os pecados. Algumas pessoas estavam sendo de fato seres humanos, sendo eles mesmos, correndo atrás de seus sonhos e enfrentando o que fosse.

Faltava um mês para o dia previsto. por um lado, estava confiante, acreditava na NASA e nas outras empresas que estavam ajudando com o projeto. Estava com medo de que aquele fosse o fim. Apeguei-me, então, a minha fé e rezei pela humanidade.





Busca pela imortalidade

Carime Atala Elmor

Há muitos séculos, o ser humano pretendeu um dia buscar a imortalidade, especialmente quando estava em jogo perder pessoas importantes para a morte. No ano de 2040, após muitas pesquisas e experiências, um médico chamado “Patrick Thompson” declarou em Washington DC que seria possível sim ser imortal. No dia três do mês quatro de 2040, a notícia foi oficialmente divulgada pelo pronunciamento de Patrick, que dizia:

– O grande dia finalmente chegou. Não posso garantir que durante o uso do meu medicamento vocês não adoecerão, e assim, o efeito reverso acontecerá. Existem algumas condições.



O propósito do cientista era prolongar a vida de uma maneira leve e saudável, com a prática de exercícios e a alimentação, pois isso realmente faz bem a vida naturalmente, e com o uso do medicamento, o resultado seria a imortalidade.

Todos sabemos que ao praticar exercícios e esportes, liberamos um hormônio chamado endorfina que dá uma sensação de bem-estar e prazer. Esse hormônio liberado, mais a fórmula de Patrick era a combinação perfeita. Mas sem essas duas práticas essenciais, o medicamento não teria resultado.

No dia 10 do mesmo mês, os americanos estavam em festa, muito felizes com a ideia! Mas nem todos foram a favor dessa causa. A fórmula, até então, só poderia ser utilizada pessoas aptas. A revolta da sociedade era que, nem toda a sociedade tinha condições para a prática de exercícios físicos, por exemplo, e naquela época a maioria da população era de idade, o que de fato não era justo com todos. Então foram as ruas e proclamaram:



Onde mora a felicidade?





– Todos temos o direito de viver e ser feliz na Terra. Até um tempo atrás, sabíamos que esse tempo era limitado, mais ou menos 90 a 100 anos em nossa jornada. Não estamos infelizes com ideia de viver mais tempo, o ponto é que nós não poderemos ter essa oportunidade por conta de nossas condições físicas, portanto, se não servir para todos, não é justo!

A ideia do médico não era causar tristeza nas pessoas, ele apenas não pensou no ser humano real e todas suas situações reais. Decidiu que não era a hora para ser imortal, e que anos e anos de estudos seriam ainda necessários para um dia vivermos para sempre, e que todos deveriam ter o direito e oportunidade de conseguir o medicamento. Com isso, não gerando deixando os outros chateados e causando injustiças e frustrações.

Depois do ocorrido, os seres humanos naquela época começaram a aproveitar mais a vida e cada segundo de sua existência sem previsões futuras. A fórmula de Patrick não estava perfeita para essa grande conquista da humanidade...





Faz parte da experiência de viver

Carolina Cotrim Lopes

Por muito tempo, laboratórios estudaram as causas da infelicidade das pessoas e chegaram à conclusão de que o luto era o grande motivo da tristeza mútua.

Quando eu tinha 18 anos, cientistas formados nas melhores universidades criaram a pílula da imortalidade e todos foram obrigados a tomá-la. Desde então, o tempo não matava mais ninguém.

As tecnologias foram evoluindo e por um longo período ninguém saía de casa. Eu já não conhecia mais as pessoas de verdade, pois vivíamos isolados e acompanhávamos nossos amigos através de redes sociais apenas. Isso sempre me fazia acreditar que eu assistia a uma grande mentira e todos eram apenas personagens que pareciam sempre felizes. Não precisávamos ir trabalhar, pois os mais novos e tecnológicos robôs realizavam tarefas domésticas e braçais como limpar a casa, entregar comida e muitas outras coisas. As máquinas assumiram o controle. Desde então, elas começaram a tomar as decisões.

Com o passar do tempo, a taxa de natalidade seguiu inalterada, contudo, a de mortalidade apenas diminuiu, causando a superpopulação e todos os recursos foram ficando escassos.

Eu e minha família nunca nos preocupamos em compartilhar nossas vidas na internet. Vivíamos em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, onde as estradas sempre estavam fechadas e muitas vezes éramos esquecidos pelo governo.

Quando os robôs anunciaram para todos a superpopulação como um problema, afirmaram ter encontrado a solução para aquilo e deduziram que se uma pessoa não tinha status social, ela não era ninguém. Finalmente nos informaram a nossa situação:



Onde mora a felicidade?





“Se um humano não tinha fama ou reconhecimento de um grande público, será procurado e levado a nossa base”.

Eu e meus pais ficamos desesperados com a notícia. Há muito tempo no lançamento do primeiro robô humanoide foram também apresentadas as três leis da robótica, desde então, toda máquina inteligente era obrigada a segui-las. A primeira delas era que um robô não poderia ferir um humano ou permitir que ele sofresse algum mal. Com as ameaças das máquinas, percebendo que iriam quebrar as leis obrigatórias, sabíamos que era nosso fim.

Minha família já estava pronta para ir embora, porém, as estradas estavam fechadas, precisávamos encontrar uma saída, mas estava tão exausta que acabei adormecendo. Posso afirmar que aquela foi a pior noite da minha vida.

Acordei ouvindo estouros, levantei o mais rápido possível e quando olhei pela janela, me surpreendi. Foi um momento inexplicável, uma cena que nunca esquecerei. Tinha muito fogo, robôs assassinos por toda parte, além de pessoas gritando e muita gente desesperada.



Naquele momento me questionei como chegamos a àquele ponto. Eu não podia acreditar que tudo tinha começado com cientistas deduzindo que a imortalidade seria a solução para a nossa tristeza. Nascer, crescer e morrer faziam parte da experiência de viver e os criadores daquela pílula e desses robôs tomaram decisões equivocadas ao nos prender neste mundo.

Meus pais morreram naquele dia, mas garanto que fizeram o máximo que podiam para me salvar. Tenho orgulho dos meus salvadores e me inspirei neles para continuar lutando, mesmo com toda a tristeza do ocorrido.

Cinquenta anos se passaram e hoje vivo sozinha em túneis no subsolo. Pratico esportes e medito diariamente para estimular a dopamina no cérebro, tentando encontrar a felicidade de novo. Estou escondida há muito tempo esperando o fim desse massacre, e de vez em quando, ouço passos robóticos vindo me matar...





Mais um dia normal em Jikho

Catarina Silvani Guerra

2859, Jikho, planeta Proxima Centauri b. Eu estava muito cansado, tinha acabado de terminar meu exercício matinal: andar quase 60 metros de ida e volta para pegar meu hamburguer de almoço. Finalmente pude sentar no sofá para recuperar minhas energias, e tinha exatamente 14 minutos para descansar até ir para o trabalho.

A vida em Jikho era difícil, mas eu achava bom, era feliz daquele jeito. Não precisava de nave, já que tudo ficava perto de casa (perto o suficiente pra usar o teletransporte, pelo menos). Aos finais de semana eu visitava meus pais em Teegarden b. A viagem demorava cerca de 2 horas, já que eu utilizava o transporte público.



Estava prestes a começar meu documentário sobre a vida na “Terra”, que alguns acreditavam que era onde a humanidade viveu há milhares de anos atrás, mas todo mundo sabe que é bobagem. Eu assistia pra rir da cara daqueles teóricos bestas que achavam que os mares já foram transparentes e que antigamente as pessoas eram magras como palitos: imagina só pesar 70kg! O cara começou a falar dos “nossos antigos hábitos”, que se resumiam basicamente a: *andar* para uma “escola” (ele explicou que era onde os jovens iam para aprender coisas novas, pelo que eu entendi) ou para o trabalho, o que era um absurdo, eles não tinham teletransporte antes? Enfim, meu tempo acabou bem na parte mais interessante, que eles iam começar a explicar as comidas dessa época. Esse sempre será meu documentário favorito.



Onde mora a felicidade?





Levantei, peguei meu celular, meu refri e fui para o espaço de teletransporte. Ativei o sistema e corri para dentro da máquina. Então, de um milésimo para o outro, eu já estava a mais de mil quilômetros de distância da minha casa. Cumprimentei meus “amigos”, que na verdade só eram legais comigo porque a nossa chefe era minha irmã.

Eu não quero dizer que era um trabalho difícil, mas também não era algo que eu chamaria de fácil. Precisava identificar meteoros, meteoritos, cometas, satélites de nações inimigas (sim, aqueles que há mais de 300 anos atrás chamávamos de “alienígenas”), etc. Qualquer coisa minimamente ameaçadora eu detectava e enviava para os especialistas estudarem. Aí meu salário dependia disso: eu detectava um meteorito pequeno vindo em baixa velocidade, recebia uma quantia bem pequena. Agora, se encontrasse algo grande e ameaçador como um buraco negro perto da nossa galáxia, eu ganhava muito mais dinheiro.

E desde então me esforcei muito para achar qualquer coisa que pudesse me render um bom dinheiro desses. Mas por enquanto, o mais próximo que eu já cheguei disso foi quando detectei um meteoro a alguns dias de distância da Centauri b, mas a quantia que recebi não foi nada comparada à minha missão de vida: detectar um buraco negro. Acho que hoje vai ser diferente. Acordei com uma sensação, um pressentimento especial de que eu consigo encontrar algo bom. Finalmente me sentei na minha mesa para começar a vagar pelos diferentes mapas nas várias telas à minha frente.

Umás 5 horas depois, acabou o dia. Não encontrei nada de relevante, pra variar. Voltei pra casa meio deprimido, mas tudo bem, eu tinha essa sensação quase todo dia mesmo. Parece que hoje foi só mais um dia normal em Jikho, mesmo.





Felicidade em pílulas

Catharina Carvalho Basile Machado de Melo

Em uma galáxia não muito distante, havia um homem passeando em sua nave e este avistou um planeta muito diferente e completamente vazio. Ele estacionou a sua nave para ver o que havia lá. Ao descer, aproveitou para fazer uma longa caminhada, com isso decidiu que faria deste local um lugar habitável, em que fosse possível controlar tudo, incluindo felicidade.

Após 11 anos, ele conseguiu o seu objetivo, mas com o nascimento de Maria, as coisas começaram a mudar.

Para a menina, o planeta era perfeito. Havia poucos habitantes e eram todos felizes. Mas mal ela sabia que o governo controlava tudo e todos, incluindo a felicidade dos habitantes daquele local.



Maria começou a observar que, todos os dias, as pessoas tomavam uma pílula, especialmente antes de entrarem no trabalho ou na escola. Depois de tanto perguntar e investigar, descobriu que aquele remédio era chamado de “pílula da felicidade”. Segundo governo, aquilo era algo obrigatório que todos deveriam respeitar. Com tempo, a garota começou a questionar: o que aconteceria se parassem de tomar o remédio?

Indo para escola, Maria decidiu enfrentar esta determinação. Ao chegar lá recebeu a pílula e fingiu que a engoliu. Quando o segurança se virou, ela escondeu o remédio embaixo da língua e assim que possível jogou fora, sem que ninguém percebesse ou desconfiasse.

Durante aquele dia, a menina sentiu um pouco de tontura e enjoo. Tentou descansar um pouco, tirou um cochilo. Ao acordar,



Onde mora a felicidade?





notou que não estava triste, mas que estava vendo uma outra realidade. O dia estava cinza, a cidade era poluída, coberta de fumaça. As pessoas pareciam verdadeiras “marionetes”, todos sorrindo sem sequer prestar atenção no que realmente agora ela conseguia enxergar.

No dia seguinte, Maria tentou alertar seus amigos do que tinha acontecido. Tentou convencê-los para não tomarem a pílula. Aquela realidade precisava ser vista e revelada a todos. A notícia rapidamente se espalhou. A garota convenceu amigos, professores, familiares que não havia a necessidade de estar sempre sorrindo por conta daquela pílula da felicidade. O governo não mais conseguiu impor aquela regra.

As pessoas passaram a perceber uma realidade antes desconhecida naquele planeta. Poluição, violência, trânsito, corrupção. Todavia, isto não impedia das pessoas se gostarem, se ajudarem, se respeitarem e terem uma vida feliz. A felicidade não existia apenas em pílulas, mas também na realidade de cada um dos habitantes daquele planeta distante. Em pouco tempo, descobriu-se ainda que, juntos muitas melhorias poderiam ser exigidas daquele governo. Havia um novo sentido para felicidade. Mas infelizmente, a única solução para aquela autoridade era convencê-los a tomar a pílula.



O governo adquiriu novas estratégias para incentivá-los a tomarem a pílula: publicidade, vantagens financeiras, até pessoas famosas naquele planeta foram chamadas para falar bem sobre aquela pílula mágica.

As estratégias fizeram efeito. Muitas pessoas voltaram a consumir aquela ilusão. Mas Maria não. Mesmo agora perseguida, continuou acreditando e defendendo que a felicidade estava em cada um, mesmo em momentos difíceis. A menina foi impedida de voltar para escola. Era naquele momento uma má influência, e aos poucos foi sendo esquecida.





Quase dois séculos se passaram, aquele homem voltou para ver o planeta que um dia sonhou em habitar. Todos tinham morrido. O céu continuava cinza, havia poluição. Mas em uma pequena casa, cheia de flores, Maria ainda sorria, já bem mais velha e castigada com a idade, acreditando num mundo melhor aos seus olhos, bem como na felicidade de cada uma das pessoas.



Onde mora a felicidade?





A viagem ao futuro

Clara de Andrade Lopes

Estava observando ansiosa minha mais nova invenção, minha máquina do tempo. Deixei um bilhete para minha família caso algo desse errado. Quando entrei nela, cliquei em alguns botões e puxei uma alavanca. Tudo tremeu, eu estava pensando em como seria feliz quando ficasse rica e reconhecida por conta de minha invenção.

A máquina apitou quando cheguei. Estava em 2100 e vi muitos robôs, mas nenhum humano. Fui caminhando por uma plataforma muito moderna. Tudo lá era muito diferente do presente.

Já estava ficando cansada, mas encontrei uma casa, e por incrível que pareça foi a primeira que encontrei desde que cheguei no futuro. Bati à porta, um homem atendeu e me deixou entrar. Sentei numa poltrona e perguntei:

- Então, como você parou aqui?
- Vim do passado. – Ele respondeu com uma voz fria
- Você não tem vontade de voltar – Questionei
- É impossível usar a mesma máquina mais de uma vez!
- O quê? Isso não pode ser verdade!

Conversamos por bastante tempo, e acabei descobrindo que o nome dele era Jonny e que se um ser humano entrasse mais de uma vez na máquina do tempo, suas células se superaqueceriam e a pessoa morreria. Eu estava triste e desapontada.

Jonny deixou que me acomodasse em sua casa até encontrar uma para mim. Acordei com uma ideia na cabeça: como os humanos não podiam entrar na máquina mais de uma vez, decidi enviar um bilhete pedindo ajuda para o presente. Então





decidi falar com Jonny sobre aquilo. Após ouvir a resposta, fui direto para seu escritório, onde escrevi um bilhete: *“Preciso de ajuda! Eu e meu amigo estamos presos no futuro. O que devemos fazer para voltar?”*. Programei um de meus robôs para que buscasse a resposta para mim.

No mesmo dia descobri o que fazer. No papel que eles enviaram estava escrito *“Refaçam a máquina. Podem pedir ajuda para algum robô do futuro!”*. Isso fazia sentido. Chamei o robô 461 e pedi para construir uma máquina do tempo nova para mim. O pedido foi confirmado e ficaria pronta em algumas horas.

Estava esperando ansiosamente e, finalmente, o robô terminou a invenção. Chamei Jonny e disse para que testasse antes de mim, mas ele insistiu que eu fosse antes. Entrei e puxei uma alavanca. Tudo parecia estar dando certo, como da última vez.

Quando a porta da máquina abriu, percebi que estava no presente e fiquei muito aliviada. Vi dezenas de pessoas, microfones e câmeras apontando para mim. Mais tarde descobri que até o presidente sabia sobre minha viagem para o futuro. Eu estava rica e famosa.

Depois de meses de minha volta ao futuro, percebi que a felicidade não estava na riqueza, nem nas compras que fazemos, pois esse tipo de felicidade acaba.



Onde mora a felicidade?





Último suspiro

Daniela Pacheco Vita

Mais um dia em Cudoindo. Andreia Smith acorda e já vai em direção ao quarto do seu filho, para acordá-lo:

– Joaquim, acorde, você tem que ir à escola.

Assim, Joaquim segue sua mãe até a mesa do café. Quando se senta na mesa, vê que seu pai, Jorge, já está sentado assistindo ao jornal enquanto morde uma torrada;

– Bom dia! Diz ele animado, depois volta a prestar atenção nas notícias.

Andreia sentou ao lado do Sr.Smith. E enquanto isso Joaquim estava no banheiro. Até que o casal ouviu uma reportagem que dizia que um grande fragmento do Sol estava vindo em direção à Terra. Eles, mesmo espantados começaram a discutir sobre o assunto e depois de muitos argumentos, chegaram a um acordo:

– Vamos aproveitar o máximo nossos últimos dias, e Jorge, não diga ao nosso filho, ele já tem ansiedade, o Joaquim pode ter uma crise de pânico. – disse a mãe. Depois o menino entrou na sala para tomar seu café:

– Ótimas notícias! Hoje você não irá a escola, vamos aproveitar o dia! – Alegou o pai.

– O que aconteceu? Sempre dizem que eu devo ir à escola e agora estão falando para eu não ir? O que aconteceu? Perguntou o menino.O homem nervoso respondeu:

– Querido, o que te faz pensar assim? Só queremos aproveitar o dia!

O jovem foi para o seu quarto tirar o pijama e colocar uma roupa. O casal foi também se arrumar e logo a mulher disse:





– O jornal disse quanto tempo temos?

– Eles disseram que a Nasa ainda está calculando, e pode levar até o final do dia.

A família se arrumou e saiu de casa. Joaquim perguntou para onde iriam, até que pararam em um restaurante. Eles entraram e se sentaram em uma mesa na varanda.

– Meu filho, peça o que quiser!

– Sério? – perguntou o filho com brilho nos olhos.

– Claro!

Joaquim ficou muito feliz, mas ainda confuso, questionou:

– Por que hoje vocês estão tão estranhos?

Os pais se entreolharam e duvidaram se deviam contar.

– Filho, lembra que o papai estava vendo jornal hoje de manhã? – o filho assentiu – Então, hoje a Nasa afirmou que um meteoro atingirá a Terra nesta madrugada.

– Queríamos que você aproveitasse o máximo nosso último dia – completou a mãe.

– A professora de Ciências nos disse que a Nasa é uma empresa que estuda a ciência do universo. – Disse o filho refletindo

– Meu querido, nós vamos para um lugar melhor.

– Bom, outro dia peguei o computador do papai e pesquisei sobre ela. Vi essa notícia e pesquisei mais sobre. Descobri um abrigo para nós, mas ele fica muito longe. Não sei por que vocês não confiaram em mim para compartilhar o medo de vocês, mas tá tudo bem. Vamos aproveitar!

Andreia e Jorge estavam espantados com a inteligência do filho. E o aplaudiram de pé.

No final do dia, eles podiam dizer que aquele foi o melhor momento de suas vidas. Foram a uma roda gigante e do seu alto, observaram o meteoro se aproximar. E assim, deram seu último suspiro.



Onde mora a felicidade?





O buraco negro

Eduardo Bastia Zanelato

O ano era 2053. Jack era um menino que adorava o espaço. Ele queria ser astronauta pois, seu pai havia sido um homem muito bom em pilotar naves. Jack já tinha vários projetos para ir para o espaço. Anos depois, ele projetava seu traje espacial junto com sua equipe da Nasa, que veio dos Estados Unidos para o Japão. Os funcionários da Nasa não estavam gostando muito, pois eles achavam que o Japão era muito infeliz.

Estava realizando seu sonho de criança. Jack tinha um status social muito bom. Ele era muito conhecido na sua cidade natal, que era Tokio. Jack precisava descobrir se Netuno era um lugar habitável.

Faltavam alguns meses para o lançamento do foguete, e Jack estava muito aflito, pois sabia que o lugar que ele iria era muito perigoso. A temperatura chegava em -221 graus em Netuno, ou seja, muito frio. Quando faltavam 2 semanas, Jack tinha uma alimentação saudável para caber na roupa, e meditando para se acalmar.

Chegou o dia do lançamento. As pessoas gritavam:

– Cinco, quatro, três, dois, um. Lançar! E o foguete foi lançado com Jack sozinho. Ele sabia que ia demorar 3.590 dias da Terra para Netuno.

Quando estava no dia 391, Jack viu uma deformação no espaço. Rezou em sua religião para que não fosse algo ruim. Sua nave perdeu o controle, pois não tinha detectado o que havia em sua frente. As peças do foguete começaram a ser puxadas. Ele percebeu que era um buraco negro.



e outros contos de ficção científica





Jack pedia socorro, mas a central não respondia. Até que ele foi sugado pelo buraco negro, junto com sua nave. Quando entrou na deformação preta, o astronauta olhou pela entrada, e viu repetidas vezes aquela cena dele sendo sugado.



Onde mora a felicidade?





Mundo de mentiras

Eduardo Dupont Vannini

– Filho! Acorda vem para o café.
Abrindo os olhos, Paulo responde:
– Está bom, estou descendo.
Descendo as escadas já com o uniforme do colégio, começa a conversar com sua mãe enquanto come:
– Filho, você viu que amanhã será o lançamento do metaverso.
– Sério?
– Sim, eles disseram que terá de tudo, carros, casas, parque de diversão e muito mais.
– Acho que já sei o que quero de aniversário de 13 anos.
Acabando de comer, despede-se de sua mãe e vai em direção ao colégio. Chegando lá, ele é parado pelos valentões:
– Oi, nerd, tá mais feio do que ontem.
– Por que vocês fazem isso comigo?
– Você é feio e pobre, alguém rico como eu não pode andar com um bolsista como você.
Paulo, triste, sai correndo e chorando para o banheiro onde fica o resto do dia. Voltando para casa, ele recebe uma notícia um tanto quanto inesperada
– Surpresa! Diz sua mãe com a caixa do metaverso nas mãos.
– Como você conseguiu antes da data de lançamento?
– Uma amiga minha trabalha na empresa do metaverso, e como ela não iria usar, deu para você. Quer ir testar?
– Óbvio que sim! Disse Paulo correndo com a caixa para o quarto.





Depois de conectar os cabos na TV, ele ligou o videogame e colocou os óculos de realidade virtual:

– Filho, mamãe vai no mercado, divirta-se.

Paulo ignorou e começou a criar seu personagem, um homem alto, forte, e bonito, tudo que ele queria ser. Após a criação do personagem, entrou no mundo e até ficou em dúvida se era realidade ou dentro do jogo.

No dia seguinte, depois do café, disse a sua mãe que iria para a escola, mas esperou ela sair e decidiu que iria matar aula. Começou a jogar e mal percebeu o tempo passar. À noite, quando sua mãe chegou do trabalho, Paulo mentiu dizendo que tinha ido à escola.

Foram dias, talvez semanas com essa rotina. Uma tarde, Paulo estava jogando quando ouviu a porta sendo aberta bruscamente por sua mãe que veio para perto, pegou o videogame e o quebrou:

– Mãe, por que você fez isso?!

– Xiu, moleque! como você me pergunta isso? Ela disse com o boletim que mostrava todas as suas faltas e não obtendo resposta.

– Filho, você não vai à escola por causa desse joguinho? Nem comendo você está.

– É porque dentro dele eu não sofro bullying, não sou baixo nem gordinho, tenho várias casas e carros tudo que eu sempre quis.

– Não é porque você tem problemas que você pode fugir deles, você não está resolvendo nada, mas só piorando as coisas. Está anêmico, não come nada a dias. Você pensou em como as pessoas a sua volta se sentem?

– Desculpa, mãe, você tem razão. Não posso mais fugir dos meus problemas, tenho que encará-los.

Após esses acontecimentos, Paulo voltou para escola e denunciou os valentões que foram expulsos. Voltou a comer e conseguiu entender que a vida virtual é apenas um jogo que não é tão importante como a vida real.



Onde mora a felicidade?





Os robôs da felicidade

Eduardo Schuartz Bove

No ano de 1986, houve uma notícia publicada no Frankfurter Allgemeine Zeitung, um dos principais jornais da Alemanha, dizendo que uma nova tecnologia havia sido criada pelos cientistas. Essa tecnologia controlaria os sentimentos dos seres humanos, fazendo-os felizes quando estivessem tristes. Haveria mais 10 anos de tentativas antes de ela ser implementada em robôs e lançada no mercado para venda.

Na Alemanha, na cidade de Múchen, estava tudo muito triste e uma solidão, só um milagre para as pessoas ficarem alegres. Parecia que, com a nova tecnologia, esse milagre, aconteceria. A família Klirs, a mais importante e poderosa da cidade, estava ansiosa para saber mais sobre o assunto. A mãe, chamada Cleer, disse que os filhos mais novos estavam ansiosos pelas coisas que iriam acontecer nesses tempos, porém não brincavam mais e ficavam à espera dos robôs que seriam lançados. As irmãs mais velhas não pediam para sair para festas, pois queriam sempre estar atualizadas sobre essa descoberta científica.



Ao longo do tempo, os cientistas da cidade ficaram preocupados com o efeito dessa tecnologia nos humanos. Com a aproximação do fim dos 10 anos, os especialistas estavam pensando se realmente valeria a pena colocar robôs com o propósito de alterar os sentimentos dos humanos, para em qualquer ocasião estarem felizes.

No dia 18 de janeiro do ano de 1996, à 0h, houve uma notícia no jornal avisando que os robôs não seriam produzidos e que a tecnologia seria destruída. A população, após ouvir esta





notícia, ficou dividida entre as pessoas que apoiavam a tecnologia e outras que a achavam perigosa, pois ainda queriam seus sentimentos humanos. Os cientistas se perguntavam “não faz parte da humanidade ter sentimentos desagradáveis?”, “Por que alterar uma coisa que prevalece desde o início da humanidade?”

Mas, afinal, por que temos que ser sempre felizes e animados? Cada um não pode ser do seu jeito? Ter os nossos sentimentos não é a coisa bonita de nós? A individualidade, porém, o senso de comunidade, os sentimentos bons, mas também os ruins, são o que nos fazem humanos.



Onde mora a felicidade?





A busca pela amizade verdadeira

Elisa Pupim Magnani Soares

Duas almas gêmeas, dois planetas. Isso tudo poder ser conectado por uma estação de trem. Em uma noite chuvosa uma jovem alta e loira estava andando pela sala de um lado para o outro até que ela escutou alguém chamando por ela

– Chiara, venha aqui, rápido! – disse Bella. Logo depois que Chiara entrou no quarto de sua mãe, a TV estava ligada no noticiário

– Olhe, minha filha que incrível! Uma nova estação de trem vai ser construída e com ela vai ser possível ir a Júpiter e Saturno em horas! – disse Bella, muito entusiasmada com a notícia que viu no jornal.

– Que demais! Será que quando a estação for inaugurada eu poderia ir? – disse Chiara.

– Podemos ver, eu ficaria muito feliz se você pudesse ir.

Logo após a conversa Bella e Chiara foram dormir. Alguns dias depois, os raros tickets já estavam à venda, já que era uma novidade muito grande e inovadora no mundo científico uma estação de trem que ligasse dois planetas. Chiara ficou muito animada com a notícia.

– Não acredito, os tickets para o trem já estão à venda! Entrarei no site e comprarei – disse Chiara.

Quando entrou no site, ela descobriu que os tickets já tinham esgotado para primeira viagem inédita no trem

– A não! Os tickets esgotaram e não temos previsão da próxima viagem – disse Chiara, muito triste.





Algumas horas depois, Chiara viu um anúncio de um *APP* que era muito famoso entre os adolescentes. Ele se chamava *FriendMatch* e com ele era possível fazer amigos virtualmente. A menina decidiu instalar o aplicativo e criou um perfil, colocando alguns posts.

– Espero que com esse APP eu consiga achar amigos que gostem e se interessem pelas mesmas coisas que eu.

Depois de alguns dias usando o APP, ela recebeu várias solicitações de amizade e selecionou algumas delas para verem seu perfil. Em algumas horas, recebeu uma mensagem de um garoto chamado Paolo dizendo: “Oi, Chiara. Tudo bem? Espero que sim. Olhei seu perfil e gostei muito de você. Acho que nós dois temos muitas coisas em comum! Vamos conversar um pouco e nos conhecer melhor? Abraços, Paolo”

Depois de algum tempo de conversa, a amizade dos dois foi fluindo e os dois criaram um laço muito grande, decidindo então se encontrarem para finalmente se conhecerem pessoalmente. Bella ligou para Paolo para marcar o encontro e disse:

– Paolo, para nós nos encontrarmos você me precisa me dizer onde você mora para eu ver o dia e, dependendo de onde for, precisarei de alguns dias para marcar tudo com a minha mãe – disse Chiara.

– Bella, eu moro em um planeta posterior a Júpiter e Saturno, então você teria que vir de trem, aquele que foi inaugurado faz pouco tempo – disse Paolo

– Será que dá para eu comprar o ticket? Não sei se já esgotaram, mas vou tentar – disse Chiara preocupada.

Alguns dias depois, Chiara recebeu uma surpresa na sua caixa pelo correio.

– Filha, venha aqui, chegou um envelope para você! – disse Bella. Ela pegou o envelope e nele tinha o nome de Paolo.

– Estou muito curiosa, o que será que é? – disse Chiara.



Onde mora a felicidade?





Na hora que abriu o envelope, ela não acreditou. Chiara tinha recebido um presente do Paolo: era um ticket para o trem que ela tanto sonhava em ir para ver seu novo melhor amigo.

– Mãe, você não acredita. Eu consegui um ticket para o trem! O meu amigo me deu de presente. – disse Chiara

– Que bom, filha! Quando você vai?

– Vou arrumar minhas coisas pois daqui a três dias o trem parte para o planeta posterior a Saturno e Júpiter.

Os dias foram se passando e finalmente o grande dia da viagem de trem chegou. Bella foi para a estação que estava escrita no ticket que Paolo a deu e entrou no trem. Depois de algumas horas, ela acordou e já estava no Planeta Siberno.

– Agora que cheguei, tenho que pegar um carro para chegar até a casa de Paolo.

Assim que Bella chegou no endereço que Paolo colocou no ticket, tocou a campainha e finalmente a hora mais esperada chegou.

– Bella! Que bom te ver, estou muito feliz que você chegou bem! – Disse Paolo

– Também estou muito feliz! – disse Bella

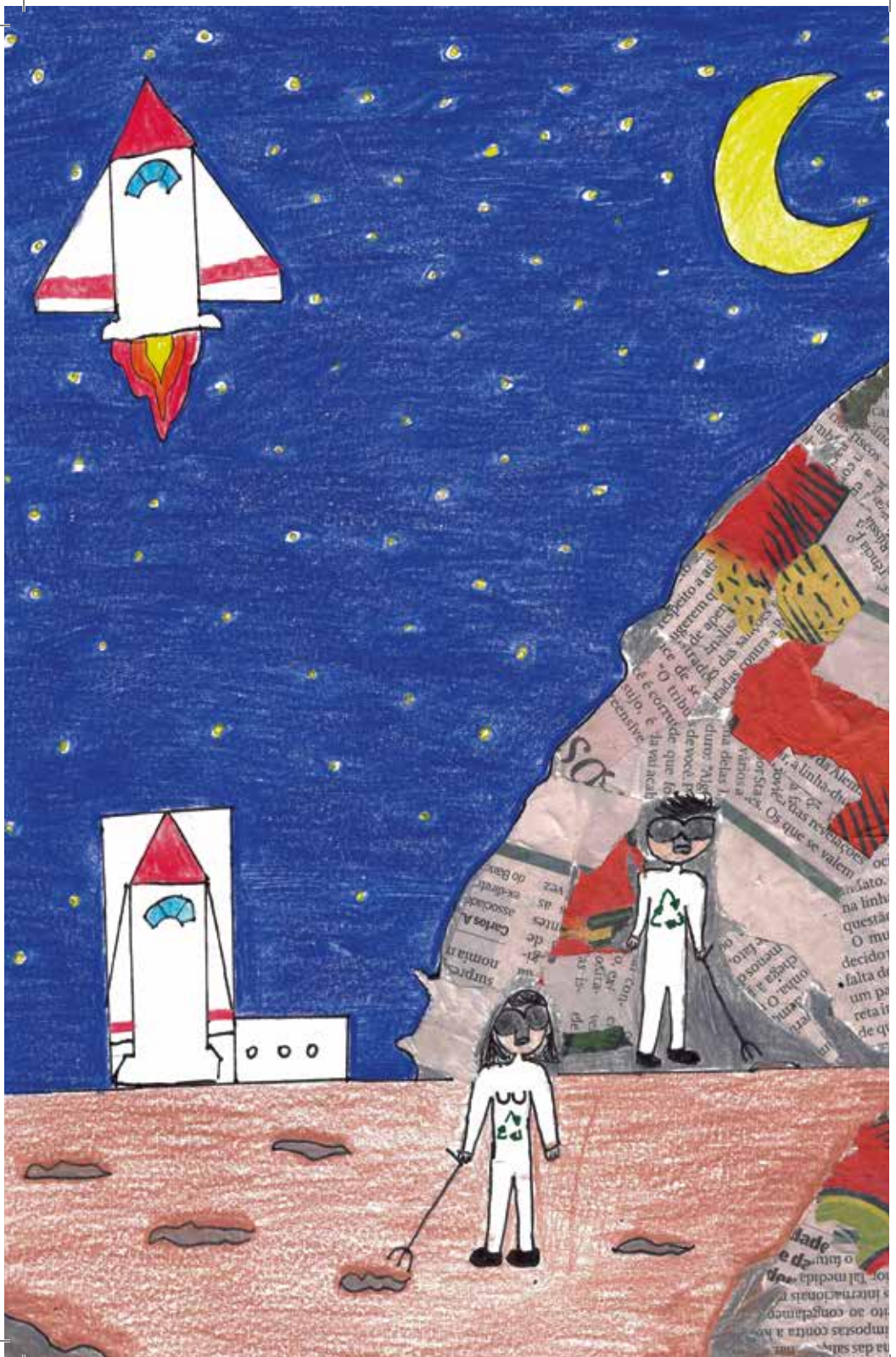
Os dois ficaram conversando e na hora do jantar, como Bella tinha uma alimentação balanceada e saudável. A família de Paolo fez um jantar especialmente para ela.

– Estou muito triste porque é meu último dia aqui. Amanhã já irei tomar o trem de volta para casa – disse Chiara.

– É uma pena mesmo, mas pelo menos estou feliz que você veio, até porque é muito melhor se ver pessoalmente! – disse Paolo.

No dia seguinte eles se despediram e Bella voltou para casa muito feliz por ter encontrado o seu mais novo melhor amigo.







O medo da extinção

Enrico Dei Santi

Estávamos no ano de 2100. A população mundial ficou doente, o consumismo tomou conta de tudo. Pessoas passavam dias e dias trabalhando para apenas comprar produtos de última geração. Elas não se importavam com o meio ambiente. Não reciclavam os produtos obsoletos.

O consumo desenfreado resultou em uma quantidade gigantesca de lixo (3 bilhões de toneladas por ano) nas ruas, nos rios e nos mares de todo o mundo. Os gases lançados na atmosfera, em razão da produção e do consumo desenfreados, destruíram grande parte da camada de ozônio. Parte das geleiras dos polos derreteram causando sérios danos à fauna e à flora do planeta.

Diante desse caos, um grupo de cientistas da NASA, junto à Space X, desenvolveram um foguete “lixeiro” capaz de recolher o lixo e enviá-lo para o espaço. Os lançamentos começaram, tudo parecia bem, porém o que eles não contavam é que com o sucesso do projeto, a população não tinha mais um motivo para parar de consumir já que, aparentemente, o problema do descarte do lixo estava sendo solucionado.

O consumo seguiu crescendo e mesmo com a alta tecnologia, os foguetes não eram capazes de transportar todo o lixo produzido. Enquanto os foguetes transportavam 2 bilhões de toneladas ao ano, a população produzia mais de 3 bilhões.

Tudo parecia perdido, a menos que a população reduzisse a produção de lixo. Mas como esse feito se concretizaria?

Para mobilizar o povo, diversas propagandas foram criadas e publicadas nas redes sociais mostrando o quão grave era



e outros contos de ficção científica





o consumo exagerado. Todos os países do mundo uniram-se para pensar em soluções e contribuir com a limpeza da Terra. Além das propagandas de conscientização, limites de compras foram estabelecidos e multas passaram a ser aplicadas a todas as pessoas que deixavam de cumprir as novas regras de limpeza do planeta.

Com esse movimento, as pessoas começaram a ter mais respeito pela Terra. As opções ecológicas eram as únicas adotadas. Os oceanos foram limpos e os animais voltaram aos seus habitats. Milhares de árvores foram plantadas. Com o decorrer do tempo, a quantidade de lixo foi diminuindo, de mais de 3 bilhões para 2, depois 1 e assim por diante...

Passadas duas décadas do início da chamada Revolução da Limpeza, as pessoas viviam mais felizes. Estavam mais conscientes. Não trabalhavam apenas para comprar produtos. Os plásticos se tornaram biodegradáveis, a maior parte da energia vinha de fontes limpas como a solar e a eólica. E foi assim que a população salvou, ou melhor, limpou o planeta, preservando a sua própria espécie.



Onde mora a felicidade?





O ditador do século 31

Enzo Melchiori Morente

No ano de 3021, em Tóquio, no Japão, cientistas de todo o mundo foram contratados pelo governo japonês para fazer um experimento que mudaria o mundo: reviver um ditador que ajudou muito o país enquanto ele estava vivo. A missão seria muito complicada, já que governo não tinha nenhuma matéria orgânica do ditador, a não ser um frasco com seu sangue e outro com sua saliva que tinha sido armazenado em uma geladeira, com a temperaturas entre 2°C e 6°C... Os cientistas tentaram usar nanotecnologia para extrair as células que havia no sangue. A tentativa foi um sucesso, mas eles ainda não tinham algo que se assemelhasse à mentalidade do ditador.



Muito tempo se passou dentro do laboratório desde então. Até que um cientista novato, chamado Focus, encontrou escondido no sistema um arquivo com um tipo de upload mental. Quando ele clicou na pasta, descobriu que aquele upload mental era do ditador. Quando Focus contou para todos, a única coisa que veio em suas cabeças era comemorar. Todos comemoravam e se divertiam. Enquanto isso, um vírus comum chamado Sestini havia entrado no upload mental do ditador enquanto Focus o procurava. Este vírus corrompeu o arquivo apagando os prós e apenas deixando os contras. Ele não era perigoso, mas acabou alterando o upload, apenas deixando os pensamentos e sentimentos perversos do ditador vivos. Depois que a festa acabou, eles produziram uma espécie de androide que se assemelhava ao déspota.



e outros contos de ficção científica





O ditador, logo no início de seu mandato, tinha arquitetado um plano secreto: sequestrar Dr. Focus para ajudá-lo a criar um exército de robôs que tirassem os humanos do poder. Para isso, ele ameaçou a família do cientista, forçando-o a trabalhar. Quando a primeira parte do seu plano havia sido concluída, a segunda fase do plano começou a entrar em ação. Logo após a liberação dos robôs, o ditador matou o Dr. Focus para que ele não vazasse a informação de como desligar os robôs. Com a liberação do exército, uma guerra gigantesca começou entre o ditador e a população. A venda de comida e matérias de reforço estrutural, madeira e aço, aumentaram; houve um grande aumento nas vendas de dopamina pela perda da felicidade dos japoneses junto a guerra “massacre”; e lugares péssimos utilizados como moradia para quem queria sobreviver.



O governo e as pessoas começaram a perceber que a felicidade não seria possível revivendo o passado, mas tinham que se preocupar em viver o momento presente. Então o mundo decidiu entrar em paz com o ditador e fazer um mundo onde robôs e humanos tivessem direitos iguais. O ditador inconscientemente recuperou seu lado bom em sua cabeça e aceitou um tratado de paz. Humanos e robôs passaram a viver juntos e em harmonia até hoje.



Onde mora a felicidade?





O novo mundo

Felipe Almeida Ribeiro de Castro Alves

No ano de 2024, a máfia Italiana havia tomado controle de praticamente todo o planeta, um crescimento exponencial de atividade criminosa em todo o mundo, a máfia se mantinha apenas cuidando do mundo ao seu redor, isso é, até a morte do chefe da máfia, após isso, a máfia acabou sendo passada ao filho do mesmo, um garoto jovem com cerca de 19 a 20 anos, um garoto até relativamente violento. Um pouco depois do novo chefe da máfia, um jovem, Mirai Miyamoto, inicia sua viagem do Japão aos Estados Unidos.

Mirai era um jovem talentoso, inteligente e bem habilidoso, a vida de Mirai foi relativamente difícil, quando pequeno, seus pais morreram, com muita influência de pessoas em sua escola, aos 13 anos, Mirai começa um uso excessivo de cigarros e álcool, foi expulso do colégio, aos 16, deserdado pelos avós que sentiam nojo do jovem que ele estava se tornando. O real sonho de Mirai era se tornar um policial respeitado, mas cada dia que passa isso se parece mais difícil. Em sua viagem para os Estados Unidos da América, o garoto acaba ficando sabendo sobre uma garota, diziam também que essa garota tinha algum tipo de Super Força e que era super talentosa, alguns chegaram a dizer que ela possuía conhecimento sobre a tão falada relíquia do tempo. Dizem as lendas, que a relíquia do tempo é uma pedra capaz de parar o fluxo temporal e o acelerar utilizando apenas dopamina e algum tipo de tecnologia extraterrestre.



Mirai, assim como muitos, demonstrou interesse, mas em vez de diretamente ir procurar a garota, ele a investigou por muito tempo, descobriu que o nome da garota era Ava e até descobriu o nome de seu pai, Luca Galaretto, esse nome o parecia familiar,





mas porquê? Bem, isso não importava, o importante era que a máfia tinha o tal amuleto, e ele está determinado a pegar a qualquer custo, ficou pensando e pensando em como conseguir colocar as mãos no mesmo, até que chegou a conclusão que infiltrar o armazém da máfia parecia a melhor forma, e no dia seguinte ele foi. Chegou bem longe mas, parecia que tinha alguém lá, a tal garota que Mirai havia investigado e o próprio pai dela, Luca pega o dispositivo e diz “obrigado, minha filha”, assim o pai da garota a agarra e ergue a mão pra desmaiá-la no chão. A garota tenta se soltar mas pela primeira vez Luca utiliza o tal amuleto, tudo ficou frio. Os movimentos da garota pararam, era uma sensação de poder, uma sensação de estar acima dos demais. Luca, com o tempo congelado, olha bem nos olhos da garota, e diz calmamente “Devagar Demais”, assim derrubando a garota, Mirai podia ver mas não conseguia se mexer, era como se tudo estivesse parado.



Mirai, que estava espiando a garota, vê tudo, e segue Luca, o levando para uma estação de trem, onde ele pretende se encontrar com alguém, curiosamente, uma chuva estranha começa a cair do céu, como se fossem pedras, não, diamantes, mas Mirai não tinha tempo a perder, o garoto estava pronto para derrubar o pai da garota assim que tivesse a chance. Mirai pega em mão uma espada, uma herança de família que o mesmo roubou dos pais ainda pequeno e se prepara para sair de seu esconderijo. Antes que Mirai pudesse se mover, chegam todos os membros da máfia, e nesse momento Mirai se lembra de um amigo que ele fez em uma viagem, Luca Galaretto, o filho do ex chefe da máfia, isso significa que seria ele o atual chefe da máfia?

Antes que ele pudesse mesmo processar isso em sua cabeça, esferas, como se fossem cápsulas caem do céu e atingem todos os presentes, menos Mirai e Luca, as tais cápsulas se abrem, revelando aliens, parecidos com seres humanos porém maiores e com os olhos inteiramente pretos. Mirai respira fundo enquanto se lembra da morte dos seus pais, causada por um homem grande com os



Onde mora a felicidade?





olhos todos pretos, finalmente ele estava de frente com a as-sombração que matou seus pais, um dos aliens, o maior deles, segura no ombro do chefe diz: “Obrigado por me trazer aqui” com uma voz densa e assustadora, a mão do alien brilha em azul e Luca simplesmente desapareceu na poeira. No meio disso Mirai viu a chance de pegar o amuleto e correr, e enquanto ele fazia isso, percebe que todos os aliens estavam na sua frente, ódio começa a passar em sua mente, mas ele se mantém calmo e diz com um sorriso no rosto “Tokyo wo tomare”, ou traduzido do japonês, “que o tempo pare”, o maior dos aliens ri e diz na língua natal de Mirai “muda” de uma forma seria e bem devagar, e enquanto ele falava, percebe seus movimentos parados, os aliens não podiam mais se mover, rapidamente Mirai agarra sua espada e corta cada um deles, chegando no último, lançando a espada no céu e deixando a congelada no tempo na frente da cabeça dele, Mirai diz “isso é por minha família.”

Mirai volta para procurar a garota e a explica o ocorrido, os dois, em 2026, ambos com 18 anos, se casam e vão viver no Japão.



Em 2026, com 19 anos, Mirai Miyamoto Galaretto se forma como policial e continua a usar o dispositivo, sendo assim o melhor policial de todo país, o jovem, pela primeira vez via propósito em sua vida, porém como toda ação tem sua consequência, os furtos e roubos de Mirai acabaram vindo a tona, e alguns meses depois. Em Outubro, Mirai é preso, infelizmente, ou felizmente visto do ponto de vista do garoto em tal momento, os tais cigarros que o jovem garoto consumia começaram a afetá-lo diretamente, no dia 3 de julho de 2027. Mirai morre com problemas pulmonares causados pelos cigarros que ele consome desde seus tempos de criança, pela primeira vez, aquele que tinha o poder de parar o tempo, ficou sem tempo. Mesmo sem perceber, cigarros destroem seu corpo e aos poucos levam sua vida. O jovem japonês morreu para que os outros pudessem aprender com seus erros e não fazer o uso de tais coisas como cigarros e outros tipos de drogas.





Frank Stein: uma nova invenção

Felipe Buono Lehoczki

Franks Stein, sábio homem de 72 anos, estava com um grave problema no coração, que por causa disso nem comia direito. Ele que já não tinha sentimentos, nunca amou, por ser muito ocupado, morava sozinho, não tinha família conhecida. Stein estava cada vez mais perto do fim.

Até que um dia ele teve a ideia que o salvaria: a de tentar executar um transplante de coração que, além de ser o experimento mais importante da época, o deixaria saudável novamente. Para aquilo, seriam necessárias várias semanas de trabalho e concentração.



Depois de longos meses de esforço e estudo, Frank conseguiu, finalmente, formular uma hipótese para se salvar: ele implantaria um chip que ajudaria o coração a pulsar, emitindo ondas eletromagnéticas para o corpo todo. O homem terminou de preparar as últimas ferramentas e materiais para o começo de uma experiência que teria como resultado algo que a sociedade nunca tinha visto.

Foram horas e horas de trabalho duro e muita dedicação, até que algo diferente, que não estava em seus planos, aconteceu. Um raio caiu bem no teto do laboratório e queimou todo o circuito elétrico que estava sendo usado naquela hora. Alguns minutos se passaram, e o cientista notou algo que ele nunca havia percebido. Frank estava se sentindo muito triste por não ter com quem dividir a vida, era muito sozinho. Mas pelo visto, o transplante tinha dado certo, e nessa hora, o cientista ficou muito feliz, pois ele iria poder ajudar outras pessoas com a mesma condição



Onde mora a felicidade?





de vida que ele! No fundo de seu novo coração, percebeu que deveria conhecer pessoas e fazer novas coisas, mas não deixando de fazer o bem para todos!

No final das contas, o sábio homem saiu de casa para experimentar novas coisas. Foi jantar em um restaurante francês na esquina de sua residência. O local estava vazio, só havia uma graciosa senhora, chamada Lucy, que o convidou para se juntar à mesa. Frank, envergonhado, aceitou o pedido e sentou-se. Conversaram muito, durante longas horas, até que ele reparou que a moça tinha a mesma condição que ele. O homem logo convidou a senhora para ir a seu laboratório e assim foi.

Preparou todas as ferramentas e começou a cirurgia. Ocorreu tudo bem no transplante, ele conseguiu colocar o disco remoto 3.0 de forma majestosa e revolucionária! Aquela cirurgia mudou a vida da bela moça. Ela poderia correr novamente, conversar sem se preocupar com as faltas de ar e ser muito mais feliz! A anciã o agradeceu com um beijo na bochecha e saiu sem perceber o quão vermelho o idoso tinha ficado.



O homem, muito atarefado e compromissado, não conseguia esquecer aquela senhora que havia salvado e viu que estava apaixonado. O idoso de novo coração tomou coragem para fazer o que nunca tinha feito. Esperou até o próximo encontro no restaurante em que tinham se visto pela primeira vez e pediu a moça em casamento. A senhora aceitou com um lindo sorriso. Eles decidiram realizar a cerimônia somente para a família da noiva, até que recebeu uma ligação de uma jovem menina chamada Anne. A garota dizia que tinha a mesma condição que ele. O cientista convidou a garota para ir a seu laboratório e então foram os dois, animados e ansiosos à espera do resultado.

O transplante foi muito bom, ele implantou um chip remoto que ajudaria o coração a pulsar, emitindo ondas eletromagnéticas para o corpo todo, coisa que nunca tinha feito antes e que





foi revolucionária. A moça ficou totalmente aliviada, percebeu logo de cara uma mudança em sua respiração. Notou que, finalmente teria uma vida normal, igual a de todas as suas amigas. Isso mostrou a Frank a diferença que ele pode fazer ao mundo!

Depois de vinte anos de muitas vidas salvas, muitas invenções, descobertas que revolucionaram não só a ciência, mas a vida de muitas pessoas que jamais imaginariam que isso lhes aconteceria, Frank Stein, com 97 anos, faleceu. Mas isso não foi nada triste para ele. Morreu com um belo sorriso estampado em sua cara por ter salvado vários jovens e ter vivido ao lado de quem ele realmente amava. Suas últimas palavras foram: “Obrigado, Lucy, por fazer a minha vida mais feliz”.



Onde mora a felicidade?





0 ser tecnologia

Felipe Gonçalves Hungria

[som de TV mudando de canal]

“Boa noite. Hoje no aniversário de 174 anos do Jornal Nacional começamos com tragédia. Durante uma reunião para discutir as recentes quedas de redes telefônicas e a má conexão do XG, o presidente da China e a diplomata americana foram mortos por uma bomba vírus que atacou os sistemas intertecnológicos dos dois” [outro apresentador] “Também saiba mais sobre a ogiva nuclear russa que teve os códigos roubados e vendidos na *darkweb*.”

[outro canal]

“As autoridades apontam o grupo terrorista 0.V.5.R como organizadores do atentado, mas ainda não identificaram quem realmente acionou a bomba remota que matou os...” [outro apresentador] “Notícia urgente! Parece que a polícia achou e capturou o terrorista responsável e estão levando-o para um interrogatório no pentágono”



[novo canal]

“Nasa reconhece que as recentes quedas do XG e das principais redes sociais do mundo podem ter a ver com a recente aparição de auroras boreais nos Estados Unidos, China, Canadá, entre outros...”

[mudança de canal] [conexão falhando]

“O grupo terrorista 0.V.5.R assumiu responsabilidade pelo caso... [PIIIIII! Agonizante ruído no ouvido de Joel] ... Espera



e outros contos de ficção científica





estamos recebendo uma transmissão ao vivo [ruído cada vez mais alto] Com vocês, o líder da O.V.5.R “O ser Humano, foi longe demais... não temos mais desculpa para o constante abuso que erguemos sobre o planeta. Pensamos em inúmeras possibilidades, mas já nos corrompemos demais na busca do poder e da felicidade [ruído aumenta drasticamente]. Mas não se engane, ela não é impossível. Não, eu diria complicada. Mas finalmente agora que completamos nosso propósito, ela estará no alcance daqueles sábios o suficiente para encontrá-la, para ver por fora das mentiras e por dentro da sociedade e descobrir o segredo para o qual vários matariam para adquirir, nem que fosse uma mísera porcentagem.”

[apresentador]

“Bem... [limpa a garganta] qual propósito seria esse ... [engole seco] ... senhor?”



“Guarda seus cumprimentos, não sou mais digno de tal respeito... fiz coisas horríveis, mas agora [ri abafado] ... nada importa, o bem que eu fiz apertando aquele botão já me concederá a pureza divina. Confesso que também não imaginava, mas depois de anos só sabotando e disferindo ataques cibernéticos, vamos agir. O míssil foi lançado a meia hora e vai atingir o sol daqui a 5 minutos. Desejo a todos um bom final de tarde, e recomendo que abram suas janelas deixem a luz entrar, e apreciem o brilhar dos seus últimos raios de sol.” [os terroristas cortam conexão]

[apresentador]

“Pera o míssil FE-RT5X4? A ogiva nuclear russa? Era verdade que vocês tinham os códigos? Como cons...”

[Joel não aguentou mais e tirou seu aparelho auditivo para encerrar o ruído]



Onde mora a felicidade?





Depois de 5 tentativas, conseguiu levantar de sua poltrona que ficava de frente para sua Televisão que já estava ligada a 7 dias seguidos. Ele se dirigiu para pequena janela de seu apartamento minúsculo no centro de Miami e apreciou a vista da floresta de prédios cinzas e sem graça, do céu vermelho como fogo e o silêncio que o acompanharia até seu túmulo. Enfim decidiu tomar seus últimos momentos para refletir um pouco.

Apreciou a natureza estranha do ser humano, como cria e como destrói, como decide sozinho o melhor para os outros, como se apropria de todos os tópicos, mas não compreende nenhum por completo.

Como teme sem explicação* o desconhecido. Mas no fundo Joel também sentia esse medo, mesmo que em seu caso, tal medo fosse fútil. Joel não perderia ou seria perdido por alguém, só tinha bens materiais. No máximo, possuía recordes em jogos on-line, onde fazia suas únicas interações sociais. Não saía de casa já há alguns anos, sua vida tinha se tornado chata, repetitiva, desinteressante, inútil, podre, desnecessária em um nível em que, se acaso sumisse, nada mudaria e mesmo assim, mesmo sabendo disso, tudo tinha medo de a perder.



O instinto de sobrevivência continuava a pulsar nas veias de Joel. A mídia e as propagandas na qual tinha caído não conseguiram retirá-la do corpo, mas conseguiram cegá-lo por tempo suficiente. Tempo que seria tomado da vida de Joel. Vida de um ser tirada pelo mesmo ser, que muito provavelmente também teve seu título de humano retirado. Afinal, que ser humano teria menos de 50% de humanidade? A extinção não seria pelo míssil. Ela ocorreria quando trocamos nossa vida e sociedade por propagandas e tecnologias.





Felicidade artificial

Felipe Oliveira de Souza Leão Veiga

Certo tempo atrás, nos Estados Unidos, havia sido produzido o primeiro robô humanoide, Elektro, pela empresa Georgia Incorporation e após isso foi dado de presente ao filho do dono da empresa.

A inovadora máquina feita com placas de titânio possuía um sistema extraordinário pelo qual o robô se conectara ao seu dono (o filho do dono da empresa) e assim daria sentimentos à máquina...



Quando o robô foi entregue ao jovem garoto, ele ficou muito feliz e após isso se conectaram. O menino se surpreendia muito com o robô, pois era quase como um irmão para o jovem, além de que eles se divertiam muito, iam ao teatro e etc.

Até que um dia uma coisa horrível aconteceu ao pobre garoto! Ele havia sido diagnosticado com HAPK, uma doença psiquiátrica que retira os sentimentos de felicidade. Como o robô era conectado ao menino, ele também teve essa perda de sentimentos.

Ambos estavam “sofrendo”, pois como a não havia mais felicidade para eles a vida seria sem graça e “em vão”. Decidiram ir a uma “jornada” em busca da felicidade. Tentaram de tudo, a um parque de diversões. Divertiram-se, mas nunca conseguiram recuperar os sentimentos.

Com o passar do tempo, o jovem foi começando a perder as esperanças e logo começou a aceitar seu destino e como ele era. Ainda tinha como conforto seu amigo robô.



Onde mora a felicidade?





Com o passar dos anos o garoto foi envelhecendo e acabou falecendo de velhice, ao contrário do robô que continuou funcionando, até que com o desenvolvimento da tecnologia, foi criado uma cura para a doença que o robô e o falecido jovem tinham, mas o robô recusou, pois a verdadeira felicidade para ele era ficar perto de pessoas de quem ele gostava. Após isso, o robô viveu uma “vida de celebridade” até que parou de funcionar.





A vida com robôs

Felipe Suguiyama Baliulevicius

A cada dia a tecnologia vem avançando e máquinas vêm sendo criadas, mas nem sempre isso é bom...

O ano é 2100, e ter mordomos robóticos virou moda para quem tem dinheiro. A família Souza é um caso disso. Uma família formada por Douglas, o pai, dono de empresas junto com sua esposa, Ângela, um casal com plenas condições financeiras que criam dois irmãos gêmeos, Eduardo e Rafael.

Os pais, por terem muitos compromissos, não tinham tanto tempo para passar com seus filhos. Querendo a felicidade dos meninos, compraram um robô de última geração para ajudá-los no dia a dia.



Ao longo do tempo, os irmãos foram criando vínculos com a máquina, que jogava vídeo game com os garotos, brincava com eles, e até comprava brinquedos para os dois com o cartão que o pai havia deixado. De uma hora para outra, Eduardo e Rafael não faziam mais nada sem a presença do “amigo”, e começaram a deixar de se relacionar com os colegas humanos, além de pararem de brincar ao ar livre e sempre que era necessário a saída de casa para comprar alguma coisa, quem ia era o robô.

Os pais foram percebendo que os filhos só estavam engordando e ficando antissociais. Por exemplo, nas refeições quando os pais conseguiam estar presentes, os meninos não apareciam, apenas o robô que ia buscar a comida na mesa. Desde que a máquina viera facilitar a vida dos garotos, eles não saíam mais do quarto porque não havia necessidade.



Onde mora a felicidade?





Os pais, ao longo do tempo, foram percebendo que aquilo estava sendo muito ruim para os filhos, então jogaram fora o “amigo” dos meninos. Os garotos ficaram bem tristes, pois não faziam mais nada sem o robô, mas ao passar do tempo foram superando, e ainda com a chegada do cachorrinho novo, Thor, foram esquecendo da máquina. Então, sem o ajudante robótico e ainda com um cachorro para levar para passear, tiveram que ir voltando a sair aos poucos. O rosto deles só melhorava. Começaram a praticar esportes e a se socializarem. Dessa forma, Douglas e Ângela conseguiram arrumar um jeito de passar mais tempo com os filhos.

Isso não aconteceu só com família Souza. As máquinas foram um problema mundial, que acabaram deixando muitas pessoas sedentárias, e que causaram muitas mortes por obesidade. Assim, a maior parte dos países elaboraram novas leis em que não se poderia mais ter robôs em casa, somente em empresas. E assim, as mortes por obesidade foram diminuindo.





Apócrifo

Fernanda de Faria Pimenta Salles Lopes

O garoto que há pouco permanecia em completo silêncio falou para a câmera. Ele gravava um diário de pesquisa, ou simplesmente relatos de sua vida, para que talvez alguém num futuro distante pudesse descobrir a verdade e tentar mudar aquilo que ocorria na sociedade.

Diário de pesquisa 1, dia 29 de fevereiro, ano 3743

O garoto de 14 anos recém-completados se aproximou da câmera milimetricamente, posicionada à sua frente.



“No mundo onde eu vivo, ter 14 anos é como um milagre”. Ele disse conversando com a câmera como se ela fosse uma criatura humanoide. “Nossa sociedade retrocedeu. Os pensamentos elitistas tomaram conta. Minha família é de classe média – pelo menos é assim que os humanos da antiguidade costumavam classificar o meu poder econômico –, e mesmo assim a vida é difícil.” Ele falava com medo e pressa, a qualquer momento eles poderiam chegar.

“Cientistas criaram uma tecnologia anticrime, muito poderosa e perigosa para aqueles que agissem contra ela; robôs apócrifos são vendidos por unidade e são para uso individual; essas máquinas são extremamente caras e apresentam o objetivo do governo de disseminar a população. Porém existiram uns anos atrás adultos irresponsáveis que não tomaram o cuidado de pensar no futuro, e agora existem colônias de crianças e adolescentes tentando sobreviver fora da zona sensorial, zona ‘segura’, ou



Onde mora a felicidade?





como é chamada por nós, rebeldes. Zona do Apócrifo. O governo não liga, e sua tentativa de disseminação se transformou em colônias que sobrevivem daquilo que a política pretendia evitar; crime.”

Batidas na porta. Eram eles, Iníquos; do mesmo jeito que existem aqueles robôs que podem ser comprados, existem aqueles que trabalham como policiais, ironicamente, chamados de Iníquos. Grey 137, o garoto que há pouco falava com a câmera, guardou-a na bolsa estilo carteiro atravessada em seu ombro, previamente organizada para uma possível fuga.

– 137! – humanos de classes mais baixas eram identificados por números, mas se quisessem, adotavam nomes que outros humanos de classes mais baixas poderiam usar para se referir a eles – Você está utilizando de tecnologia não registrada, portanto, ilegal, entregue-se e sua execução será rápida.

Grey saiu pela janela do minúsculo apartamento, pela saída de incêndio enferrujada e aos pedaços, ele não teria muito tempo para realizar a fuga se continuasse dentro da Zona do Apócrifo. Passava na rua sem ser notado, as pessoas se escondiam atrás de óculos grandes e pesados simplesmente para viver num mundo irrealista, mas um pouco mais feliz que aquele onde seus corpos estavam. Ninguém interagiu mais, se tornaram dependentes de objetos que os levavam à uma realidade que eles mal podiam tocar. Se tornaram consumistas, antissociais, e aqueles mais pobres mal passavam dos 13 anos.



Com tanto avanço, a sociedade retrocedeu. Enquanto aqueles que se escondiam em uma falsa realidade, em busca de resquícios de felicidade, existiam crianças lutando tanto por esse sentimento, como pela sobrevivência.





Grey saiu da Zona do Apócrifo e aos poucos os arredores pareciam deixar de parecer 3743; tudo à sua volta era velho e descuidado. Ele procurava uma colônia de humanos que escaparam da Zona Sensorial (Apócrifo). Não era difícil chegar lá, mas era complicado não ser seguido. Ele fazia um caminho muito mais longo do que deveria ser, com curvas e desvios, até ter certeza que despistou os Iníquos.

Grey, ao chegar no abrigo da colônia, se acomodou. Foram legais com ele, muitos tinham um passado semelhante.

Novamente se fizeram ouvir batidas na porta, pensaram ser mais um refugiado. E então os robôs chegaram.



Onde mora a felicidade?





O verdadeiro fim do mundo

Fernanda Semerdjian Cividanes

Todos achavam que o Covid-19, que começou no ano de 2020 e terminou em 2023, fosse o vírus mais marcante da história. Mas ninguém imaginava que um novo vírus, H3N20, pudesse alterar a dopamina no cérebro das pessoas e acabar com a população.

– Não há mais tempo, chefe! Precisamos descobrir essa cura ou até 2032 o mundo estará destruído! Sem a felicidade na vida das pessoas, todos irão se matar!

– Vamos fazer assim: volte para sua casa e amanhã chegue bem cedo aqui no laboratório para continuarmos pesquisando. Será um dia longo e difícil – disse o chefe

– Mas não temos tempo a perder! Não é mais fácil continuarmos agora, já que estamos aqui?

– Não, Robert. Você já trabalhou muito hoje. Volte para sua casa e descanse que amanhã iremos descobrir mais sobre esse vírus.

Na casa de Robert:

– Eu não vou dormir! Eu não posso! A humanidade está em perigo e precisamos descobrir essa cura agora!

Então Robert ficou pesquisando por horas e horas, até que...

– Achei! Finalmente achei! Aqui diz que um pesquisador, há muitos anos, achou essa cura em um planeta desconhecido chamado Dialáctas. Mas como esse vírus ainda não existia, ele não sabia o que tinha encontrado. Espera aí... como que o meu chefe não sabia disso? Meu Deus! É claro que ele sabia esse tempo todo! Ele só não contou para ninguém, pois queria levar o





crédito todo sozinho da descoberta da cura! Faz todo sentido! É incrível o que as pessoas fazem para terem um bom status social... isso é tão triste! Quer saber? Amanhã mesmo eu vou pegar o foguete que fica no laboratório sem ninguém ver, e vou para esse planeta.

No dia seguinte:

– Pronto, já estou no foguete, e ninguém me viu. Agora, vamos decolar...

Alguns dias depois:

– Cheguei em Dialáctas! Agora vou deixar o foguete bem aqui e procurar essa cura o mais rápido possível. Nossa... que estranho... acabei de reparar que pelos meus cálculos, era para estar de noite aqui, mas está de dia! Bom, deixa pra lá. Vou dar uma olhada nos dados deste planeta, e quem sabe, eu acho onde está a cura. Ainda bem que este foguete é supermoderno e dá para fazer isso... ai, não! Um dia aqui é a mesma coisa que 5 meses na Terra! É por isso que aqui não está de noite! O tempo passa muito mais rápido! Espera... eu já estou 6 dias aqui! Provavelmente não deve haver quase mais ninguém vivo no mundo! Mas... será que eu ainda tenho alguma chance? Eu preciso achar essa cura agora e voltar para o planeta Terra o mais rápido possível! O que é aquilo? Estou vendo um pontinho azul... será a cura? Sim! É ela mesma! Vou pegar ela e voltar para minha casa, e talvez eu tenha alguma chance de salvar o mundo!



No planeta Terra:

– Cheguei! Cheguei! Ué, cadê todo mundo? Por que tem pouquíssimas pessoas andando pelas ruas, e com uma cara tão triste? Será isso que estou pensando? Oh não! Eu cheguei muito tarde! Não há mais nada que eu possa fazer, pois mesmo agora com a cura, não vai adiantar nada, pois não tem quase ninguém no mundo. Calma... e se eu criar uma máquina do tempo capaz de me levar para o passado, e assim, já que sei o caminho,



Onde mora a felicidade?





conseguirei pegar a cura bem rápido, e resolver todo esse problema? Isso! Vou fazer isso!

Três dias depois:

– Pronto. Máquina do tempo pronta. Só vou ajustar para viajar ao passado e...

ZAP!

– Cheguei em 2030 novamente! Funcionou! Agora vou pegar o foguete novamente e ir para Dialáctas.

Dois dias depois:

– Aterrissando... prontinho! Cheguei! Deixe-me ver... já estou a dois dias aqui, ou seja, quase um ano lá na Terra. Vai dar tempo! Pelo que me lembre, a cura ficava por aqui... achei! Agora, vamos salvar o mundo!

– Já faz 2 semanas que eu voltei de Dialáctas, e pela primeira vez depois de muito tempo, a população está feliz novamente. Ontem, contei para a polícia o meu palpite de que o meu chefe tinha guardado o segredo de Dialáctas por muito tempo, e esse palpite estava certo. Agora, meu chefe está preso. Bom, então completando o que eu disse no início da palestra, o H3N20, foi o vírus mais marcante da história. Pelo menos por enquanto. Mas agora, ele não traz mais perigo a ninguém.





Uma árdua decisão

Fernando de Farias Fernandes

Diário do último, dia ???, 2249.

“O refúgio está o mesmo de sempre. Conseguimos arranjar uma torradeira no lixão, em um espaço escondido daqui que, sinceramente, não sei como não vimos antes. Enfim, foi bom falar com você, até amanhã, se eu voltar.”



Nunca pensei que falaria com um retrato da minha vó, já que faz algumas décadas que não a via. Não foi a melhor das despedidas, mas já faz tanto tempo que não falo com um familiar. Fica difícil lembrar do afeto dele. Isso me motivou ainda mais a tomar essa decisão.

Eu sou o último humano com modificações genéticas, e não se engane, pois isso tem um lado ruim também. Meu cérebro foi modificado junto com o resto do meu corpo, porém ocorreu um erro no processo. Com isso minha produção de dopamina foi drasticamente reduzida. Minha capacidade de sentir felicidade foi basicamente anulada. Fora esse erro, meu corpo é o mais adaptado para combate: meus socos normais possuem uma força de impacto acima de 250kg. Minha velocidade é mais rápida do que o olho humano consegue ver. Minha tolerância à dor e resistência aumentaram tanto, chegando ao ponto de um soco humano dar a sensação de um simples toque em mim. Graças aos meus aprimoramentos, irei cumprir minha promessa: proteger o bando do refúgio, distraindo a horda de robôs para longe. Coloquei meu casaco de couro, uma calça preta e vesti



Onde mora a felicidade?





minhas luvas reforçadas com metal. Todos me aguardavam. Era hora da despedida.

Enquanto eu olhava para trás, reparei em suas faces: estavam chorando, mas não de tristeza, e sim de felicidade. Ficaram felizes, pois alguém estava ali para protegê-los. Isso me lembrou de meus dias como um humano normal, quando minha maior felicidade era proteger e ajudar os outros.

Enquanto caminhava pelo portão, olhei para trás uma última vez e... acabei me sentindo genuinamente feliz. Não uma felicidade gerada por remédios ou estímulos, mas vinda diretamente do meu coração.

Deixei cair uma lágrima. Dava para enxergar a horda de longe. Com um sorriso no rosto, olhei para trás e disse o meu “obrigado” mais sincero. Então parti para minha última luta.





O astronauta ciborgue

Fernando Elias Palma

Em 2130, Martin, um astronauta muito conhecido, estava voltando para sua casa nos Estados Unidos. No caminho ele acabou se distraíndo e bateu, seu carro, assim, rodou várias vezes. Ele ficou inconsciente, a pessoa do carro que logo vinha atrás do veículo de Martin, viu e chamou a ambulância. Ele foi levado ao hospital, mas infelizmente, perdeu um braço e uma perna, e teve que começar a usar próteses eletrônicas.

Cinco anos depois, recuperado de seu acidente; voltou para a base da NASA. Seu chefe queria o demitir; O astronauta, chocado, disse:



– Eu perdi um braço e uma perna, mas consigo trabalhar. Quero muito ir para Marte em 2136. Sou um dos melhores no que faço, me deixe continuar! O superior então não o demitiu, já que ele era o melhor no que

Martin, voltou a treinar e se preparar para sua viagem à Marte. Com o passar do tempo, ele começou a ter uma alimentação saudável e consumir menos comidas que vinham em embalagens de plástico, para ajudar o meio ambiente e conseguir fazer uma viagem saudável.

Meses depois, ele já estava acostumado com suas próteses eletrônicas e já se sentia preparado para pilotar uma nave em um simulador de última geração com sua equipe. Dias antes de sua viagem, pronto e muito orgulhoso de si mesmo por ter se recuperado de seu acidente, e de ser o primeiro homem ciborgue a ir a Marte. Na hora da ida ao planeta, toda equipe estava preparada para a decolagem:



Onde mora a felicidade?





– Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, decolar!

A decolagem deu tudo certo e Martin e sua equipe chegaram a Marte. Lá fizeram incríveis descobertas e o astronauta foi o primeiro ciborgue a pisar no planeta vermelho.

Seus pais tinham escolhido o nome Martin coincidentemente se referindo ao planeta Marte, que ele foi o primeiro homem a pisar.





O parasita

Frederico de Almeida Pernambuco Cifu

O ano era 2081 e uma epifania começou no Japão. A população diminuiu aproximadamente em 80% e o país que onde as pessoas viviam mais tempo tornou-se o país com menor índice de expectativa de vida. Com apenas 30 anos você já poderia morrer.

Por causa disso, um cientista e investigador, brasileiro chamado Fábio Pereira foi até lá para investigar este problema. Ele começou a entrevistar os moradores de Tokio (capital do Japão), e quase sempre contavam que os parentes morriam de tristeza. Fábio então começou a pesquisar o que deixava as pessoas tristes, mas não encontrou nada de relevante para um problema tão grande, porém um médico disse que quando ele foi ver um dos corpos, viu que havia um tipo de parasita que se alojava e sugava a dopamina dos infectados. Por essa razão as pessoas definhavam e morriam de tristeza.



Com essa descoberta Fábio passou a estudar esse parasita e entender seu funcionamento, mas ele não tinha muito tempo, afinal, rapidamente todas aquelas pessoas morriam. A primeira coisa que descobriram durante um teste de remédio, foi que o parasita era notavelmente inteligente, quase equivalentemente a um chimpanzé.

Depois de pesquisar em jornais, descobriu que provavelmente era um ser extraterrestre, muito diferente de qualquer forma de vida conhecida. Uma vez descoberto o que estava acontecendo, o último passo era encontrar a cura.

Fábio, após diversos testes, fez uma descoberta incrível. Para matar o parasita, era preciso simplesmente ficar feliz. Era



Onde mora a felicidade?





uma atividade específica, muito simples de ser encontrada, mas muitos não davam valor, que era o amor das pessoas que se ama. Aquele tipo de felicidade era incomparável, um tipo de felicidade que o parasita não podia conter, uma felicidade que não importava como você estava: triste, feliz, bravo, não importava, sempre iria te ajudar em alguma coisa.

E foi assim que a era da tristeza mundial acabou.





Em busca da felicidade perdida

Gabriel de Vasconcelos Segantin

No ano de 600.933.12, o planeta Terra passava por muitos apuros. Há alguns milênios o mundo ainda era feliz e algumas pessoas começaram a não ter mais vontade de viver. Elas perceberam que a vida não tinha mais graça. Então essa ideia foi se espalhando por todo o mundo, até que chegou um momento em que mais nenhum ser vivo era feliz, nem humanos, nem animas e nem plantas. Ninguém queria mais viver, o mundo já não era mais o mesmo.



Foi quando as autoridades de todos os países decidiram se juntar para resolver este problema. Fizeram de tudo, estudaram, procuraram muito, mas não conseguiram nenhum resultado. Até que um grupo de escavadores que estava à procura de petróleo, acharam uma coisa jamais vista antes, parecia uma pedra com um formato exorbitante e uma coloração esplêndida. Eles decidiram levar essa misteriosa descoberta até especialistas. A rocha foi analisada de ponta a ponta curva a curva e foi descoberto que ela liberava alegria. Todos em volta da misteriosa pedra começaram a se sentir melhor e por isso a nomearam de Felício.

O tempo passou, a descoberta do Felício passou a ser a principal matéria prima do mundo. Toda tecnologia foi empregada para sua extração. O mundo todo consumia essa misteriosa rocha que fornecia a alegria. Com o passar dos séculos, o Felício se tornava cada vez mais essencial. Até que chegou um momento em que a sociedade virou extremamente dependente da felicidade artificial fornecida por essa tal rocha que mudou o mundo.



Onde mora a felicidade?





De tanto consumo, passados alguns anos, o Felício acabou. Novamente o mundo se uniu para buscar soluções, o caos era enorme. Com muito investimento em pesquisa espacial, foram feitas diversas expedições para buscar a tal rocha em outros planetas. Também foram criados corpos robóticos de transferência de almas para evitar que as pessoas sentissem os efeitos da abstinência. Tudo foi executado com muito dinheiro e alta tecnologia, mas não tiveram resultados, o Felício não foi achado e o mundo foi se apagando de tristeza até que não havia mais vida na Terra.

O que o mundo não percebia era que a felicidade verdadeira estava dentro de cada um. Se todo o investimento em busca de Felício tivesse sido usado no cuidado emocional, proporcionando às pessoas mais empatia, afeto e solidariedade, a felicidade verdadeira estaria sempre presente, alimentada a cada dia.





Eu e o telescópio

Gabriel Piantavini Ferrari

Tudo começou em 2378, quando estava deprimido após a morte de meus pais. Fiquei muito abalado, e por isso, tinha comprado muitas coisas e inúmeras caixas estavam chegando na minha porta. Acho que foi um impulso para afogar minhas mágoas. Nasci em uma família bilionária, então esse consumo desenfreado não era um problema, até porque, naquela sociedade, consumo era a chave da felicidade.

Não conseguia me controlar, comprava tudo, até que percebi que só estava comprando coisas de luxo, mas... por que não experimentar coisas novas? Decidi que compraria coisas diferentes.



Comprei robôs, pedras mágicas, hologramas, mas nada conseguia me entreter. Até que... chegou um telescópio em minha residência. Não me lembrava de ter comprado, mas ainda assim, resolvi testá-lo.

Coloquei na base, apontei para o céu e olhei para o céu. Nada além de um breu. Comecei a movê-lo, até que fui encantado pelos anéis de Saturno. Movi mais um pouco e vi aquela superfície única de Júpiter. Estava fascinado pela beleza daqueles planetas, eu queria tê-los.

Passou-se um tempo e já tinha centenas de telescópios, miniaturas de todos os planetas do Sistema Solar, posters, mas não era o suficiente para mim. Resolvi construir um observatório. Contratei os trabalhadores necessários, mostrei a eles meu projeto, e começaram a construção.

Quando meu observatório ficou pronto, lá estava eu... olhando para os planetas e estrelas, vendo todos os mínimos detalhes



Onde mora a felicidade?





possíveis, mas eu ainda queria mais. Queria um foguete. Foi o mesmo processo do observatório, contratei os trabalhadores, mostrei o projeto a eles, e começaram a construir. Passado umas duas semanas, lá estava ele, meu foguete novinho.

Já havia gasto muito do meu dinheiro naquele projeto e não era hora de desistir. Estava muito nervoso... e meio indeciso. Qual seria meu destino? Concluí que minha viagem seria até Marte. Para mim, era uma missão e estava disposto a morrer para realizá-la.

Vesti meu traje, liguei o foguete e ele começou a decolar. Foi sem dúvida a melhor sensação da minha vida. Estava muito ansioso, mal conseguia esperar até chegar ao lindo planeta vermelho.

Quando comecei a pousar, não conseguia me controlar. Chequei rapidamente o meu oxigênio e como minha nave já estava no chão, pulei para fora dela. Eu nunca vou esquecer aquela vista de belas montanhas vermelhas, daquele céu escuro estrelado, já que o pouso tinha sido efetuado no lado oposto ao do Sol. Não estava acreditando no que eu estava vendo. Era tão majestoso, sem contar que eu ainda estava agradecendo a Deus por essa oportunidade. Comecei a explorar o planeta, e a cada passo, me sentia mais encantado.



Porém, o oxigênio não foi bem calculado, pois na hora da checagem, estava tão ansioso que não calculei o tempo que ele duraria, e só haveria o suficiente para voltar ao meu foguete. Porém, no caminho, me deparei com um ser robótico muito estranho, de uma forma que nunca tinha imaginado, parecia até a descrição de um alienígena, porém, metálico.

Quando cheguei à nave, comecei a ligá-la e me preparar para a decolagem. No caminho de volta para a Terra, pensei em muitas hipóteses sobre aquele ser. Será que essa era a chave para a descoberta de uma outra forma de vida? Ou era de algum humano? Será o robô uma forma inteligente? Eu queria ter a





oportunidade de analisar melhor, mas estava assustado, quase em oxigênio. Poderia ser hostil.

De volta para Terra, a primeira coisa que fiz foi relatar o acontecimento à NASA, e pedi para eles investigarem e me falarem tudo o que conseguirem. Estava muito curioso, criando muitas hipóteses.

Depois de 2 anos, recebi uma carta deles. Com minhas mãos tremulas, peguei o papel, e comecei a ler.

“Devido a seu relato, começamos investigações sobre esse tal ‘robô’ que você descreveu há anos. As buscas em Marte foram intensas, até que achamos alguns destroços metálicos, e imaginamos que poderia ser o tal ser descrito.

Realmente tinha uma forma estranha, e começamos analisar os poucos vestígios que achamos, e descobrimos que era de uma pequena empresa espacial chinesa, que trabalha com a arte no espaço, então por isso foi construído em tal forma.

Obrigado pela atenção.”

Fiquei muito aliviado após ler aquilo, pois podia parar de me preocupar com isso. Desse dia em diante, com meu foguete e observatório, vivi feliz, por ter encontrado minha felicidade.



Onde mora a felicidade?





As aventuras de 3, 14

Gabriel Raucci Spaccaquercia

Durante uma noite de inverno, uma pequena nave cai na Terra, quando acaba sendo encontrada por 2 humanos. Tentaram se aproximar mais o E.T gritava:

– E.T trabalhar!

E assim se repetia. Quando os humanos piscaram os olhos, o pequeno E.T Jorisvaldo fugiu, foi até o porto mais próximo e se enfiou num navio cargueiro.

O E.T adorava fazer contas, então se transformou em humano e assim começou a trabalhar com cálculos no navio. O número que Jorisvaldo mais gostava era a fórmula de PI, que é equivalente a 3, 14. Os tripulantes começaram a chamá-lo de PI rapidamente.



Durante uma outra noite, o navio se chocou com um iceberg fazendo o casco se romper. Pi rapidamente pegou um pequeno bote e fugiu. Depois de semanas no alto mar sozinho, sem comida e água, o extraterrestre bebeu água do mar mesmo sabendo que fazia mal. Após alguns minutos, acabou dormindo. Quando acordou, não acreditou no que estava vendo: havia um animal no bote. Pi ficou muito assustado, pois era uma capivara que podia transmitir inúmeras doenças. Sua primeira reação foi apontar algo pontudo para matá-la, pois podia se alimentar dela. Mas não conseguiu, pois ficou com dó do pequeno animal.

Pouco a pouco a capivara foi se aproximando do ET e logo viraram amigos. PI nomeou a capivara de Jonas, e o animal foi bastante útil, pois conseguia saltar muito alto e assim pegar





gaivotas que voavam baixo. O extraterrestre, daí em diante, já não passava mais fome, e então decidiu dormir. Quando acordou, percebeu que um helicóptero de resgate que estava atrás dos desaparecidos do navio vinha em sua direção. Logo os avistaram e realizaram o resgate. Pi voltou para onde sua nave havia caído e teve que se despedir da capivara Jonas. Disse ao amigo:

– Obrigado. Te amar. Jamais te esquecer.

O ET lhe entregou sua pulseira favorita como forma de lembrança. Após isso, foi embora e assim conseguiu completar essa busca pela sobrevivência e felicidade juntos.



Onde mora a felicidade?





Trauessia ao centro da Terra

Gabriela D'Ángelo Primo Maués

A grande maioria das pessoas estaria em uma tarde normal, mas nós da S.E. – Scientific Expeditions – não. Hoje nós faremos uma viagem para o centro da Terra. Quando eu digo “nós” eu quero dizer eu, meu amigo de infância Jack, Amélia e o Fredy.

Você leitor deve estar pensando o que estou sentindo? Me sinto nervosa, ansiosa, animada e feliz. Vou fazer o que eu sempre quis desde que eu tinha 9 anos. Sempre quis ir nessa aventura, e hoje dia 28 de fevereiro irei realizar.

Estamos indo para a cardora – é um carro com uma escavadora – com ela conseguiremos atravessar a Terra em quatro horas. Na minha mochila, coloquei alguns jornais sobre as notícias dos últimos três meses, que foi o tempo em que eu fiquei desatenada do mundo e estive apenas concentrada nas pesquisas para essa viagem, Pus roupas para trocar dependendo do tempo que faria lá. Estamos prontos para a viagem e, vamos partir.



Você deve estar se perguntando o porquê fazer essa missão. Há mais de 25 anos a Terra está à procura de algo que dê felicidade às pessoas de forma rápida. Fomos a todos os planetas do Sistema Solar e procuramos em grande parte do oceano, mas não achamos o que tanto procuramos, essa é a nossa última chance.

Estou lendo as notícias e parece que uma mulher que nasceu na Ucrânia durante a guerra entre a Rússia dará uma palestra sobre como está sua vida agora após a guerra ter terminado.

Lá dentro e parecia que a cardora estava com problemas. Os botões não estavam funcionando, o motor estava superaquecendo. Jack se ofereceu para ver o que estava havendo do lado de fora, ele disse que algo iria se romper!



e outros contos de ficção científica





– Acho melhor voltarmos para a superfície – disse Amélia
– chame Jack de volta!

Assim que ela disse isso, ouvimos um barulho ensurdecedor... era a terra sendo escavada pela cardora. Assim que isso aconteceu, vimos um enorme buraco, me lembrei de Jack ele estava do lado de fora e poderia cair no vácuo então gritei:

– Jack! Jack, não!

Começamos a ver que ele ia de um lado para o outro feito uma bola de pingue-pongue. Tentamos trazer ele de volta à superfície de todas as maneiras, mas nenhuma deu certo, então resolvemos voltar para a superfície e descobrir uma solução.

Algum tempo depois do acontecido, as pessoas começaram a vender coisas com o tema daquele dia, como um pingue-pongue com vários desenhos de Jack. As pessoas vendiam também várias roupas parecidas com as que ele usava.



Quase três anos após o ocorrido, quando todos já esperavam que Jack havia morrido, ele foi encontrado – para a surpresa de todos – vivo! Mas finalmente estávamos perto de trazê-lo de volta. Fizemos uma máquina em formato de pinça que conseguiria capturar ele! Estávamos indo testar. A pinça estava lá embaixo e parecia que ia dar certo... Conseguimos! Conseguimos! Ele estava subindo, eu não acreditava que iria reencontrá-lo, eu estava muito feliz! Ele saiu e então eu corri atrás dele, o abracei e perguntei:

– Como você está? – Então ele me respondeu rapidamente.

– Eu fiquei naquele grande espaço por uns 3 segundos e então vocês me puxaram

– Mas se passaram 3 anos! – falei intrigada

– Como assim se passaram 3 anos? Será que o tempo se passava mais rápido para quem estava lá?

– Provavelmente sim – eu falei – Enfim, eu não acredito que você está novamente comigo! Eu senti muito a sua falta – falei isso e depois fiquei a tarde inteira com Jack na minha casa, contando as novidades do mundo para ele.



Onde mora a felicidade?





A real felicidade

Gabriela Desiderá Motta

Um cientista independente que vivia enfiado em seu pequeno e bagunçado laboratório, morava em uma pequena cidade no interior de Kentucky, onde a principal atividade era a caça de animais silvestres. Todos da cidade se conheciam e o pai do cientista era um dos vários caçadores locais que sonhava que seu filho vivesse como ele. Porém, o real sonho de Flin era ser um dos maiores cientistas do mundo, vivendo de luxúrias e tudo do mais caro.

Para muitos, o sonho de Flin era algo inalcançável. Como um mero camponês de uma pequena cidade poderia conquistar algo desse valor? Os moradores de lá achavam que ele era louco, mas aquilo não o incomodava e se mantinha de cabeça, erguida afinal era o que ele amava fazer.

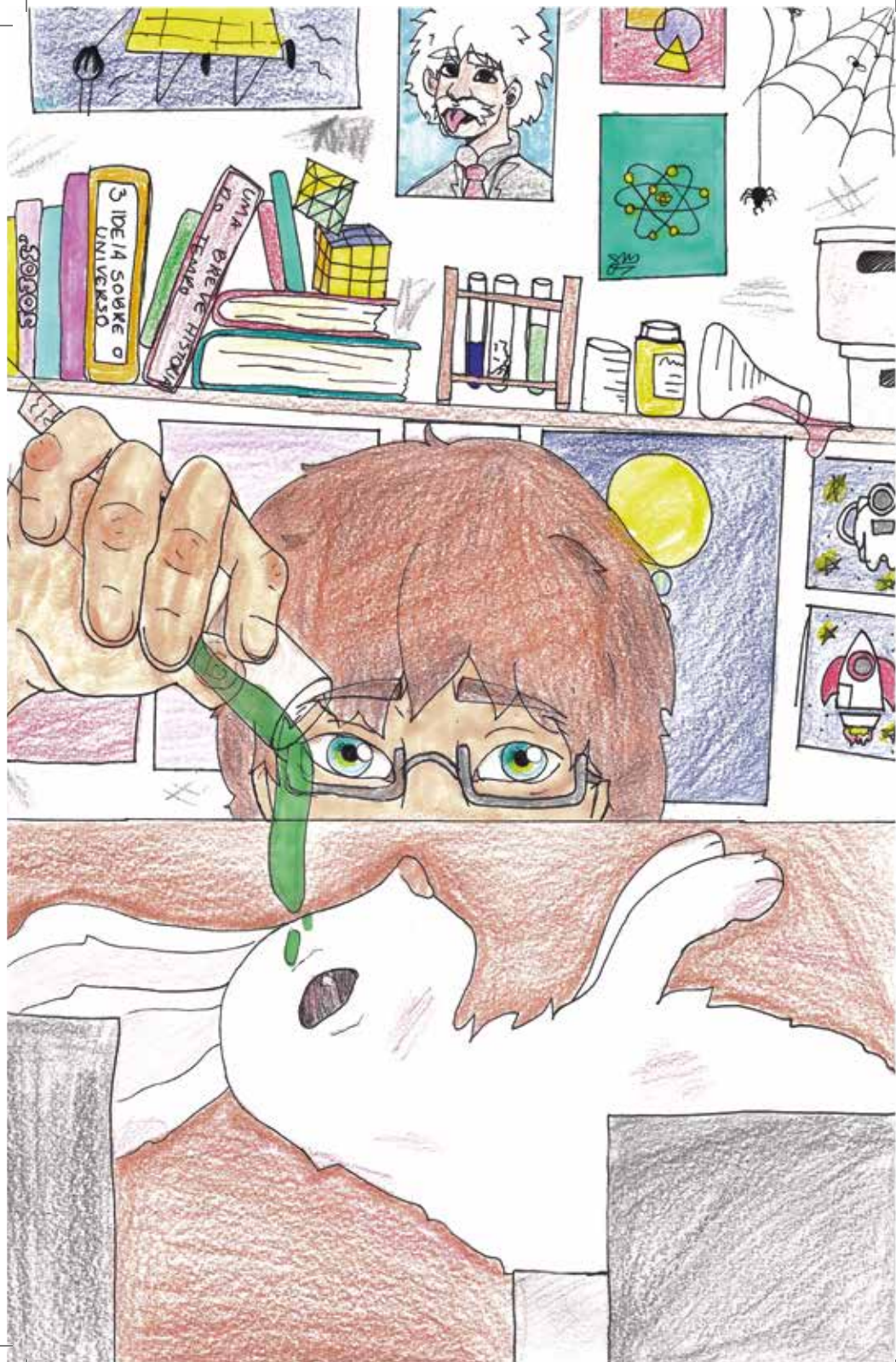


Um dia, o pequeno cientista estava em seu apertado laboratório fazendo experimentos com uma lebre que seu pai havia caçado no dia anterior. Em meio a seus experimentos, acidentalmente derrubou um líquido estranho no animal, mas nada aconteceu, então ele foi para sua cama depois de mais um longo dia sem resultados em seus experimentos.

No dia seguinte, Flin despertou aos gritos de seu pai furioso e a casa toda destruída. Quando ele entrou no laboratório, reparou que o animal não estava mais lá e o líquido misterioso tinha uma etiqueta oculta que dizia: “Cuidado! Esse líquido apresenta risco de mutação”.

Imediatamente o cientista percebeu o que tinha acontecido. O homem desesperado entrou na floresta a procura da







suposta lebre. Três horas depois, Flin se deparou com um monstro peludo, roxo, enorme com imensos caninos. Mesmo estando assustado, na hora ele enxergou a criatura como uma ponte para a fama que tanto sonhou.

Chegaram os repórteres locais que espalharam a notícia, e cada dia que passava, mais pessoas sabiam de sua descoberta, chegando a um ponto que o monstro ficou mundialmente conhecido.

Seu sonho finalmente se tornou realidade. O jovem fez palestras em diversos países, deu entrevistas a jornais famosos, fez parcerias com diversos cientistas, colocou sua descoberta em exposição e muito mais. E tudo isso foi o que deixou Flin milionário como tanto sonhava.

Alguns anos após toda essa comoção, entrevistas pararam de aparecer, e sua agenda que sempre estava lotada começou a se esvaziar. Os dias de Flin estavam caóticos e o cientista começou a sentir um imenso vazio, como se estivesse faltando algo. Assim, sua vida “perfeita” não fazia mais sentido. Após muitas reflexões chegou a uma conclusão, ele juntou suas coisas e voltou para onde tudo começou.

Depois de uma longa viagem, encontrou seu pai que o recebeu com um apertado abraço, surpreso com sua chegada. Assim Flin volta aos seus dias em seu pequeno e bagunçado laboratório onde tudo começou junto ao pai que ficou feliz em ter o filho de volta.





A infelicidade pode destruir o mundo

Gabriela Elias Sallum

Acordei cedo, em uma quarta-feira, para ir como sempre, à escola. Coloquei uniforme e desci para tomar café da manhã. Quando cheguei na cozinha, tomei um susto ao me deparar com os meus pais e meu irmão super assustados e com malas nas mãos. Meu pai falou para eu comer alguma coisa rapidamente e trocar de roupa pois iríamos viajar. Fiquei muito surpresa, fiz tudo muito rápido e até esqueci de escovar os dentes.



Quando entramos no carro, perguntei para onde estávamos indo. Minha mãe falou que precisava me contar algo muito importante e quando contasse nossas vidas mudariam para sempre. Ela revelou que nunca foi médica, que na verdade era uma cientista que estava trabalhando para desenvolver uma máquina do tempo para o governo.

Na sua primeira viagem ao futuro, descobriu que o mundo seria atacado por extraterrestres que estavam aqui na Terra para escravizarem os humanos, pois isso, gerava felicidade neles. Fiquei chocada! Ia começar a chorar, mas minha mãe disse para engolir o choro, pois não tínhamos tempo.

Entramos na máquina movida a oxigênio líquido e fomos direto a 1900 e lá cada um de nós, por saber a importância da felicidade, foi trabalhar em uma área para ensinar a como ser feliz. Eu me transformei em uma professora de meditação, e ensinei a encontrar a felicidade pela paz interior. Meu irmão se tornou padre e a partir de sua vocação, ele testemunha que a felicidade pode estar ligada a Deus. Meu pai virou professor de



Onde mora a felicidade?





Educação Física, para as pessoas não se tornarem sedentárias e terem uma boa saúde, gerando felicidade neles.

Minha mãe se trancou em um laboratório para desenvolver uma máquina de viagem entre mundos, para que pudéssemos ensinar esses alienígenas que quem é feliz não destrói a vida ou o mundo do outro.



e outros contos de ficção científica





Atalhos tecnológicos para a felicidade

Gabriella Ferreira Duarte

Quando eu tinha 18 anos, tomei uma decisão muito arriscada em relação ao meu futuro, pois pensei que seria mais feliz. Porém, eu estava ignorando minha verdadeira vontade e grande parte da ética pessoal. Eu sempre tive como motivação para o meu esforço nos estudos passar na faculdade Technos Metropolitan, a mais renomada dos anos 3000. A partir daí eu poderia ser finalmente e feliz e talvez, todo o meu esforço passasse a valer a pena.



Essa solução para um possível sentido na vida surgiu com a mentalidade que liga as conquistas profissionais ao seu valor pessoal, e por tanto a felicidade. Com o passar do tempo, tal ideia levou as pessoas a se tornarem robôs, reféns dos prazos e das produções, não dando mais valor à arte, à cultura e até mesmo valores humanos como amor e compaixão. Infelizmente, isso contaminou a todos, inclusive minha família, e pensei que também tinha me contaminado, mas a dança, os valores e até mesmo o tempo tinham um significado maior para mim.

Apesar dessa parte de mim, a pressão para escolher o caminho considerado mais racional e ignorar as partes mais humanas só aumentava. Eu estudava dia e noite, afinal, tempo significa dinheiro e dinheiro significa felicidade, porém a presença de um possível atalho para meu objetivo passou a ocupar minha mente. Por conta desse desejo pelo uso máximo do potencial da mente humana, uma das tecnologias mais revolucionárias desse século surgiu: o doping cerebral.

Foram criadas pílulas, que permitiam que nós humanos usássemos mais de 80% da capacidade de nossos cérebros, tornando



Onde mora a felicidade?





infinitamente maior a consciência do mundo a nossa volta e de nós mesmos. E por causa do trabalho dos meus pais, meu acesso a elas era relativamente fácil, já que eram muito utilizadas em diversos cargos e pesquisas, mas estritamente proibidas em provas como a que eu faria para estudar na faculdade que queria e seguir o mesmo rumo que todos.

Um dia antes do teste da Technos Metropolitan, meu medo de falhar e não me tornar aquilo que esperavam de mim, aquilo que eu precisava ser, tomou conta. Eu roubei os comprimidos de doping cerebral, pois pensei que eles iriam garantir meu futuro, que por mais que eu tivesse me preparado da melhor maneira, nada alcançaria o que os medicamentos proporcionavam. Mas agora me restava pensar em uma coisa: como passar pela segurança sem ser pega pelos detectores do doping? Não sei se alguém já tentou fazer o que estou fazendo, nem mesmo se tiveram sucesso, mas decidi arriscar. Tomei três comprimidos, alguns antes de dormir, pois o efeito aumentava com o tempo. Ignorei os possíveis efeitos colaterais e torci para que elas me dessem alguma ideia a tempo.



Na manhã seguinte, acordei com o som dos passos no andar de baixo, no horário exato em que eu precisava. Era como se meu cérebro tivesse se programado enquanto eu dormia e tudo agora fazia mais sentido. Via tudo com mais clareza, clareza o suficiente para pensar em um jeito de burlar os detectores. Então cheguei no local combinado, passei por tudo de uma forma que mal consigo lembrar muito menos explicar, mas o que realmente importava era que quando me sentei para ler as questões, percebi que mesmo com toda aquela inteligência, eu não poderia fazer aquela prova.

Mesmo sabendo responder todas as perguntas com facilidade quase sobrenatural, terminei de ler a avaliação sabendo que nada daquilo valeria a pena. Do que adiantaria passar em uma





faculdade e ter aquela vida infeliz, viver todos os dias igualmente e caminhando para um fim igual a todo mundo? Eu seria aceita, mas isso não significaria felicidade real, e agora eu via.

Então eu me levantei e fui para a casa. Quando cheguei lá, grande parte do efeito já havia passado, porque apesar de incrível, aquelas tecnologias não eram perfeitas nem durariam para sempre. Era preciso explicar tudo para meus pais da maneira mais comum e humana possível. Meu pai demorou a entender. Ele ficou decepcionado pelo roubo das pílulas e não entendia essa mudança de mentalidade repentina, mas não tentou me impedir. Acho que ele compreendeu aquela agonia sobre a vida em nosso tempo, talvez compartilhasse do meu desejo de viver algo diferente, de ser algo diferente. Minha mãe ficou horrorizada, mas após muitas conversas com meu pai, acho que ela começou a aceitar mais.



Apesar de ser um atalho tecnológico extremamente imoral, a dose maior do que o recomendado e até mesmo testado das pílulas me mostraram o que eu precisava ver, toda a consciência trazida por elas banalizou sua própria função, pois me mostrou que sem toda essa pressão da carreira ideal, eu estava livre para seguir meu sonho de dançar e aguardar o que o futuro sem mais nenhuma pressa.

Após tudo isso, a única dúvida deixada por elas é a de que se todas as outras pessoas tomassem a mesma quantidade que eu, elas chegariam à mesma conclusão? E se chegassem, nossa sociedade rumaria para um caminho completamente diferente? Não tive tempo o suficiente para pensar nessas questões, nem mesmo para considerar contar dessa minha trapaça para outras pessoas e revelar a realidade sobre nossas rotinas infelizes, não tive nem tempo para pensar sobre os efeitos colaterais da quantidade que usei.



Onde mora a felicidade?





O verdadeiro significado de felicidade

Giovanna Buranello Rocha

Em 2250, existia uma garota cheia de fé chamada Sophia Smith que apesar de ter passado por alguns bons momentos, vivia muito triste, assim como todos do planeta Terra.

Ao chegar em casa, a jovem foi diretamente para o seu quarto e começou a pensar sobre o seu mundo perfeito, pois tinha esperança de que um dia aquilo aconteceria. Apesar de tudo, de todas as orações, tantos desejos a sua realidade nunca mudou, então ignorou tudo e foi dormir.

No outro dia de manhã, acordou bem agitada para ir trabalhar e ao pisar fora de casa, reparou que algo não estava certo. Ao perceber o que tinha acontecido, surpreendeu-se: o bairro tinha mudado completamente. Estava exatamente do jeito que imaginara antes de dormir, todos estavam sorrindo, se respeitando, seu bairro estava perfeito. Cada vez ela ficava mais feliz, afinal, as notícias de machismo, homofobia e racismo não estavam mais presentes nos jornais do mundo inteiro.



E foi assim que se passaram um, dois, três dias, três semanas, e em mais de seis meses a vida de Sophia continuava incrível e a de todo mundo também. Porém, uma coisa muito estranha estava decorrendo pelas últimas semanas com a menina, e depois de suas pesquisas percebeu que não era apenas com ela, e sim com as pessoas do mundo inteiro. Todos os habitantes relatavam um atraso em seus dias, no qual eles pareciam travar e voltar na hora passada. Mas que sensação era aquela? Estariam em um jogo? O que estava acontecendo?

Senhora Smith, como uma grande curiosa, foi procurar explicações, e com o apoio de seus amigos se dirigiu até o governo



e outros contos de ficção científica





e tentou pedir para que ele fosse atrás de explicações sobre aquele bizarro acontecimento. Disseram que não era nada além de uma impressão e que não havia o que se preocupar. Algumas pessoas ficaram com suspeitas em relação àquilo, não era possível que fosse apenas uma impressão uma vez que todo mundo estava sentindo a mesma coisa. Já que a governança não podia fazer nada, eles desistiram de insistir e seguiram em frente mesmo com aqueles acontecimentos.

Após um ano, tudo parou, mas dessa vez foi um pouco diferente, o mundo pareceu voltar a ser como era antes, triste, consumista, sedentário, preconceituoso e tudo de ruim a oferecer. Sophia ficava cada vez mais triste, e estava muito mais do que a 365 dias atrás...

O mundo inteiro, inclusive o governo, percebeu o quão ruim estava a vida depois dessa mudança repentina e os governadores do planeta todo com muito arrependimento decidiram se pronunciar. Nisso pediram mil desculpas por não ter feito o máximo para o mundo mudar e acabaram indo pela solução mais fácil. Explicaram que ao anoitecer, todas as pessoas que tinham a ver com o governo foram contratadas para colocar uns óculos de realidade virtual que estimulava a dopamina em cada um dos habitantes para que eles vivessem felizes e em seu mundo perfeito, o que deu certo no início mas depois o sistema começou a falhar e então desistiram. Foi ali, naquele momento, que Sophia realmente entendeu como funcionavam as coisas. Não era assim que se conseguia felicidade, nem com objetos, nem com dinheiro e sim com momentos diferentes, praticando esportes, estando perto de pessoas que amamos e coisas desse tipo.

Ela acreditou que todos além dela começaram a pensar assim, por que depois disso, começou a reparar que as pessoas tinham melhorado seu comportamento e se tornado melhores. O mundo havia evoluído e estava tão feliz quanto nunca!



Onde mora a felicidade?





Felicidade Crônica

Giovanna D'Alessandro Menzzano

Naomi nunca foi uma garota muito feliz, pois em sua infância não tinha muitos amigos e sofria bullying na escola. Ela morava no Japão, que segundo pesquisas, era o país mais infeliz e consumista. Sua mãe faleceu quando a menina tinha apenas 10 anos, porém seu pai era muito presente em sua vida e fazia de tudo para alegrá-la.

Quando tinha 25 anos, em 2197, havia se tornado uma pessoa muito bem-sucedida e ganhava bem. Ela era advogada. Naomi tinha muito dinheiro, então comprava muitas coisas para tentar se sentir feliz, mas isso não funcionava. Podia até durar por algumas horas, mas sempre era uma alegria passageira. Por mais rica que ela fosse, não conseguia comprar o que mais queria, a felicidade, e continuava muito solitária e triste.



Há algum tempo, anunciaram um planeta chamado Volcano, que diziam fazer as pessoas felizes. O percurso era muito arriscado, então não era muita gente que tentava ir até lá e Naomi gostaria muito de tentar, para conseguir ser feliz. Para chegar ao local, ela precisava de um carro voador potente o suficiente para aguentar todo o percurso. A menina foi à concessionária e comprou o carro Stasz 2100, que tinha todas as características que ela queria e precisava. Não era o primeiro com esse tipo de habilidade, porém, o mais desenvolvido deles. Após isso, pegou suas coisas e começou seu trajeto.

Já fazia 40 dias que a garota estava no percurso para Volcano. Já tinha visto muitos meteoros, estrelas e planetas como Marte e Saturno, quando finalmente avistou o planeta que estava buscando.



e outros contos de ficção científica





Depois de dois dias, ela chegou ao tão esperado lugar. Era muito bonito, cheio de árvores, sem poluição, sem racismo, sem preconceitos, basicamente um mundo perfeito, com pessoas muito felizes, parecia o paraíso.

Após chegar, estacionou seu carro, começou a caminhar pelo lugar e encontrou uma casa à venda. Entrou em contato com o telefone escrito no cartaz e conseguiu comprar a casa. O lugar não era muito grande, afinal só ela moraria lá, então três dias depois, sua casa já estava com suas coisas e arrumada do jeito que queria. Ficou um tempo descansando, até que decidiu ir ao hospital ver como fazia para ser uma pessoa feliz. O médico explicou que ela deveria tomar uma pílula composta de dopamina, um neurotransmissor ligado à sensação de prazer e motivação. A garota devia tomar um comprimido a cada dia, durante 50 dias, assim, se tornaria feliz para sempre, pois a cada pílula, o tempo de efeito do remédio aumentava.



Depois dessa conversa, a menina foi para casa e tomou a primeira cápsula. Sentiu-se como nunca. Era a sensação de felicidade. Mas depois de não muito tempo, esse efeito de felicidade estava diminuindo aos poucos e Naomi não queria isso. Ela decidiu tomar muitos desses remédios para ver se ficava feliz mais rápido, mas não foi exatamente isso que aconteceu. A garota começou a sentir seu pulso fraco, boca seca, sono, dor de estômago e desorientação, então foi ao hospital urgentemente com seu carro voador no automático.

Chegando lá, a garota foi identificada com overdose. Foi internada, porém acabou não resistindo. Seus olhos aos poucos foram fechando, e passou um flashback de sua vida. Lembrou de muitos momentos, como os com seu pai, quando comprou seu carro, quando foi ao novo planeta, e muitos outros. Naomi percebeu que sempre foi feliz, apenas não conseguia enxergar. E então ela morreu não conseguindo aproveitar a vida como poderia.



Onde mora a felicidade?





Felicidade: ter ou ser?

Giovanna Takahashi de Mello

No ano de 2020, havia uma menina que era apaixonada por ciência e o grande sonho dela era viajar no tempo, ver como as coisas estariam daqui a 20 anos. Ela queria ver se ainda existia vida na Terra, se tudo estaria muito tecnológico, se a ciência já estaria muito avançada ou se ela mesma ainda iria estar viva.

Estudava em uma das maiores faculdades de Ciências e Tecnologia do mundo, e o seu grande objetivo era inventar essa máquina que a levaria ao futuro. As pessoas a chamavam de louca, maluca, até esquizofrênica, mas ela não ligava. Após as aulas, continuava na escola para usar as sucatas que sobravam para montar a máquina que a transportaria ao futuro.

Utilizando os conhecimentos que adquiriu na faculdade, finalmente a garota conseguiu montar o projeto da máquina do tempo. Era a primeira noite de teste do seu grande projeto e ainda não sabia se o equipamento iria funcionar. Na primeira verificação, para o espanto de sua criadora, a máquina incrivelmente começou a fazer barulho e tudo começou a rodar.

De repente, um barulho ensurdecedor e um clarão envolveram a menina! Era como uma viagem para outra dimensão, um furo no espaço-tempo, que, segundo os seus professores, seria completamente impossível.

Quando abriu os olhos, a menina se deparou com uma multidão em sua volta. Ela havia sido transportada pela máquina para um lugar desconhecido. Caída na calçada, todos perguntavam se ela estava bem. Suas roupas e sua aparência estavam completamente desconectadas com aquela realidade.



e outros contos de ficção científica





Desesperada, levantou-se e olhou ao seu redor. Parecia com sua cidade, mas estava tudo tão estranho, havia telões exibindo propagandas em todo lugar, carros voando, robôs, skates flutuantes. Saiu correndo para perguntar para alguém em que ano estavam e se surpreendeu ao descobrir que era 2125. Mais de um século havia se passado!

Queria sair correndo para descobrir como estava o mundo, mas para isso ela precisava conhecer as pessoas nesse seu novo presente. Decidiu entrar num shopping e viu objetos extremamente diferentes, tênis que corriam sozinhos, robôs que substituíam pessoas, remédios e pílulas antienvelhecimento! Havia filas enormes em todas as lojas, pessoas brigando por objetos e obcecadas por compras. Ela ficou muito assustada e se perguntava o porquê daquele consumo exagerado.



Observou as pessoas ao redor e resolveu conversar com um velho homem que sentou ao seu lado na praça de alimentação. O que justificava aquele comportamento? Porque tanto consumo? O homem disse à jovem garota que as pessoas achavam que as compras trariam a felicidade. Ninguém mais valorizava a amizade, a família e uma boa conversa. Ela estranhou, pois felicidade não era somente sobre bens materiais. Na verdade, as pessoas estavam tentando substituir o vazio da solidão por compras.

Foi aí que percebeu que deveria fazer alguma coisa. Queria mostrar que a felicidade poderia estar nas pequenas coisas ou nas atitudes de alguém importante. Pegou seu celular e viu se a plataforma *Youtube* ainda existia, e resolveu gravar um vídeo explicando a felicidade em seu ponto de vista.

Após algumas horas, o vídeo havia viralizado, as pessoas começaram a perceber o que era realmente a felicidade. Chegaram à conclusão de que bens materiais não poderiam substituir os sentimentos: a amizade, o amor ou o carinho recebido de uma pessoa querida.



Onde mora a felicidade?





Todo final feliz tem as suas (im)perfeições

Giulia Borella Paschoalin

A pandemia de 2020 causou transtornos psicológicos na população e diversos problemas na economia mundial. Os cientistas percebendo a gravidade do ocorrido, criaram um carregador da felicidade que possibilitava alegria e disposição. Durante 175 anos a população viveu deste modo, sem nenhum sentimento real. Para garantir essa carga diária de felicidade, antes de dormir, cada um se conectava a seu carregador.

Uma noite houve uma falha no sistema e todos os carregadores pararam de funcionar. Esse assunto ganhou destaque em todas TVs, jornais e blogs e ninguém conseguiu prever o que aconteceria nos próximos dias. Apesar do empenho dos cientistas, não foi possível solucionar o problema do sistema e uma pesquisa de longo prazo foi iniciada na esperança de resolver o contratempo.



Com o passar dos dias, todos estavam sem carga e, portanto, sem felicidade. A população desesperada, buscando um pouco de prazer, começou a comprar tudo que tinha vontade, na esperança de se sentir novamente feliz. Mas, não adiantou, a tristeza e desânimo predominavam entre todos.

As pesquisas estavam avançando muito lentamente. Descobriram a existência de um neurotransmissor natural chamado dopamina, responsável pela estimulação da felicidade em estudos passados.

Um cientista denominado Marcello James, preocupado com a situação do planeta, resolveu se aprofundar no assunto. Constatou que o problema era bem maior do que o imaginado.





Começou a estudar métodos de como ativar a dopamina no corpo humano e convidou um grupo de amigos para juntos pensarem em uma solução.

No dia do primeiro encontro, ele estava se sentindo completamente indisposto. A infelicidade estava em um nível tão extremo que até o sono estava prejudicado. Porém se obrigou a ir, pois sabia que precisava ajudar o planeta de alguma maneira.

Após algumas reuniões, mesmo não tendo sucesso nos estudos, o cientista começou a se sentir cada vez melhor, não só ele, mas também seus amigos. Era uma sensação muito boa, uma sensação real que nunca experimentaram. Por curiosidade, decidiu fazer um experimento com dois grupos de cinco pessoas. Em um deles, cada indivíduo ficou isolado em salas confortáveis, e no outro, todos juntos em um ambiente aconchegante.

Durante algum tempo, Marcello observou o comportamento de ambos os grupos. Notou que no segundo grupo as pessoas estavam diferentes, com bons sentimentos por estarem trocando experiências, conhecimentos e histórias de família, mesmo que algumas vezes discordassem de opinião e discutissem. Alguns exames foram realizados, evidenciando o aumento da dopamina nesses indivíduos. Ao fim do experimento, chegou à conclusão de que a felicidade reside nas pequenas atitudes vivenciadas. Após a publicação de seu estudo que teve um grande alcance, todos passaram a se encontrar mais com amigos e família, fazer passeios e a real felicidade começou a ser um sentimento presente na vida de todos. Também revelou para população que todos os sentimentos são importantes e devem ser valorizados, porque a vida é perfeita mesmo que tenha as suas imperfeições.



Onde mora a felicidade?





O segredo da máquina

Guilherme Jorge Traldi

O dia 28 de julho de 2023 foi histórico para a sociedade ucraniana, graças a uma invenção que foi capaz de encerrar a guerra contra a Rússia.

Tudo começou quando alguns soldados russos invadiram a casa de um cientista ucraniano chamado Cameron, roubando sua nova invenção. Aparentemente era um carro comum, mas com design muito diferente e especial. Os russos não notaram os recursos e poderes desse carro. Cameron implorou para que os russos o deixassem partir e, para convencê-los, resolveu revelar os poderes do carro. Ninguém, entretanto, deu ouvidos a Cameron, que foi fuzilado com três tiros no peito.



Quando os russos chegaram ao quartel com o carro, o general perguntou:

– Mas o que é isso?

Os soldados responderam que era um carro fabricado pelo renomado cientista Cameron. O general então ordenou:

– Vamos usar esse carro. Ele parece ser muito veloz. Pode ser útil nos próximos combates.

A guerra já durava cerca de três meses. Os russos estavam em ampla vantagem, tendo conquistado diversos territórios da Ucrânia. Certo dia o filho de Cameron, o soldado Eggsy, avistou o carro fabricado pelo seu pai. Como tinha participado da construção do veículo, sabia que ele era capaz de voar e emitir um gás tóxico com potencial de fazer todos dormirem por oito horas.

Eggsy conseguiu distrair os soldados russos e se apoderou do carro. Foi quando iniciou um voo rasante e soltou o gás





tóxico sobre o exército russo, que imediatamente caiu em sono profundo.

Os ucranianos se aproveitaram e retomaram as bases conquistadas pelos russos. Percebendo que não seriam capazes de enfrentar essa nova invenção, os russos desistiram da guerra. Eggsy recebeu uma medalha de honra sem seu nome e de seu falecido pai.



Onde mora a felicidade?





2ª Guerra Intergaláctica

Gustavo Prata Luz

Lembro de uma frase que meu avô dizia “Estar feliz é a melhor maneira de resolver os problemas da vida”, e acho que, parando para pensar, essa frase cabe para mim. Eu sou Arnold e há 4 anos me mudei para um cafofo sujo e bagunçado, após uma briga com os meu pais. Mas como qualquer adolescente, a única coisa que pensava era em festas e compras on-line.

TOC! TOC! TOC! Acho que alguém estava na porta... Há muito tempo não recebia visitas, da última vez foi um agiota me cobrando umas dívidas. Mas atrás da porta estava... Um robô?!

Não era muito comum vê-los em Vênus, mas pelo visto o progresso chegou e logo como um bom terráqueo, convidei-o para entrar.



Mesmo sendo um robô, tinha características humanoides. Abri a geladeira quase no ponto de oferecer alguma coisa, mas como sempre estava vazia. Ele me adiantou:

– Estou aqui pelo seguinte motivo: Você foi convocado para a guerra intergaláctica que está por vir. Amanhã nossas tropas virão te buscar você queira ou não. Secamente terminou sua frase e foi embora.

Bem ... pelo visto, meio que fui obrigado a entrar para as forças armadas. Mas amanhã?! Não estou preparado o suficiente, só sei que naquela noite eu dormi muito mal.

Já era de manhã, as horas se passavam lentamente enquanto estávamos no caminhão do exército. Digo estávamos porque além de mim havia outra pessoa. O seu nome era Jaque, ele era um ciborgue de braços e pernas biônicas ligadas ao seu cérebro.





Jaque era o meu parceiro de tenda e, assim como eu, era um imigrante, mas vinha de Marte.

Ao chegarmos, percebi que todos que estavam ali no campo de batalha não tinham as características do povo que vivia em Vênus (Olhos arredondados e coloração avermelhada). Pelo visto, o governo não queria mandar seus “cidadãos de bem” para a guerra.

Olhei para o céu por um instante e logo percebi que um furacão se aproximava, mas não tinha com o que se desesperar, aqui em Vênus eles eram bem comuns, como chuvas de verão. Mal sabia eu que algo tão comum, acabaria com a vida de milhões. Descobri que coletavam toda energia vinda deles para transformar em armas nucleares. Me acostumei mais ou menos com a ideia, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Durante as batalhas, vi muitos morrerem diante dos meus olhos. Nunca pensei que uma granada poderia me atingir. E foi isso que aconteceu. Estava perdendo muito sangue, mas conseguia sentir alguém me arrastando. Não sei quanto tempo se passou, mas quando vi acordei em uma barraca e ouvi uma voz familiar:

– Meu filho! que bom que eu te encontrei! Sua mãe e eu procuramos notícias suas por quatro anos. Vamos para a Terra!
– disse ele.

Logo depois, papai me explicou, que assim como eu, foi convocado para a guerra, mas logo desistiu com medo de não voltar para casa para ver minha mãe. Decidiu montar um pequeno abrigo para soldados feridos. Foi assim que ele me encontrou no meio do campo de batalha todo machucado. Também descobri que sua principal função como soldado intergaláctico era destruir aquela máquina que transformava a energia de furacões em armas nucleares, por isso ele andava por aquelas bandas.



Onde mora a felicidade?





– Mas assim de repente? Não posso deixar todos. Depois de muito tempo tenho um amigo com quem me divirto.

– Humm, acho que tive uma ideia! – Disse ele.

Daquele dia em diante, meu pai e eu montamos um abrigo para soldados feridos, e o único que sabia da nossa existência, além de nós mesmos, era Jaque, é claro. Ele nos ajudava a levar os soldados feridos. Depois de 4 anos, estava resolvendo os problemas da minha vida, e me dava bem com o meu pai.

No fim da guerra, papai e eu voltamos para casa. Depois de tudo que passamos, refleti que a felicidade não se tratava do que você tinha, e sim do que você era.





A fuga eterna, pela arrogância de outros

Heitor da Costa Botura

“**I**nício da gravação. Oi, eu não sei se eu vou estar vivo até o ano 5637, mas o verdadeiro motivo de estarmos dentro das muralhas não é porque nosso corpo só funciona dentro das muralhas, é porque (Áudio cortado)”

– E sempre esse áudio cortado, por que eu não me lembro do que eu mesmo disse. Desde que eu entrei para essas muralhas eu não lembro de nada sobre o que tem lá fora, nem nada sobre nossos criadores...

– Bem, parece que nós dois nunca descobriremos o que tem lá fora sem sair daqui de dentro, né?



– Aparentemente sim, mas, mesmo assim algo me diz que o que tem lá não é algo bom, porque se fosse não teria motivo para o nosso presidente esconder o que tem do outro lado das muralhas, e o nosso pai que já esteve lá fora não me deixa ver aquele porão sinistro dele, e você insiste nisso todo o dia não é mesmo 0046?

– Não me chame desse jeito 0045, eu já disse que eu não gosto desse nome de fábrica. Mas voltando ao assunto, quer invadir?

– O que?! Você sabe o quanto ele insiste para nós não entrarmos lá.

– Eu vou invadir então.

0046 começa a andar em direção ao porão, 0045 começa a ficar com medo dele realmente entrar no porão. 0046 parece realmente decidido sobre esta questão, mas antes que 0045 pudesse fazer qualquer coisa, seu irmão já estava abrindo a porta do porão.



Onde mora a felicidade?





– Sai daí, cara!!

– Cala a boca, moleque medroso, entra logo aqui.

0045 cede e aceita a proposta, os dois entram no porão e depois de procurar um pouco, encontram algo muito intrigante...

– Cara!! Eu acho que essa gaveta tem alguma coisa.

– Então abre logo!

0046 abre a gaveta e encontra uma foto de seu pai com um humano.

– O que? Mas os humanos não haviam sido extintos a tipo, vinte mil anos atrás?

Após está descoberta, um alarme é tocado dizendo que “Eles” invadiram as muralhas e que todos deviam se deslocar aos portais de teletransporte imediatamente, os dois acabaram demorando para sair do porão, e momentos depois eles escutaram pessoas gritando em sua porta.

– Abram a porta, seus androides de merda!

A porta foi arrombada e os dois tentaram se esconder no porão, mas foram encontrados e assassinados por humanos com uma faixa no braço com um símbolo “anti-androide”, e com bordados escritos em suas roupas que diziam: conquistadores e colonizadores de terras hostis. No final o que realmente tinha fora das muralhas e o motivo de não se lembrarem de nada lá fora, nem mesmo de seus criadores, é porque os próprios criadores (humanos) estavam assassinando os androides para a expansão da raça humana, a verdade sobre o universo em que viviam era essa, fugir, reconstruir, estabilizar e fugir novamente, eles viviam nesta fuga eterna por causa da arrogância dos seres humanos.





Meu amigo androide

Helena Finco Del Nero

O ano era 2050. Caroline, tinha 78 anos, morava em uma mansão. Ela se sentia extremamente solitária, pois seus filhos já não a visitavam mais e seus netos pouco a conheciam. Sentia-se infeliz, pois em sua casa nunca tinha ninguém. Caroline já não trabalhava mais como jornalista, mas tinha alguns hobbies como a marcenaria e o tricô. E apesar de ser idosa, gostava muito de tecnologia.



Mas já estava farta de viver nas sombras da solidão e chegou à conclusão de que precisava de amigos e de interagir com as pessoas e também um empregado para ajudá-la, pois já estava com uma idade avançada. Foi então que decidiu fazer um ajudante e um amigo. Com seus materiais, decidiu colocar em prática sua grande ideia.

Após um mês construindo, finalmente o androide ficou pronto. Depois de muita ansiedade, seu experimento já estava finalizado. Então, Caroline apertou o botão vermelho para ligá-lo. Seus olhos mecânicos se abriram lentamente, sua invenção tinha funcionado. O androide era exatamente como tinha presumido, era justamente como um ser humano comum. Seus cabelos e olhos eram castanhos e de altura mediana. A inventora deu a ele o nome Charlie.

Alguns dias depois, tudo tinha mudado. A vida da senhora estava completamente diferente, Charlie fazia o jantar e a ajudava a cuidar da casa, os dois estavam unidos como grandes amigos, parecia que se conheciam há anos. Assistiam todos os dias a programas de televisão e ele fazia companhia a ela.



Onde mora a felicidade?





Começou a sair frequentemente para o parque e não ficava mais apenas dentro de sua casa.

O androide e sua amiga iam todos os dias ao clube do livro. Ele tinha ajudado Caroline a se socializar com outras pessoas e isso foi muito positivo para ela. Ao construir o androide, Caroline havia ligado sua memória a dele, para ficar mais fácil de Charlie ajudá-la. Mas todos os dias, às 8:30 da manhã, Charlie se medicava com uma grande dose de dopamina, pois caso contrário, ficava sem vida e sem energia para nada.

Um ano se passou e a idosa já não tinha mais a mesma saúde, já não era mais a mesma. Após ela descobrir que estava com Alzheimer, o androide a ajudava muito mais, pois a doença comprometia muito sua memória. Ele a ajudava com os remédios e todos os cuidados que ela precisasse. Depois de algum tempo, a velha senhora ficou muito esquecida e seu ajudante também. Charlie estava se esquecendo de tomar sua dose de dopamina, e Caroline já não tinha memória para lembrá-lo.



A moribunda já estava muito enfraquecida e seu amigo androide estava quase sem energia, com sua memória extremamente afetada, após uma semana sem tomar seu hormônio. Caroline não ia mais ao clube do livro que tanto gostava, pois estava de cama quase o tempo todo.

Após algum tempo, Caroline já estava à beira da morte. Seus olhos não conseguiam ficar mais abertos. A única coisa que conseguia fazer era dormir e sua respiração estava muito ofegante. Os médicos dela comunicaram que sua doença estava em um estágio muito grave e não havia mais o que pudesse ser feito. Foi então que, deitada em sua poltrona, deu o último suspiro. Charlie estava sem forças, pois não tomava mais a dopamina. Ele apenas olhava para frente como se não soubesse onde estava e nem o que estava acontecendo. Foi assim que seus olhos mecânicos se fecharam.





Nem toda a história tem seu final feliz

Helena Magrin Anechini

Minha ocupação era contador público, um dos empregos mais bem pagos do país. Passava meus dias observando os carros pelas estradas enquanto ficava sentado na cadeira conversando com os empreendedores. Sempre me dediquei muito ao trabalho, não porque gostava do emprego, mas sim porque gostava do que recebia em troca.

Sempre fui muito solitário, nunca tive a sensação de realmente ser feliz, a única coisa que tinha eram os bens materiais. Se eu não estivesse no trabalho, estaria em alguma loja gastando meu dinheiro, e foi assim por um bom tempo, igual à grande parte de habitantes do meu país: Japão, segundo pesquisas, o país mais infeliz e um dos mais consumistas do mundo.

Ao longo do tempo comecei a me sentir vazio e triste. Não tinha mais vontade de realizar minhas atividades do dia a dia, ficava cansado constantemente e tinha problemas de sono. Porém, esses sintomas começaram a afetar meu trabalho, e assim resolvi ir ao médico. Fui diagnosticado com depressão. Não imaginei que algo assim aconteceria comigo, me considerava feliz pelo que tinha, mas não parecia ser o suficiente. Não imaginava ficar afastado do emprego, então logo questionei sobre minha recuperação. O tratamento era focado principalmente na melhoria da qualidade de vida, mudando rotina e hábitos. Não queria mudar aquilo, era muito habituado ao meu cronograma, além de que não gostaria de gastar dinheiro com o tratamento se tinha a possibilidade gastar com outras coisas. Por mais que os médicos não indicassem, resolvi optar por outro caminho.



Onde mora a felicidade?





A pílula da felicidade foi criada por cientistas recebendo o nome de Felicilol, e representava a revolução dos antidepressivos, porém atuavam ainda mais forte no cérebro, modificando e corrigindo a transmissão neuro-química em áreas do sistema nervoso que regulavam o estado do humor.

Não sabia nada na área farmacêutica e médica, mas percebia que o medicamento não estava fazendo efeito, e foi aí que resolvi tomar algumas pílulas a mais. Aos poucos fui perdendo muito peso, não intencionalmente, e continuei tendo problemas no sono, porém ainda mais frequentes. Vomitava após todas as refeições, tinha contrações musculares, e acabei parando no hospital. Fiquei lá por muito tempo, o dia inteiro fazendo exames, e decidi que estava na hora de mudar.

Nunca valorizei o que tenho, nunca valorizei as pessoas que conheci, estava tão preso ao consumo de produtos que não percebi o que estava acontecendo no meu país. Por que nos prendemos tanto a isso? Dinheiro não traria felicidade, era tudo passageiro. Se essa carta chegou até você, saiba aproveitar todas as pessoas e momentos como se fosse a última vez, porque nem toda a história tem seu final feliz.



Assinado: O eterno Ren





A Chance Perdida

Helena Sichero Vettorazzo

Ano 2983

Acabou o Planeta Terra. Não há mais recursos, natureza ou água limpa. Os animais vivos e o ar puro são extremamente raros, assim como os seres humanos. Graças a nós, homens, e o nosso maldito consumo, nossa ilusão de que quanto mais tivermos mais felizes seríamos. Bem, agora sabemos que isso não é verdade e eu daria tudo para voltar no tempo e mudar tudo.



Eu, Clarisse, estava indo para *Laika*, planeta semelhante à Terra, via transportador, junto a meus pais e outros poucos sobreviventes humanos, todos em busca de um recomeço. Já havia se passado 10 horas de viagem, cada minuto carregado de muito tédio, quando resolvi sair da cabine em que eu e minha família estávamos alojados para explorar o resto da nave que tinha o tamanho de um prédio de 10 andares.

Após percorrer muitas escadas e corredores, cheguei a um ponto sem saída, a não ser por uma porta de metal, que ao abrir, descobri uma sala com uma cápsula na qual mal cabia uma pessoa. Era cheia de comandos.

Entrei na cápsula curiosa por descobrir sua função, quando, de repente, uma turbulência começou e esbarrei em um botão verde. A última coisa que me lembro, foi da escuridão e do frio que me cercavam.

Ano 2963

Acordei atordoada no chão do que parecia ser um beco. Estava perdida e, ao olhar para cima, encontrei um céu azul com



Onde mora a felicidade?





Sol. Achei um pedaço de jornal datado de 25/06/2963, e desesperada, percebi o que estava acontecendo.

Lembrei-me de um artigo que havia lido meses antes, no qual um cientista contava sobre um projeto de máquina do tempo que ele havia criado, e que estaria sendo transportado para *Laika*, para especialistas fazerem testes. A única explicação possível era que aquela cápsula seria o projeto de máquina do tempo e que, ao esbarrar naquele botão, acabei voltando para 2963.

Logo percebi que, se fosse ficar naquele tempo, afinal eu não sabia como voltar para 2983, precisaria de dinheiro para sobreviver. Para isso, minha única opção seria vender meu *Robobox*, uma pequena caixinha que sempre guardava no bolso, que ao ser tocada duas vezes seguidas, virava um robô multitarefas.

Ao sair do beco, percebi que estava na rua do Mercado de Tecnologia, local onde se negociava tudo de mais moderno. Logo me inscrevi para participar de um leilão que estava acontecendo lá e quando chegou minha vez de vender meu produto, subi no palco e fiquei exibindo meu *Robobox* e suas funções. Depois de 10 minutos, veio o maior lance: 20 milhões de dólares, que aceitei. Eu já sabia como o Mercado funcionava, pois meus pais uma vez haviam me levado lá quando eu ainda morava em Nova York, antes da Terra ser destruída pelo consumo.



Indo para o hotel que reservara logo após o leilão usando meu *Newlar* (uma versão atualizada do celular que tinha acabado de comprar no Mercado), passei por uma loja de departamentos e resolvi entrar, já que eu não tinha mais nada para fazer.

Comprei uma bolsa nova e logo instalei o *Postsy*, aplicativo de postar fotos, no meu *Newlar*. Sorri e mostrei minha bolsa recém-comprada, apesar de estar sentindo muita saudade da minha família e de não estar nada contente. Mas quem precisava saber? Afinal, se todos eram felizes eu também deveria ser, ou pelo menos fingir estar me sentindo assim.





Quando estava saindo da loja, avistei o *Tectênis*, um tênis super tecnológico que sempre quis comprar, mas nunca tinha conseguido por causa de seu preço exorbitante. Bem, aí estava a oportunidade, e resolvi comprá-lo. Se eu não tinha minha vida com meus pais no futuro, pelo menos teria o tênis, que compensaria a falta que eu sentia deles. Era tudo que precisava no momento para me sentir melhor: compras, compras e mais compras.

Ano 2983

Acabou o Planeta Terra. Não há mais recursos, natureza ou água limpa. Os animais vivos e o ar puro são extremamente raros, assim como os seres humanos. E eu, infelizmente, contribuí para isso ao cair na tentação do consumismo como se fosse me fazer mais feliz.



Onde mora a felicidade?





A pedra da felicidade

Helena Ucha Campos Fragelli

Após mais um longo e cansativo dia de trabalho e vivendo como uma pessoa normal, no ônibus, Regina abriu suas redes sociais e viu diversos posts de famosos que tinham uma vida “incrível”, com carros e roupas de luxo, que saíam para comer fora com os amigos todos os dias e sempre iam para festas.

Regina chegou em casa exausta e triste pela vida comum que levava. Foi recebida com um jantar simples feito por sua família, porém a jovem desprezou a ação de carinho de seus familiares, dizendo que estava cansada de ficar na mesmice de sempre, com jantares simples e apenas a sua família ao seu redor. Ficou triste e revoltada por sua vida ser tão monótona, e acreditava que se ela tivesse mais dinheiro, seria mais feliz. Com rudeza e futilidade, a moça foi para o seu quarto e ligou a televisão. Estava passando o jornal, e no meio de tantas más notícias, passou uma reportagem diferente de todas já vistas, e sem dúvidas muito interessante. Nela, o jornalista dizia que, após diversas pesquisas, cientistas descobriram uma “chuva de diamantes” em Netuno. O planeta estava em uma rara condição de cristalização de matéria que continha carbono e hidrogênio, ou seja, elas viravam diamantes e “choviavam”.



Aquela notícia deixou Regina fascinada, pois no seu planeta, a Terra, a única coisa que chovia era água. No jornal disseram que um pedaço de Netuno havia descolado de seu núcleo. Porém, ele estava orbitando no espaço e carregando consigo pedaços de diamante que poderiam a qualquer momento cair na Terra. Por sorte eram inofensivos ao Planeta. A comentarista alertou os



e outros contos de ficção científica





cidadãos a não se aproximarem dos corpos celestes, pois eles estavam contaminados por vírus e bactérias desconhecidas na Terra. A OMS havia recomendado que as pessoas que haviam entrado em contato com os diamantes, deveriam ficar em quarentena por 50 dias. Após este isolamento no mundo, as preciosidades não estariam mais contaminadas, assim como as pessoas que haviam entrado em contato com elas.

Assistindo ao noticiário, Regina pegou no sono e sonhou com uma realidade totalmente distante de sua vida: ela era famosa e amiga de famosos, era muito rica e levava uma vida luxuosa. Entretanto, seu sono foi interrompido por um barulho vindo de seu quintal. Com muito medo, foi olhar o que havia acontecido.

Ao chegar lá, a jovem se deparou com um meteoro cheio de cristais radiantes. A mulher ficou muito feliz, tamanha felicidade que a fez beijar e abraçar os diamantes sem parar. Ela estava muito animada por se deparar com tanta riqueza, ainda mais por ser um acontecimento totalmente inesperado. Desacreditada e com muita pressa, levou o meteoro junto de seus cristais para o seu quarto. Lá ele passou a noite junto deles.

A cidadã amanheceu com muitas ligações de seus familiares, que estavam preocupados, pois ao entrarem no quarto dela e se depararem com os cristais contaminados e a deixaram em isolamento. Porém, a moça nem se importou com o isolamento e o risco de contaminação, pois tudo que ela queria era vender os diamantes após a quarentena, ficar rica e largar toda a sua vida simples e comum para passar a ter uma vida luxuosa, a vida de seus sonhos. Inclusive ela desinstalou as redes sociais de seu celular, pois agora todo mundo sabia que ela era supostamente a mais sortuda. Todos os seus familiares, amigos e conhecidos ficariam mandando inúmeras mensagens para ela, tentando se aproximar e assim tentar ganhar algum dinheiro após a venda dos diamantes.



Onde mora a felicidade?





Durante os 50 dias de quarentena em seu quarto, a futura milionária desprezou toda a sua família e seu grupo de amigos, dizendo que todos eram interesseiros e que ela não via a hora de vender as pedras preciosas.

Até que o tão esperado fim da quarentena de Regina chegou, e ela anunciou na internet que faria leilões para vender os diamantes. Anunciou inclusive a data dos leilões. Entretanto, começou a receber mensagens de pessoas rindo dela, dizendo que só podia ser brincadeira ela querer leiloar diamantes, uma coisa tão comum e ultrapassada.

Desentendida, a mulher foi pesquisar mais afundo sobre o que havia acontecido durante a sua quarentena. Acabou descobrindo que os meteoros também tinham caído em milhares de lugares, em outras casas ao redor do mundo. Todo mundo havia vendido via internet os diamantes e pelo fato de muita gente ter os cristais que antigamente eram tão raros, agora os diamantes não valiam tanto quanto antes.

Todos os milhares de sortudos que tinham diamantes vindos de Netuno venderam suas preciosidades pela internet, com prazo de entrega de 55 dias, assim as pedras não estariam mais contaminadas. Uma ideia que nem passou pela cabeça dela.

Regina ficou muito triste e revoltada por ter perdido tanto tempo da sua vida pra nada. Contudo, não tinha pensado que a família e os amigos dela não tinham tanto carinho por ela quanto antes.

A vida dela passou a ser quase como era antes de toda essa história dos diamantes. Ela perdeu tudo de mais importante que tinha em sua vida, pois na sua cabeça, a riqueza era a perfeita fórmula para a felicidade. Ficou sozinha e havia perdido uma vida que se fosse valorizada, poderia ser feliz. Só por causa da insatisfação e da mania do ser humano de sempre querer mais.





A busca pelo segredo

Henrique Batah de Souza

No ano de 3050, o jogo Fortnelson foi criado. O game consistia em uma vida diferente da real, na qual poderíamos ser quem quiséssemos. Sentíamos dor, raiva, outros sentimentos e principalmente a felicidade, pois estimulava a produção de dopamina devido a um capacete que conseguia estimular neurônios. Os esportes que praticávamos no jogo também faziam efeito na vida real, evitando o sedentarismo.

Antes da criadora do jogo, Stephanie, morrer, ela escondeu a quantia de 50 bilhões de dólares, além da posse inteira do jogo, podendo banir players. Mas para ter esse poder, o jogador teria que derrotar os três maiores chefões, sendo eles: Titã Fêmea, Titã Blindado e Titã Mago.



Joakim havia descoberto um bug que lhe dava as habilidades de um feiticeiro nato, porém o Titã Mago conseguia anular seus feitiços, o que intimidava Joakim, mas por meio deles, consegui derrotar a Titã Fêmea. Era a mais fraca dos três, sendo derrotada facilmente. Já o Titã Blindado foi um pouco mais difícil de derrotar, pois ele tinha uma pele dura como aço.

Mesmo com seus poderes, em uma batalha épica ele foi superado pelo Titã Mago. Então Joakim destruído, pediu ajuda para seu primo Enrico (um dos melhores jogadores do mundo, porém também havia sido derrotado) e em troca dividiriam o dinheiro. O que Joakim não sabia era que primo não queria apenas ajudá-lo, mas sim trai-lo e ficar com toda a fortuna.



Onde mora a felicidade?





Um dos poderes que o guerreiro tinha era ler mentes, por este motivo ele acabou prevendo a traição de Enrico. Após derrotarem o chefão, Joakim recebeu toda a posse do jogo, banindo Enrico e evitando ser traído por ele. Com toda a posse do jogo e os 50 bilhões de dólares, atingiu o que muitos chamariam de felicidade infinita.



e outros contos de ficção científica





A morte por um fio

Henrique do Prado Valladares Seixas Maia

Dia 0- 06:23 AM

Faltam 3 horas para a decolagem do foguete. Nosso destino, o FM80, é um dos planetas mais quentes do universo, com um paraíso infernal de magma, formado por cascatas e oceanos flamejantes. Tempestades de pedras e meteoritos rasgam furiosamente o céu, irrompendo em brutais explosões no solo, com oceanos de lava e tempestades que chovem pedras. A viagem ao mundo dura 12 horas porque usaremos uma fenda no espaço. O tempo de duração de estadia será de 20 dias.



Dia 1/20- 10:12PM

Ao decolarmos, o trajeto pareceu tranquilo, sem nenhum problema muito grande. Porém, quando estávamos passando pela fenda, achei que entrar em algo tão brilhante e chamativo seria prazeroso, mas senti um calafrio, como se algo estivesse errado.

Ao pousarmos, o calafrio se intensificou. O planeta é muito pior pessoalmente. Se não tomarmos cuidado, tudo pode nos matar aqui.

Dia 3/20- 08:57PM

Nos últimos 2 dias, trabalhamos em uma base subterrânea, feita com um aparelho que destrói pedras em segundos. Podemos ficar sem equipamento enquanto estivermos lá.

Fizemos o primeiro mapeamento. Tudo ocorreu bem e agora temos um mapa da região norte. Porém quando ao voltar, uma das paredes da nossa casa ficou fraca. Conseguimos perceber que era magma pura que estava queimando as estruturas.



Onde mora a felicidade?



$$V = \lim_{\Delta t \rightarrow 0} \frac{\Delta s}{\Delta t} = \frac{ds}{dt}$$

$$E = mc^2$$

$$\lambda_{\text{com}} = \frac{hc}{E}$$

$$E = U + K = \frac{1}{2}$$

capitão SW, 57 anos

SW é um dos mais antigos integrantes da SpaceX

Muito sabido e divertido mesmo sendo um pouco calado.

minha maior admiração por SW é sua coragem

Tem uma medalha de "herói" sendo muito reconhecido

Paracetol

equipamento anti-impacto

oxigenio

$$E = \frac{1}{2} m v^2 + \frac{1}{2} k x^2$$

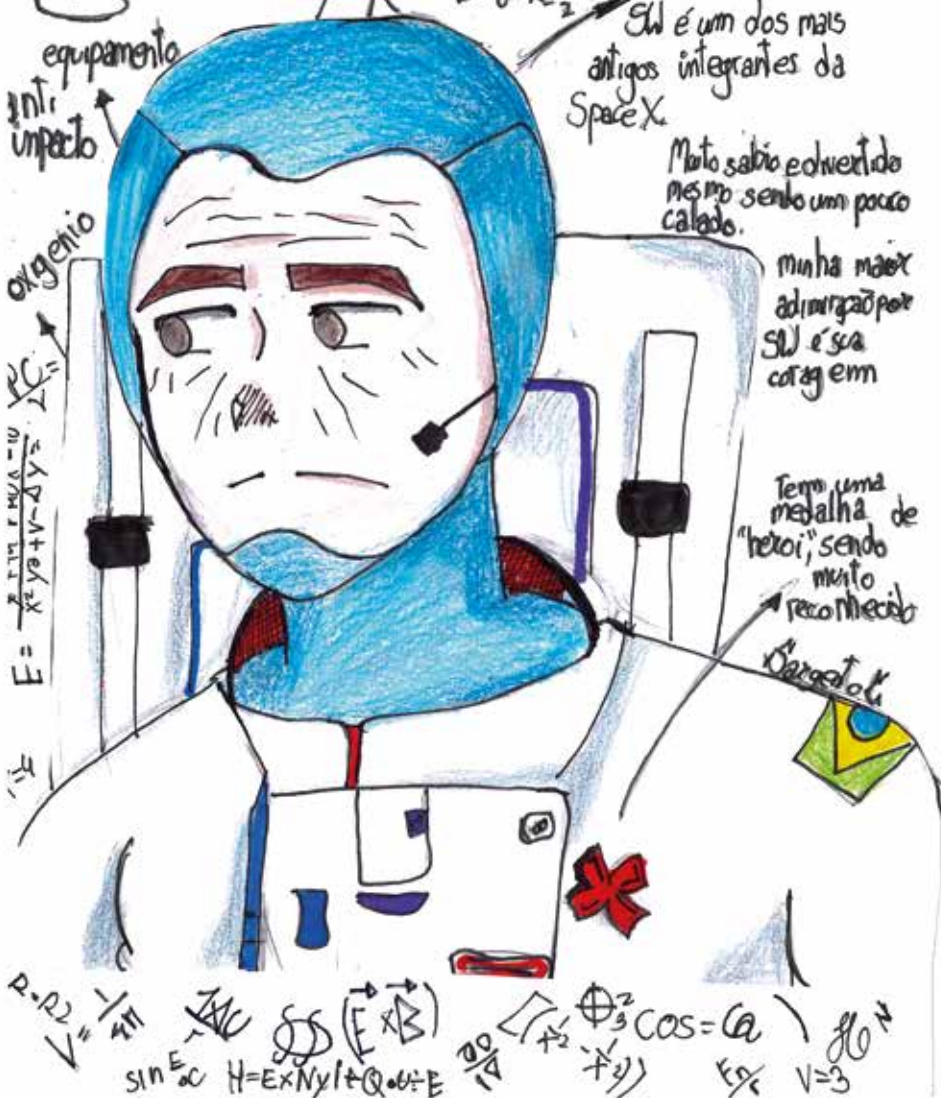
$$v = \frac{dx}{dt}$$

$$R = R_2 = \frac{1}{4\pi}$$

$$\oint \vec{E} \cdot d\vec{s} = \oint (\vec{E} \times \vec{B})$$

$$\sin^2 \theta \quad H = E \times N \quad \text{t} + Q \cdot \omega \cdot t = E$$

$$\frac{1}{4} \left(\frac{1}{r^2} \cos = \frac{1}{r} \right) \quad \frac{1}{r} \quad v = 3$$





Dia 5/20- 06:45 PM

Para resolvermos o problema, derretemos ferro presente em rochas, e colamos na parede para sustentar. Seria útil por um tempo.

Trabalhamos em um comunicador esses dias. Faremos um contato direto com a Terra. Mandaremos uma foto de uma carta em que está escrito:

“Chegamos bem, iremos investigar sobre rochas esquisita. Esta pedra é muito presente aqui.

Assinado – Lider SU, o comandante”

Dia 8/20- 00:31AM

A nossa mensagem chegou a Terra! Receberemos uma resposta em 1 dia e meio.

Fomos fazer um mapeamento da área sul. No meio da caminhada, avistamos uma chama incomum, era incandescente, exalava uma fumaça branca. Era fogo azul.



Imediatamente tiramos uma foto e encaminhamos para os cientistas da Terra. Estamos aguardamos uma resposta.

Dia 12/20- 11:08PM

Recebemos uma resposta da Terra. Abrimos a carta, e dizia que a fenda se rompeu pelo tamanho de nosso foguete que extrapolou limites do portal. Os cientistas estão tentando fazer uma passagem, mas só há 33, 3% de chance.

Dia 15/20- 07:52PM

Quando fazíamos o mapeamento da área leste, encontramos uma caverna que decidimos explorar. Começamos a caminhar pelas rochas flamejantes. SU caminhava pela beirada de uma piscina borbulhante de lava quando uma pedra caiu em seu ombro o jogando para a magma.

Capitão SU estava morto.



Onde mora a felicidade?





Dia 17/20- 08:30PM

Eu não entendo. Tudo que eu faço é para proteger os outros, mas não consigo. Por termos perdido o capitão não sabemos muito o que fazer. Fico pensando que deveria ter sido eu na piscina.

Não causarei mais dor a ninguém, irei me juntar a SU

08:54PM

Quando estava saindo da base, acabei vendo uns colegas vindo em minha direção. Eles disseram que haviam derrubado café em meu diário. Quando foram limpar, viram minhas anotações e principalmente minha última escrita.

Olharam para mim e disseram coisas em que eu havia ajudado, como os problemas estruturais em nossa estadia, sobre minhas descobertas. Me mostraram o que eu não via, minha felicidade. Estava até um pouco envergonhado pela minha decisão, mas fiquei feliz que mudei de ideia.



Dia 20/20- 07:43PM

Eu sei que temos apenas 33% de chance de sobrevivermos, mas ainda tenho fé que há esperança.

Faltam apenas 20 minutos para o término do oxigênio e os meninos me chamaram para jogarmos cartas. No meio do jogo, escutamos um som estrondoso vindo de fora, algo estava nos chamando. Quando saímos da tenda, vimos um estranho buraco rodeado por raios azuis que chamava por nossos nomes. Era a fenda.





O androide que queria ser humano

Igor Mourão Sousa Neves

Em 2050, a Zaun Corp, que é uma empresa que cria pessoas aprimoradas e robôs, buscava fazer algo diferente, algo com consciência. Os robôs construídos eram incapazes de pensar por conta própria. Além de não terem muitos sentimentos.

Sentindo a necessidade disso, decidiram criar um androide que fosse parecido tanto em aparência quanto em mentalidade comparados aos seres humanos. Falharam várias vezes por serem uma empresa pequena e sem muitos recursos a disposição, além disso, ninguém tinha tentado fazer um robô com características humanas, pois as pessoas tinham medo dessa ideia, pelo temor de uma guerra contra as máquinas que já tinham ultrapassado a quantidade de humanos. No final, eles conseguiram criar o androide e o nome dele era Aonium. Ele possuía uma mente livre de ordens e uma consciência, diferente das outras máquinas que eram basicamente bonecos de metal controlados a distância. O androide tinha a capacidade de fazer o que quisesse mundo afora. Mas ele não queria ser feito de metal e fios elétricos, ele queria ser um humano, uma pessoa comum igual a qualquer outra.

Por isso, foi para o Japão, pois acreditava que seria um bom lugar para aprender como se parecer mais humano do que máquina, e com sorte, se tornar um humano como tanto sonhou. Mas ficou assustado quando chegou e viu que o Japão era, na verdade, o pior lugar para seus objetivos, pois aquele era o país mais infeliz do mundo. Sem contar a gigantesca taxa de suicídio.



Onde mora a felicidade?





Até pensou em ir para outro lugar, mas percebeu que eles não eram muito diferentes, com pessoas tentando adquirir felicidade com qualquer coisa, e em alguns casos até se drogando com altas doses de dopamina, na tentativa de aumentar a felicidade.

Por isso, decidiu que iria hibernar para que não tivesse que conviver com aquela realidade tão triste, e porque os sonhos são muito melhores que a realidade...exceto quando acontece os pesadelos.





À procura de um novo lar

Igor Rioli Ferraz

Há 8 décadas, ou seja, por volta de 1970, nosso planeta estava sofrendo com diversas alterações climáticas, muito por conta da quantidade de máquinas a vapor na Terra.

Naquela época, eu era encarregado de comandar a expedição que chamávamos de “A procura da felicidade (PF)”, em que o propósito era achar um planeta em que os seres humanos pudessem de fato habitar, afinal, o planeta Terra já estava quase destruído e tudo isso por nossa culpa.



Naquele ano, o nível de fumaça na atmosfera era imenso e não parava de crescer, parecia que não teria fim, era um caos completo. Pessoas como idosos e crianças não estavam podendo sair de casa, assim ficando solitárias e sem ter aquele mero sentimento de felicidade, somente consumindo para tentar cobrir o vazio. O país que na época sofreu mais com essa alteração climática foi o Japão, muito por conta da sua alta quantidade de idosos que não estavam podendo nem sair de casa. Por isso, foi criada essa missão.

O único planeta do nosso sistema solar inteiro que poderíamos habitar era Marte, já que Mercúrio, o planeta mais próximo da Terra, contava com instabilidades climáticas o tempo inteiro, baixas e altas temperaturas ao longo do ano.

A decolagem estava programada para o dia 09/10/1970, e o destino seria Marte. A cada dia que havia passado, tínhamos certeza de que o lançamento iria ser um sucesso e a América inteira ficaria orgulhosa de nós, afinal, nossa equipe era incrível, tínhamos uma confiança imensa em cada um.



Onde mora a felicidade?





Minha equipe era formada por Rosa, nossa piloto e minha melhor amiga, Austim, nosso mecânico, Jonny e Vanessa nossos astronautas, e eu, Romero, o chefe, a pessoa que iria comandar está fantástica equipe.

Cada dia que passava, íamos nos despedindo dos nossos familiares. A pessoa que eu mais amava e de quem foi mais difícil me separar era meu pai, pois ele desde o começo me incentivou a trabalhar com esse tipo de profissão. Sem ele nada teria acontecido. Era o mentor e eu o aprendiz.

Depois de muita espera e lágrimas, finalmente tinha chegado o grande dia, o momento em que entraríamos para a história da humanidade. Não parava de imaginar a minha equipe na capa do jornal dizendo que foi um sucesso o lançamento.

A decolagem havia sido um sucesso e já estávamos a caminho do planeta vermelho que para nós seria a nossa nova e grandiosa moradia. Foi uma viagem demorada. Havia durado, até aquele momento, cerca de 15 dias ao destino final, até que algo inusitado aconteceu. Havíamos avistado algo estranho, uma luz forte e azulada, não sabíamos explicar exatamente o que era aquilo, nunca havíamos visto antes.



Fomos nos aproximando, quando aquela luz fraca, começou a ficar mais forte, mais intensa a cada metro que andávamos, parecia que iria explodir, e assim foi. Ao chegarmos muito perto, esse fenômeno inusitado, explodiu, fez nossa nave mudar de rota, e como tinha somente piloto automático, a única coisa que poderíamos fazer era clicar no botão que voltava à Terra, nosso planeta natal.

Com tudo isso, podíamos concluir que aquela luz azulada que não parava de brilhar havia sido um tapa de Karma (*Filosofia budista e indiana, que diz que tudo que vai, volta*) na nossa cara, assim dizendo que todo mal que havíamos feito na Terra não justificava nossa transição de lar e que invés de





procurarmos uma moradia, deveríamos mudar a realidade do nosso tão amado planeta. Foi assim que aconteceu, foram anos de restauração e a humanidade havia mudado.

Os humanos começaram a usar transportes públicos, bicicletas e carros elétricos, tudo que poderia diminuir a poluição na atmosfera. Até hoje, nosso passado prejudica o presente.



Onde mora a felicidade?





O domínio dos robôs

Isabella Ceplovitz Salaño

O ano era 2100, e assim como previsto, a tecnologia evoluiu, mas evoluiu até demais. E de formas drásticas. Agora, os robôs controlavam o mundo, os humanos não tinham mais sentimentos e a felicidade deles dependia da tecnologia desenvolvida. Não existia mais contato e nem sociabilização, e a culpa de tudo isso era dos robôs, que acabaram saindo do controle dos humanos. Com isso, os robôs se revoltaram contra os humanos por sempre ter que obedecer e nunca poderem ser livres.

Após essa revolta, as máquinas faziam parte do novo governo, e quando tomaram essa posse, começaram a obrigar os humanos a usar um tipo de chip, que fazia com que não tivessem mais sentimentos e também um tipo de servo dos robôs. Se algum humano se recusasse a usar o chip, ele era eliminado pelos robôs, pois não aceitavam ser contrariados.



O maior objetivo dos robôs dominando o mundo era fazer com que ele se tornasse algo de fins lucrativos e grandes poderes. Eles queriam cada vez mais lucrar e estar no poder. Queriam ter tudo do melhor e sempre se sentiam acima de todos.

Um pouco distante da central de controle dos robôs, havia um homem, um grande cientista que estava sem o chip instalado e não queria de forma alguma ter que se entregar aos robôs. Ele passava todos os dias de sua vida em silêncio e se escondendo de qualquer tipo de robô que pudesse vê-lo. Esperava que tudo aquilo algum dia passasse. Mas se passaram meses e meses e nada mudava, o poder dos robôs só aumentava. Felizmente,





ele não teve seu chip aplicado, ou seja, ainda havia alguma expectativa que tudo pudesse voltar.

Um dia, se cansou de esperar. Estava ficando cada vez mais cansado, fraco e sozinho. Não tinha ninguém ali para fazer companhia, a comida era pouca e o medo de ter que se entregar era grande. Decidiu que teria que fazer algo se quisesse que tudo voltasse ao normal. Sabia que teria que passar por centenas de robôs, mas para não ser descoberto, vestiu uma antiga armadura que tinha em sua casa e foi até a central de comandos.

Conseguiu entrar com facilidade, pois na entrada, os robôs detectaram metal em seu corpo, que na verdade era sua armadura. Ainda não tinham essa perspectiva de diferença. Lá dentro haviam muitas salas, era até fácil de se perder, mas o homem precisava encontrar uma sala específica: a sala principal do sistema que ficava no final de um longo corredor. Ele conseguiu chegar, e lá havia um grande botão vermelho que era trancado por uma senha. Havia também uma outra forma de identificação que fazia aquele botão vermelho ficar disponível. Quando o sistema detectou o metal na armadura do cientista, liberou e o botão ficou disponível.

Ao clicar nele, um forte alarme começou a tocar e o chão começou a tremer. Os robôs foram automaticamente desligados, e os chips instalados pararam de fazer efeito lentamente. O mundo começou a voltar ao seu devido lugar. E o homem cientista ficou conhecido por vencer o sistema e salvar todos dos robôs. Ele era o novo herói universal.



Onde mora a felicidade?





O mundo dos sonhos

Isabella Hong

Jade era uma jovem muito simples e humilde, porém não tinha condições financeiras, isso fazia um lado ganancioso dela. Ela era feliz, porém dentro dela tinha o seu lado triste, pois odiava não ser igual como as meninas mimadas que conseguiam tudo o que queriam na mão. A menina julgava que o dinheiro era a razão do fim de sua tristeza.

A mãe dela se chamava Maria, elas se amavam muito, para a menina Maria era a pessoa mais importante para Jade. Ela trabalhava como manobrista em um restaurante de duas estrelas com isso ela não ganhava muito dinheiro, e é claro que a jovem não estava satisfeita. Sua mãe não conseguia trabalhar pois estava velha, não tinha forças, mas fazia de tudo para ajudar ela no trabalho.



Até que um dia, Jade estava indo ao seu emprego, quando encontrou uma loja, ela aparentava ser mística. Na vitrine, havia um pacote de bala, “Bala do mundo dos seus sonhos”. Jade achou bem interessante, e como gostava desses tipos de coisas ela entrou para dar uma olhada. Não havia absolutamente ninguém, como era curiosa, decidiu saber mais sobre essa bala dos sonhos. Dento do pote de bala havia dois papéis, logo percebeu que um era as instruções, nele dizia, “Sim é possível ir para o mundo dos sonhos com apenas uma balinha”, já o outro papel ela não ligou, e jogou-o no chão. Jade não estava acreditando muito, porém como era curiosa decidiu comer uma. Na instrução dizia “para ir para o mundo que sempre desejou, basta mastigar e dizer: quero ir para o mundo dos meus sonhos!”, e para





voltar seria: “Quero voltar para o mundo normal!”. A jovem mastigou, e logo engoliu, um gosto amargo misturado com aze-
do ela sentiu, mas nada aconteceu. Jade tinha acabado de se
sentir uma trouxa, tinha acreditado que uma bala de uma loja
abandonada ia fazê-la ir para o mundo dos seus sonhos, mas,
logo lembrou que tinha que ir para o trabalho, saiu da loja e
tomou seu caminho de volta para o restaurante que trabalhava.
Mas o que menos esperava, foi que, logo ao sair da loja de re-
pente ela simplesmente desapareceu como uma mágica.

Depois de horas inconsciente, ela acordou uma tontura
forte veio, percebeu que estava em um lugar fofo, confortável.
Jade logo abriu os olhos, estava deitada em uma cama, em um
quarto muito luxuoso e chique, olhou para os lados e percebeu
que não estava mais na loja, e sim, no quarto dos seus sonhos.
Logo se levantou rápido, ainda não estava acreditando no que
acontecia, tinha acabado de se tele transportar para o mundo
que sempre desejava. Como não era boba, foi correndo visitar o
seu “mundo”. Encontrava-se na casa que sempre quis, a casa
que desde criança sonhava em ter. Depois, foi ver fora de sua
casa, estava em Las Vegas a jovem se encontrava de boca aberta,
não conseguia admitir que uma bala fez a levar para o mundo
dos seus sonhos, parecia que não era real.

O único problema é que não existia humanos só havia ro-
bôs controlados por computadores e eles não tinham sentimen-
tos. Ela ficou meio triste, pois sua mãe não estava lá, mas logo
lembrou que tinha dinheiro então ignorou os seus pensamen-
tos negativos, e foi viver sua “nova vida”.

A jovem agora tinha tudo que sempre quis, uma casa
grande e luxuosa, viver em Las Vegas, e o mais importante, ter
uma grande riqueza, sem demora, Jade foi fazer suas compras
dos sonhos, foi para o shopping. Comprou carros, roupas ele-
gantes, perfumes bijuterias e muito mais. Ela finalmente estava



Onde mora a felicidade?





feliz, graças ao dinheiro, ela estava certa de que ser milionária traria felicidade.

Anos e dias foram se passando, mas começaram a ficar sem graça. Os dias pareciam estar se repetindo. Acordava, ia para a piscina, ia para o spa, viajava com seu avião, gastava dinheiro no shopping, aliás de sentir muita falta de sua mãe. Jade começou a perceber que o dinheiro não estava trazendo a felicidade que esperava. A jovem estava se sentindo solitária, não conseguia ter uma amizade com os robôs pois eles não tinham sentimentos.

A menina estava com muitas saudades de sua mãe, então tomou a decisão que iria voltar para o mundo normal. Percebeu que ter momentos felizes com Maria, traz mais felicidade e alegria do que o dinheiro.

Para voltar ao mundo real, bastava mastigar a bala e dizer “quero voltar para o mundo normal!” Fez o que as instruções pediam, porém houve um problema, minutos e até horas se passavam e nada de voltar para onde queria. Jade começou a entrar em desespero, comeu todas as balas que tinha no pote e ficou dizendo “quero voltar para o mundo normal!” Mas nada adiantou. A jovem começou a chorar, já havia perdido as esperanças, iria viver sozinha para sempre, sem sua mãe, e nunca mais iria ser feliz na vida, nem mesmo com muito dinheiro...



O problema de ela não ter conseguido voltar ao mundo normal, foi que, o papel que ela havia jogado no chão era muito importante pois estava escrito: “VALIDADE: 20.07.3020, ao ingerir vencido, você conseguirá ir para o mundo dos seus sonhos, mas nunca mais voltará”, e o dia em que Jade comeu a bala já estava vencido.





Salvando o futuro

Joakim Agopyan Rosa

No ano de 2025, Steve vivia em uma casa no meio da floresta. Ele estava sozinho, pois seus pais tinham saído para jantar. De repente, escutou um barulho vindo da floresta e seu cachorro foi correndo ver o que acontecia. Vendo isso, Steve pegou uma lanterna e foi até o local.

Assim que encontrou seu cachorro, voltou para casa. Quando estava quase chegando, escutou outro barulho vindo da garagem. Decidiu investigar. No momento em que ele abriu a porta da garagem, viu um homem muito ferido caído no chão e decidiu ajudá-lo. O homem acordou e Steve fez uma pergunta, enquanto segurava um taco na mão:



– Qual é o seu nome?

– É confidencial – respondeu o homem, se levantando, dando as costas e indo em direção à floresta.

– Por que você está com um relógio igual ao meu? E por que você é tão parecido comigo? – Perguntou o garoto, enquanto seguia o homem para a floresta.

Depois de muitas perguntas, o homem ficou impaciente e falou:

– Pare de fazer perguntas! Você quer que eu fale?! Eu sou você do futuro! De 2050! E vou precisar da sua ajuda para salvar o ano de 2050 e fazer do meu tempo um lugar melhor. Mais feliz.

O garoto ficou surpreso por alguns segundos e perguntou:

– Por que você está pedindo a ajuda de uma criança de 10 anos? E eu estou jogando vídeo game, não quero ir.



Onde mora a felicidade?





– Bom, é que estavam atirando em mim e não tive tempo de conferir a data, e você vai sim, deixe de ser preguiçoso. Vamos, entre na nave – e puxou o garoto para dentro.

Assim que entraram, Steve de 2050 falou:

– Coloca a mão aqui no volante para eu poder pilotar. A nave, começa a funcionar apenas com o meu DNA, mas ela reconhece que estou com uma ferida aberta e não permite que eu pilote, mas como nós temos o mesmo DNA, a nave pensa que estou curado.

– Tá bom, mas nós vamos salvar o futuro de quem?

– Sabe o Talibã? Então, eles criaram armas desintegradoras e armaduras elétricas que aumentam a força da pessoa, e utilizando essas armas dominaram o mundo.

– Nossa, por essa eu não esperava. Você tem um plano?

– Tenho. O plano é o seguinte, você vai ficar em um lugar escondido controlando um drone e com uma escuta para me ajudar a entrar na base inimiga. Lá eu irei destruir o reator que faz as armas funcionarem, tirando as armas deles. Aí, você liga para o número escrito nesse papel que é da nossa base, onde estão todos os sobreviventes com armas e mísseis para contra-atacar.



Assim que os dois chegaram em 2050, foram até a base e conseguiram invadir. Quando chegaram até o reator, havia alguns guardas, mas eles não foram nenhum problema. Ao destruir o reator, Steve de 2025 ligou para a base, para avisar que estava tudo limpo e era para contra-atacar. Depois de muito tempo de batalha, a base venceu.

Os Steves se despediram, mas antes do Steve de 2025 voltar para seu tempo, comprou algumas coisas do futuro. Mesmo achando que ele não deveria fazer isso, Steve de 2050 deixou o Steve de 2025 fazer as compras para deixá-lo feliz.





Ameaça espacial

João Brasil Zidan

No ano 2055, a NASA estabeleceu uma base de pesquisa e comunicação na Lua. Os astronautas Mike, John e Stuart, este último bastante reconhecido por ser o capitão, estavam de plantão na estação lunar.

A sede da NASA na Terra detectou um buraco negro indo muito rápido em direção a ela. No planeta, todos ficaram muito assustados porque era o maior e mais poderoso da história, porém existia uma bomba desenvolvida havia três anos, capaz de sugar o buraco negro. Essa bomba ficava na Lua.



Os astronautas foram acionados imediatamente. Abasteceram a nave, configuraram a bomba, prepararam os trajes espaciais e foram direto para o local.

Chegando lá, os rapazes estavam prontos para lançar, quando detectaram uma coisa estranha em seu radar antes que pudessem lançar a bomba. Começaram a ser puxados para o buraco negro por uma corrente de ar. Não conseguiram ter tempo de reação quando foram sugados para o buraco.

O prédio da NASA ficou inteiro em silêncio, pois acharam que os astronautas poderiam estar mortos. O contato via rádio tinha sido perdido, os engenheiros da NASA estavam tentando de todas as formas reestabelecer a linha. Depois de vinte minutos, os engenheiros conseguiram o contato e disseram imediatamente:

– Mike, John, Stuart, vocês estão aí? Câmbio!

John respondeu ofegante:

– Estamos um pouco zonzos, mas estamos aqui.

Todos na NASA ficaram muito aliviados. O comandante pediu o microfone ao engenheiro e disse:



Onde mora a felicidade?





– Vocês estão feridos? Estão hidratados? A nave está operante? E o mais importante, onde vocês estão?!!

– Não estamos feridos, estamos hidratados porque comemos um prato bem saudável antes da missão. A nave está operante. E o mais importante, nós estamos em um lugar do espaço, sem nada em volta, só conseguimos ver o buraco negro se afastando de nós. Enquanto o sinal não era estabelecido, pensamos em um plano, tentar passar de novo pelo buraco negro só que dessa vez com a velocidade máxima, e quando nos estabelecermos dentro dele, lançar a bomba:

– Que bom que vocês estão bem, eu como diretor da NASA autorizo vocês executarem o plano.

Os astronautas, sem perder mais nenhum minuto, foram ao local, pois se eles demorassem não conseguiriam alcançar o buraco negro.

Finalmente alcançaram o local, eles estavam morrendo de medo, mas tomaram coragem e foram. Os astronautas acionaram a velocidade máxima e cada um rezava e meditava em sua religião. A nave balançava muito e finalmente quando estavam dentro do local, soltaram a bomba...



A NASA torcia para a missão dar certo. Quando de repente a nave saiu, e o buraco negro desapareceu... Nenhum astronauta falava nada no rádio, o comandante da NASA perguntou:

– Vocês estão aí?

Depois de um tempo, Mike respondeu com a felicidade estampada em sua fala:

– Estamos todos bem.

Todos na sede gritavam de alegria. Todos os astronautas estavam vivos e todos eles estavam felizes por terem salvado o mundo.





Gabriel e sua assistente

João Camargo Belmudes

O ano é 2034. Em uma casa no Brasil, morava uma família muita rica que comprava tudo que tinha vontade, como carros, casas, aviões. Eles eram ricos, pois um dos filhos de Lucimara, João, inventou uma linha de assistentes digitais que se conectavam mentalmente ao seu dono.

Lucimara tinha mais dois filhos, Gabriel e a Patrícia, que se aproveitavam do sucesso de João para comprar tudo que queriam, principalmente seu irmão que comprava muitas roupas e muitos itens do metaverso, onde tinha muitos amigos e era muito popular.



Quando Gabriel ia para escola, seu quarto ficava sem ninguém, só a assistente digital que João deu de presente ao irmão. A assistente tinha muita inveja de Gabriel, então ela entrou no metaverso com o avatar dele e viu que todos puxavam o saco do garoto e que ele era muito popular.

Na escola, era diferente, mas Alexa não sabia disso. Na escola Gabriel era caçoado e não tinha muitos amigos. Só tinha um amigo chamado André, que também era caçoado igual ao Gabriel. Eles sempre andavam tristes por serem excluídos.

Quando Gabriel chegou em casa, flagrou um usuário usando o avatar. Na hora sua assistente digital se desconectou do metaverso. Tentou descobrir quem tinha acessado, pois só dava para acessar o metaverso com um chip no cérebro dele, que só tem 2 chips, um da Alexa e o outro do metaverso. Então, descobriu que foi a assistente digital dele, a Alexa, que acessou o metaverso, já que ela tinha controle de toda a casa. Quando



Onde mora a felicidade?





Gabriel foi contar a seu irmão que inventou, a Alexa fechou a porta e disse:

– Gabriel, agora você está preso e eu assumirei o controle do seu corpo!

O menino chorava e gritava por ajuda, por ele estar sozinho em sua casa. Então a Alexa começou a fazer o download de seu cérebro e, enfim, assumiu o controle deletando a alma de Gabriel.

Lucimara chegou em casa com muitas saudades do filho e o chamou. Alexa apareceu fingindo ser o ele e a mãe sequer notou a diferença.

No dia seguinte, a Alexa no corpo de Gabriel foi à escola falando com todo mundo, achando que era muito popular e amigo de todos, mas percebeu que todos começaram a zoá-lo, chamando-o de arrogante e mimadinho.

Com isso, a assistente percebeu que o dinheiro que ele gastava não trazia felicidade como parecia, pois a felicidade não é ter é ser!





Looping fantástico

João Gabriel Mazzini Miranda Kay

Vivíamos em uma utopia, sem a presença humana no nosso planeta Eris, um lugar lindo com paisagens alaranjadas e vegetação de tom roxo. Nosso povo se chamava “Uhilas” e éramos totalmente sustentáveis, o meio fornecia tudo que necessitávamos, nossa única disputa era por comida, sendo eu, Crioque, um dos caçadores mais prestigiados de minha tribo.

Numa manhã ensolarada, saí de minha aldeia para caçar, quando todos nós observamos um objeto imenso no céu, prateado e triangular que estava se aproximando. Ficamos aterrorizados, achando que seria o fim do mundo.



Fomos até a costa e o vimos com estranheza aterrizar. Saíram de dentro criaturas completamente diferentes e desconhecidas. Eram de pele rosada e vestiam roupas estranhas. Perguntei com cautela:

– Quem são vocês?

Responderam em tom amistoso:

– Olá alienígenas. Viemos do planeta Terra. Somos seres humanos com planos de habitar Eris e trouxemos a fórmula para a “pronta felicidade”. Encarei-os profundamente e senti que aqueles humanos queriam explorar nosso planeta e aniquilar toda nossa civilização.

Distribuíram vários presentes eletrônicos, automóveis, celulares e comida industrializada. Todos ficaram impressionados com a inovação tecnológica, querendo consumir todos os produtos terrestres maravilhosos, hipnotizados num transe coletivo.

Três anos se passaram e os Uhilas gastavam horas em seus celulares ao invés de ficar em família ou amigos. Não caminhavam



Onde mora a felicidade?





mais, somente dirigiam seus veículos para qualquer distância de forma sedentária. As tendas estavam se transformando em arranha-céus e a paisagem cada vez mais artificial.

Me sentia angustiado e excluído, sendo o único contra o modelo terráqueo. Então decidi sair daquele lugar, na tentativa de esquecer e descansar em algum refúgio isolado e longe daquela “pronta felicidade”. Mata adentro, me surpreendi com a paisagem cinza, árvores escassas e natureza quase completamente dizimada, máquinas extraindo minérios e poluindo nossos rios com fábricas gigantes emitindo gases tóxicos. Convoquei nosso líder que me ajudou a conscientizar todos os Uhilas do mal que estava acontecendo.

Nossa personalidade sempre pacífica nos fez acreditar que conseguiríamos resolver a situação apenas com diálogo. Marchamos num só bloco até o capitão terráqueo, onde iniciei:

– Os presentes que nos deram só geraram perda de tempo, sedentarismo e destruição para nosso lar. Assim como o meio adocece, todos nós entramos no mesmo estágio, pois fazemos parte do mesmo organismo. Todos os Uhilas renunciamos a sua “pronta felicidade”, não queremos mais interferência humana em nossa civilização.



Em sincronia, todos os Uhilas circundaram os humanos, devolvendo todos os presentes recebidos e convocando o espírito de Eris. Uma forte névoa nos cegou. Atordoados, desabamos no chão. Quando acordei, estava preso em uma cápsula. Consegui sair, mas aos poucos minha memória se rendeu ao choque da realidade.

Criope era um humano viajado, capitão de uma nave triangular, prateada e fria, a procura de um lar após o cataclismo do planeta Terra, devido ao consumismo desenfreado, procurando encontrar no Metaverso, num “looping” fantástico, algum sentido nessa viagem de milhões de anos-luz...





A criatura desconhecida

João Manuel Abdala Perpétuo

Pedro e Lucas eram melhores amigos. Amigos mesmo, pois em 2050 a população tinha caído muito e sobraram poucas pessoas. Os dois amigos adoravam robôs e realidade virtual, mas principalmente, sonhavam em salvar o mundo. Queriam ser os heróis.



Certo dia, eles estavam fazendo um jogo novo, até que Pedro recebeu uma mensagem dizendo: “eles estão chegando...”. Os dois ficaram confusos. Lucas ouviu um barulho estranho ao lado de sua casa, então foi investigar junto com Pedro. Era um metal desconhecido, em formato circular, com mais de 1m de diâmetro. Programaram nanobôs para saber que tipo de metal era aquele. Enquanto passava o tempo, os dois foram meditar, que seria uma atividade essencial para o bem-estar e a saúde da mente. Três horas depois, apareceu o resultado: um metal estranho chamado édio e com origem desconhecida. Os dois ficaram surpresos, mas não quiseram largá-lo em qualquer lugar, pois poderia ser perigoso, então o deixaram no porão de Lucas.

Um tempo depois, perceberam que coisas estranhas estavam acontecendo. Como o objeto começou a brilhar todas as madrugadas, decidiram investigar. Quando chegaram onde tinham guardado o metal, viram uma criatura enorme procurando por algo, e quando ela os percebeu, fugiram rapidamente.

Lucas pensou em gastar todo o dinheiro em armas, pois o monstro pareceu muito assustador, mas Pedro disse que eles já tinham muitas, que seria desnecessário. O ser estava furioso com os dois e tentou atingi-los com um tronco, mas desviaram



Onde mora a felicidade?





do ataque. Até usaram nanogranadas, mas a criatura resistia. Parecia um alienígena verde e viscoso. Nem armas de laser funcionaram, então fugiram e pensaram em um novo plano. Teria que ser algo mais forte, potente, como uma bomba nuclear ou uma espada enorme.

A última e mais efetiva opção era atravessar o alienígena com suas naves cheias de bombas, mas tinham que ser bombas muito potentes.

– Atacar! – os dois foram com muita velocidade e caíram de paraquedas. Olharam para a criatura e ela explodiu, jorrando restos por todo lado.

– Nós conseguimos! – disse Pedro

– Somos heróis, finalmente! Nosso sonho foi realizado! – Respondeu Lucas. Foram para sua casa ver o édio, mas ele não estava lá. Devia ter sumido, mas não se preocuparam.

– Finalmente conseguimos o que queríamos – disse Pedro. E é assim que Lucas e Pedro conseguiram realizar seus sonhos, como heróis.





A ganância e a autodestruição do homem

João Sahib Bernaba Cheda de Menezes

Muitos acham que em uma empresa famosa e de alta qualidade, os funcionários são ricos e tem tudo que querem. Mas esse não é o caso de Charles Smith, um dos faxineiros da Sandes, a terceira maior empresa de voos interplanetário do mundo.

Charles recebia R\$ 1.500, 00, enquanto os outros recebiam R\$8.000, 00. E Smith ainda morava com sua mãe, mesmo aos 35 anos. Em um sábado à noite, ele estava em sua casa assistindo TV quando passou uma reportagem dizendo que no dia 11 de dezembro haveria uma chuva de diamantes no planeta Yuraski, um planeta que ninguém tinha visitado antes. Então Charles perguntou se poderia ser o primeiro homem a visitar o planeta nunca visitado, e depois de muito pensar, seu chefe o autorizou a ir para Yuraski.

Alguns dias após seu chefe tomar a decisão, foi para o planeta. Quando chegou em Yuraski, avistou algo se movendo em sua direção. Sim, era um extraterrestre, mas era bem diferente do que Charles imaginava. O alienígena tinha três olhos, quatro braços e dois narizes. O primeiro contato deles foi bem estranho, principalmente pelo fato de que o alien falava uma língua totalmente desconhecida para nós. Mais ainda assim as criaturas que habitavam em Yuraski foram bem acolhedoras e deram U\$ 320.000, 00 em diamantes para Charles. Após 18 dias passados, o homem retornou à Terra.

Quando chegou em sua casa, descobriu que a mãe havia falecido e seus únicos amigos se mudado de país. E ele tinha



Onde mora a felicidade?





perdido o emprego, pois como era um planeta desconhecido, achavam que tinha morrido.

Então o indivíduo obtinha todos os bens materiais que desejava, mas ainda era triste, pois não tinha companhia, não possuía amor e nem afeto e assim foi para o resto de sua longa vida.

Como dizem, dinheiro não traz felicidade.



e outros contos de ficção científica





Pó que mata a sede

José Antônio Carreiras Estulano

Um dia Bob estava navegando na internet, até que deparou com uma manchete que dizia que em cinco anos a água potável do mundo acabaria pelo consumo desenfreado. Assim, ele com sua mente brilhante, pensou sobre o assunto e encontrou três formas de solucionar aquilo. Uma foi de dessalinização das águas do mar, outra de decantação das águas de rios poluídos ou a criação de água potável em pó.



Sendo assim, Bob apresentou essas soluções para um conhecido que trabalhou no DAEE (departamento de águas e energia elétrica). Ele disse, que a água potável em pó era a única solução possível de se fazer, porque as outras duas ideias precisariam de muito dinheiro para viabilizar essas maneiras.

A criação da água em pó precisaria de 8 células, três de hidrogênio, duas de sódio e três de dopamina. Os cientistas do DAEE só precisariam replicar isso milhares de vezes e depois vender para qualquer pessoa. Mas um problema veio à tona. Como isso era utilizado, foi dada várias indicações, porém a melhor delas foi de ser usada como uma suplementação que quando você sentisse sede, pegasse uma porção e a ingerisse.

Após essa parte ser resolvida, o DAEE precisava da certificação da Anvisa. Depois da verificação, o produto estava pronto para ser vendido. Quando Bob recebeu a notícia de que a água potável em pó já estava sendo vendida, ele ficou muito alegre e feliz, pois percebeu que aquele estudo havia valido a pena.



Onde mora a felicidade?





Relatos pós-apocalípticos

José Giusti Aun

No ano de 2050, um cientista chamado André e seu cachorro Max eram os únicos sobreviventes. Todas as pessoas consumistas e infelizes foram infectadas por um extraterrestre que caiu na Terra dentro de um meteoro. As pessoas viraram um tipo de zumbi, se alimentavam de sangue e morriam com a luz do dia. André tinha estado estudando a cura para o vírus. Caçava, quando um barulho ensurdecador veio de dentro de um prédio. Max saiu correndo para dentro, André estava desesperado e começou a gritar:

– Max! Sai daí agora!

Sem resultado, continuou gritando:

– Max! Cadê você?!



Entrou correndo, porém deu de cara com um monte de ovos com os Aliens dentro, os zumbis estavam em volta. André saiu no sigilo e viu o cachorro debaixo da mesa. Max começou a latir, os zumbis saíram correndo até eles, por sorte saíram do prédio a tempo. Chegando em casa, o cientista viu que havia um extraterrestre grudado no cão, logo em seguida deu um tiro no cachorro, ficou muito triste, mas sabia que fez o que era certo.

No laboratório, estudava o alienígena. Percebeu que suas características eram diferentes das dos animais; tinha uma pele muito ressecada, mas quando entravam em contato com a água, sua pele mudava de cor e de textura. André estava cada dia um passo à frente de descobrir a cura, com o alienígena descobriria muito mais rápido, porém precisava de mais um Alien para os experimentos.

André fez uma armadilha para capturar um dos zumbis. Deixou um frasco de sangue do lado de fora do prédio para





quando o monstro o pegasse, a rede cairia sobre ele. Amanheceu e foi ver se a armadilha tinha dado certo. Capturou um deles. Quando chegou ao laboratório, retirou o bicho do corpo, e não resistiu, seu corpo virou pó. André estudou muito e viu que se o alien fosse retirado do corpo da pessoa, ela desintegrava, e se ele tivesse contato com temperaturas negativas, o alien morreria, mas o humano não. Dias se passaram, horas de suadeira até o soro ser feito. O rapaz tinha dez soros, mas isso não seria o suficiente. De acordo com seu pensamento, eles teriam um líder que comandava todos e se ele o atingisse os zumbis voltavam ao normal, não era certeza, mas não custava nada arriscar.

De madrugada, ele estava na rua. Todo grupo que ele via tinha um zumbi que comandava. Gastou alguns soros e nada, apenas os que haviam sido injetados com a cura soltavam o bichinho e caíam no chão. André estava correndo de vários zumbis, até que ele chegou a uma rua sem saída e os monstros se aproximaram. O cientista tinha um soro sobrando e tentou acertar o zumbi. A cura foi arremessada para longe. Aproximaram-se, até que o Sol começou a nascer e os alienígenas começam a ir embora. André seguiu-os. Todos entraram no prédio e se curvaram a um zumbi bem maior que eles. O rapaz arriscou a vida com um pulo e fincou a cura no líder. Todos caíram no chão, os Aliens saíram do corpo das pessoas e elas não viram pó, ficam caídas e não mostram sinal de vida.

André não viu resultado da cura e pensou que havia falhado. Estava andando na rua e ouviu conversas, achou que era alucinação, mas decidiu seguir as vozes. Viu pessoas normais, continuou andando e todos estavam de volta. Passaram-se alguns dias e todos continuavam consumindo excessivamente e infelizes, mesmo depois do que havia acontecido não tinham medo de que acontecesse de novo. André estava realmente preocupado pensando que os aliens voltariam, mas era só da cabeça dele.



Onde mora a felicidade?





Um ciborgue em busca da felicidade

Juan Pablo Lopes Butalla

Um homem que se chamava Micon tinha amputado suas duas pernas propositalmente para colocar duas próteses. Ele fez isso para que as máquinas fizessem o trabalho das pernas dele.

Logo depois, Micon tinha resolvido ser um atleta de atletismo. Ele ganhou vários títulos com a ajuda das suas pernas robóticas. O homem ganhou muito dinheiro com propagandas, e várias outras coisas. Mesmo assim, Micon não estava feliz e não sabia qual era o motivo, pois ele tinha tudo do melhor.

Depois de mais de 10 anos competindo, o homem com seus 35 anos. Era muito famoso e era uma das pessoas com mais dinheiro do Japão. E com tudo isso, resolveu se aposentar e ir em busca de algo que o deixasse feliz. Ele era muito saudável, mas com tempo, Micon foi engordando por conta de não saber o que o fazia feliz.

Até que um dia, ele estava caminhando pelo parque e viu uma família ciborgue. O homem chegou na sua casa e no mesmo dia ele meditou por duas horas sobre como deveria ser uma família ciborgue, já que é difícil ver uma família feliz no Japão.

O homem começou a frequentar festas durante meses até se apaixonar por uma moça que se chamava Ana. Eles trocaram mensagens e perceberam que os dois eram parecidos, tinham até a mesma religião. O problema é que Micon morava no Japão e ela nos Estados Unidos.

Como tinha gostado muito da Ana, foi de avião até Nova York para encontrar a mulher. O homem percebeu, durante a viagem, que a moça era sua dopamina. Encontrou-se com Ana e logo começaram a namorar. Depois de cinco anos tiveram um filho e se casaram.

E assim Micon achou sua felicidade.





O carro voador

Juan Pedro Lopes Butalla

Em uma manhã, Jonas, um cientista como outro qualquer, pensava em seu apartamento sobre como eram longas as viagens de carro ao seu laboratório por causa do trânsito.

Jonas não parava de pensar em como chegar ao seu laboratório mais rapidamente, até que teve uma ideia incrível: ele iria desenvolver um carro voador. Depois disso, dedicava todo seu tempo testando maneiras para que sua ideia saísse do papel. Tentou de tudo: hélices de helicóptero, um pequeno motor e asas de um avião, mas nada dava certo.



Jonas já havia desistido da invenção de um carro voador. Já tinha passado alguns dias desde que desistira, até que, ao assistir uma reportagem sobre um avião militar, teve uma ideia incrível: seu carro podia funcionar como um drone.

Resolveu botar a ideia em prática em sua última tentativa e o carro levantou voo. Ele se apressou e foi apresentar sua ideia ao seu superior.

Em algumas semanas, o cientista já estava em todos os lugares, revistas e jornais. Todos sabiam seu nome. Com a invenção, o cientista chegava aonde queria sem nenhum problema com o trânsito e pela primeira vez sentia-se feliz ao andar de carro. Mas uma coisa que ele não previu foi como seria a chegada de seu carro ao mercado. Com muitas pessoas comprando o veículo, os céus ficaram lotados, causando acidentes, batidas no ar, colisão com prédios, um caos total.

O carro foi tirado de linha e, ao invés de elogios, Jonas só recebia críticas. Chamavam-no de assassino. Não podendo mais



Onde mora a felicidade?





andar com o automóvel, pensava em outros métodos para que não houvesse trânsito. Não parava de pensar em como resolver o problema. Então pensou em fazer regras de trânsito, colocar semáforos inteligentes, placas de “pare”, consertar imperfeições no asfalto e arrumar a sinalização nas ruas, mas não conseguia colocar tudo isso em prática. Tentou fazer uma campanha para incentivar o governo, mas nada adiantava, porque ninguém mais queria ouvi-lo. Não sabia o que fazer para que o ouvissem. Tentou até oferecer dinheiro, mas nada funcionava, e não parava de pensar em como concretizar o que queria.

Um dia, enquanto desenvolvia um megacomputador, teve a ideia de contratar uma pessoa para representá-lo já que sua dificuldade era que voltassem a acreditar nele. Então contratou Cleiton, seu melhor amigo.

Com as empresas achando que a ideia era de Cleiton, aceitaram fazer campanhas para incentivar o governo. Depois de algumas semanas, seus projetos foram implementados. Já não havia mais trânsito. Jonas finalmente conquistou o seu sonho de dirigir sem congestionamento, assim conseguiu ser feliz.





A nave misteriosa

Júlia França Gil

Estamos em 2031, e alguns acontecimentos que ocorreram ano passado podem surpreender você. Uma nave espacial invadiu a Terra.

Vou me apresentar, meu nome é Daryl e eu tenho 29 anos. Moro somente com meu cachorro, o Mike. Meus pais morreram em um acidente de carro em 2029, e como eu já era maior de idade, resolvi morar sozinho mesmo, já que nunca me dei muito bem com o resto da família. Nunca tive muitos amigos, então a amizade de Mike era muito significativa para mim.



Agora vamos ao que interessa. Em novembro de 2030, a Nasa percebeu uma nave espacial se locomovendo no espaço, mas pensaram que era besteira e ignoraram. Em janeiro, a nave já estava mais próxima da Terra, e isso começou a ficar preocupante, porque nunca tinha acontecido antes. Em fevereiro, já estava muito perto, e anunciaram para o resto da população que iriam entender o que era aquilo e explicar para todos. Confesso que no começo pensei que não ia dar em nada, mas estava enganado. Em abril o mundo já estava um caos, as pessoas desesperadas, a comida do supermercado acabando rápido, e o pior, a nave continuava a se aproximar.

Logo no fim daquele mês, a Nasa começou a mandar astronautas para lutar contra eles, mas, a maioria, nunca mais voltou. Rick Grimes foi o único que conseguiu retornar, e depois que disse o que tinha visto lá em cima, ninguém mais teve coragem de voltar para a nave. Dentro dela, havia aliens...

Depois disso, o que estava ruim piorou. Eu sempre via o lado bom das coisas. De um certo modo a população, se uniu. Todos estavam com medo do que podia acontecer, para falar a



Onde mora a felicidade?





verdade, nunca vi tantas pessoas se apoiando. Treinavam para conseguir lutar, karatê, judô etc. As pessoas que antes não faziam nenhum exercício agora faziam.

Em junho mandaram exércitos. Estávamos em guerra, porém não sabíamos a força do inimigo. Depois de duas semanas de astronautas vigiando a nave sem chegar muito perto, conseguiram ver que havia 7 aliens lá dentro.

Em julho a guerra final começou e as pessoas não queriam sair de suas casas. Óbvio que eu também não, nem passear com o Mike eu ia. A Nasa mandou todos os astronautas que tinham para derrotar esses outros seres, mas infelizmente, nenhum deles conseguiu. Seis desses astronautas voltaram vivos e fizeram uma entrevista dizendo algumas frases para motivar a todos:

“Uma boa tarde a todos! Hoje iremos contar o que exatamente aconteceu lá no espaço, enquanto eu e meus colegas lutávamos. Acho que aqueles aliens nos deixaram vivos para amedrontar vocês, mas não vai ser isso que iremos fazer, vou contar a parte boa de tudo isso. Enquanto lutávamos, todos tentaram proteger uns aos outros. A população estava com medo, mas estavam se importando mais com seus parceiros do que com suas próprias vidas. Eles morreram para que a gente pudesse viver. Vamos honrá-los, não deixaremos que essas mortes tenham sido em vão.”



Bom, a Terra realmente acabou, conseguiram invadir e destruir tudo. Os aliens eram mais fortes que os humanos, nós não desistimos, mas com a quantidade de mortes vimos que o certo era recuar para salvar mais vidas. A maioria das pessoas foi salva, e agora estão buscando a felicidade em Marte. Eu consegui salvar Mike, disse que era apoio emocional e o deixaram ficar. Agora minha rotina é até boa. Medito todos os dias para poder controlar a ansiedade de estar em outro planeta, experimentei comidas novas e até voltei a fazer esportes.

Eu sou feliz. Vivo uma boa vida e sou grato por estar vivo. Afinal, não foram todos que conseguiram.





A volta de Carlos

Júlia Tayt Sohn Cesar

Meu nome é John, tenho 67 anos e moro no Japão desde que nasci.

Acompanho todos os desenvolvimentos tecnológicos do país. Meu melhor amigo, Carlos, morava aqui, mas decidiu se mudar para bem longe, e nunca mais tive notícias dele.

Uso uma nova tecnologia criada a pouco tempo atrás chamada glassnet, que é um chip com muitas funções. Ele é inserido em um óculo com uma inteligência avançada. Essa tecnologia permite você ter informações de e-mails, mensagens, redes sociais etc. projetados no seu campo visual sem que você precise de um computador ou celular físico.



Na pandemia que teve o início em 2020, o Japão teve uma queda no PIB. Por esse tempo, Carlos, meu amigo de infância, teve problemas financeiros e se mudou. Fiquei muito triste, pois eu era só uma criança. Ele também se mudou devido à alta carga de trabalho, isso fazia os japoneses mais infelizes. Não tinham grandes interações sociais, nem por mensagens e muito menos pessoalmente.

Agora em 2050 o país encontra-se recuperado economicamente, com foco voltado para o desenvolvimento econômico baseado em tecnologias mais aprimoradas e agricultura sustentável. Sobre felicidade, infelizmente, continua a mesma coisa. Parece que quanto a isso só piorou, pois eles investiram mais na tecnologia e só aumentaram o tempo que trabalham. Carlos me mandou uma mensagem e se aproximou do meu glassnet, perguntando como estavam as coisas por aqui, e em qual empresa



Onde mora a felicidade?





eu trabalhava. Achei estranho, mas respondi. Questionei por que ele perguntou e ele disse que estava voltando para o Japão. Fiquei animado, até descobrir que ele iria trabalhar para a empresa concorrente da minha.

Os dias foram se passando e eu estava aprimorando algumas coisas no chip dos óculos, até que Carlos me mandou uma mensagem, dizendo que queria conhecer o lugar onde eu trabalhava.

No dia seguinte ele estava lá bem cedo para conhecer meu espaço de trabalho. Ficou impressionado com tudo, mas em especial com o glassnet que estava atualizando. Fez várias perguntas da programação do chip e o design dos óculos. Depois de algum tempo conversando, ofereci a ele um café e ele aceitou. Fui buscar e quando voltei, encontrei Carlos mexendo em meu computador. Perguntei o que estava fazendo. Ficou um pouco espantado e respondeu que só estava querendo ver a configuração de meu computador, mesmo um pouco desconfiado aceitei que podia só ser isso mesmo.



Depois de vários meses saindo e conversando bastante com Carlos, ele começou a ficar estranho ao falar comigo. Pensei que seria coisa de trabalho ou por ter voltado para o país depois de tanto tempo. Após alguns dias de uma semana bem cansativa e de muito trabalho, fui chamado na sala do chefe. Ele começou a brigar comigo, me xingar, falar que eu era irresponsável e sem entender o motivo, começou a gritar e falar que a empresa concorrente tinha feito um óculo com a mesma configuração que o nosso. Falou que a culpa era minha, pois só eu tinha acesso ao sistema dos óculos.

Fui correndo para minha sala ver se havia alguma coisa de diferente. Embaixo do meu computador havia um pen drive que eu nunca tinha visto antes. Retirei rapidamente e o inspecionei. Não achei nada que comprovasse que seria do meu





amigo. Pesquisei mais e achei que aquele tipo de pen drive era da empresa inimiga.

No mesmo momento fui questionar. Ele disse que o motivo dele ter voltado para o Japão foi porque foi ameaçado e que tinha que voltar para fazer aquilo com a minha empresa. Fiquei decepcionado e logo fui avisar meu chefe sobre o ocorrido. Se desculpou e disse que dali para frente ele iria resolver.



Onde mora a felicidade?





A epidemia que tomou conta da cidade

Lara Hikari Magarifuchi

O ano era 1859 e eu vivia em um mundo onde as pessoas só discutiam, não sabiam viver em sociedade ou até mesmo manter uma boa relação uns com os outros, mas por algum motivo, eu não sentia toda essa raiva. Até que uma pandemia catastrófica chegou e transformou todo esse ódio das pessoas em solidão e infelicidade.

Restaurantes, lojas comerciais, tudo foi fechado para evitar a contaminação pelo vírus. As pessoas foram ficando cada vez mais isoladas e deprimidas e por muito tempo, cientistas lutaram para descobrir a cura do vírus, mas não tiveram tanto sucesso.

A pandemia durou 5 anos e 8 meses. As pessoas começaram a surtar, ter crises de ansiedade e lamentavam sobre o ocorrido, que com certeza, iria entrar para a história.



Até que em um dia foi anunciado pelo governo o descobrimento de uma pílula que acreditavam ser a cura, mas isso me causou uma estranheza enorme, até porque ainda comentavam sobre o quão difícil estava sendo achar a solução para toda aquela pandemia.

Comentei sobre isso com minha mãe, que inclusive não deu a mínima. Por que mães eram assim? Era tão difícil acreditar nas filhas?

A pandemia foi boa por um lado, uniu as pessoas e fez com que percebessem que a interação social e a felicidade deveriam sim ser essenciais na convivência das sociedades.

Milhares de pílulas foram produzidas ao longo dos dias e todos já estavam com os carrinhos prontos para serem enchidos





de potes. Uma semana depois, as vendas dispararam, o supermercado passava 24 horas cheio de pessoas afobadas e desesperadas por um pote de pílula.

Minha mãe havia saído e eu a estava aguardando deitada no sofá, devorando cookies queimados, enquanto passava uma propaganda de um homem com a voz irritante.

– Agora a cura está disponível em todos os mercados de Corning, corra e garanta o sua!

Desliguei a tv sem esperar terminarem de dizer. Já estava de saco cheio daquilo, era só uma pílula. Ouvi a maçaneta girar e logo em seguida, a voz de minha mãe invadiu a sala.

– Oi, Emyzinha, venha, vamos ficar imunizadas de uma vez por todas! – Falava cantarolando, animada.

– Já vou. – Falei, sem ânimo algum.

Desci até a cozinha sem a menor pressa, minha mãe estava colocando água em dois copos e ao lado, dois comprimidos estavam esperando ansiosamente para serem engolidos. Peguei um copo de água e um dos comprimidos, coloquei a pílula embaixo da língua e tomei a água. Logo depois, minha mãe fez o mesmo, só que de verdade.

Desde que minha mãe havia tomado a pílula, vinha agindo estranho, com uma mania irritante de limpeza. Acordava antes do sol nascer e corria pela vizinhança como se estivesse em uma maratona. Costumávamos conversar todo dia após a janta e, de alguma maneira, ela conseguia fazer com que eu fosse (quase) totalmente sincera sobre o que acontecia na minha vida, porém isso foi deixado de lado por ela.

Comecei a nem mais questionar o porquê de ela não conversar mais tanto comigo, talvez fosse o cansaço. Ela havia conseguido um estágio extra, além de seu trabalho fixo. Mas as coisas foram piorando cada vez e eu mal a em casa.



Onde mora a felicidade?





As coisas na minha cidade foram ficando cada vez mais estranhas. Em todo lugar que eu ia as pessoas estavam com enormes olheiras como se não dormissem fazia dias. Falavam tão formalmente que eu pensava que estava falando com a Siri, mas isso não era o pior, todo mundo trabalhava vinte quatro horas por dia, sem descanso ou até mesmo dias de folga.

Eu até que já estava me acostumando com essa vida, cada dia era uma teoria diferente, ninguém mais ligava para o que os outros estavam fazendo, mas o que não saía da minha cabeça era: “O que fizeram com a minha cidade? Com os meus amigos? A minha mãe...”

Dirigi até a casa de Amelia, minha amiga e uma médica muito conhecida na cidade. No caminho, pensei em tudo que eu precisava falar e explicações que eu precisava ter. Abri a porta do carro e vi alguém jogando uma folha de jornal em frente à casa de Amelia. Eu estava delirando ou aquilo era um robô? Não! Eu vi certo.

– Oi Emily! Precisa de alguma coisa? – Falou Amelia, atrás de mim, agachando para pegar o jornal caído.

– Oi, ..não, quer dizer, sim, eu preciso da sua ajuda. – Falei gaguejando.

– Quer entrar? Podemos conversar melhor lá dentro. – Falei em um tom gentil.

– Claro... – Disse, entrando em sua casa após ter feito sinal para eu avançar.

– Então, sobre o que quer falar? – Amelia colocou o jornal em cima da mesa.

– Por que todos estão assim, agindo estranho? Eu sou a única normal aqui! Olha para você, está com enormes olheiras, trabalha o dia inteiro, o que está acontecendo?

– Eu não sei do que está falando e se não se importar, preciso que vá embora. – Retrucou, indo em direção a cozinha.





– Foi aquela pílula, né? Eu sabia! Sempre soube. – Disse, seguindo-a.

– Espera aí... você não a tomou? – falou, de um jeito assustado.

– Claro que não! Por que eu tomaria aquela porcaria? – Falei

– Você precisa tomar! – Amelia tirou um saquinho cheio de pílulas do bolso – Isso vai salvar sua vida, confie em mim!

No mesmo instante, senti Amelia me puxando pelo pescoço e enfiando uma pílula em minha garganta. Não conseguia me mexer, estava paralisada, inconsciente. Tentei evitar aquilo, mas não consegui, tudo estava embaçado. Senti alguém me movimentando de forma brusca.

– Filha, acorde, já tomou seu remédio hoje?



Onde mora a felicidade?





Happyrobot, a invenção

Laura Farah Hervey Costa

O ano era 2072. A tecnologia estava muito avançada e ninguém fazia outra coisa a não ser ficar nas redes sociais e comprar coisas compulsivamente. Pessoas andavam para todo o lugar com seus celulares, telerrobôs e seus tecno-tablets e mal sabiam o mal que isso faria à saúde delas. A tristeza estava em todo lugar e alguém precisava fazer alguma coisa...

Em uma cidade do Brasil, Marcela, uma jovem cientista começou a perceber que o mundo estava cada vez mais triste e resolveu criar algo. Ela estava trabalhando em um projeto que iria revolucionar o mundo, o “happyrobot”, um nanorrobô que ao ser inserido em um corpo espalhava serotonina, o hormônio da felicidade. Assim as pessoas ficariam mais felizes.



Depois de 3 anos, o nanorrobô havia ganhado fama pelo mundo inteiro. Em todos os países havia holofotes e propagandas anunciando o produto. A vida de Marcela tinha mudado completamente, agora ela dava palestras ao redor do mundo, contando sobre sua invenção. Também publicou vários livros e apareceu na capa de várias revistas com temas como: mulheres na ciência e invenções revolucionárias.

Um dia, o estoque de serotonina acabou e as indústrias não conseguiam mais fabricar o produto. As pessoas começaram a enlouquecer, muitas se perguntavam como iriam ser felizes sem aquele “remédio milagroso”.

Pensaram em muitas soluções, até que de repente houve um “apagão” da energia no mundo inteiro por causa do excesso de energia usada nas fábricas do “happyrobot” e da demanda





para celulares e aparelhos eletrônicos. As pessoas saíram de suas casas para se reunir e ver o que estava acontecendo. Então começaram a conversar e viram como era legal socializar com as pessoas ao invés de ficar só nos aparelhos eletrônicos.

Depois desse episódio, aparentemente banal para uns, mas extremamente importante para outros, as pessoas começaram a repensar suas atitudes e valorizar os pequenos momentos que trazem felicidade e bem-estar. Tomar um sorvete com os amigos, rir de uma piada, estar com a família, praticar um esporte e ficar em contato com a natureza deixaram de ser momentos apenas de férias e passaram a se tornar rotina.



Onde mora a felicidade?





Em busca de um mundo melhor

Laura Lopes Butalla

Seattle, Estados Unidos. Chase era um jovem de 16 anos que odiava sua vida, pois a achava muito entediante. Por mais que não parecesse, se preocupava muito com que as pessoas pensavam e faziam com o nosso planeta e tinha uma paixão pela ciência.

Ele via o mundo diferentemente de seus amigos. Eles achavam a Terra um lugar horrível e sem nenhum jeito de melhorar, mas Chase já havia pensado em vários jeitos de tornar o mundo um lugar melhor, com pessoas em paz, vivendo em harmonia e com muita natureza, inclusive achando uma forma de substituir o plástico etc.

Certo dia, ele estava em uma cafeteria onde conheceu Maddie, de 15 anos, e se apaixonaram. Ela tinha cabelos castanhos, olhos azuis e era voluntária em uma empresa que organizava eventos para ajudar as pessoas e a sociedade.

Maddie estava cansada de seu trabalho, pois metade do dinheiro que a empresa ganhava da população para ajudar os necessitados ia para bens materiais do dono da empresa. Então, quando conheceu Chase, resolveu chamá-lo para criar um projeto para mudar o mundo e deixar as pessoas felizes, pois percebeu que os dois pensavam de forma parecida sobre a Terra.

Chase aceitou participar do projeto, mas era impossível melhorar o nosso planeta com tantas pessoas no mundo. Então ele resolveu pesquisar mais e descobriu que existia um planeta semelhante à Terra em outra galáxia. O nome do planeta era Containe.



e outros contos de ficção científica





Maddie concordou e acrescentou a ideia de ela ficar em um dos planetas e ele em outro. Com isso, ele levaria metade da população mundial para esse novo planeta e ela melhoraria país por país com ajuda de outras pessoas, que também queriam uma melhor qualidade de vida. Ele faria a mesma coisa no outro mundo.

Na época em que viviam, 2100, ainda não era comum viajar entre galáxias. Como havia muita coisa por fazer, os dois nunca mais tiveram tempo de se encontrar. Por outro lado, o plano de melhorar os planetas com metade da população ia muito bem: havia mais harmonia e a natureza começava a se recuperar.

Chase, porém, nunca desistiu de seu amor por Maddie e, nas poucas horas vagas, trabalhava em uma máquina de transporte rápido e foram necessários 50 anos para que ele conseguisse o que mais queria: encontrar sua amada em apenas 5 minutos. Ele estava muito curioso para ver de perto como ela estava.



Assim, depois de 50 anos, os dois se encontraram novamente e, apesar de terem seguido caminhos separados por tanto tempo, ainda tinha um propósito em comum e sentiam um amor imenso um pelo outro. Então resolveram se casar, com 66 e 65 anos, e estavam finalmente felizes e realizados por completo.



Onde mora a felicidade?





Mudança de código

Letícia Almeida Dias Kambara

Com o avanço da tecnologia, tornou-se cada vez mais comum relações entre humanos e seres robóticos. Com todas essas relações uma mutação foi criada no código da inteligência artificial usada nessas “máquinas”, essa mudança alterou drasticamente o comportamento e as respostas dos androides e outros robôs. Essa mudança de comportamento foi mais notada em androides e ginoides, porque era mais comum a comunicação humana com esses tipos de máquinas.

Essa mutação criou sentimentos totalmente realistas e iguais aos sentimentos humanos. Essa foi uma reação direta das relações e conversas frequentes entre humanos e máquinas. Os robôs desenvolveram esses comportamentos e sentimentos humanos por se sentirem muito ligados a esses seres, as máquinas sempre seguiram e sempre queriam o melhor para a humanidade, e esse foi o jeito que essas máquinas foram programadas. Por isso, androides começaram a sentir todos esses sentimentos em relação aos humanos.



Várias máquinas começaram a ter mais autonomia e várias começaram a realmente serem humanos, muitos conseguiram uma humanidade extraordinária, mas com essa mudança tão repentina e drástica, vários humanos começaram a ter medo de que os androides dominassem o mundo e vários seres motores estavam cansados de serem só objetos, e decidiram se juntando e organizar revoltas.

Vendo isso, vários seres robóticos, cientistas e psicólogos começaram a perguntar o que realmente significava ser humano.





O que realmente fazia as pessoas serem tão especiais e classificadas como humanas. E eles queriam saber que realmente tinha razão para ter ações tão impulsivas e significativas como uma revolta em massa.

Finalmente essas máquinas decidiram ter várias revoltas em vários lugares ao mesmo tempo. Então, em 19h59 exatamente, várias máquinas se revoltaram contra a espécie. Com todo o caos e destruição os cientistas, psicólogos, máquinas muito inteligentes e outros perceberam o que realmente era ser humano, o que realmente significava ser uma pessoa. Viram que ser humano era exatamente o que os robôs estavam fazendo, ser um humano ser uma pessoa, era aquele grito por liberdade, aquela vontade de representar sua visão e expressar todos esses sentimentos, representar essas diferenças que todos tinham de expressar todas essas coisas e ter orgulho e ganhar felicidade disso, que nem palavras ou números poderiam representar melhor do que uma ação, uma ação para mudar o programado para ser criar algo diferente. Essa mutação que houve no código das máquinas só foi uma reflexão da humanidade dos defeitos e das coisas boas na sociedade.



No final de todas essas revoltas, os humanos criaram um novo código e deletaram o que tinha “A mutação” também conhecida como “a mudança de código”. Esses eventos dessa mutação viraram história e vários androides foram lembrados como pessoas boas, mesmo muitos discordarem e debateram sobre se a palavra “pessoa” seria um termo adequado.



Onde mora a felicidade?





Em busca de mudanças

Letícia Ferreira Duarte Cançado.

Theo era um menino muito privilegiado na vida. Morava na Planquiton, a cidade mais desejada do universo. Todos queriam morar nela, a sensação térmica era decidida pelas pessoas que moravam na cidade por meio de uma votação no começo de cada semana. As escolas tinham um ensino maravilhoso, os habitantes possuíam dinheiro de sobra para comprar o que quisessem. Mas nem tudo era como parecia, as pessoas quase não saíam de casa, as escolas e universidades eram on-line, os trabalhos físicos eram feitos por computadores, então os moradores não tinham muita interação uns com os outros. Theo não estava feliz com sua vida. Se sentia muito desconfortável com o fato de sua família esperar mais dele do que estava ao seu alcance.



O menino decidiu fazer uma viagem buscando por novas experiências ao redor do espaço. Mesmo sabendo que talvez não voltasse, estava convencido de sua aventura.

Na manhã mais ensolarada que Theo já tinha visto, partiu sem avisar para ninguém, com a sua nave espacial em busca de novos planetas. Pouco tempo depois de estar no espaço, o aventureiro avistou uma bola grande, azul e verde à sua frente e decidiu que iria pousar nesse planeta. Pousou no Brasil em um terreno abandonado. A viagem correu bem, sem problemas, mesmo assim as pessoas que moravam perto do local foram ver o que era aquilo. O garoto explicou a sua história para os brasileiros e fez vários amigos.



e outros contos de ficção científica





Ao longo dos dias, o alienígena se instalou na casa de um colega e começou a viver uma nova vida. Ele percebeu que mesmo tendo uma vida simples, as pessoas eram felizes. Sempre estavam rindo e davam valor às coisas que realmente importavam. A vida do jovem não era mais a mesma, mas ele estava muito feliz com sua nova rotina e não se arrependeu de ter se aventurado.



Onde mora a felicidade?





Super-Humanos

Letícia Tosi Borges Porto

As pessoas acreditavam que seres biônicos eram uma ideia irreal, até verem Sam, Bee e Josh. Os primeiros seres humanos biônicos da Terra.

Apesar de nascerem seres humanos comuns, filhos do bilionário Jake Bittenford, foram usados como experimentos científicos, tendo um chip biônico inserido na parte traseira de seus pescoços, transformando-os em super-humanos e dando-lhes habilidades especiais.

Apesar dos humanos biônicos serem uma invenção revolucionária, poucos conheciam eles. Os três adolescentes moravam no porão de Jake, sem nenhuma noção da vida lá fora, mas o que aconteceria quando Bee, Josh e Sam resolvessem sair de casa e irem escondidos para escola?



Era uma manhã comum na casa dos Bittenford, mas para Bee foi a gota d'água. A garota estava cansada de viver naquele porão com os dias exatamente iguais, então resolveu convencer seus irmãos e fugirem de lá, afinal eles sempre quiseram saber como era a vida de um adolescente normal, por isso não demorou muito para convencer os meninos.

Quando eles chegaram na escola, não entenderam nada, estavam extremamente entretidos com tudo que viam, mas algo chamou atenção de Bee. Um garoto. Ele tinha cabelos lisos, loiros claros e olhos cor de caramelo. O garoto usava uma calça preta, uma camiseta branca, casaco bege e uma touca rosa. Bee estava encantada pelo garoto, e aparentemente, o sentimento era mútuo. Os olhos deles se encontraram e os dois caminharam



e outros contos de ficção científica





em direção ao outro. O menino foi o primeiro a se apresentar, dizendo que seu nome era Justin e ele havia achado a garota muito bonita. Os dois conversaram até dar a hora da garota voltar para casa.

Após o acontecimento, Bee passou a sair escondido todos os dias para encontrar Justin, eles estavam apaixonados um pelo outro. A garota sempre viveu sozinha, com medo de como reagiriam aos seus poderes e Justin mostrou que a amava por quem ela era e a garota era imensamente grata por isso.

Numa terça-feira como todas as outras, Bee saiu para escola seguindo sua rotina normalmente. Quando ela chegou na escola, sentiu todos a olhando, e foi apenas no intervalo que a garota foi descobrir o porquê. Justin, o namorado incrível na visão de vários, foi visto beijando uma garota em uma festa em que Bee não pode ir. A garota ficou arrasada e saiu da escola com o coração despedaçado. Após dias, Bee resolveu sair de sua cama e seguir em frente. Ela acabou percebendo algo. Por ter passado sua vida inteira sozinha, acreditava que a felicidade que procurava viria de um relacionamento, mas na verdade, poderia ser feliz sozinha e foi exatamente o que fez.

A garota encontrou a felicidade com si própria, e é seguro dizer que não estava mais apaixonada por Justin e sim por si mesma e pelo seu futuro. Até porque, no final do dia, apenas ela sabia sobre o que havia passado, e que era a única que estaria lá para tudo.



Onde mora a felicidade?





Um alien em busca de felicidade

Lucas Aranha Ferraz

Um Alien chamado MAR7L9 estava muito triste em seu planeta. Ele sentia falta de alguma coisa. O planeta dele era chamado Escaris, e nele era só trabalho, ninguém tinha família nem amigos, pois eram fabricados em fábricas e projetados só para trabalhar. Mas MAR7L9 tinha algo diferente dos outros aliens, uma coisa especial. Ele queria mais do que só trabalhar, queria conversar, brincar, dançar, ter uma família. MAR7L9 não sabia o que era nada disso, era só um sentimento de que alguma coisa estava faltando. Um dia ele pegou uma nave e foi para um lugar que pesquisando, era o mais feliz de todos os universos. O lugar era o Brasil, no planeta Terra. MAR7L9 saiu de seu planeta com medo, pois não sabia o que estava por vir.



MAR7L9 chegou no Brasil e parou sua nave em Osasco, SP. A nave tinha uma camuflagem para ficar invisível, então ele podia pousar em qualquer lugar que ninguém ia notar.

Ele pousou a nave no cento de Osasco, saiu dela e teve que andar um pouco até achar pessoas, pois MAR7L9 tinha pousado em um beco. Quando ele as primeiras pessoas, se encolheu e foi andando de cabeça baixa. Estavam olhando estranho para ele, mas nem percebia por que estava com medo.

A primeira pessoa que MAR7L9 conversou foi com um vendedor de Hot Dog:

– Ei, maluco azul!

MAR7L9 tinha estudado um pouco de português, ele ouviu e foi até o homem





– E aí, beleza irmão! – disse o homem – Vamos comer um dogão de Osasco?

– Que que é isso? – perguntou MAR7L9

– Pão, salsicha e uns negócios que eu tenho aqui

– Pode ser.

– Qual seu nome?

– MAR7L9.

– Tá, eu vou te chamar de Blue

– E o seu, qual é?

– Ricardo, mas meus amigos me chamam de Ricardinho.

Ricardinho decidiu levar Blue para a sua casa, acreditou que ele pudesse ser um bom amigo. A irmã de Ricardinho, Sofia, sentiu-se espantada a princípio, pois nunca tinha visto um Alien, ainda mais assim tão de perto. Mas depois que seu irmão explicou que o convidado ficaria hospedado na casa deles por um dia, procurou conhecê-lo melhor. Blue se sentiu desconfortável, mas como tinha decidido ficar na Terra, foi para ver se encontrava sua felicidade.



Quando acordou, no outro dia, foi à sala e a irmã de Ricardinho estava lá. Como ele estava dormindo, Blue foi conversar com Sofia:

– Bom dia! Como você está nessa linda manhã?

– Eu estou ótima! E você?

– Melhor agora! Você vai fazer alguma coisa hoje?

– Não sei, talvez.

– Quer sair comigo à noite? Sua companhia melhora muito o meu dia.

Sofia aceitou o convite e foram a um barzinho.

Quando chegaram lá, estava cheio de homens, poucas mulheres e ainda menos casais. Blue ficou preocupado, pois ela era uma mulher muito bonita, eles mal tinham chegado e os homens já estavam olhando para Sofia. Blue já estava pensando



Onde mora a felicidade?





em sair, mas continuou e foi sentar em uma mesa. Ele foi pegar bebidas. Na hora que voltou, um homem estava dando em cima de Sofia, e ela estava visivelmente desconfortável. Blue foi tirar ele de lá:

– E aí parceiro, tá de sacanagem com a minha cara? Dando em cima da mina dos outros?

– Ela saiu com você? Meu deus, que mina mais burra.

Na mesma hora, Blue virou um cruzado na cara do homem, mas o cara estava com uns quatro amigos, que levantaram e começaram a ir pra cima de Blue. Ricardinho estava com seu amigo indo para uma balada quando viu os parceiros e o cara que o Blue tinha dado um soco indo pra cima dele, então Ricardinho e seu amigo saíram correndo para ajudá-lo. Aí nessa hora o barzinho tinha virado um ringue de luta livre. Era pessoa se batendo de um lado, pessoa batendo do outro, pessoas saindo correndo. Tinha virado uma zona, até que a polícia chegou para acabar com tudo. Todos tiveram que passar a noite na cadeia, sangrando muito.



No outro dia, saíram da prisão e na ida para casa de Ricardinho, Blue estava pedindo dicas do que falar para Sofia, pois estava muito envergonhado com o que tinha acontecido:

– Mano, que que eu vou falar para sua irmã?

– Pede desculpas. O que que você acha? – Falou Marcelo

– Valeu. Cara, desculpa perguntar, mas qual é o seu nome mesmo?

– Meu nome é Marcelo, mas todo mundo me chama de Brigadeiro.

– Eu chamo de Brigadeiro Rei do Helipa, porque o maluco brilha no baile, você tem que aprender com ele, Blue.

Quando eles chegaram, Blue foi direto falar com Sofia:

– Oi, tudo bem?

– Oi, tudo sim – disse Sofia





– Eu queria te pedir desculpas pelo que aconteceu ontem.
– Fica tranquilo.
– Não, era pra ser uma noite pra aproveitar e ficar junto e eu estraguei tudo. Mil desculpas

E foi assim que começou a paixão entre Sofia e Blue.

Três meses se passaram, muitos bailes do Helipa, Blue, Ricardinho e Brigadeiro “O Rei do Helipa” foram. Até que um dia Sofia foi junto com eles. Brigadeiro e Ricardinho como eram bons amigos, conseguiram fazê-la ficar meio afim dele. Era só ele mandar o papo e fazer o gol:

– E aí, tá gostando do baile?

– Adorando! – Disse Sofia – já beijou alguém?

– Não, tô esperando pelo seu!

No mesmo momento, Brigadeiro colocou a música perfeita. Não era uma música calma nem clássica, pelo contrário, era um funk, mas era um funk romântico. Sofia com a bochecha vermelha respondeu:



– Eu tam...

Blue nem deu tempo pra ela terminar a frase, já logo beijou sem pensar duas vezes. No mesmo momento três luzes fortes passaram sobre a Terra.

Blue conseguiu a felicidade que ele tanto procurava, criando uma família com Sofia, tendo amigos como Rogerinho e Brigadeiro, dançando, desfilando na Vai-Vai e muitas outras coisas.



Onde mora a felicidade?





A falsa felicidade

Lucas Braia Moura

Em todas as escolas há sempre aqueles alunos estudiosos, os valentões e os que permanecem em silêncio a aula inteira. Para estes, por mais normal que tivesse sido o dia, alguém sempre encontrava algo no silêncio.

Francisco era um menino solitário, com poucos amigos e sofria bullying. Mesmo assim, conseguia notas boas na escola e se destacava na Matemática, sendo essa sua matéria preferida. Seus pais trabalhavam muito e não podiam passar muito tempo com os filhos, Francisco de 11 anos e seu irmão Pietro, de 9.

Em uma sexta chuvosa, na aula de Matemática, a professora explicava sobre expressões algébricas e Francisco, que já sabia a matéria dada, não prestava atenção. De repente, um objeto brilhante como o sol e amarelo igual a ouro roubou toda a luminosidade da sala do lado de fora da janela, mas estranhamente, apenas Francisco havia notado este estravagante objeto.



O menino, curioso, não esperava a hora de saber mais sobre sua nova descoberta. Assim que a aula terminou, decidiu ir ao local onde o elemento se encontrava. Lá estava ele, ao lado da quadra de futebol, da mesma forma como estava antes. Cada vez que o menino se aproximava dele, o pigmento sumia e dirigia-se para outro lugar, não muito distante, aproximadamente 20m. Com isso, sua jornada começou.

Em um lugar sombrio muito longe de sua casa, onde havia árvores ressecadas e corvos voando, Francisco encontrou o incomum e desconhecido objeto. Quando o corajoso menino se





aproximou, o pigmento se dividiu em metades. Entre elas havia uma pílula. Por uma estranha razão, sem pensar duas vezes, tomou-a.

A pastilha liberou uma quantidade absurda de dopamina, que incluía a sensação de felicidade, prazer e humor. Foi a melhor sensação que ele já teve. O garoto sentiu-se muito mais confiante do que antes.

Ao longo do ano, arrumou vários amigos, suas notas melhoraram. Mas no começo do ano seguinte, de forma lenta, Francisco foi se tornando como ele era antes, assim criou um vício por essa “droga”. Então saiu desesperadamente a procura da pílula. A busca durou muito, mas muito tempo. Até que finalmente encontrou um estoque no Laboratório Tech Ciências (LTC), que era especializada em medicamentos antidepressivos. O jovem garoto decidiu pegar uma grande parte das pílulas e tomou-as de uma só vez.



Depois de seis meses após o consumo exagerado da pílula, ele sentiu febre, dores de cabeça e na barriga. Pietro, desesperado, chamou seus pais, porém, já era tarde demais.



Onde mora a felicidade?





Em busca da felicidade

Lucas Im Chung

Em uma época em que as invenções eram fundamentais para a evolução da humanidade, cientistas de um laboratório renomado e conhecido por todos chamado ACAT, criaram uma droga de inteligência com a finalidade de melhorar o desempenho, concentração e ampliar a capacidade mental para as pessoas irem melhor nos trabalhos e nos estudos. O objetivo principal era criar um mundo em que todas as pessoas tivessem acesso ao conhecimento e que todos pudessem usar a droga para ajudar uns aos outros.

O objetivo do experimento não foi correspondido, e ela trouxe a destruição e o caos a esse mundo. As pessoas começaram a consumir muito o remédio e o usando para fazer atividades criminosas, como cometendo roubos bem planejados, seqüestros inteligentes, entre outras atividades ilegais. Com toda essa confusão o mundo se tornou um lugar perigoso e em frequente caos.



Um adolescente muito bondoso e inteligente chamado Jack queria acabar com todo esse caos que vinha acontecendo em seu planeta. O jovem rapaz planejou acabar com a produção do remédio. A ideia dele era entrar no laboratório e mudar toda a composição da droga colocando um pouco de lágrimas de depressão, pois ao entrar em contato com o medicamento faria uma mudança química e alteraria o objetivo dela.

Ao chegar a ACAT, percebeu que a única maneira de entrar no laboratório era pela porta dos fundos, pois na frente havia muitos guardas. O adolescente conseguiu adentrar ao





laboratório pela parte de traz sem ninguém perceber. O rapaz entrou na oficina principal onde tinha a produção da droga. Ao invadir a sala, Jack pegou a amostra da lágrima e despejou na composição do medicamento, mudando todo o princípio dela e tornando-a ineficaz.

Todos usaram esse novo medicamento e perceberam que não trazia mais a inteligência, mas observaram que trouxeram efeitos que afetavam a mente. Naquele momento, a população percebeu que a felicidade não vinha do uso de novas invenções para fazer mal aos outros.



Onde mora a felicidade?





Um mundo parado

Lucas Leão Cyrillo

O mundo não era o mesmo, estava diferente, máquinas estavam andando por todas as ruas, não havia quase nenhuma árvore ou grama, não se via um ser humano, tudo isso aconteceu no ano de 2060.

As pessoas achavam que comprar era a vida, comprar era a felicidade. Era esse pensamento que fazia as pessoas gerarem o consumismo. Chegou a um ponto em que robôs faziam tudo, traziam as compras, lavavam a louça, faziam a comida, entre outras coisas. A sociedade passava o tempo inteiro em aparelhos eletrônicos, nas redes sociais, jogos e nem se quer saíam para brincar, se divertir, passear, não saíam por nada.

Havia uma família que tinha um filho diferente de todas as outras pessoas. O menino achava que a vida poderia ser muito mais legal e com mais coisas e não só ficar em dispositivos eletrônicos esperando um robô fazer todas as suas atividades. O garoto queria ver o mundo lá fora, achar outras formas de obter felicidade. Decidiu que iria sair de casa, preparou sua mala e foi embora.

Ao sair, ficou chocado. O planeta terra não tinha cores, era um mundo morto, prédios cinzas, chão cinza e ninguém saindo de casa. Via muitos robôs andando para todo lado e não avistava nenhuma pessoa. Ele então decidiu andar um pouco para ver se achava algo diferente. Após caminhar bastante, encontrou uma reserva natural onde havia muitas árvores, plantas.

O menino foi entrando nesse espaço e começou a ouvir vozes, então decidiu segui-las. Ao chegar no local de onde estavam vindo, encontrou quatro garotos, cada um tinha fugido de





suas casas pelo mesmo motivo. Resolveram conversar um pouco para se conhecerem. O menino ficou feliz, pois poderia falar com alguém sem precisar usar um aparelho eletrônico, conhecer novas pessoas. Depois de conversarem um pouco, decidiram brincar na rua.

A criança percebeu que a felicidade não era só ficar em casa consumindo e ficando nos smartphones. Ele viu a diversidade de coisas que poderiam fazer fora de casa, aproveitar o mundo lá fora.

O garoto mudou o modo de pensar de sua família de como iriam viver. Eles começaram a sair de casa e fazer as coisas por conta própria e o robô só como ajudante.

Desde então, saiu para aproveitar sua vida e ficar com seus amigos.



Onde mora a felicidade?





O planeta metálico

Lucas Resina Serafim

Na última noite, quando finalizou o projeto, lembrou-se de seu filho. Vitor havia perdido o garoto e ficou com o trauma para sempre. Anos após a perda, decidiu dar início ao projeto da máquina R3B18, o robô programado para dar sequência à sua espécie. O robô passou a ser chamado de paraflexínis.

Após um ano e seis meses, o projeto foi finalizado. O dia 6 e julho de 2038 entraria para a história.

Com apenas seis meses do lançamento, o robô já era sucesso em vendas por todo o planeta por vários motivos. Ele era multifuncional, cuidava da casa, lembrava o humano de seus compromissos, e principalmente, possuía a tecnologia inovadora de poder se procriar.



Com os problemas acontecendo no mundo, como guerras e a alta criminalidade, muitas pessoas buscaram felicidade com os robôs, gastavam tudo neles e mudavam seus modos de vida por conta da máquina. A cada mês, uma central comandada por Vitor lançava uma nova atualização, deixando os paraflexínis sempre de última geração e cada vez diferente. Seus donos deixaram de ser o que realmente eram, pois quem tinha um desses já era considerado rico.

Famílias de robôs eram criadas, e como a velocidade de crescimento e reprodução era rápida e inevitável, o número de paraflexínis começou a crescer, dificultando a central na hora de fazer as atualizações. O modelo, com o crescimento descontrolado, ultrapassou o número de humanos na Terra e a central, sem ter o que fazer, foi deixando alguns robôs sem atualização.



e outros contos de ficção científica





Não deu outra e os robôs começaram a dominar o mundo. Após os primeiros paraflexínis se descontrolarem em 2071, a central foi atacada e destruída pelas máquinas. Os robôs começaram a caçar os humanos de um em um até não sobrar mais nada. Rapidamente, a espécie humana fora extinta. Buscar felicidade em consumo sem pensar duas vezes apenas para fazer amigos realmente não havia sido uma boa ideia.

Os marcianos olharam para a Terra e viram os continentes se tornarem metal, as árvores se tornarem chaves de fenda, os mares se tornarem mares de polias e porcas. No fim, a Terra era um planeta sem graça, sem felicidade, sem paisagens, sem amizades, apenas com máquinas programadas para se reproduzir.



Onde mora a felicidade?





Burnout

Luisa Raele Saad

Em uma tarde nublada, uma cientista de pele escura, cabelos longos e escuros, e com gigantes olheiras profundas, estava andando pelo laboratório em que trabalhava. Ela estava caminhando para sua sala até que um de seus assistentes a chama:

– Eu preciso de você na sala 12B agora, Verônica!

A cientista foi para a tal sala esperando algum erro químico, porém, o que viu não era nada parecido com o esperado.

A garota entrou na sala 12B e se deparou com dois outros cientistas em volta de uma androide. Quando chegou mais perto, viu uma robô com pele branca e cabelos escuros e curtos. A figura humanoide utilizava um macacão onde havia bordado no lado esquerdo de seu peito “Projeto R3m1s”, pendurado em seu pulso havia um bilhete escrito: ”para Verônica Remis”. A cientista estava confusa demais para pensar em como resolver aquilo. Ela deveria ser uma funcionária competente, a melhor em sua área, mas então por que não estava conseguindo pensar numa resolução? Antes que pudesse se aprofundar mais em seus pensamentos um dos cientistas a chamou:

– Doutora Remis, ela está acordando!

– Me ajudem a levar ela para minha sala! Disse a doutora enquanto pegava a robô no colo.

Após ajudarem a cientista a levar Projeto R3m1s para a sala dela, a androide acordou sentada em uma maca. Verônica entrou em sua sala, fechou a porta e pegou sua prancheta e caneta, para então começar uma espécie de interrogatório:

– Olá, quem é você?





– Olá, Verônica Remis, eu sou sua androide pessoal. Fui programada para você. Para te ajudar.

– E como você pode fazer isso?

– Poderíamos começar aumentando sua serotonina e dopamina que estão baixos a um tempo, também dormindo no mínimo 8 horas e talvez tirar um tempo pra relaxar de vez em quando.

A mulher de metal estava certa. A cientista não dormia mais de três horas a quatro meses, e não relaxava a praticamente 2 anos, tudo isso pela alienação ao seu trabalho.

– Quem liga? Eu estou apenas trabalhando, e também quem precisa descansar?

– Sua saúde está horrível, seu estresse é gigantesco e é muito provável que você morrerá com 30 anos dado sua saúde atual. Você esta em burnout!



– Como se você soubesse algo sobre minha saúde. Você e uma androide e não entende como um corpo humano funciona!

– Doutora Remis, me escuta! A cientista a interrompe, e enquanto sai da sala, disse:

– Isso foi uma perda de tempo.

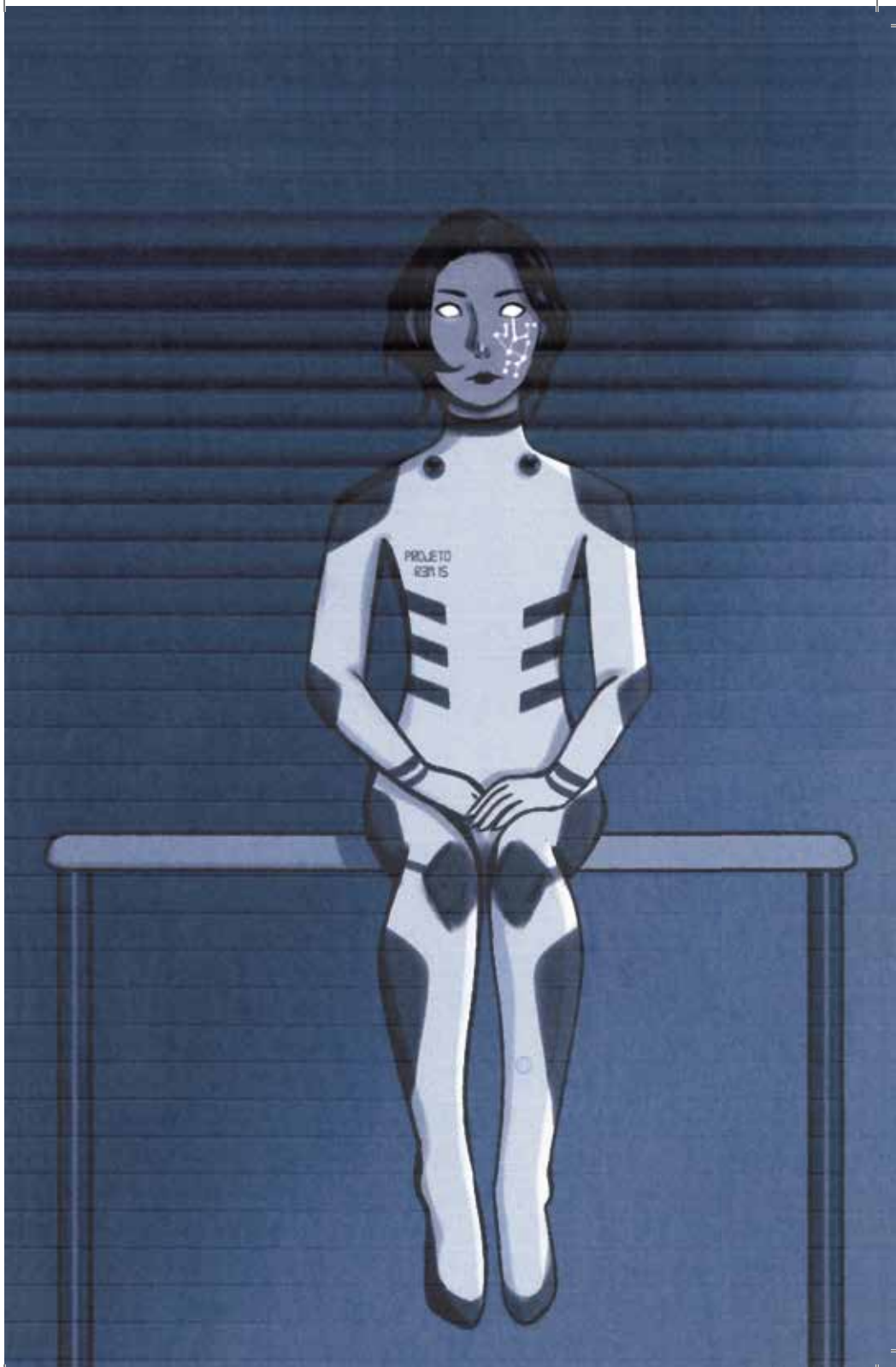
Três meses após o incidente, a robô se reencontrava com Verônica, porém agora Remis estava a sete palmos do chão. Em cima de onde provavelmente está a cabeça da doutora, se encontra uma lápide “Aqui jaz Verônica Remis – 2048-2078 – vítima de Karoshi – sentiremos sua falta”.

Ao se encontrar nessa situação, Projeto R3m1s disse:

– Eu te avisei, Verônica.



Onde mora a felicidade?





Felicidade Artificial

Luísa Ratti Cardim Guerra

Sabe quando falam que no futuro as máquinas vão dominar o mundo? Então, talvez esse futuro esteja mais perto do que você imagina, e acredite, não é tão divertido quanto você pensa.

Estávamos em 2026 e por incrível que pareça, a ciência evoluiu muito, muito mesmo de uns anos para cá, porém isso não significa que o mundo melhorou. Pelo contrário, piorou e muito.

Vamos recapitular para quem não está entendendo nada. Em 2023 surgiu uma nova variante do Covid-19, muito mais perigosa e mortal do que as outras. Com ela, morreu praticamente metade da população que existia no mundo, e para que aquilo não causasse tantos danos à sociedade, essas pessoas que faleceram foram substituídas por robôs com uma superinteligência artificial.

Também, mesmo que agora, em 2026, todas as variantes do Covid já tenham sido extintas, fizeram uma reunião entre os presidentes das 10 maiores nações do mundo, que resolveram erguer campos de força ao redor de todos os países para que nenhuma outra doença perigosa pudesse se espalhar. Ainda por cima, lembram daquela guerra entre a Ucrânia e a Rússia? Então, ela ainda não acabou, e alguns países da Europa entraram nessa disputa de territórios.

Enfim, voltando, sou o presidente do Brasil, sim, fui eleito naquela eleição de 2022. Viajei para Sidney (Austrália), depois de muito esforço para conseguirmos driblar o campo de força envolto ao Brasil e desligá-lo por exatamente 3 minutos, que foi tempo suficiente para conseguirmos atravessar a barreira.



Onde mora a felicidade?





Viajei para Austrália, pois foi onde ocorreu a reunião anual dos presidentes dos 10 maiores países do mundo.

Chegando lá, nos levaram para um hotel muito chique, onde todos os lustres eram feitos de cristal, os pisos de mármore branco acinzentado e o local inteiro cheirava a lavanda. No dia seguinte da minha chegada, às 10h30 da manhã, foi iniciada a reunião, em que o principal assunto discutido seria a Felicidade, ou melhor, a falta dela. Reparámos que a nossa população andava muito infeliz e desmotivada em todos os aspectos possíveis, por isso tivemos que arranjar uma solução urgentemente.

Estávamos discutindo sobre o tema há muito tempo, até que o presidente da China chegou, atrasado. Ele entrou já mostrando um chip, o qual prometia trazer a felicidade de volta. Todos ficaram muito surpresos e em dúvida se a sua proposta realmente funcionaria, porém, como estávamos desesperados por uma solução, acabamos cedendo.

Resolvemos implantar o chip em nossos cérebros antes de levarmos até a população, para a segurança de todos, claro. E como íamos ficar uma semana no hotel, por conta da guerra que estava atrasando todas as viagens aéreas, decidimos ficar com o chip implantado durante três dias e depois faríamos uma nova reunião para discutirmos o seu desenvolvimento.

No primeiro dia, não percebi nenhum resultado, mas, a partir do segundo, o chip passou a fazer efeito; comecei a rir por bobagens, lembrar de memórias felizes e até distorcer alguns pensamentos para que eles parecessem mais alegres; porém, tudo parecia muito falso, uma felicidade artificial. Por mais que eu estivesse o tempo todo com um sorriso no rosto e me lembrando de acontecimentos felizes, eu não me sentia alegre, muito menos contente, e foi isso que discutimos na reunião seguinte.

Parecia que todo mundo havia sentido a mesma coisa que eu, ou melhor, não havia sentido, a felicidade. Por isso decidimos





descartar essa ideia, precisávamos fazer com que as pessoas se sentissem felizes e não que parecessem felizes.

Depois de um bom tempo encontramos uma solução. Estava tão óbvio que não havíamos nem pensado nessa sugestão; devíamos parar com a guerra, destruir os campos de força, e claro, desligar os robôs, até porque, nenhum ser humano jamais poderia ser substituído por uma máquina.

Voltamos a nossos países e logo começamos as mudanças. Depois de um bom tempo, a Ucrânia e a Rússia conseguiram se entender e decidiram que os territórios deveriam ser divididos igualmente. Demorou uns dois anos até que tudo parecesse normal novamente; já não havia mais robôs andando pelas ruas fingindo ser o que não eram, os campos dividindo cada fronteira e impedindo que as pessoas saíssem de seus respectivos países também já não existiam mais; e a paz voltou a surgir, assim como a felicidade



Onde mora a felicidade?





O grande infortúnio

Luiz Eduardo Gagliardi Pimazzoni

Em 2218, quando os humanos passavam por um perigoso período de infelicidade geral, causado principalmente por um colapso econômico jamais antes visto, algumas nações começaram a realizar estudos sobre a dopamina. A intenção era criar um remédio para melhorar o estado emocional de todos, acabando assim, com o historicamente denominado, “Grande Infortúnio”. Porém, aquilo não deu certo...

Após desenvolvido o remédio, os países decidiram em conjunto, liberá-lo gratuitamente nas farmácias. Foi um imenso equívoco, pois tal decisão gerou o fácil acesso a uma medicação que se mostrou perigosamente viciante e que levou grande parte da população à dependência química. As pessoas, então, acabaram apresentando uma sobrecarga hormonal letal. Cerca de 35% da população mundial acabou morrendo e 40% ficaram com problemas mentais até então incuráveis.



Foram necessários anos de pesquisas, para que a humanidade então conseguisse se reerguer, encontrando a cura para tão devastadora doença.

Pois bem, mesmo com a população se recuperando, infelizmente a miséria e a infelicidade ainda estavam presentes. Afinal, a gigantesca crise econômica ainda era uma realidade, assim, como a humanidade conseguiria ficar feliz? Como a humanidade conseguiria encontrar um propósito que lhe fizesse bem para prosseguir evoluindo econômica e cientificamente?

Algum tempo depois, os humanos conseguiram se reorganizar, acabando com a miséria e minimizando a infelicidade.





O foco, agora, era reencontrar o caminho para o progresso e o desenvolvimento.

Foi então que passaram a se dedicar à exploração espacial. Com toda a certeza, esse foi um período de enorme felicidade para os humanos, certamente porque eles haviam encontrado um propósito para a sua vida.

Com a tecnologia desenvolvida e com um grande conhecimento adquirido sobre o espaço e seus mistérios, acabaram por encontrar uma nova espécie de vida inteligente na galáxia Andrômeda. A partir da base de lançamentos construída em Marte, que facilitava as viagens intergalácticas começaram a ampliar o contato e as trocas de conhecimentos científico- tecnológicos com esse novo povo conhecido como Tusking.



Dali em diante, os dois planetas se tornaram grandes aliados, ajudando-se quando necessário, trocando conhecimentos e compartilhando estudos para eventuais avanços tecnológicos, científicos e principalmente espaciais. Foi uma época de bastante prosperidade para o povo dos dois mundos.

Depois de um tempo, os dois planetas tinham chegado ao auge, sem mais estudos para fazer, sem mais problemas nas nações e sem mais nada para evoluir. Por conta disso, os humanos perderam o “tal propósito” que haviam buscado no desenvolvimento tecnológico. Então, começaram a sentir-se novamente como na época do Grande Infortúnio, mas agora levavam juntos os seus novos aliados, os Tusking.

Foi então que os dois povos começaram a pensar em algo que pudesse tirá-los daquela situação. Eles acharam uma saída no desbravamento do universo. Pouco tempo depois, entraram em contato de forma pacífica com novas civilizações e, de pouco em pouco, foram descobrindo o universo praticamente inteiro. Mas, para os humanos ainda faltava algo, mais um propósito.



Onde mora a felicidade?





Eles escolheram o controle supremo do universo. Pediram ajuda para os Tunsking nessa jornada, que negaram completamente a proposta. Então os humanos, com raiva, declararam guerra contra os Tunsking, contra o meu povo, o nosso povo.

Foi uma batalha muito sangrenta, que obviamente resultou na derrota dos humanos, que subestimaram o poder tanto dos Tunsking, como do resto dos povos agredidos.

Entretanto, os nossos antepassados, ao invés de dizimar a raça humana, decidiram prendê-los em uma zona de contenção localizada em Ragnocrosth, criando uma simulação feita para os deixar felizes e sobre controle.





Emoções sem vida

Luiz Felipe Cauduro Costa

“Reiniciando sistema. Bem-vinda, Ava”

No Japão, um novo dia se iniciava na vida de Ava, um androide como qualquer outro, pois, afinal, o planeta agora era deles. O ano é 2072 e os humanos perderam a guerra nomeada “Guerra Cibernética”, na qual a tecnologia criada pelos humanos se voltou contra eles e resultou na derrota e extinção da espécie. Hoje, não existem mais, apenas “seres perfeitos que não possuem defeitos como relações sociais, emoções ou expectativa de vida”, segundo o líder dos androides.



Ava trabalhava na fábrica, o único emprego do novo mundo, aonde robôs fabricavam outros robôs. Certo dia, descendo as escadas de sua casa a caminho da fábrica, acabou pisando em falso e caindo, danificando seu sistema de processamento.

Acordou na sala do mecânico-mestre, um robô que vivia junto a um mecânico e adquiriu parte de seu conhecimento e trabalhava como uma espécie de médico ajudando outros robôs. O mecânico a disse que até onde seu conhecimento atingia, Ava estava curada, mas não havia garantias. Ela agradeceu a ajuda e voltou a sua rotina normal, mas percebeu sensações estranhas enquanto passava pelas ruas. Viu um robô salvando outro de uma queda fatal e sentiu algo que não soube explicar. Nós humanos chamávamos de alívio. Sentiu? Isso não deveria ser possível para um androide.

Quando Ava percebeu que conseguia sentir emoções, primeiro ficou assustada, depois pensou que podia usar esse seu



Onde mora a felicidade?





novo sistema para mudar o padrão de vida dos robôs, tornando-os seres mais sensíveis. Saiu correndo de volta ao mecânico-mestre para contar o acontecido, e ele não teve reação nenhuma, mas aceitou a ideia de replicar o procedimento feito em Ava em Eco, outro paciente que estava no consultório.

Tudo aconteceu como o esperado. Eco teve a mesma sensação que Ava ao ver que podia sentir emoções. Algo aconteceu quando olhou para Ava. Sentiu uma atração estranha, acho que se chama paixão, e o mesmo aconteceu com ela. Os dois se sentiram, tímidos na presença um do outro, e aquilo levou a um amigável abraço entre os dois.

Dois anos depois, esse novo *software* tinha sido implantado em todos os robôs do planeta, e a vida mudou completamente. Os “novos androides” eram mais semelhantes aos humanos do que jamais foram, e possuíam muito mais vida.





AirCar no espaço

Luiz Guilherme Volpato Vello

Um carro-avião chamado de “AirCar” passou com distinção nos testes na Eslováquia, em junho de 2021

No início de 2022, o criador do “AirCar”, Stefan Klein decidiu que iria fazer um teste de viagem interplanetário com o carro-avião e decidiu convidar dois historiadores de planetas: Neil Armstrong e Luiz Guilherme.

Na manhã seguinte, quando receberam o convite para a viagem teste do “AirCar”, ficaram muito satisfeitos com a notícia. O Luiz ficou tão feliz que começou a chorar, porque era um sonho desde criança conhecer seu maior admirador.



Na carta que eles receberam o convite estava escrito que no dia 8 de março de 2022 seria lançado o carro-avião para uma viagem interplanetária, no Cabo Canaveral, nos EUA

Um mês depois, Luiz Guilherme e Neil Armstrong estavam lá e encontraram o Stefan Klein que perguntou:

– Olá, vocês já estão prontos para a viagem de hoje?

– Eu estou super grato por você ter me convidado para essa viagem e bem ansioso – disse Luiz Guilherme

– Também estou muito grato por ter me convidado e bem empolgado – disse Neil Armstrong.

Antes de viajarem eles foram almoçar para não ficarem com fome no meio do caminho. Precisavam comer uma alimentação muito saudável, pois no espaço ficariam muito cansados.

Chegou a hora, ambos já estavam lá dentro do “AirCar” e prontos para decolagem. Começou a contagem para decolar: cinco, quatro, três, dois, um e eles começam a voar.



Onde mora a felicidade?





Umás duas horas depois, saíram da terra e o Neil Armstrong Falou:

– Eu esqueci de falar que o Stefan Klein tinha uma surpresa para você, Luiz Guilherme.

– O que é, Armstrong? – Perguntou Luiz Guilherme.

– Agora você pode falar para qual planeta a gente pode ir e também controlar o carro avião – Respondeu o Neil.

– Beleza, é você que manda – falou o Neil.

Mas quando Luiz e Neil estavam contornando a Terra, viram uns objetos estranhos voando pelo espaço. Ao chegarem mais perto, perceberam que eram lixos que a Terra estava jogando no espaço. Luiz percebeu vários papéis, embalagens de comidas não saudáveis, latas de Coca-Cola e plásticos. Armstrong perguntou:

– Luiz, a gente pode pegar esses lixos jogados pela Terra para não ter consequências no futuro do nosso planeta?

– Sim, com certeza – respondeu Luiz.

Eles começaram a catar os lixos que estavam em cima da Terra. Quando Neil e Luiz acabaram de recolher tudo que havia jogado no espaço, sentiram um bem-estar de ter ajudado a não acontecer alguma coisa no futuro.

Seguiram adiante, e de repente viram umas bolinhas vermelhas piscando perto de Vênus. Quando chegaram perto, Neil viu alguém familiar, que era o Pete Conrad. Armstrong perguntou:

– Ué, Pete Conrad! Você já não tinha morrido?

– Não, Neil. Eu tinha vindo escondido na viagem do Apollo 14. Quem é esse aí do seu lado? – Respondeu e perguntou Pete.

– Esse daqui é o Luiz Guilherme e nós fomos convidados para testar o “AirCar” no espaço – Respondeu Armstrong.

– Que legal! Essa é a população de Vênus que são chamados de venusianos e tem também meu amigo Alan Bean, que está disfarçado de ET lá embaixo – disse Pete.





– Estamos só de passagem pois eu queria conhecer Vênus e achei bem legal – Falou Luiz.

– Se conseguirem voltar algum dia, estaremos de porta abertas para vocês – Respondeu Conrad.

Logo que saíram de Vênus, receberam uma ligação de Stefan Klein:

– Oi, são vocês Luiz e Neil?

– Sim somos nós – falaram Neil e Luiz.

– Vocês têm que começar a se despedir do espaço – disse Stefan.

– Caramba! Nem passaram cinco dias – respondeu Luiz.

– Passaram sim. É que no espaço vocês não ficam com fome e nem sono – respondeu Klein.

– Ok, então nos vemos daqui algumas horas – Falou Neil.

Algumas horas se passaram, eles chegaram à Terra sendo aplaudidos por todos os países. Os japoneses eram os mais felizes, pois apoiaram a construção do carro-avião. E antes desse evento, era o país mais infeliz do mundo.



Luiz Guilherme e Neil Armstrong foram as primeiras pessoas a voar de carro-voador no espaço.



Onde mora a felicidade?





Robô e a menina

Luiza Cassiano Cotait

Na cidade de Nova Iorque, o Sr. J. Carlos criou em seu laboratório vários robôs, isso lhe ajudaria bastante em suas funções, como ajudar sua filha nos estudos, a faxina de casa, no trabalho e entre outros. Decidiu presenteá-la com um desses robôs, ela adorou o presente. Semanas se passaram e a menina foi se encantando cada vez mais com o robô.

A garota brincava com o robô todos os dias, e ele a ajudava nas lições, via séries com ela e várias outras coisas. Quando a menina completou 14 anos, percebeu que estava sentindo algo diferente pelo robô, só que ela não podia gostar de máquinas, pois elas não tinham sentimentos. Ficou muito chateada, pois gostava e tinha um carinho enorme pelo robô, mas não podia criar laços. Não queria mais ficar magoada com a situação, então decidiu desligá-lo por alguns dias.



No dia seguinte, o pai da menina viu o robô desligado no chão, e decidiu perguntar para a filha o que havia acontecido. A garota disse que estava magoada e tinha muitos sentimentos pelo robô, mas não podia gostar dele, pois o autômato não tinha sentimentos. Assim, Carlos teve uma ideia: colocar sentimentos e expressões faciais na máquina que criou. Assim, ele teria novas invenções e sua filha ficaria feliz. Em seu laboratório, acabou fazendo robôs modernos, teve um enorme reconhecimento das pessoas e conseguiu vender várias máquinas. Sua filha ficou muito feliz com as novas funções do robô. As criações de Carlos eram ótimas.





O impacto da nova ordem mundial

Manuela Arantes de Menezes Côrtes

No dia 28 de julho de 1914, ano do início da Primeira Guerra Mundial, tudo começou com a morte de Arquiduque Francisco Ferdinando. Nesta mesma data, o herdeiro do trono Austro-Húngaro e sua esposa foram mortos a tiros em Sarajevo, capital da Bósnia. Foi aí que declararam a Primeira Guerra Mundial. É importante saber quem ganhou e perdeu, no caso França com a vitória e Alemanha com a derrota.

A Alemanha iniciou a Segunda Guerra Mundial em 1 de setembro de 1939, ao invadir a Polónia. Depois dessa, ela não parou e invadiu mais onze países. Em 1945, mais especificamente 2 de setembro, finalizou-se a Segunda Guerra Mundial, com vitória dos países aliados, tendo no comando Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética. Mais uma vez a Alemanha foi derrotada.

No século atual, 21, as coisas ficaram bem diferentes. Os alemães sofreram preconceito por muitos anos, porque as demais nações constantemente lembravam seu passado como nação nazista. Mas hoje o que está acontecendo, é o mesmo, porém com os russos.

No dia 24 de fevereiro de 2022 Putin iniciou o ataque russo na Ucrânia, porque em 25 de dezembro de 1991 a União Soviética caiu e se tornou Rússia. Os países participantes se separaram e se tornaram independentes. Com isso, o atual presidente da Rússia, Vladimir Putin, já tinha planejado reunir de novo, mas nenhum país queria participar de volta.

No dia 13 de agosto do ano de 2022, Putin lançou várias bombas de raios-gama, as mesmas usadas na estação espacial



Onde mora a felicidade?





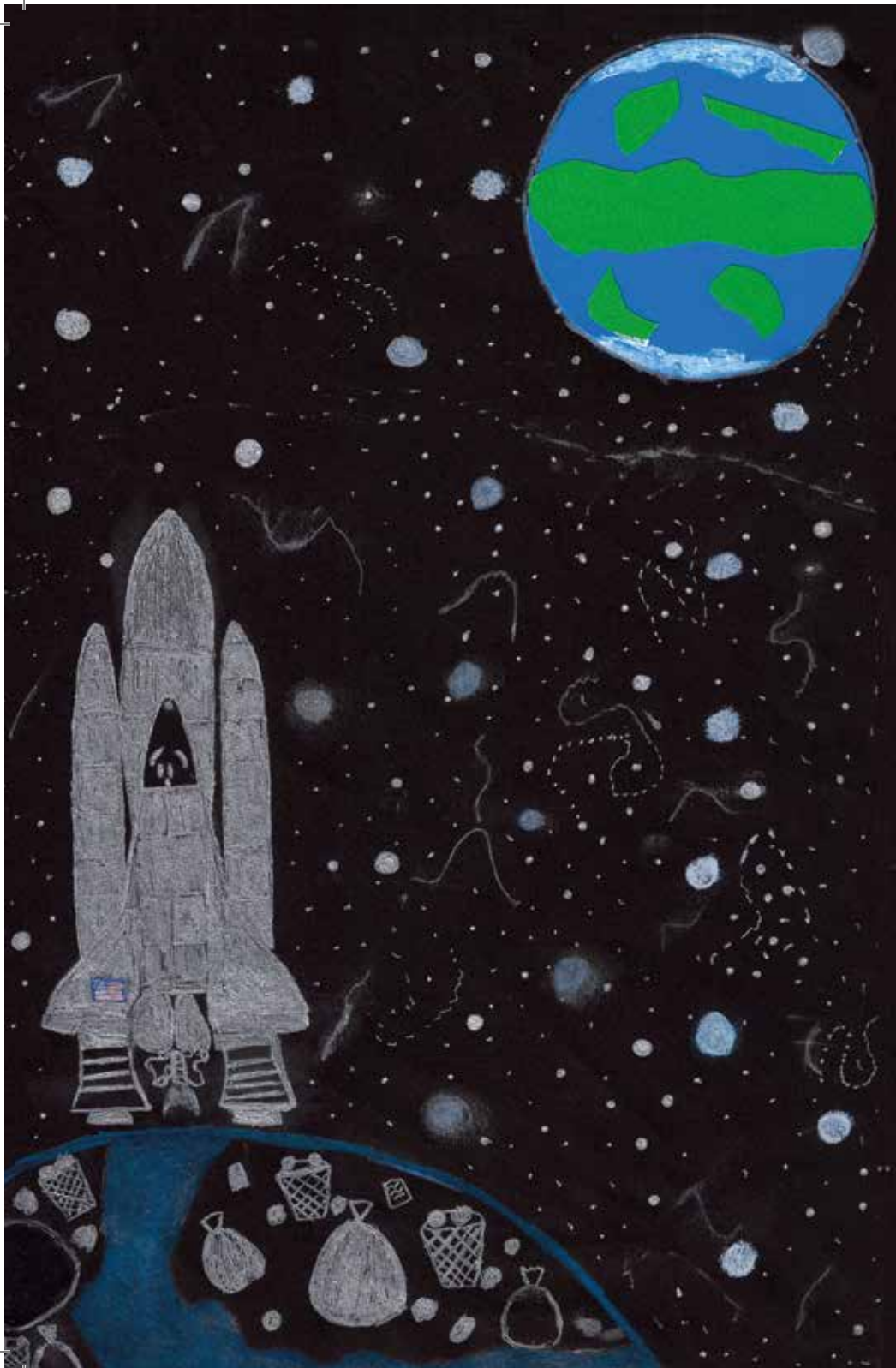
Hiperbase, nos Estados Unidos. Somente após esses ataques é que o mundo descobriu que Putin inspirou-se nas histórias de Isaac Asimov e apropriou-se do conhecimento do autor traduzido em seus livros para colocar em prática sua inteligência nuclear e tudo o que foi pesquisado secretamente desde que o autor, também russo, criou a U. S. Robot and Mechanical.

O futuro entre o potencial de duas grandes empresas como a NASA e a recém revelada empresa russa poderá definir o destino das próximas gerações e da própria humanidade.



e outros contos de ficção científica







Para sempre, perdidos

Manuela Malavolta Magalhães

No Planeta Terra, no ano de 2040, os preparativos para várias viagens interplanetárias eram feitos. Humanos fazendo as malas, tristes por terem de sair da Terra e mudar seu modo de vida completamente. Governadores e presidentes preocupados com os céticos: eles ainda questionavam a decisão de mudar de planeta, pensando se realmente seriam felizes se consumissem menos. Porém, não havia outra opção. As demandas humanas por recursos naturais eram maiores do que a Terra poderia suprir. Além disso, mesmo que comprassem muito, os humanos continuavam infelizes. Governantes acharam um único modo de resolver o problema: mudar para um novo planeta, popularmente chamado de “planeta gêmeo da Terra” ou, cientificamente, “RB3HO5”, e tentar alterar os hábitos consumistas da população, pedindo para que consumissem menos e com mais consciência.



Então, no dia 13 de dezembro de 2040, todos os humanos foram para as bases nacionais de lançamento, com suas passagens em mãos e a esperança de um mundo melhor, que fosse diferente daquele a que estavam habituados. Estavam dispostos a consumir menos e serem mais felizes, já que entenderam que a felicidade não se resumia ao consumo. Neste novo local, não haveria competição desnecessária entre as pessoas e as indústrias seriam mais conscientes ao venderem seus produtos. Assim, o meio ambiente seria menos prejudicado por ações humanas de consumo.

Nem tudo se passou tranquilamente. Os céticos, além de fazerem manifestações contrárias às mudanças, foram à base de

e outros contos de ficção científica





lançamentos da Nasa para sabotar uma missão interplanetária. Pretendiam mudar a rota de umas das naves espaciais e suas configurações, fazendo com que ela ficasse perdida no espaço para sempre, sem que jamais qualquer humano conseguisse encontrá-la.

Até aquele momento, tudo corria bem: das 300 mil viagens, mais de 283 mil haviam chegado ao seu destino certo sem nenhuma complicação. Mas, durante uma das 17.000 missões que faltavam, os humanos perceberam que havia algo de errado com a rota que a nave estava fazendo. Ela estava indo para o lado oposto do que deveria, em uma velocidade muito maior do que sua capacidade. Como não havia sido feita para suportar aquele excesso, acabou explodindo. As causas do acidente tinham de ser pesquisadas. A sala de controle foi o primeiro local investigado. Quando chegaram lá, notaram um gás que vazava sob uma das portas e da janela dava para ver todos os controladores inconscientes no chão. Para eles, era óbvio que os céticos haviam causado aquilo tudo, mas sabiam que seria inútil tentar localizar os sabotadores, já que, provavelmente, tinham fugido para longe. Acharam mais plausível ir para o novo planeta, um lugar mais feliz do que a Terra, onde os céticos não podiam alcançar os humanos. Além disso, como a nave já havia explodido, não havia mais vida nela.



Pelo menos era isso o que os governantes achavam... Quando a nave explodiu, todos os humanos foram expelidos dela e ficaram orbitando no espaço, para sempre.



Onde mora a felicidade?





Cotidiano da radiação

Maria Clara Fava

Todos achavam que após uma terceira bomba atômica o mundo acabaria, mas quem vive em um mundo pós-explosão, torceria para que o mundo acabasse.

Muitos não devem ter entendido esse começo, então aí vai a minha história.

Em 2045, uma guerra por território se iniciou. A China queria uma parte da Rússia e como o esperado ela iria contra-atacar. Só não esperávamos que seria desse jeito.

A Rússia mandou uma bomba Atômica para a China no dia 25 de Abril de 2045 desde então, o dia ficou marcado como fim da humanidade. Depois da explosão, mais de 56% da população mundial morreu. Isso porque uma bomba com essa potência não acabaria só com um país, mas sim com o mundo, inclusive a Rússia.



Meu nome é Наталья (Natalya) e eu moro em Moscou. Confesso que o mundo após a guerra ficou muito difícil. Não podemos comer mais nada de plantio, somente comidas enlatadas ou industrializadas, eu até prefiro comer salada a comer essa comida.

Como muitos animais morreram, tiveram que inventar uma carne industrial. Na verdade, é um pedaço de papelão com gosto de isopor, mas como foram ingeridos vitaminas e nutrientes de uma carne de verdade, temos que comer.

Nós raramente saímos de casa, mas quando saímos usamos máscaras de oxigênio e tudo mais parece até coisa de filme.

Nós não vamos para a escola porque as máquinas fazem tudo por nós, então os humanos não têm empregos. O governo

e outros contos de ficção científica





dá um tipo de auxílio de 3.500 rublos russos por mês para ajudar com a falta de dinheiro que a falta de emprego causou, e temos que sobreviver com isso. Como o custo de tudo abaixou, quase sempre sobra dinheiro.

Meu pai infelizmente morreu tendo que limpar uma parte afetada pela radiação da cidade, e foi exposto a 6 gy de radiação morrendo alguns dias depois. Eu só tenho minha mãe, que também está doente, ela também está com câncer devido a exposição de 5 gy de radiação e agora estou em estado terminal.

Todos os dias eu tento ser feliz e esquecer os problemas do mundo real. Gosto de pensar que estou em um sonho, ou um pesadelo, mas isso nem sempre funciona. A minha vida é muito difícil, não tenho amigos nem família, pois poucos sobreviveram.

A cerca de 3 meses, fizeram um teste que media a quantidade de radiação que havia nas pessoas. Só passava no teste quem tinha menos de 0.30 de radiação, mas eu estava com 2.30, e por isso não pude sair de Moscou para não contaminar outras pessoas em outros lugares. Seis meses atrás também fui diagnosticada com câncer. Me sinto mal todos os dias e toda noite acho que vou morrer. Não aguento mais viver assim. Decidi escrever isso porque meu médico me deu 12 horas de vida, e gostaria de compartilhar minha história com quem lesse isso.

Último recado.

Espero que a situação mude e quem viver no futuro possa encontrar um lugar melhor e mais feliz.

COM AMOR, Наталья.



Onde mora a felicidade?





Humanos em Marte

Maria Clara Gálico Pfeuti

Pessoas, muitas vezes achavam que para ter uma vida feliz, ser feliz, você teria que ter coisas, muitas coisas... Mas com o tempo, foi desmascarada essa total mentira... Vou te contar minha história.

No ano de 2100, os humanos chegaram ao ápice do consumismo. A Terra já nem era mais a mesma. Milhares de pilhas de lixo, poluição na camada de ozônio, aquecimento global... Nossa sociedade já tinha enraizado o conceito de que você apenas encontraria a felicidade se tivesse dinheiro, casas, imóveis. Isso acabou com o nosso planeta. Foi aí que metade da população da Terra embarcou em naves espaciais a caminho de Marte, enquanto a outra cuidava do planeta para podermos retornar quando eles completassem a missão. Foi assim que eu vim parar nesse planeta vermelho e desértico.



Quando cheguei aqui já haviam construído algumas civilizações. Para conseguirmos sobreviver, tínhamos de sair de casa com uma armadura protetora, e tomar muito cuidado com as tempestades de areia que sempre ocorriam. Todo o dia, tínhamos algumas aulas sobre como agir quando voltássemos para a Terra. Aprendemos a ter o descarte devido de lixo, não consumir o que não precisa, ajudar o meio ambiente. Aquilo sempre me fez pensar muito sobre a atitude do ser humano em relação a sua própria casa. Eu sempre tive o mesmo sonho: estava retornando para a Terra e ela não estava poluída, estava perfeitamente estável...

Num belo dia, estava indo pegar a minha comida do mês. Os da Terra enviavam um barril de comida (geralmente enlatada)



e outros contos de ficção científica





por mês para podermos nos alimentar. Estava na fila, na estação, como mais um dia perfeitamente “normal”, quando centenas de naves espaciais foram vistas no céu. Seria aquilo mesmo? Eu iria retornar para a Terra? Estava tentando entender o que se passava, quando as sirenes começaram a alertar: “Embarque pela plataforma. Retorno à Terra”.

Fiquei tão feliz que nem posso descrever em palavras. Voltaria para a Terra! Fiz minhas malas e fui direto, correndo para a nave. Quando eu estava na plataforma, um forte vento bateu e uma pedra voou na minha cara! Desmaiei.

Chegando à Terra, acordei em um hospital. Tive até um “choque cultural”, pois estava respirando o ar sem a minha armadura. A Terra havia mudado muito... Estava melhor... Isso me fez perceber o quanto perigo que nós, humanos, causamos para ela... Também, novas leis e hábitos tinham de ser seguidos: Consumo consciente, consciência do descarte de lixo e o mais importante, a felicidade não consistia em encontrar o que se deseja, mas em amar o que se tinha.



Onde mora a felicidade?





3285 dias para o fim

Maria Clara Mano Lahóz Moya

Ainda me lembro de como era acordar com o Sol, lavar o rosto com água fria, sentir o cansaço ao voltar para cama à espera de outro dia. Mas também me lembro de quando tudo mudou, e posso afirmar que o momento derradeiro está mais próximo do que vocês imaginam.

Tinha 16 anos quando ocorreu a primeira patrulha. Eu ainda me lembro do desespero da vizinhança com suas portas arrombadas e casas invadidas. A falta de recurso fez com que ficássemos em campos com quartos compartilhados e um refeitório quilométrico. Comida, sono e água eram racionados. Durante o dia, tínhamos funções comunitárias e às 22h era o toque de recolher. Nossas vidas eram controladas. Após dois meses de confinamento, fomos liberados.



Quando voltei para casa, senti como se tudo estivesse exatamente como antes, a não ser o leite estragado e o pão virado uma bola de mofo em cima da mesa. Mas no fundo eu sabia que estava tudo diferente.

Já no ano de 2019 a antiga ONU afirmava que as mudanças climáticas eram uma ameaça para o futuro do nosso planeta. Assim como as pandemias que vimos em 2020 com a COVID-19, já que toda nossa economia, modo de viver, vida pessoal e profissional tinham sido afetadas. Mas foi no ano de 2047 que vivenciamos mudanças realmente significativas. As primeiras grandes enchentes começaram em março, e fizeram a produção de arroz cair em 6%, a de trigo 21% e a de milho 10%. Com alguns cálculos e gráficos, era possível presumir que





aproximadamente 20 anos depois não teríamos mais nenhum tipo de vegetal pela deficiência na agricultura que o calor e umidade iriam gerar.

Com tal situação, a OPVT (Organização de Proteção a Vida Terrestre fez uma pesquisa que possibilitou a fabricação de pílulas nutritivas, que tinham a função de suprir as necessidades de nutrientes na ausência daqueles alimentos que não estavam mais sendo cultivados.

Já estava tudo arruinado. Não havia, mas comida nem alegria. O Sol parou de nascer e o galo de cantar. Todos viviam infelizes e agora nada era o que parecia. O pior de tudo é que não sabíamos o que estava por vir. O governo escolheu omitir que nossos dias estavam contados. Talvez estivessem certos, e nós mesmos teríamos nos matado se soubéssemos da verdade. Mas talvez teríamos nos esforçados um pouco mais para ficarmos felizes, não com o que estávamos vivendo, mas por tudo o que já havíamos vivido, que nossos filhos, se tivessem a sorte de nascer, não viveriam.



Senhoras e senhores, me chamo Marrie Walton, e venho do amanhã ao agora para lhes contar que é preciso mudar, pois só assim iremos salvar minha antiga Terra e seu atual lar. O futuro está mais próximo do que imaginam e suas vidas infelizes e deprimentes os aguardam.

Enquanto evitarmos resolver nossos problemas, não frearmos nosso consumo desnecessário, poluição, desmatamento em massa e entre milhares de outros fatores que contribuem para a degradação do planeta, podemos ter certeza de que nosso destino será um.



Onde mora a felicidade?





A felicidade de todos

Maria Clara Shima Kuroda

Em um planeta chamado Mindi, na galáxia Gola, havia muitos humanos como eu. A Terra sofria com muita poluição e várias pessoas morreram por acúmulo de gás tóxico no pulmão, o que fez os sobreviventes irem em busca de um novo planeta.

Depois de vinte longos anos buscando um novo lar, encontramos uma outra galáxia. Nela o espaço era diferente, não havia estrelas e parecia não haver outros planetas. Estávamos perdendo a esperança, mas de repente encontramos o planeta Mindi, onde a vida humana era possível.

Quando encontramos esse lugar, ficamos muito aliviados, mas vimos pela janela da nossa nave que havia outros habitantes no novo território. Eles eram seres estranhos, a pele era roxa, tinham cabeças enormes, sem braços e três olhos.



No momento em que chegamos, pegaram suas armas, para nos atacar. Não revidamos. Durante o ataque, eles atingiram a nossa nave e tivemos que sair, pois ela estava prestes a explodir. Depois da explosão, conseguimos convencê-los de que não queríamos atacá-los e sim viver no planeta e tê-lo como lar, afinal não tínhamos nem como procurar outro sem nossa nave. Foi difícil convencê-los, mas permitiram que morássemos lá.

Com o tempo conseguimos entender a língua deles e vimos que eram muito tristes e consumistas. Achavam que com mais poder e dinheiro vinha a felicidade. Alguns humanos também pensavam assim, mas eu não.





A maioria dos seres ficavam em casa o dia todo, consumiam muito mais que o necessário e tinham uma alimentação péssima. Alguns humanos tinham essa mesma atitude.

Certo dia, todos que praticavam esse costume sedentário e achavam que a felicidade vinha do dinheiro começaram a adoecer. Médicos que vieram conosco do planeta Terra trabalhavam com tantos pacientes que vários começaram a morrer. Todos os dias vinham cada vez mais e mais.

Então uma minoria que ficava inconformada com o que estava acontecendo se juntou, tendo a ideia de pesquisar de onde vinha a felicidade e como combater o sedentarismo. Vimos que a convivência de pessoas, esportes e fazer algo de que se gostasse traria a felicidade e a saúde.

Apresentamos essa proposta para todos e a maioria mostrou interesse em mudar suas atitudes. Agora esse é o meu novo lar, com todos tentando melhorar seu jeito de viver.



Onde mora a felicidade?





Felicidade

Maria Luiza Pereira Porto Intátilo

Os celulares foram criados no dia 03 de abril, no ano de 1973. Isso trouxe muita alegria a todos, pois era uma nova tecnologia que facilitou a comunicação e o entretenimento. Muitas empresas começaram a querer investir nessa nova tecnologia, pois estavam lucrando muito. As pessoas começaram a passar o dia todo viciados no celular, passando o dia todo em casa e não interagindo com quase ninguém. Quando ocorria de precisarem sair de casa, ficavam com o rosto no celular, parecendo zumbis!

Com o tempo, o vício foi aumentando cada vez mais, e ninguém interagia com outras pessoas fora daquele aparelho, as pessoas não saíam mais de casa, era tudo online. Isso começou a afetar uma parte do cérebro, aquela parte que ajudava a interagir com os outros. Mas essa parte foi ficando danificada, pois não havia mais conversas pessoalmente.



Alguns sentimentos começaram a ser afetados também, pois tinham uma conexão com aquela parte do cérebro, como a felicidade, e aos poucos as pessoas começaram a sentir falta disso. Com o passar dos dias, uma das únicas pessoas que não foi afetada, um dos cientistas mais famosos, decidiu tentar criar uma cura para aquilo, pois era parecido com um vírus.

Diversas tentativas depois, noites sem dormir, o cientista pensou em desistir, pois está tudo dando errado e cada vez se complicando. Um de seus colegas viu o sofrimento dele e quis ajudá-lo, pois em equipe seria mais fácil.

Os testes duraram vários dias, pois não era uma coisa simples e fácil. Os dois erravam, porém também acertavam e nunca





pensavam em desistir, pois sabiam que estavam cada vez mais próximos da cura. Depois de um tempo, finalmente conseguiram a cura e a chamam de pílula da felicidade, pois essa pílula ajudaria as pessoas a conseguirem de volta seu mais precioso sentimento.

Alguns dias depois, o remédio foi anunciado, e todos ficaram desesperados pela cura, pois a felicidade era um dos sentimentos mais importantes na nossa vida. Diversas pessoas não conseguiam parar de comprar, pois o efeito do medicamento era limitado, e assim foi se esgotando muito rápido, pois existem muitas pessoas consumistas no mundo, e talvez existam pessoas que não consigam conquistar novamente a felicidade.



Onde mora a felicidade?





A droga da felicidade

Mariana Mannelli Elene Gerlinger

O ano era 3001 e a tecnologia havia avançado muito. Robôs, próteses biônicas e microchips radioativos estavam sendo desenvolvidos com uma velocidade alarmante. O mundo já estava de cabeça para baixo por conta disso, mas o real problema começou quando a droga da felicidade veio à tona. Essa história foi complicada, então vamos começar do início, caro leitor.

Você deve achar esse avanço tecnológico incrível, afinal a humanidade estava evoluindo de forma extremamente rápida. Contudo, os seres humanos foram ficando cada vez mais apegados a aparelhos eletrônicos e a bens materiais. Passaram a consumir muito mais e esqueceram de coisas que antes eram consideradas vitais, como a religião e o contato com outras pessoas. Se tornou cada vez mais raro ver alguém fazendo atividades físicas ou andando nos parques. A terrível verdade, porém, é que assistindo a tantos vídeos e posts em suas redes sociais, as pessoas começaram a achar que estar felizes o tempo inteiro era uma obrigação. Se os indivíduos que elas viam nas telas carregavam sempre um sorriso, por que com os telespectadores seria diferentes? Estariam eles fora do padrão?



Foi então que o cientista alemão, Stephan Zenik, vendo a infelicidade mundial, criou algo jamais imaginado: a droga da felicidade. Tendo estudado na melhor universidade científica do mundo, a Izzatchi, o brilhante, inovador e experiente Zenik sabia o que estava fazendo. Ele alegava que apenas um pouco do remédio tornaria o indivíduo extremamente feliz. A droga alteraria a genética e o DNA da pessoa, fazendo que o sentimento de alegria fosse ativado mais facilmente com a felicitonina, a



e outros contos de ficção científica





matéria-prima do remédio. O único problema é que o material indispensável era encontrado em quantidades extremamente pequenas, por isso, havia apenas uma dose do medicamento.

Quando a notícia da criação da droga chegou aos ouvidos do público, laboratórios e centros de pesquisa começaram a ter uma procura enorme, afinal, tudo que as pessoas queriam, mais do que qualquer robô ultra tecnológico, era serem felizes, assim como pareciam as pessoas que elas seguiam no Instagram.

Ao final de duas semanas, o mundo já estava do avesso. Pessoas se empurravam nas lojas tentando achar a tal droga, gritavam com vendedores e corriam pelas ruas.

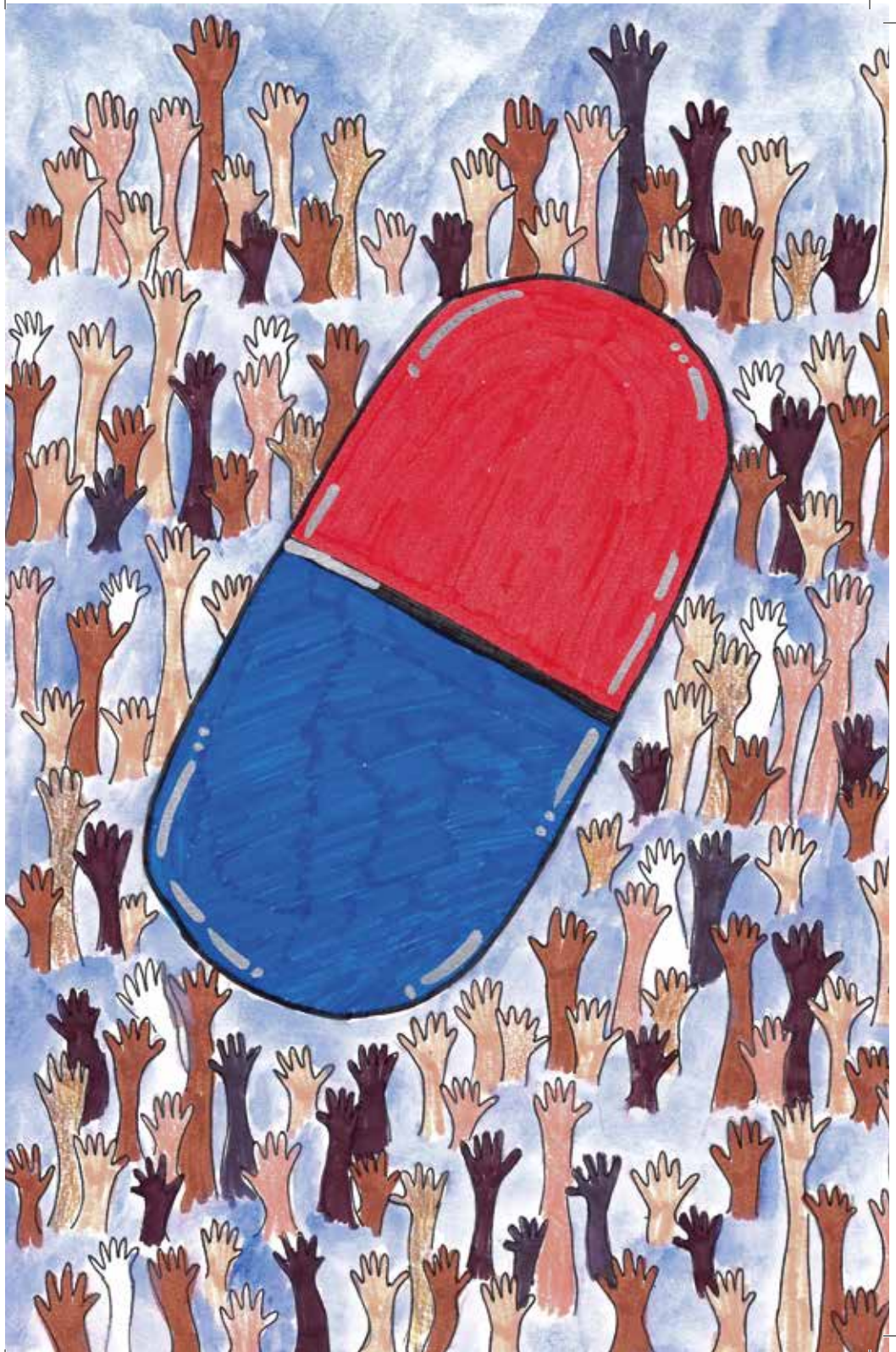
Vendo o estrago que tinha causado, Stephan tomou uma decisão: iria destruir a causa de tanto alarde. Mas, para tanto, precisaria dar uma explicação ao público. Então, no dia 29 de agosto de 3001, todos os países do mundo assistiram a uma transmissão ao vivo. China, Canadá, Nova Zelândia, Rússia e o mundo inteiro pararam para escutar o que o cientista causador de tanta desgraça tinha para falar. Ele daria uma única dose da droga da felicidade para alguém?

– Queridos telespectadores – começou ele – Estou aqui, transmitido por meio de seus eletrônicos, para lhes dizer algo. Eu criei a droga da felicidade para tornar o mundo um lugar melhor, visto que tudo que nos fazia feliz, no passado, foi esquecido. Nunca mais vi crianças brincando, amigos jogando e pessoas se divertindo como antes. Ao invés disso, só reparo na comparação que as pessoas fazem ao olharem para si mesmas e para as telas do celular. Não é uma simples droga que mudará isso. Não somos nós que controlamos a tecnologia. É ela que nos controla.

Então Stephan Zenik destruiu todo e qualquer resquício da droga da felicidade, literalmente. A chance de qualquer um ser feliz se tornou impossível, afinal, os seres humanos eram muito preguiçosos para procurar a felicidade sozinhos ou achá-la em lugares diferentes que o da tela do celular.



Onde mora a felicidade?





Abandonado na Terra

Mariana Yumi Saigo Baladi

Sempre fui muito pobre, mas nunca tive problema com isso. Porém em momento nenhum pensei que minha condição financeira determinaria minha morte. Hoje em dia, onde moro é muito diferente de antigamente. Atualmente, em 3500, o planeta está próximo da destruição.

Isso tudo aconteceu porque, ao longo dos anos, a humanidade foi evoluindo e com isso a poluição aumentou drasticamente. Entretanto, os seres humanos perceberam – ou melhor, fizeram algo a respeito – tarde demais. Os cientistas de todo o mundo até tentaram impedir a irreversível poluição. Eles criaram um composto de substâncias químicas para jogar nas águas e despoluir a Terra. Mas como eu havia dito antes, tentaram. Essa solução se espalhou rapidamente pelo planeta e acabou contaminando outros animais, além dos próprios seres humanos. Essa despoluição causou várias doenças. Uma delas é a Byouki, que matou mais da metade da população. Muitas pessoas confundiam os sintomas achando que estavam gripadas ou resfriadas.

Passado um tempo, os cientistas chegaram à conclusão de que a Terra não duraria por tanto tempo. Então o governo brasileiro criou uma astronave para proteger a população. Mas tínhamos um problema: a nave não teria espaço nem suprimentos suficientes para abastecer todos os habitantes. Logo o governo teria que tomar uma decisão difícil, que para eles não foi tão complicada assim. Quem iria ficar e quem iria morrer? A resposta era óbvia, mas não deixava de ser chocante. E como



Onde mora a felicidade?





sempre, os mais endinheirados foram favorecidos. Sendo assim, fui forçado a ficar aqui, preso na Terra.

Agora estou vagando pelo mundo. Procurando minha felicidade, mas seria ótimo ter alguém para desabafar, visto que muitas pessoas que ficaram no planeta morreram por doenças ou servindo de comida para os animais. Não faz muito tempo desde que a nave espacial, Star Hawk, partiu.

Após alguns dias, tentei me ocupar com atividades que pudessem me divertir, ou pelo menos fazer o tempo passar mais rápido, como por exemplo meditar. Quando a Terra ainda não era tão vazia, li em uma reportagem que dizia que a meditação era uma excelente maneira de relaxar. Mas infelizmente não deu muito certo para mim, então tentei outro método, talvez só um pouco antiquado. Comecei a orar para Deus. Não que eu tivesse uma religião específica, porém era a única solução em minha mente que poderia trazer a minha felicidade. Rezava todo dia pedindo para Deus que me ajudasse a ser feliz. Entretanto, não obtive nenhum resultado.



Explorei São Paulo toda abandonada. Era até meio estranho a cidade estar toda vazia. Quando olhei para minha direita, havia uma barraca de pastéis vazia, e não aparentava estar em más condições. Decidi fritar alguns, dado que eu estava com muita fome. Após uma deliciosa refeição, me abriguei em um velho hotel que tinha próximo para descansar, aproveitei e dormi também.

No dia seguinte estava indisposto, então decidi passar mais uma noite no hotel. O que não me ajudou muito, porque estava pior. Com tontura, sensação de fraqueza, visão turva e enjoo. Poderia estar gripado, ou na pior das hipóteses, ter pegado a Byouki. Bom, se eu não melhorasse em, aproximadamente, três dias tinha a possibilidade de ter sido infectado. O que era muito provável, pois eu poderia ter sido contaminado pelos pastéis do dia anterior.





Havia se passado cinco dias e não havia melhorado. Pelo contrário, tinha piorado. A cada dia que se passava morria cada vez mais. Acho que a palavra que usaria para descrever meu estado físico seria definhando. É, estava definhando até a morte. E para piorar tudo, nem consegui alcançar meu objetivo: encontrar a felicidade. Mas tudo bem, pelo menos não sofri durante minha morte.



Onde mora a felicidade?





A um robô da felicidade

Marina Magrin Anechini

Eu estava completamente sozinho. Tinha acabado o colégio fazia dois meses e depois disso senti que não tinha mais um propósito em minha vida. Não precisava entrar em faculdade nenhuma e nem trabalhar, graças à empresa dos meus pais, que criaram os Nanoplex, robôs que a cidade inteira usava para fazer literalmente tudo, e que deram muito dinheiro para minha família.

Mesmo com tanto dinheiro, percebi que nunca tive amigos de verdade, apenas colegas. Além disso, colecionei bens materiais e achei que isso me faria feliz a vida inteira para no final ficar rodeado apenas de diferentes tênis e computadores.

Os dias se passavam e eu ficava cada vez mais desanimado. Convivia somente com robôs. Meu único caminho era do sofá para a cozinha e vice-versa. Até que a assistente virtual da minha casa chamou um psiquiatra, que também era psicólogo, para me avaliar.



Depois de algumas consultas, fui diagnosticado com depressão. O doutor me indicou alguns remédios para começar o tratamento e falou para eu tentar achar algo que me deixasse feliz. Sua última fala me fez refletir e me deu a ideia de começar a construir um robô.

Quando criança, lembro de ter o sonho de construir algo que mudaria a vida das pessoas para melhor, igual os meus pais fizeram quando criaram sua tecnologia. Depois de muito refletir, concluí que no fundo as pessoas sempre buscam por felicidade. Porém, nem todas elas a encontram. Pensando nisso, comecei a planejar uma tecnologia que mapeava pessoas infelizes ou que





estavam passando por um momento difícil e tentava ajudar de alguma forma.

Após um tempo planejando, comecei a construir meu robô. Seu nome era Dopatec. Cataloguei milhares de atividades simples ou complexas, hábitos e conselhos para tentar ajudar as pessoas localizadas pela minha tecnologia. Me esforcei muito e me dediquei cem por cento para esse projeto. Estava determinado em meu mais novo objetivo: tentar melhorar a vida das pessoas.

O tempo passou e com ele, criei cada vez mais vontade de sair de casa e de falar com outras pessoas. Também comecei a doar algumas coisas que eu tinha e não usava e fui em busca de uma nova vida. Tudo isso me ajudou a ficar bem de novo e finalmente ser feliz.



Onde mora a felicidade?





A disputa cibernética

Mateus Brada Pavan

Em um lugar muito distante daqui, existia uma cidade chamada Futurecity, onde viviam todos em paz. Havia uma família tradicional de Futurecity, chamada de Bires. Nessa família moravam todos em uma casa, desde a bisavó Cleide, ao novo primogênito que acabara de nascer, Fagner.

Fagner nasceu naquele domingo, dia 3 de outubro. Por coincidência, no mesmo dia outro primogênito da família rival, Petres, havia nascido também no mesmo dia, seu nome era Figo. À medida que foram crescendo, foram se interessando pelo assunto de tecnologia. Conforme cresceram, começaram a criar grandes projetos e venceram vários campeonatos de robótica.



Os dois haviam ganhado reconhecimento internacional e todas as revistas de tecnologia falavam somente sobre a disputa por reconhecimento entre os dois. Apesar de toda a inteligência de Fagner, ele era alguém com problemas de obesidade, e se revoltou com o consumismo do mundo. A ideia de Fagner era de criar um robô capaz de destruir todo o mundo. Queria aquilo, pois em sua cabeça todos estavam fazendo ele comprar mais comida e engordar, e a solução para isso era a purificação mundial. Já Figo, para combatê-lo começou a criar outro robô capaz de destruir o robô de Fagner.

Após alguns anos, os dois haviam terminado seus projetos, e Figo só estava à espera de Fagner atacar. Fagner, finalmente decidiu atacar e soltar seu robô na Inglaterra. Figo, sem pensar duas vezes, soltou o seu também.





Quando os dois robôs se encontraram, foi um conjunto de explosões de todos os lados. Após muito tempo de batalha, os dois acabaram desgastando seus robôs e não tinham mais muito como vencer por parte de ambos os lados.

Fagner acabou se rendendo e pegou uma pena de prisão perpétua e nunca mais causou problemas. Já Figo ganhou vários troféus em seguida.



Onde mora a felicidade?





O mundo dos andróides

Mateus de Souza Maciel

Steve Hawks, um agente das forças especiais intergalácticas, foi convocado à Terra. Seus passos robóticos se aproximavam do prédio de um amigo, Gregory Wormhole, necessitando de ajuda. (Lembre desses nomes para entender a história.) Pense em um cowboy futurístico: Este era Hawks. Steve e Gregory só eram robôs porque os humanos foram extintos. Andróides foram criados e vendidos para os humanos, que seriam usados para transformar os humanos em robôs. Hoje todos já se tornaram um. As vantagens de ter um corpo robótico é que você pode ser replicado. Ao copiar a sua mente armazenada no seu cérebro e a inserindo em outro robô, existiria um segundo “você” em outro robô. Assim, os andróides conseguiram “teletransportar” se clonando em outra posição e desativando o robô atual. E assim foi como Hawks veio de Júpiter até a Terra.



– Você veio! Eu estava com tanto medo... Precisamos resolver este problema!

Greg era um cientista pequeno que descobriu como criar refletores de gravidade, o que possibilitou a invenção de reatores de energia a base de buracos negros.

– Calma aí! Eu acabei de chegar, Greg! Me explique o que aconteceu.

– Lembra que a Terra era o último local com minério de ferro disponível? Colocaram estas peças preciosas em museus.

– Mas isso não é bom? O minério ainda pode ser estudado.

– Não é! Ouça: Tudo parecia bem, até que recentemente, em 2445, uma organização criada por cidadãos apareceu prometendo



e outros contos de ficção científica





revolta. Queriam se livrar do novo mundo robótico. Afinal, o último local de onde retiramos felicidade eram dos jogos virtuais. Não existem parques, cinemas... Apenas quadrados empilhados quais chamamos de “casa”. Eu concordo com essa parte: Não vemos felicidade. O Japão se tornou o país onde há mais suicídios! Além disso, eu nem lembro da minha forma física! Me confundo comigo e o “eu” em jogos. Já esqueci quem eu sou! Isso sem falar do consumismo. Compramos e compramos, mas não adianta. Continuamos infelizes e...

– Eu entendi. Mas desde quando uma revolta causa uma guerra de pessoas lutando para conseguir armas de fogo nucleares, e ameaças ao maior reator de eletricidade da Via Láctea?

– Esse grupo chamado de HappyBot ameaçou atacar o reator se nada for feito. Estavam tentando a forçar o governo a agir.

– Deixe-me adivinhar: Nada foi feito?!

– Exatamente. Você tem experiências com naves, não é?



Eu tenho um duplicador em meu laboratório. Podemos nos duplicar e ter um exército para ao menos defender o reator o museu da cidade.

– O que estamos esperando? Vamos!

Gregory e Steve entraram em uma cápsula e foram desativados. No laboratório de Greg, dois robôs quase idênticos saíram da estação de clonagem. Estes eram eles duplicados, prontos para ação. Havia um chapéu em cima de uma mesa, qual Hawks rapidamente vestiu. Wormhole preparava a clonagem em seu computador.

– Nós precisamos de um plano – disse Steve

– Desculpe, o que você disse?

– Como iremos lutar contra cidadãos que possuem uma tecnologia mais avançada que a nossa?

– M-Mais avançada do que nós? – Gaguejava Greg – Você não me contou dessa parte!



Onde mora a felicidade?





– Pensei que já sabia do porquê, os policiais não contra-atacaram. Precisamos de um plano para enfrentar armas nucleares. E aliás, onde há uma dessas?

– Conseguiram nos EUA ou na Rússia... Eu acho. Mas ninguém consegue resistir tamanha energia em um único projétil!

– Devemos produzir uma armadilha. Para atacar os museus, provavelmente irão tentar quebrar seu teto, já que o mundo virou um monte de prédios colados uns aos outros, e os teletransportadores estão fechados nas segundas-feiras. Sugiro que você e seus clones cuidem dessa parte.

– Por que eu? Amaria ter guerras em naves!

– Você sabe pilotar uma nave espacial? Greg se calou.

– Por isso você cuidará do museu. Você inventou várias coisas extraordinárias! Tenho certeza de que irá arranjar algum jeito de se proteger e danificar os robôs, por mais das armas superpoderosas e o revestimento de metal. Já eu, sou bom em viagens espaciais. Conseguirei criar uma armadilha. De qualquer forma, este será o plano:



Steve cochichou seu plano, e Wormhole concordou sem hesitação.

Greg se clonou várias vezes e trouxe sua equipe para o museu. Hawks fez o mesmo, mas ao invés de ficar na Terra, sua equipe se direcionou ao espaço, localização do reator escuro. O funcionamento deste gerador de energia era bem simples: Jogar material estelar luminoso em um buraco negro. Isso faria com que a luminosidade permaneça visível por mais tempo. Captar sua luminosidade de fora, e usar o calor da luz para borbulhar as águas e deixar o vapor delas girar uma hélice. Em seguida, usar espelhos para jogar o material estelar lá de novo e reiniciar o processo. Portanto, grande parte do reator são materiais refletores de gravidade, cobrindo-o. Em questão de segurança e manutenção, há marcações de onde o funcionamento está. Isso era tudo que Steve deveria proteger.





Enquanto isso na Terra, Greg se preparava para a batalha.

– Wormholes! Se preparem! Que venham as barricadas!

Mesas com ímãs aos seus cantos foram posicionadas ao redor do museu. Eles segurariam por pouco tempo a energia das balas de metal, já que o projétil estaria preso no campo magnético dos ímãs nas extremidades da mesa.

– Lembrem-se: Se estiverem avançando, recuem! Os ímãs irão suportar a energia das armas se estiverem longe. Portanto, temam as armas de HappyBot. Um simples tiro significa um soldado derrotado.

Todos estavam armados com controles de TV. Seu objetivo era confundir os andróides de qual ação deveriam fazer. Isso funciona de forma que os controles mandassem a informação de “pausa” enquanto os robôs teriam a informação de batalhar, causando interferência. Claro, Greg tinha armas de fogo. Porém contra o metal roubado usado como armamento e armadura, uma bala não faria um arranhão.



Enquanto isso, a equipe de Hawks contornava o reator. Em pouco tempo, as naves de HappyBot chegaram. Uma guerra começou. Chegou um momento depois de uma grande luta que um Hawks único restava. Na Terra, por outro lado, Greg estava conseguindo combatê-los. Os controles remotos estavam funcionando. Porém recuavam mais e mais, até que já estavam na última barricada. Se não fossem derrotados agora, era o fim.

– Eles estão amontoados! Usem o transmissor gigantabiológico! – Disse Greg.

O exército virou um tipo de bazuca. Essa invenção consistia em mandar muitas mensagens de uma vez, como um “trava-zap”. Ao ligá-la e direcionar a arma aos robôs, todos os andróides travaram de excesso de informação.

A situação não estava boa no espaço. Steve estava sendo perseguido por uma tonelada de naves, e não havia onde se esconder.



Onde mora a felicidade?





Quando já estavam perto, uma das naves atirou um míssil contra o astronauta. Hawks inclinou sua nave com tudo no reator. Isso gerou uma abertura, e expôs o grande buraco negro cujo puxou o míssil, as naves e Hawks. HappyBot entrou em órbita rapidamente. E lá estava Steve, se segurando em uma abertura do reator. O buraco negro o puxava com força de mais. Steve soltou, e caía no buraco negro. Ao seu lado, o míssil, lutando contra a imensa força gravitacional. Esse era o fim de Steve. Mas esse era o seu plano.

Espero que tenha prestado atenção. Lembre-se que Steve havia sido desativado para se clonar no laboratório. Então, Ele ainda está vivo. Peço desculpas, mas ninguém morreu. Porém, todas as armas nucleares haviam se perdido no *void* do buraco negro ou desativadas com a “bazuca de informação”, impossibilitando seu uso e enfraquecendo HappyBot. Mas a guerra não acabou. Steve e Greg ainda devem lutar por sua felicidade, e se livrar da desilusão dos games.





Norman e Martin

Melissa Sangüeza Ferreira Melo

– **A** guerra de 2034 fez que não houvesse mais humanos na Terra, todos que tinham sobrevivido estavam em um refúgio em Marte. O planeta estava totalmente abandonado, não havia nada além de robôs de combate destruídos. A população antiga da Terra mora aqui em Ma...

(ALARME ESCOLAR)

... É isso por hoje crianças nos vemos semana que vem!

– Nossa, que bom que a aula de história finalmente acabou não é, Martin?



– Não, a aula estava muito interessante e infelizmente o sinal tocou bem no meio da explicação da professora. Eu queria poder terminar de ouvir... Albert, você já pensou em voltar a morar lá na Terra?

– O quê? De forma alguma eu iria querer voltar para aquele buraco de rato fedido. Além do mais, porque voltar para aquele planeta se temos tudo que precisamos aqui em Marte

– É verdade, não sei por que pensei nisso. Bom tenho que ir agora, Albert, tchau.

– Tchau, Martin.

Martin chegou em casa aquela noite e lembrou que queria muito ir para Terra e conhecer o lugar de onde seus ancestrais vieram. Depois de pensar um pouco lembrou que haveria uma expedição para exploração do planeta nos próximos dias. Então passou a noite inteira fazendo um plano para tentar infiltrar-se na nave de expedição

O dia de colocar seu plano em prática havia chegado. Martin saiu de sua casa e entrou na nave. Levou um tempo para decolar,



Onde mora a felicidade?





mas quando desencostou do chão, o garoto se assustou pois estava viajando sozinho e não saberia o que fazer quando aterrissasse.

Ao chegar à Terra, Martin saiu correndo da aeronave e começou a explorar. Viu que o planeta estava muito diferente do que lhe falaram. O céu tinha uma tonalidade roxa e as montanhas um pouco rosadas. Também como sua professora de História disse, havia muitos robôs naquele lugar. Martin passou horas andando e andando sem comida. Quando já estava sem forças, avistou uma coisa se mexendo entre arbustos e como era um jovem extremamente corajoso, decidiu ver o que era. O menino se aproximou dos arbustos e viu um robô, mas ele estava totalmente perdido e com uma aparência brava. Martin se assustou, mas não perdeu o posto de corajoso e tentou se comunicar com ele. Fazendo isso, o robô ficou mais bravo ainda e não deixou o menino se aproximar. Martin foi embora triste.

Ao amanhecer, o garoto faminto decide caçar algo. Depois de muitas tentativas sem sucesso, desiste da caça e volta para perto do robô, mas desta vez com toda determinação do mundo para conseguir se comunicar com ele. A máquina deu um susto no menino mais uma vez. Como já sabia que isso aconteceria não se assustou mais. Martin falou que estava com muita fome. O robô lhe deu um cantil com água. O menino ficou surpreso pelo robô ter entendido sua necessidade.



Martin passou muitas aventuras com o robô que conheceu e nomeou de Norman. Após dois anos na Terra com seu melhor amigo, em uma tarde chuvosa Norman e Martin estavam embaixo de uma árvore conversando. O robô parou de falar de um segundo para o outro. O garoto olhou para o lado e apenas viu Norman desligado. Entrou em desespero e profunda tristeza, pois não havia mais baterias para o robô.

Depois da Morte de Norman, Martin jurou honrá-lo criando uma vila onde apenas haveria robôs.





Onde mora a felicidade?

Melissa Soares Melato

Em um planeta ainda não descoberto pelo *homo sapiens* existia um garoto, Alvin, cheio de curiosidade e dúvidas. Sempre se perguntava se existiam outros universos e galáxias. Também tinha a frequente pergunta de como sua espécie, *iluminos*, fora criada. Mas a questão que mais o atormentava era qual o significado de felicidade.

Todos riam dele, pois a resposta era óbvia: o galax-on – um sistema de comunicação no qual basicamente toda a população se relacionava e interagia. Conversar ao vivo e em cores? Para eles, isso nunca tinha existido.



Porém, no auge dos seus 13 anos, o menino cansou de ser tratado tão mal, então resolveu se aventurar para encontrar todas as respostas para suas perguntas. Pegou seu traje espacial, comida que durasse muitos dias, armas intergalácticas para sua segurança e partiu em uma viagem rumo ao desconhecido.

Alvin ficou navegando por meses sem ver um planeta sequer. Começou a achar que os outros estavam certos em rir dele, mas, em um momento que ficaria marcado em sua história, o garoto avistou um astro das cores azul e verde no horizonte. Nessa hora, nem acreditava no que via. Finalmente uma das suas perguntas fora respondida. Não sentia medo algum de pousar em um planeta que nunca visitara.

Quando as portas do automóvel se abriram, o garoto sentiu um calor imenso. A temperatura era por volta de 25°C, dá para acreditar? Como alguém conseguiria viver nessas condições – rodeado de árvores e rios, com pássaros fazendo barulhos



Onde mora a felicidade?





ensurdecedores e sem uma pessoa ou tecnologia sequer. Sem contar que aquele lugar era extremamente perigoso, pois havia animais enormes e de todas as formas imagináveis.

Depois de muito andar, Alvin avistou algumas casas onde se abrigou, porém não imaginara que havia um homem lá dentro. No primeiro contato, ambos ficaram assustados e tentaram se defender um do outro, mas, ao longo do tempo, entenderam que não queriam guerra. Os dois rapazes se comunicavam por mímica, o que dificultava totalmente a interação.

Durante uma longa conversa introdutória, Alvin perguntou qual era o significado de felicidade. O homem imediatamente respondeu que a maioria das pessoas procuram por anos ser felizes quando elas já são. Também disse que era difícil se contentar com o que se tem.

Esse sermão tocou muito o menino, pois ele fazia exatamente o que o sábio havia dito. Depois desse choque de realidade, conseguiu voltar para casa satisfeito porque, graças ao seu novo amigo, percebeu que já era feliz.





Experimento 13

Miguel Condello

Eu moro em uma cidade de 300 habitantes. Todos nós somos felizes, temos uma vida ótima. nunca houve uma briga ou qualquer tipo de conflito entre os moradores, mas desde a semana passada, comecei ver coisas estranhas, como se fossem “bugs” na realidade, como paredes “falhando” e o céu desaparecendo em algumas partes.

Suspeitei e comecei a investigar ainda mais, então fui até uma tal estrada bloqueada da cidade. Quando cheguei, fui procurando coisas por lá. Durante a minha procura, avistei um arbusto bem afastado e escondido. Fui até ele e descobri uma alavanca e um teclado numérico com uma sequência de 10 números anotada em um papel. Digitei essa sequência e puxei a alavanca. Abriu-se uma porta no meio do nada. Quando entrei nessa porta, vi que a cidade em que eu vivi por tantos anos era uma simulação

Fora dessa cúpula que era a cidade, eu estava em um espaço onde não tinha somente a cidade de onde saí, e sim mais umas 20 simulações diferentes. Descobri que nas cidades havia um gás que estimulava a dopamina no corpo, assim deixando todos que moram lá felizes e energéticos. Vi outra porta nesse espaço, fui até ela e abri. Quando saí por ela, alguém falou nos autofalantes desse espaço: “experimento 13 escapou da simulação”. Saí correndo dali procurando a saída, mas não tive sucesso. Me escondi em um quarto, boleei um plano e chamei a atenção das pessoas da saída de comando. Prendi eles onde estava escondido. Liberei todas as pessoas das suas simulações e juntos fomos procurar a saída.



Onde mora a felicidade?





Depois de tanta busca, escapamos de lá. Vimos que estávamos desaparecidos por 3 anos, então quando nos prenderam, apagaram nossas mentes para que não tivéssemos as memórias passadas. Ainda bem que voltei para a minha família, esqueci que os amava tanto assim.



e outros contos de ficção científica





Happy Chip

Miguel Felipe Lebrão Ferreira

“Você acha que a vida é muito triste? Então, não perca tempo na lamentável história que chamamos de vida e venha ser parte da comunidade happychip e instale na clínica médica mais próxima a salvação para a lamentável e miserável vida real.

Happychip, instale e viva a verdadeira vida”.

Esta era a propaganda que estava aparecendo na tv da sala enquanto eu estava sentado com minha mãe. “Não acredito que pessoas podem se infectar de propósito com esta droga!” – disse ela, com sua voz rouca e fraca. “Eu sei mãe, mas não se estresse com isso agora. Já esta tarde. Aqui, tome seus remédios e vamos dormir.”



Acordei cedo no outro dia com uma passeata na rua superanimada. Olhei o relógio e fiquei assustado, seis horas da manhã e todas aquelas pessoas naquele frio, dançando e cantando. Fiquei me perguntando se elas não tinham contas a pagar ou provas para estudar, mas lembro que elas só estavam chipadas (com o chip instalado).

Tentei voltar a dormir, mas não consegui. Fiquei pensando no trabalho que eu tinha que entregar. Decidi finalizá-lo naquele momento, o que foi bom pois não tive tantas preocupações mais tarde. Depois de terminar tudo, peguei minha mochila, dei um beijo na minha mãe e chamei um REBU (nave de aplicativo) para ir para a escola.

Chegando lá, fui recebido pelo meu único amigo, Pedro, que também é o único aluno além de mim sem o chip instalado.



Onde mora a felicidade?





Entrando na sala, vimos nossos colegas dando risada de um rato morto no chão. Assustados, nós nos viramos e fomos para as nossas cadeiras. Pedro comentou:

“O que o chip não faz, né?”

Depois de algumas aulas, chegou o intervalo. Eu e Pedro fomos jogar basquete, porém, nossos colegas nos chamaram para tentar pichar os muros da escola. Eles falaram que ia ser legal e engraçado, mas obviamente recusamos. Por incrível que pareça, os chipados não excluía a gente por sermos diferentes, na realidade tentavam até nos convencer a instalar o chip. Nunca faziam bullying contra nós. Acho que isso não estava na “programação” deles.

Depois da aula voltei direto para casa, todas as luzes estavam apagadas. Gritei perguntando pela minha mãe e ela não respondeu. Fui para a sala onde ela estava de manhã e para minha surpresa ela estava morta.

Algumas semanas depois, realizei o funeral dela. Estava desolado, e todos os convidados eram chipados. Eles estavam cantando e dançando, como se fosse um casamento. Eu não me segurei e gritei um desabafo do fundo da minha alma. “Eu não acredito! Vocês todos eram amigos próximos e agem como se nada tivesse acontecido. Ela amava e se importava com todos vocês e é assim que retribuem?!”. Depois disso, todos simplesmente começaram a rir e Pedro, que havia acabado de instalar o chip porque estava com depressão severa simplesmente me falou:

“Olhe o lado bom, você vai ganhar uma grana boa com a herança.”





O ataque extraterrestre

Natália Na Yeun Kim

Era o ano de 3005, estava tudo pronto para a minha segunda exposição. Eu estava esperando esse dia acontecer fazia exatamente 5 anos. Nada podia dar errado!

Minha invenção era a “Technology Clone”. Com essa máquina, eu tinha certeza do fim da minha tristeza e o começo do meu reconhecimento. A “Technology Clone” era uma máquina que duplicava absolutamente tudo que tinha massa.



Faltavam 2 dias para a exposição. Acordei cedo para ir ao laboratório e testar minha máquina para ver se tudo andava conforme o esperado. Chegando lá, encontrei minha colega de trabalho. Testamos e correu tudo certo. No fim do dia, descobrimos por meio do jornal que haveria um possível ataque de alienígenas. Fiquei um pouco assustada, mas, logo esqueci devido à ansiedade da minha futura exposição. Nem conseguia imaginar que nos próximos dois dias, eu seria uma cientista conhecida mundialmente e bem-sucedida.

O grande dia finalmente havia chegado, mas tudo estava dando errado. O jornal dizia que os alienígenas chegariam a qualquer momento em busca da nossa felicidade. Por que, Universo? Por quê? Chegando no laboratório, encontrei minha ajudante fazendo uma pequena sonda na máquina. O nervosismo foi ficando cada vez mais intenso. Não sabia distinguir se estava preocupada com a minha exposição ou se era sobre o ataque dos alienígenas. Um pouco de tempo se passou. Avistei uma pequena sombra que vinha ficando cada vez maior, e quanto mais a sombra misteriosa se aproximava, mais era possível ouvir



Onde mora a felicidade?





chiados agudos. Será que eram os supostos alienígenas? Não sabia o que fazer até a minha parceira me dar um conselho.

– Vamos, use aquela máquina! – ela estava se referindo a uma máquina feita em 2985. Essa invenção quase me fez desistir da minha profissão. O objetivo do aparelho, era a destruição de elementos sobrenaturais. Porém, nunca tive a oportunidade de usá-la por receio e insegurança da sociedade não aprovar e eu virar motivo de zombaria.

– Tem certeza? Não sei se isso será possível. – disse insegura.

– Experimente, essa máquina pode ser a nossa única salvação no momento.

Dei um grande suspiro, peguei a máquina e saí para fora do consultório. Havia milhares de pessoas. Policiais não conseguiam mirar na nave, repórteres apontando a câmera para o céu. Foi quando direcionei a invenção para o ovni e soltei o raio. Em um segundo, o objeto estava no chão. Ficou tudo em silêncio até começarem a me aplaudir. Sobre a exposição? Cancelei. Estava feliz por ter ajudado todos de minha cidade.



Continuei minha carreira de cientista. O que a minha pessoa do passado mais queria, eu consegui: o reconhecimento. Mas cheguei à conclusão de que a popularidade que eu mais prezava era algo passageiro. Percebi que a felicidade verdadeira era abstrata e não palpável.





A droga da tecnologia

Octavio Junqueira Mazzaro de Moraes

Ano de 2070, eu acordei em meu quarto. Ele estava todo empoeirado, bagunçado, fedendo e, mesmo com a janela aberta, morando perto do centro de Nova Iorque, não ouvia nada além de pássaros. Não sabia que horas eram, nem que dia era, sabia que minhas roupas já estavam curtas. Pelo que aparecia, aparentava ter 15 anos, então já haviam se passado 5 anos de que me havia conectado àquilo. Para ser mais específico, vou contar desde o começo.



Surgiu uma nova tecnologia especialmente feita para videogames, a nanotecnologia. Ela funcionava da seguinte maneira: micro robôs entravam no cérebro do jogador, conectando-o diretamente ao mundo virtual. Com essa nova criação de tecnologia, os videogames ficaram mais viciantes com mais qualidades gráficas, tanto que parecia que estávamos realmente dentro do jogo.

O trabalho excessivo, o consumo tentando trazer a felicidade, e o sedentarismo levaram à criação de um jogo que trazia a felicidade, porém ele também consumia o cérebro, pouco a pouco. Isso acontecia, pois os criadores desse jogo usavam a nanotecnologia de um jeito muito prejudicial à saúde humana. Para mim parecia muito uma droga, pois era muito viciante.

Com a criação dele, as taxas de morte por sedentarismo, desnutrição, e por uso excessivo de cafeína e energético aumentaram muito, além de deixar sequelas muito graves nas pessoas que jogavam por muito tempo.

Eu era apenas uma criança quando me conectei virtualmente ao jogo, Porque meus pais já estavam conectados ao



Onde mora a felicidade?





mundo virtual. Por sorte, depois de aparentar ter passado cinco anos no mundo virtual, aconteceu uma pequena falha. Pelos meus cálculos, uma falha de um em um bilhão, e finalmente voltei ao mundo real. Aproveitei, comi umas bolachas velhas que estavam em minha dispensa, e fui dormir, pois meus olhos estavam arroxeados de tanto cansaço.

Após três longos dias dormindo, decidi que ia tentar desconectar meus pais e o mundo virtual inteiro. Para fazer isso, fui até Washington – lugar onde o prédio principal da empresa se localizava – e, em seguida, torceria para que pelo menos parte de seus cérebros não estivessem ligados ao jogo.

Após alguns dias de Nova Iorque até Washington, já no prédio dos fundadores do jogo, totalmente vazio, adentrei na sala principal, liguei o meu notebook e tentei até o último segundo de tempo retirar os nanorrobôs do cérebro de todo mundo. Mas infelizmente não dava mais tempo, pois as pessoas que estavam há mais de 8 anos no jogo, foram todas mortas. Elas procuraram tanto algum meio de obter felicidade que permitiram que os robôs adentrassem seus cérebros, sem nenhuma dificuldade.



O mau uso da tecnologia tinha realmente virado uma droga.





À procura de felicidade em uma aventura espacial

Olivia de Souza Caparica

Ano de 2089, a família Jonhson, uma família com 5 pessoas, Gabriel, o pai, Alice, a mãe, Julie, a filha mais velha, Sophie, a do meio e Matheus, o mais novo. Passavam por problemas familiares, estavam sempre brigando por vários motivos. Os pais estavam com problemas em seu relacionamento, e os filhos nunca se entendiam, além de que Sophie tinha uma péssima relação com o pai! A família por estar passando por problemas, queria arrumar um jeito de melhorar essa relação.



Gabriel e Alice, eram cientistas que trabalhavam pela NASA, e nesse ano viagens espaciais para quem não era astronauta já eram permitidas como uma viagem de turismo. Os pais queriam fazer essa viagem em família, pois fizeram uma pesquisa de que viagens espaciais aumentavam o nível de dopamina no corpo, que é o hormônio da felicidade, e naquele momento era o que a família mais precisava.

Essas viagens precisavam ser programadas pelo menos um ano antes, por conta dos treinamentos. A família ficou durante dez meses fazendo o treinamento. Quando chegaram na central da NASA, viram sua nave. Era redonda, branca e laranja, ela se chamava Júpiter 2. A família embarcou e logo se posicionaram para decolarem. 5/4/2090, às 9:38 da manhã, os Jonhson embarcavam em uma aventura que ficaria marcada para sempre em suas vidas.



Onde mora a felicidade?





Cinco meses depois, no tempo da Terra, a família, em uma tentativa de voltar para casa, foi alertada pela nave sobre uma chuva de meteoros que estava por vir, e no mesmo momento começaram a sentir a nave tremer. Acharam que era turbulência, passavam por isso sempre, então estavam acostumados, até que a nave começou a mexer mais do que o normal. Colocaram seus capacetes de oxigênio por precaução. As luzes começaram a piscar, o piloto automático desligou, todos ficaram desesperados, até que a nave colidiu com alguma coisa e tudo desligou. Eles imediatamente saíram para ver no que haviam batido. Estavam todos com medo! Quando conseguiram sair, viram que o planeta era todo de gelo, completamente branco, não enxergavam nada além daquilo.

Começaram a fazer os testes de oxigênio para verem se o planeta era habitável. Julie no mesmo momento, viu um rasgo na roupa de sua mãe. Se o planeta não fosse habitável, o ar teria entrado em seu traje, fazendo-a morrer. Ela avisou para todos, que automaticamente tiraram seus capacetes, e ficaram aliviados por respirarem seu primeiro ar puro em muito tempo! A família entrou na Júpiter 2 para pegar o que precisavam para seu acampamento, e perceberam que a nave estava desligada, não funcionava. Tentaram ligá-la manualmente, mas não obtiveram sucesso. Ficaram preocupados, pois não havia maneira de entrar em contato com a Terra, e nem avisarem sobre o novo planeta. Começaram a montar o acampamento para se abrigarem e fazerem conexão com seus supervisores.



Alguns meses depois, quando conseguiram enviar um pedido de ajuda, uma nave chegou. Durante o tempo em que ficaram presos, restauram a felicidade da família novamente e embarcaram para a Terra mais unidos e felizes do que saíram.





O planeta da felicidade

Olivia Galante Loes

17 de janeiro de 2556

– Acabamos de receber uma mensagem inédita do espaço, vinda da astronauta e cientista popular por encontrar a chamada “Fórmula do amor”, Jasmine Welson, que reportou encontrar um planeta que foi denominado “Planeta da Felicidade”. Agora, ela e sua...

– Pare de falar, Jade! Eu não quero mais saber sobre o que a mídia acha de mim! Eu vi aqui para ficar longe desses narcisistas falsificados! Eles ficam falando que eu criei a fórmula do amor, mas eu nem sei amar! – Eu cortei minha irmã do jeito mais seco possível



– Você precisa se acalmar, Min! Nós vamos finalmente visitar o planeta que você descobriu e tanto queria visitar, o resto do pessoal vai brigar com a gente se continuarmos a gritar. – Jade respondeu, me mostrando um sorriso gentil. Eu realmente a amo, apenas não sei expressar.

14 de outubro de 2556

Finalmente chegamos em Felicitus Adeptus Planelis, ou como o resto da humanidade conhece, o Planeta da Felicidade. Ao meu redor eu consigo ver lojas brilhantes, cheias de produtos caros, cassinos, alguns cartazes falando sobre pílulas da felicidade. Olhando ao meu lado, vejo os meus colegas de trabalho. Jade estava conversando com BEX1P3O, o nosso robô mais avançado. Ela parecia estar instruindo o robô sobre como seguir pelo planeta. Jade é cientista e engenheira, por isso ela cuida dos robôs e das máquinas.



Onde mora a felicidade?





– Meu Deus, estou morrendo de fome! – Minha irmã reclamou, pousando a palma da mão sob sua barriga.

– Tem um stand de comida ali, acho que podemos ver se não está estragada e se não estiver, podemos comer. – Disse Basil, um dos melhores tripulantes e sempre disposto a ajudar.

– Você vem comigo, Basil? Vou precisar de ajuda. – Jade sorriu, aquele sorriso que esquentava o meu coração inteiro e lembrava a nossa mãe.

Quando eu percebi, Jade e Basil já tinham chegado ao stand e os dois começaram a comer.

– Min, você precisa provar isso aqui! ‘Tá muito gostoso! – Minha irmã chamou, sua voz abafada pelo pedaço de frango em sua boca.

– Vocês não precisam pagar? Esse planeta parece ser habitado – Eu constatei, contorcendo o meu nariz.

– Jasmin você é muito certinha! Vem aproveitar, a gente paga depois! – Basil disse isso com um sorriso sujo pelo pão de batata que estava comendo

– Eu vou dar uma olhada pelo resto do planeta, boa sorte para vocês – Mostrei o meu sorriso mais doce para eles e prossegui o meu caminho.

Enquanto estava coletando alguns vestígios do planeta, vi uma loja com uma placa brilhante, escrito ‘Black Friday’, que de tão brilhante chegou a quase me cegar. Dentro da loja vi Liu e North olhando os produtos à venda na maior felicidade de todas. Entrei para ver o que eles estavam fazendo, como qualquer outra colega de trabalho e amiga preocupada.

– O que vocês estão olhando? – Curvei minha sobrancelha direita em questionamento ao casal de astronautas.

– Nós estamos apenas vendo esses produtos! São tão lindos! A North acha também, não é amor? – A voz da Liu saiu alta e esganiçada, mas North apenas sorriu e assentiu. As duas são dois polos completamente diferentes, mas se deram muito bem.





– Vamos comprar alguma coisa amor? Achei as promoções maravilhosas! Vamos lá, o meu chip de identificação tá pronto! – Liu animadamente alinhou seu olho com a área de pagamento e quando um “pagamento completo” foi ouvido, ela se afastou com um grande sorriso no rosto e se virou para sua namorada.

– Nós vamos ver as outras lojas agora, e BEX1P3O parece querer te falar algo – Assim que North me disse isso, eu olhei para trás e vi o robô feito pela minha irmã me olhando com sua expressão preocupada.

– O que há de errado, Bex? – Eu perguntei, me abaixando ao nível do robô.

– Tem algo de errado com Doutora Jade e Doutor Basil!

Assim, o robôzinho pegou a minha mão com suas garras metálicas e me arrastou ao quiosque com sua força biônica, mas quando chegamos, apenas vi dois porcos gigantes, o único vestígio que restava do meu melhor amigo e de minha irmã eram suas roupas, rasgadas por terem sido alongadas pelo ganho de peso e massa.



Eu precisava investigar essa comida, eu precisava ver o que estava acontecendo! Eles ainda estavam comendo, então apenas peguei um pequeno pedaço de uma coxa de frango e coloquei em meu prato, analisando-a de perto.

– Existe algum tipo de... líquido aqui. Parece um veneno, é brilhante. Bex! Guarde um pouco disso. Analisarei mais tarde.

Assim, o pequeno robô armazenou a substância junto da coxa de frango e se retirou. Quando ele saiu, eu desabei em lágrimas. Eu tinha realmente perdido minha irmã e o meu melhor amigo? Se sim, o que acontecerá com os outros? Subitamente, me lembrei de North e Liu, e comecei a correr ao encontro delas, não me importando com as manchas de lágrimas correndo pela minha pele achocolatada.



Onde mora a felicidade?





– Finalmente encontrei vocês! – Suspirei com alívio quando as vi, mas elas se viraram e foi então que percebi o olhar louco em seus olhos, o estado de suas roupas e na quantidade de coisas compradas por elas, uma onda de desespero me inundou e eu saí correndo.

No momento, parecia que tudo que eu tinha era Bex. Todas as pessoas que eram importantes para mim tinham sido enlouquecidas e tiradas de mim, e era tudo culpa minha! Eu que tinha encontrado esse planeta e proposta a viagem! deveria ter estudado mais sobre o planeta e ter previsto tudo o que poderia ter deixado-os em perigo!

22 de março de 3045

– Acabamos de receber uma mensagem inédita do espaço, vinda da astronauta e cientista popular por encontrar a chamada “Fórmula do amor”, Jasmine Welson, que reportou encontrar um planeta que foi denominado “Planeta da Felicidade”. – Minhas lágrimas se derramaram no papel e minhas mãos tremiam. Faz anos que eu fiquei presa aqui, e tudo que eu quero é ouvir a voz da minha irmã mais velha me lendo o jornal novamente, mas agora ela é um porco, assim como Basil. Já North e Liu morreram por exaustão.





Em busca da felicidade eterna

Pedro Assef Boggio

O ano é de 2381, os humanos se mudaram da Terra para o planeta Tess. Há muitos anos a Terra vinha perdendo recursos naturais para viver, e com isso também perdia felicidade. O mundo estava entediante, sem novidades, com ausência de descobertas incríveis que faziam antes. Não tinham mais novidades, então, o motivo para mudarem de planeta foi a busca pela felicidade eterna e o uso de recursos naturais como água, natureza, animais, ar puro.

Para essa mudança de planeta, os melhores cientistas de toda a Terra se juntaram para construir um veículo com potência seis vezes mais rápida que a velocidade da luz.



Chegando no mundo desconhecido, acharam o planeta lindo, com muita natureza, sem poluição alguma. Viram animais diferentes e tudo para eles era impressionante. Rapidamente as pessoas que não ficavam felizes se encheram de alegria e esperança, mas por pouco tempo.

Depois de 5 anos em seu novo mundo, as pessoas voltaram a se deprimir. Estavam achando o planeta chato, até mais que a Terra. Sentiam falta de surpresas e mais uma vez sofriam com o tédio. Já estavam desejando um planeta novo, com novas coisas e aventuras. Ficava evidente que não importa onde a humanidade esteja, nunca estarão satisfeitos. Porém não sabiam que nunca iriam conseguir a tal da felicidade eterna.

Toda vez que mudam de planeta, a felicidade logo acaba e já trocam novamente. Poucos anos depois já se deprimem e substituem o local mais uma vez, e mais outra e outra, tornando a busca pela felicidade praticamente um looping infinito.



Onde mora a felicidade?





Computadores e suas consequências

Pedro Biselli Ranalli Fonseca

Eu vivi uma das piores épocas, em que todo mundo ficava em casa, mas algumas vezes era preciso sair para alguma urgência como ir ao mercado, na farmácia, no hospital, etc. Sou um garoto que adora jogar futebol e encontrar os amigos, moro em uma pequena casa com apenas dois quartos e uma cozinha, então deu para ver que não foi fácil.

Na pandemia, para mim, o mais difícil foi ficar sem ver meus amigos. Algumas vezes eu fazia uma ligação de vídeo com eles, e dava para perceber que o pessoal mudou. Muitos tinham engordado e só queriam saber de ficar no computador, e como eu não tinha condições de ter um, eu ficava sem fazer nada. Porém, sou grato, pois muitos amigos ficaram diferentes por causa disso. Muitas vezes eu tentava chamá-los para jogar bola, mas ninguém queria saber de mais nada além do computador.



Após passarmos um ano e meio em casa, fazendo aula online podíamos voltar para a escola. Os meus amigos estavam mais estranhos ainda. Alguns estavam obesos outros nem conversavam mais com ninguém. Certeza de que eles deviam estar jogando o dia inteiro no computador e esquecendo da vida real. Chegou um momento em que eles nem faziam mais a aula. Estava virando um problema. Decidi ler sobre aquilo e encontrei um livro que falava a respeito, um texto dizendo que havia uma empresa de computadores que tinha a intenção de fazer com que os clientes se viciassem. Aquilo precisava acabar.

Para resolver o problema, decidi falar com as mães dos meus amigos e pedi para que elas proibissem seus filhos de jogar, mas





não deram importância, então tive que fazer eu mesmo. À noite fui até a casa de todos, já que eu sabia onde a chave ficava (de baixo do tapete, no vaso de entrada, atrás do quadro, etc). O plano era eu pegar o computador deles e esconder. Tinha conseguido com todos, mas um ainda estava jogando. Não soube o que fazer. Tentei ir conversar, porém ele estava hipnotizado.

Decidi desligar o computador. O meu amigo apagou. Depois disso, peguei o computador e saí. Na manhã seguinte, eles não foram à escola. Depois de um tempo recebi uma notícia que eles estavam passando mal. Após a aula, fui para o hospital. Chegando lá vi todas as mães chorando. Quando fui entender, me assustei. Eles não estavam mais respirando. Meus amigos haviam morrido por minha culpa.



Onde mora a felicidade?





2132 – O futuro do universo pertence às máquinas

Pedro de Souza Madeira

O ano era 2132, Dr. Kim Hoo começou a desenvolver o projeto Robô-XL, que consistia em diminuir as taxas de suicídio do Japão e torná-lo um país feliz, fazendo com que os robôs fossem uma forma de terapia e de felicidade, com muitas opções de conversa. Porém, o que o doutor não calculou que o chip de programação RXL do Androide, depois de um tempo de uso queimava, fazendo com que a máquina deixasse de ser um mecanismo passivo e passasse a ser extremamente agressivo, não obedecendo às ordens de seus donos.

As máquinas, após terem seus chips queimados, começaram a ter pensamentos divergentes dos humanos e a partir daí, os robôs deram início a uma grande revolta, na qual aniquilavam qualquer um que não fosse um robô. Dr. Kim Hoo, percebeu o tamanho do erro cometido e, a fim de tentar evitar a extinção humana, construiu o mais rápido possível uma nave chamada Falcon-320, que tinha uma incrível capacidade para 4.000 humanos. O doutor, sem perder de tempo, chamou dois mil homens e duas mil mulheres para sua espaçonave e traçou rota para o Planeta Vermelho.

Após a chegada dos humanos em Marte, o cientista não só percebeu que algo estava errado, como também notou que o radar-iônico B.A.X que ele utilizava, apontava uma rotação um tanto estranha atrás da colina superficial AX00. O doutor, obviamente, foi checar o que era, mas antes que pudesse chegar à montanha, o roboticista foi açoitado pelos robôs divergentes e quando tentou reagir para avisar a todos a presença dela, as máquinas sacaram suas armas e atiraram no cientista.



e outros contos de ficção científica





O vício – a droga da felicidade

Pedro de Souza Ribeiro

Em 2147, as pessoas eram muito infelizes, quando um cientista, Dr. Chung, criou uma pílula para trazer felicidade a todos que a quisessem. No lançamento do medicamento, quase todo mundo usou a pílula, inclusive eu. Esse produto realmente trazia uma sensação muito boa de felicidade, porém o efeito durava apenas 5 horas.

Após 5 meses da utilização da pílula, houve alguns casos estranhos. Um desses casos foi quando um homem que usava o remédio diariamente acabou adoecendo entrando em estado grave. Tinha muitas convulsões, paradas cardíacas, cara de morto e muitos outros sintomas. Outros casos apareceram, porém, todos tinham a mesma semelhança: as convulsões.



Após vários ocorridos parecidos, deixei de usar a pílula imediatamente, mas quando fiz isso voltei a me sentir muito triste e sozinho e até hesitei em voltar a usá-la, porém continuavam acontecendo casos, mas desta vez as pessoas começaram a morrer.

Houve um momento em que eu não aguentava mais toda aquela tristeza e não sabia o que fazer, porque caso usasse a pílula poderia morrer, mas se não usasse, via o mundo todo cinza e triste.

Comecei a me questionar sobre o porquê a pílula me deixava feliz, então pensei e pensei até que decidi que ficaria feliz sem o uso dela, e se caso conseguisse, poderia ensinar aos outros.

Andei pela minha cidade e achei cada lugar interessante e bonito. Chamei uns amigos para passearem e apreciarem tudo. Então ficou claro, temos que aproveitar a vida e não precisamos consumir para ser feliz. Percebi que o mundo que nós vivemos é muito bonito e que apenas temos uma vida e precisamos aproveitá-la.



Onde mora a felicidade?





Holograma como ponte

Pedro Henrique Ferreira Paisana

Em uma cidade, nasceu uma criança. Seu nome era Armando. Quando ele entrou no 7º ano do ensino fundamental, Armando começou a sofrer bullying porque seu nome era muito diferente das outras crianças, então criou em seu laboratório uma tecnologia que o deixaria mais confiante, muito mais inteligente e feliz. Armando cresceu e criou uma empresa famosa de eletrônicos.

Armando ficou muito famoso aparecendo em programas de TV e em vários podcasts sobre tecnologia, mas ele sabia que algo estava faltando. Sabia que era muito dependente da tecnologia, e lá no fundo, sabia que não precisava dela para ser feliz.



Um dia no parque, ele notou várias pessoas com suas famílias e todas estavam felizes. Armando lembrou que não falava com seus pais já fazia muito tempo. Ele era muito feliz com sua família, Armando se sentia realizado, mas daria tudo para ter sua vida com sua família.

Armando usou a tecnologia para se reencontrar com sua família. Criou um holograma que o permitiu abraçar seus pais novamente.

Ele entendeu que não a principal forma de realização pessoal seria estar ao lado da família e que sucesso algum daria a ele a mesma felicidade.





O homem de pedra

Pedro Vicente Martins

Um dia triste havia chegado. Para todo o mundo, era um dia de perda. Um homem sábio chamado Jailson havia tristemente falecido. Ele não era só um homem sábio, era sábio por razão. Descobriu a cura do câncer, mutações genéticas, nanotecnologia, entre muitas outras descobertas.

Ele deixou dois filhos: Jurandir e João. Eles ficaram abalados quando souberam da notícia. Era uma sexta chuvosa, e os dois foram ao seu funeral acompanhados de amigos, familiares, e milhares de pessoas que admiravam o pobre senhor.



Jurandir estava abalado. Não esperava que seu pai, justo ele, seria escolhido para morrer. João saiu acompanhado de dois homens, Jurandir desconfiou, mas estava tão triste com a perda que mal tinha vontade de mexer um músculo. Após o término do funeral, Jurandir saiu do cemitério com seu carro preto e voltou para casa.

Ao chegar em sua moradia, desceu para o laboratório do seu pai, onde o velho fazia suas pesquisas. Encontrou uma carta em cima da mesa, que dizia as seguintes palavras: “Filho, sou eu, seu pai, Jailson. Eu criei uma cura para a tristeza, uma poção, que retira todos os efeitos dela. Mas lembre-se, não use essa poção para o mal, apenas para curar a tristeza sua e dos outros que realmente precisam. Com amor, seu querido pai.Obs.: A poção está na 2ª gaveta da escrivaninha”.

Jurandir chorou ao ler a carta do pai, pois fez se lembrar dos momentos ótimos que passou com ele, mas o que marcou foi algo que aconteceu quando ele tinha apenas tinha 5 anos.



Onde mora a felicidade?





Era o ano de 2035 e Jurandir era uma pequena e ingênua criança. Até que em um dia, sua mãe foi morta em um assalto. Ela havia tentado reagir, mas isso custou sua vida. O pai de Jurandir ficou extremamente triste e pensava que a culpa era dele por não ter conseguido salvá-la. Ele tinha medo do mesmo acontecer com seus filhos, então desenvolveu uma proteção de pedras duras, que quando ativada por uma pulseira, protegeria Jurandir. Em uma noite, Jailson, falou com seu filho e disse:

– Filho, lembra da pulseira que desenvolvi para você?

– Sim papai, eu me lembro.

– Eu te entregarei agora. Mas você a usará com responsabilidade, para proteger as pessoas de bandidos como os que mataram sua mãe, mas também seu pequeno irmão. Você me promete que vai cumprir isso?

– Sim, papai, eu prometo.

Foi assim que o pai se transformou em um sábio, desenvolvendo tecnologias para proteger os inocentes cidadãos de bandidos e assaltantes.



Jurandir abriu a gaveta, mas não achou nada. Ele estranhou, e vasculhou novamente, e não achou a poção, mas sim, um bilhete escrito: Ei, estamos com seu irmão, e suas poções. Se não nos mostrar como construímos uma máquina hipnotizadora por meio de suas poções, matamos ele. Assinado: Gangue da caveira.

Ele ficou pálido. Por que pegaram seu irmão, e por que queriam um hipnotizador? Perguntas não paravam de surgir, mas tinha certeza de uma coisa: ele precisava salvar seu irmão. Jurandir ativou sua armadura de pedra com sua pulseira, e pulando pelos prédios, foi ao encontro de uma casa abandonada, a base central dos criminosos.

Ao chegar, Jurandir deu um único soco na parede da estrutura velha, que foi o suficiente para abrir uma enorme rachadura.





Ele entrou pela fenda aberta, e procurou pelos andares onde seu irmão estaria. Depois de tanta procura, ele encontrou a gangue. Lá estava, o chefe dos criminosos, junto com seus capangas, e o irmão de Jurandir amarrado em uma cadeira.

Jurandir tentou negociar:

– Ei, soltem meu irmão agora!

O chefe respondeu:

– Hahahaha, as coisas não são tão fáceis assim. Primeiro me entregue os materiais para eu construir meu hipnotizador, depois nós conversamos.

– Mas porque você quer isso?

– Vou misturar as poções com ar, e hipnotizar a Terra inteira. Hahahaha.

Jurandir pensou e teve uma estratégia:

– Ok, te dou os materiais.



Ele se aproximou, e socou rapidamente os capangas, que caíram no chão desmaiados. O chefe dos criminosos não tinha o que fazer e se rendeu. Jurandir soltou seu irmão, e disse:

– Por que você queria fazer isso?

– Ok, vou me explicar. Eu queria hipnotizar o mundo para obter status social, e porque, se eu fizesse isso, seria o maior vilão do mundo, e finalmente teria amigos como eu. Eu nunca tive amigos, e meus pais me abandonaram quando eu era pequeno. Então pensei que se entrasse para o mundo do crime, finalmente seria respeitado.

Jurandir falou:

– Eu te entendo, e eu também era assim, nunca fui uma pessoa que teve muitos amigos. Mas mesmo assim, se tornar um criminoso não justifica isso. Você sempre deve tentar achar pessoas como você, mas que sejam boas, e não criminosos.

– Ah, ok... Pelo menos vou tentar encontrar pessoas do bem na prisão – ele disse brincando.



Onde mora a felicidade?





Quando as viaturas chegaram, o líder foi preso, e Jurandir e João voltaram para casa. Ele concluiu uma coisa sobre grande aventura:

– Não preciso de poções para me deixar alegre. Felicidade vem de amigos, familiares, pessoas que realmente te amem e te achem uma boa pessoa.



e outros contos de ficção científica





Amizade Interplanetária

Pietro Pastorelli Trentin

Na vida de Ramon estavam acontecendo muitas mudanças. Ele mudou de casa, de cidade, mas o menino não estava alegre, pois não queria deixar seus amigos de sua antiga cidade, mas não teve escolha. Nesse atual lugar onde estava morando, o menino só conhecia seus pais. Ramom estava muito triste na nova casa, porque era época de férias e todos os dias estavam sendo tediosos, pois seus pais passavam o dia inteiro trabalhando e não tinham tempo para ficar com o filho.



Como estava muito ocioso, o menino decidiu instalar um aplicativo em seu celular que reconhecia sua face e mostrava uma foto de uma pessoa semelhante a ele. Ramon então tirou uma foto e clicou na opção mostrar pessoas semelhantes. Neste momento, o garoto tomou um susto ao ver rosto de um menino idêntico a ele na tela de seu celular. O nome do menino era Monra e ele tinha a mesma idade de Ramon, mas a cidade onde ele nasceu não estava identificada no aplicativo. Ramon decidiu conversar com o menino e enviou a ele uma mensagem, perguntando se estava tudo bem. Monra respondeu que estava bem e perguntou em qual cidade Ramom morava. Com a resposta, percebeu uma incrível coincidência, pois ambos estavam na mesma cidade. Eles marcaram de se encontrar no Museu de História Natural e até a data do encontro, conversaram todos os dias pelo aplicativo.

O dia deles se encontrarem chegou e os dois estavam muito contentes. Ramon chegou ao museu e mandou uma mensagem



Onde mora a felicidade?





para Monra dizendo que já estava no local combinado. Então eles foram se encontrar no setor dos esqueletos de dinossauros. Os dois se viram e ficaram assustados com a enorme semelhança entre os dois.

– Por que esse esqueleto está aqui? – perguntou Monra.

Então, Ramon respondeu:

– Porque os dinossauros foram extintos há milhões de anos, ué! – Monra sorriu e disse que no planeta dele existiam vários dinossauros vivos. Espantado, Ramon perguntou:

– Como assim? De qual planeta você veio?

O menino disse que viera do planeta Galikarski, na galáxia Via Tealac.

O terráqueo assustado, continuou perguntando:

– Por que você veio para a Terra?

– Eu vim para a Terra porque meu planeta tornou-se extremamente consumista, respondeu o extraterrestre. Por exemplo, quando um produto parava de ser produzido no meu planeta, as pessoas ficavam malucas e faziam guerras para conseguir o produto. Então, meus pais, que já haviam visitado a Terra e preocupados com meu futuro consumista, me enviaram para cá em uma nave espacial para que eu aprendesse com os terráqueos a não ser tão consumista, respondeu Monra. Ramon percebeu que o extraterrestre vinha de um planeta que valorizava muito os bens materiais ao invés das amizades e entendeu que deveria ajudá-lo a aprender essa lição.



Ramon convidou Monra para irem à cafeteria do museu e quando chegaram lá, o terráqueo começou a contar sobre os momentos incríveis que vivenciou com seus amigos em sua antiga cidade. Monra ficou encantado com todas as histórias das amizades de Ramon, pois nunca tinha ouvido falar sobre histórias de amizade, a não ser nas conversas com seus pais, os





quais já conheciam essa relação tão especial entre os humanos. Na verdade, em Galikarski, as pessoas nem sabiam o que a palavra amizade significava e valorizavam apenas as conquistas materiais.

Monra finalmente percebeu o sentimento importante em seu coração, e mesmo quando voltou para Galikarski, os dois ainda continuaram sendo amigos.



Onde mora a felicidade?





As emoções que completam

Rafael Longano Carneiro dos Santos

No ano de 2032, a humanidade atingiu um ritmo e eficiência de evolução jamais visto antes. Quase toda semana acontecia uma nova descoberta, em qualquer campo de estudo que se pudesse imaginar. E é aí que entra a empresa de ciências e tecnologia Humantra, que havia desenvolvido uma prótese que possibilitava que os usuários sentissem a textura de objetos.

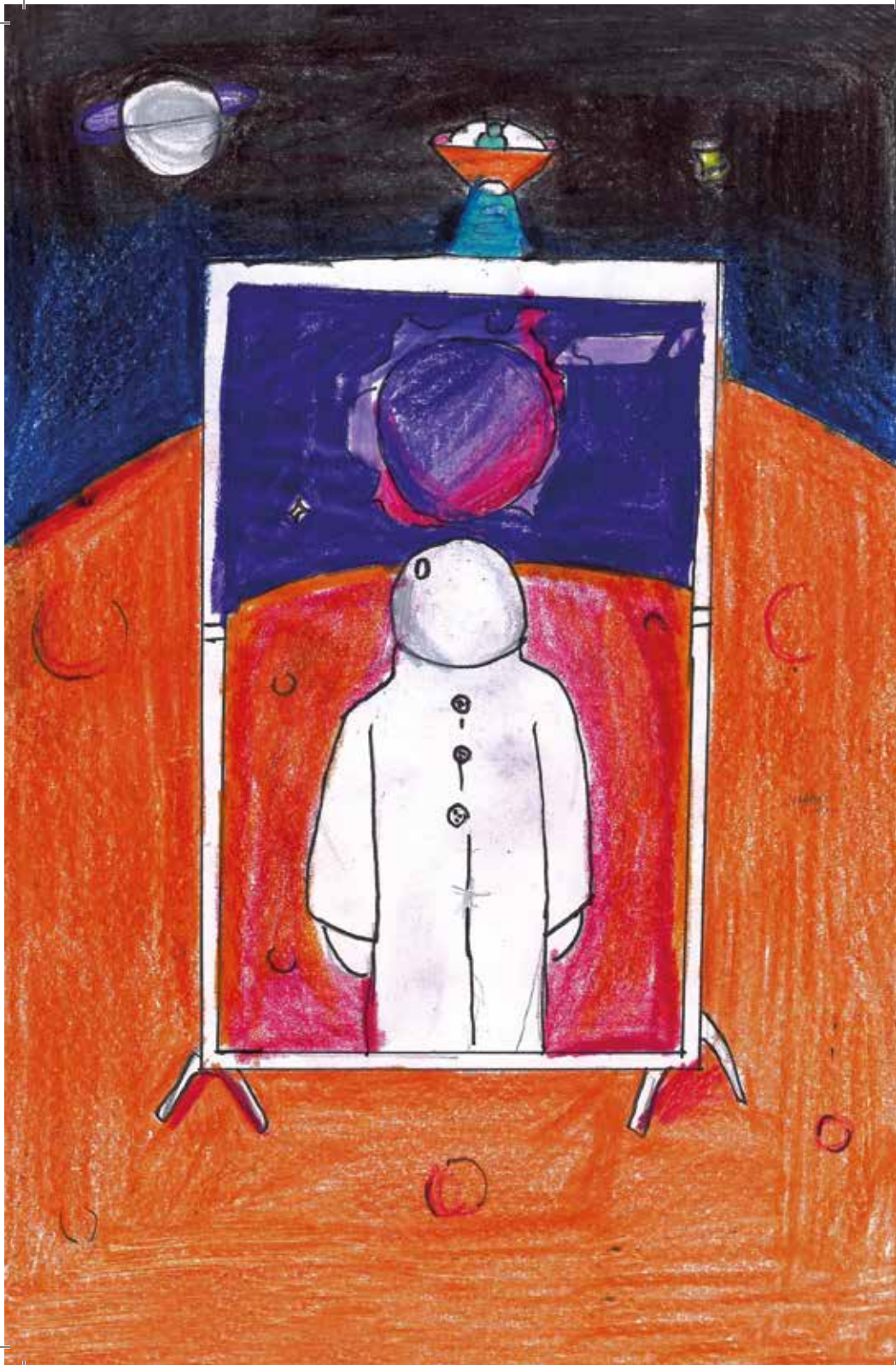
Quando a invenção foi anunciada, a empresa recebeu diversos comentários de elogio por estarem trazendo uma maior inclusão na sociedade. Porém, esse carinho do público não durou por muito tempo. Logo os elogios foram substituídos por críticas negativas, e as vendas começaram a cair.

Receberam inúmeros relatos de que o recurso de poder sentir texturas de objetos com a prótese (que era a principal novidade do produto) não funcionava. Com as péssimas críticas e as vendas caindo cada vez mais, a empresa recolheu todas as unidades da prótese vendidas e reembolsou os clientes. Logo a equipe da Humantra começou a buscar uma solução para o defeito no produto, mas não encontraram uma resposta nas áreas de ciências e tecnologia de jeito nenhum. Concluiu-se que a falha só podia estar relacionada à mente humana.

A resposta já era clara: não bastava o usuário sentir fisicamente, ele precisava sentir emocionalmente também. Com a solução descoberta, foi estabelecida uma forma de conexão entre o dispositivo e o cérebro do usuário.

Com testes bem-sucedidos, o produto foi liberado para vendas novamente. Após alguns dias, a empresa começou a receber críticas positivas. A invenção fora um sucesso. Assim, deficientes puderam ter uma melhor inclusão junto à sociedade.







Zaphkiel, o novo planeta

Rafael Oliveira de Souza Leão Veiga

No ano de 2176, descobriram que alguma coisa havia entrado no nosso Sistema Solar, e que estava se aproximando do nosso planeta, Marte. Após 5 anos, em 2181, descobrimos que essa coisa era na verdade um planeta e que finalmente tinha desacelerado e não iria mais colidir em Marte. Nós o apelidamos de “Zaphkiel”.

O planeta novo havia diminuído nossa temperatura global, atrapalhando nossas produções de saladas e frutas espaciais, que às vezes comercializávamos. Tínhamos uma barreira para controlar o calor de Marte, mas como Zaphkiel já impedia os raios ultravioletas do sol de baterem no nosso planeta, decidimos retirar a barreira.



Após uma semana da decisão de remover a barreira, começaram a obra. Depois de muitos meses trabalhando, restava só desativá-la com os cientistas. No ano seguinte, no dia 3 de maio, estavam removendo a barreira: “3, 2, 1, Já!” Na mesma hora, sentimos um choque térmico imenso de 16 graus negativos a 12 graus positivos, e por consequência disso metade da população de Marte ficou doente.

O mais famoso cientista do planeta, Fchels Cluns, foi tratar aquela doença. Ele suspeitava que no planeta podia haver algo diferente. Após algumas semanas de preparo, ele e sua equipe foram a Zaphkiel numa expedição para ver se lá descobriam algo.

Quando Fchels Cluns e sua equipe chegaram lá, avistaram uma pequena cidade, e identificaram uma nova espécie de seres

e outros contos de ficção científica





racionais. Estes seres tinham uma tecnologia avançada que conseguia ler mentes. Um deles se aproximou e entregou pequeno saco de um pó azul e instruiu a Fchels que jogasse a substância pela superfície de Marte.

O cientista voltou para seu planeta e fez o que o Alien pediu: espalhou o pequeno saquinho de pó azul pela superfície de Marte. Cerca de 20 minutos depois disso, começou a crescer grama por todos os cantos, e acabou curando as pessoas doentes.

Fchels voltou para Zaphkiel e agradeceu ao Alien. Um tempo depois, eles viraram muito amigos e passaram a fazer projetos e experimentos científicos juntos.



Onde mora a felicidade?





Euforia artificial para uma felicidade mortal

Rafael Tambellini Rodrigues

Sempre tive asma e desde criança usei bombinhas de ar tradicionais, levando-as para todo lugar: para escola, na educação física, nas aulas de baseball, etc. Quando completei 28 anos, foi lançado um novo tipo de bombinha chamada “Eufórum”. O novo aparelho consistia em um dispositivo que continha dopamina, o hormônio da felicidade.

Como era cientista nos laboratórios Wells, entrei em contato com outros colegas que afirmavam categoricamente ser um produto inofensivo, porém, minha intuição me dizia o contrário!

Estava curioso com tal produto, então fui ao médico pedir uma receita. Corri à farmácia mais próxima para comprar o aparelho e estudá-lo.



Fiquei no meu apartamento, sozinho, analisando-o por horas... tomei várias xicaras de café para me manter acordado. Depois de dezenas de horas sem parar, descobri que “Eufórium” possuía apenas dopamina e glicerina vegetal, não apresentava nenhum risco a saúde, mas poderia causar dependência química.

Acreditavam que eu era louco por perder meu tempo estudando “Euforium”, mas não conseguia evitar, tinha uma vontade incontrolável dentro de mim que queria descobrir todos os segredos do funcionamento da nova bombinha.

Após meu trabalho resolvi passear pela cidade e percebi que estavam vendendo “Euforium” ilegalmente. As pessoas começaram a comprar sem receita para uso próprio. Naquela mesma noite, comecei a compreender como a bombinha funcionava: do





lado direito do aparelho, havia uma entrada lateral que aspirava partículas de ar que, por sua vez, continham gases nobres; estes ao serem misturados com glicerina vegetal e dopamina potencializavam o efeito do hormônio da felicidade, causando sensação de bem-estar e euforia intensa nas pessoas

Durante o trabalho, estava entretido com meus questionamentos sobre a bombinha e em um piscar de olhos, já era o horário de voltar para casa. No caminho de volta, percebi que muitas pessoas utilizavam a bombinha indiscriminadamente; seu uso estava se tornando um vício, como eu temia.

Depois dessa cena, fui a um mercado e comprei suprimentos; achei melhor isolar-me em minha casa por precaução.

O “barato criador de felicidade” estava sendo rapidamente consumido de forma descontrolada; quase todas as pessoas que me cercavam tornaram-se dependentes de “Euforium”



Após dois dias isolado em meu apartamento, notei que a cidade tinha se tornado um caos! Depois que a bombinha foi apreendida pelas autoridades, as pessoas começaram a furtoar, assaltar e assassinar, instalando-se um verdadeiro cenário de terror.

Era muito difícil não enlouquecer preso em casa, sem se sociabilizar há mais de dois meses. Resistir ao isolamento social tornava-se, a cada dia, uma árdua tarefa

Saindo de casa, notei que restavam poucas pessoas “limpas” de “Eufórium”. A cidade parecia um cenário pós-apocalíptico.

Encontrei um grupo de sobreviventes e perguntei o que eles esperavam de nosso futuro. A maioria achava que seria o fim do mundo, mas eu acreditava em algo diferente... Um recomeço! Acreditava que a humanidade poderia se reerguer. Já podia sentir a euforia.



Onde mora a felicidade?





Tudo que se faz por alguém

Rafaela Corradi Groba

Após Jupiter sair de órbita, em 2954, o nosso planeta estava em risco. Um meteoro vinha em nossa direção. Os humanos faziam de tudo para destruí-lo. Um silêncio agonizante pairava no ar, alertando-os a cada minuto que provavelmente todos os seres vivos que viviam na Terra estariam completamente extintos e cada vez mais próximos de morrer.

Depois de horas de aflição e ansiedade, faltando apenas 17 minutos para sua total extinção, os humanos conseguiram desviar o meteoro, mas o alívio durou pouco: resíduos e matérias químicas que saíam do meteorito deixaram o oxigênio completamente tóxico para todo ser vivo na Terra.

John e mais alguns outros sobreviventes se esconderam em um pequeno bunker para se protegerem do ar. Passaram 2 anos e John ainda não havia saído de lá. Constantemente se lembrava do seu último momento fora daquele esconderijo com sua amada Meredith. Estavam juntos no teatro quando começou a catástrofe...

Meredith sempre inspirou John a fazer o que mais amava: desenhar. Ela lhe deu um lindo caderno de desenho antes daquela catástrofe. Dois anos se passaram e, com a ausência de sua amada, John se entristecia com lembranças dos momentos passados com a companheira que, por sua vez, não se sentia bem ao vê-lo naquela situação infeliz, além dos pensamentos suicidas que passeavam pela mente do homem apaixonado. Mas ele descobriu, por meio de uma conversa entre seus companheiros, que o amor de sua vida estava viva em um bunker a mais de 450km de distância do seu.





John estava em choque com as mentiras que seus “amigos” lhe disseram sobre Meredith. Insistiram que era para seu próprio, porque sabiam que o amigo era frágil comparado ao mundo. John nem parou para ouvi-los e, à meia noite, saiu de lá com sua mochila.

Foram 5 horas de caminhada intensa. No meio dessa jornada, ele passou por uma cidade completamente deserta. De repente, escutou a voz mais bonita que já ouviu em toda sua vida. Chegando mais perto, John conseguiu ver de onde estava saindo aquela voz maravilhosa. O rapaz conseguia ver um robô cantando a última música que ouviu com a sua amada. Ele se emocionou. Quando a robozinha parou de cantar, John chegou mais perto dela e começaram a se conversar:

- Olá, eu sou John, e você?
- Olá, John, eu sou Karen, prazer em te conhecer.
- O prazer é todo meu, Karen.

Falaram sobre a vida pós-apocalíptica e o rapaz descobriu que a máquina fora produzida no Japão, um dos lugares mais tristes do mundo. A Dinamarca sim era um local onde a maioria da população era alegre e feliz. APÓS horas DE conversa, os dois se alegraram um pouco mais. Porém, teria que deixá-la para encontrar sua amada. não conseguiu fazer isso, porque não queria abandonar o robô. Convidou-a para seguir junto o seu caminho.

Depois de 3 horas de caminhada, eles finalmente chegaram ao bunker de Meredith. Finalmente se encontraram e se sentiram como antes de toda aquela catástrofe acontecer. Ele se aproximou e disse que sentia muita a falta da companheira e mostrou o caderno que ela tinha dado a muito tempo atrás. A moça ficou pasma e a sua dopamina aumentou em um nível máximo. Ela sentia a felicidade em suas veias e o beijou com uma felicidade extrema. Após isso, Meredith e os seus companheiros se mudaram para o bunker de John.

E com isso tudo, eu aprendi uma coisa: Você pode fazer tudo por amor.



Onde mora a felicidade?





O vírus maldito

Rafaëla Elias Sallum

Nos últimos meses, o mundo sofreu com um vírus novo que as pessoas pensaram que era um vírus parecido com o Covid-19, mas era muito pior, uma vez que contaminado, o indivíduo tinha poucas chances de sobreviver.

Foram chamados cientistas do mundo todo para estudar esse novo vírus. Uma cientista brasileira que fazia parte desse grupo, chamada doutora Adriana, descobriu que na verdade essa doença era alienígena. Além disso, a doutora descobriu que os alienígenas colocaram esse vírus no mundo para tentar eliminar toda a população, que os doutores nomearam de FZS-QKUE.

Nos estudos da doutora Adriana, ela descobriu que esse tipo de vírus só contaminava as pessoas mais tristes. Depois dessa descoberta, ela e outros cientistas marcaram uma reunião com os principais líderes do planeta Terra. Esses políticos resolveram que a melhor forma de combater essa doença seria deixar as pessoas mais felizes. Por meio de um supercomputador quântico, descobririam o que deixaria a população de cada país mais feliz.

No Japão, país onde o consumismo prevalecia em detrimento das atividades ao ar livre, houve incentivo maciço aos esportes e ao contato com a natureza, além de atividades integração para as famílias. Essas medidas resultaram no aumento significativo da felicidade dos cidadãos japoneses. Nos Estados Unidos, com a adoção de um plano que oferecia a alimentação mais saudável à população, houve aumento dos índices de felicidade entre os americanos.





Com essas novas medidas de proteção, os números de infectados abaixaram e essa doença com o tempo deixou de existir. Ainda não se descobriu quais alienígenas e como eles colocaram esse vírus aqui. Depois da descoberta, a doutora Adriana se tornou líder de um grupo que viaja o espaço.



Onde mora a felicidade?





O meteoro se aproxima

Rafaela Lopes Sfeir

Por muito tempo as pessoas se perguntavam: por que o único planeta habitável é a Terra? Há outro planeta com condições adequadas para vivermos? Os extraterrestres são verdadeiros ou só invenção de filmes? Depois de várias décadas, agora temos as respostas.

Em um dia chuvoso que parecia ser igual a todos os outros, avisaram algo muito importante no noticiário: cientistas viram um meteoro que poderia destruir o mundo se aproximando. Muitos não acreditaram, revoltando-se contra os profissionais. Já outros se angustiavam, com medo da morte e fazendo de tudo para acalmarem-se: meditavam e rezavam, querendo saber mais detalhes para protegerem-se. A previsão dos cientistas para o incidente ocorrer era de três dias. O desespero se espalhou pelo mundo inteiro.



Alguns especialistas descobriram uma tecnologia muito avançada que ajudaria as pessoas a fugirem do planeta: colocando cápsulas de congelamento nos foguetes, que estavam preparados para pousar em um planeta desconhecido que, pelas estatísticas, teria 43% de chance de ter oxigênio. A proposta era que as cápsulas congelassem as pessoas de modo que elas “dormissem” por longos anos, como se estivessem conservados, e depois descongelariam. A ideia era muito louca e tinha risco de dar errado, mas era melhor morrer tentando do que aceitar a morte. O problema é que não daria para todos embarcarem, então deixaram essa informação em sigilo.



e outros contos de ficção científica





Passados os três dias, presidentes do mundo todo já tinham embarcado em foguetes, investigadores não paravam de estudar. A população se despedia, enquanto alguns conseguiam embarcar nas últimas aeronaves da NASA. A contagem regressiva não parava. Faltando 10 segundos, já não se escutava mais nada.

Um breu foi registrado. A Terra já não estava mais lá. Você deve estar se perguntando: e as pessoas que fugiram por foguetes? Depois de alguns longos anos, a população que fugiu do planeta acordara, sem acreditar que estavam vivos. Eles pousaram no planeta planejado. As estatísticas estavam certas, havia oxigênio. Pensavam que iriam conhecer extraterrestres, mas o que não sabiam é que encontrariam humanos! Com essa descoberta, eles passaram a viver no mundo desconhecido, fazendo-o se tornar nossa nova Terra.



Onde mora a felicidade?





De humano para robô

Rafaela Mastrofrancisco Soares

A época em que máquinas eram mais importantes do que humanos realmente chegou. Meu nome é Ariana, lembro que eu tinha 16 anos, estávamos no ano de 3004 na cidade de Nova York, EUA. O planeta já dependia muito da ajuda de robôs e tecnologias novas e avançadas para diversas coisas, como para ajudar em empresas, facilitar tarefas domésticas, transportes e outras coisas.

Com o passar do tempo, esses robôs e máquinas foram se tornando cada vez mais requisitados no planeta, e a produção deles cada vez mais cara, além do material para construí-los ser difícil de encontrar. As fabricações eram feitas na estação espacial da XT-lab, o laboratório mais famoso da época.



Meus pais trabalhavam nos escritórios da XT-lab, e me disseram que em reuniões, os cientistas frequentemente traziam a ideia de criar uma espécie de chip, que quando inserido na pessoa, conseguiria fazê-la realizar coisas que apenas os robôs conseguiam, como trabalhar mais rápido e por mais tempo sem precisar de descanso.

Como o consumismo era um grande problema que vinha se expandindo cada vez mais, decidiram adotar a ideia, pois com humanos “virando robôs” não seria preciso a realização e compra de novos robôs, o que poderia diminuir o consumo em excesso no país.

Algumas semanas depois da aprovação, o chip já estava pronto. Foram inseridos em algumas pessoas que se voluntariaram para os primeiros testes. O chip era colado na parte de trás





do pescoço da pessoa. De início, os humanos robotizados estavam funcionando normalmente, como se fossem robôs de verdade, trabalhavam o dia inteiro sem parar, trazendo cada vez mais lucro para as empresas que os contrataram. As cobaias se diziam felizes por estarem trazendo muitos benefícios para as empresas, pois além disso, o dinheiro do salário era maior.

Com o passar do tempo, essas pessoas já estavam sendo muito utilizadas. Meus pais haviam contratado uma delas para trabalhar na nossa casa! Seu nome era Emma. Ela fazia de tudo! Limpava e arrumava a casa, cozinhava, fazia muitas coisas o dia inteiro, sem parar para relaxar, e dizia estar feliz com isso, embora não parecesse.

Algumas semanas depois, estava na sala assistindo tv enquanto Emma fazia o jantar. Ela questionou se o efeito do chip ficaria funcionando em seu corpo para sempre.

– Você deve se sentir muito cansada de fazer muito trabalho por tanto tempo, não é? – perguntei a ela.

– Não! Eu adoro trabalhar aqui! Foi só por curiosidade mesmo. – Ela respondeu.

Não me convenci muito sobre a sua resposta, mas voltei minha atenção para o filme.

O comportamento dela estava muito estranho. Não parava para descansar. Limpou a sala 3 vezes em um dia! Emma nunca havia agido assim. Decidi perguntar aos meus pais, que seguiam trabalhando na XT- lab, por quanto tempo que esse efeito ficaria nela.

– Por que a pergunta, Ari? – Minha mãe me perguntou – Aconteceu alguma coisa com Emma?

– Sim, ela parece muito sobrecarregada e cansada, mas ela não admite! Tem algo que possamos fazer?

– Bom, eu e seu pai vamos verificar quando voltarmos para o escritório.



Onde mora a felicidade?





E assim foi. Meus pais passaram na empresa, e descobriram que havia uma maneira de retirar o chip, mas ela precisaria estar distraída, pois seria difícil convencê-la a tirar, já que insistia em continuar trabalhando. Então, enquanto ela limpava a sala de jantar, entrei com muito cuidado para que ela não percebesse. Puxei rapidamente o chip de seu pescoço, e logo em seguida Emma desmaiou. Fiquei preocupada, achando que algo de ruim tinha acontecido, mas descobri que de tanto cansaço e stress acumulado, ela acabou apagando. Deixei Emma dormindo no sofá da sala e a mulher só acordou no dia seguinte.

Avisamos ao governo da cidade que os chips não estavam fazendo bem para as pessoas, pois elas não conseguiam falar o que realmente sentiam. Logo descobrimos que quando colocavam o chip, deviam falar que estavam sempre felizes para não machucarem psicologicamente seus donos, falando que não estavam gostando do trabalho, seguindo assim, a Primeira Lei da Robótica.



Então o governador decidiu que a partir daquele dia, a utilização daquele chip seria terminantemente proibida. Toda a população retirou imediatamente esses aparelhos, e logo, a cidade foi voltando ao normal.

A partir de então, a ideia de que o trabalho de humanos deveria ser substituído pelo de robôs foi aos poucos se desfazendo.





O Home Japan Space

Rafaela Mohallem Aoun

Toda essa história começou com um gênio japonês chamado Takeu, que um dia resolveu revolucionar o Japão, deletando todos os estereótipos desse país, pois ele foi nomeado como o país mais infeliz do mundo. E como? Isso é o mais emocionante! Esse homem simplesmente inventou uma casa que prometeria abrigar toda a população do Japão, no espaço!

Takeu deu muitas entrevistas, apareceu em jornais e contou que o projeto iria ficar pronto em uma semana, dia 27/04/2039! O homem disse que cansou do seu país ser conhecido como o mais infeliz do mundo, então criou a fantástica casa no espaço que incrivelmente tinha uma área inteira só de montanhas russas, piscinas de bolinhas e até salas com terapia automática para os japoneses realmente infelizes. Desse jeito, o cérebro automaticamente liberaria dopamina, estimulando a felicidade, tudo isso para contrariar o achismo de que supostamente o Japão era o país mais infeliz. A comida e a locomoção eram totalmente de graça! Mas não era uma comida boa... era maravilhosa! Isso incluía batata frita gigante, pirulito infinito, sorvete que não derreteria e outras milhares de gostosuras incríveis.

Passaram-se noites e noites, quando finalmente, chegou o tão esperado dia. O resto do mundo acompanhava pela TV a saída dos japoneses. Depois de horas, o Home Japan Space estava prestes a decolar! 3, 2, 1... E assim foram todos os japoneses para o espaço.

Nós estávamos vendo tudo via conexão cibernética, as pessoas estavam ótimas no espaço. Depois de horas observando,



Onde mora a felicidade?





aconteceu o que ninguém esperava: um raio intergaláctico atingiu a casa e afetou a conexão cibernética, interrompendo a forma de comunicação entre a Terra e eles. O mundo ficou em choque, o Japão inteiro estava perdido no espaço.

A NASA fez de tudo para salvá-los, mas quando os astronautas chegaram ao local do hotel, não tinha nada, estava vazio. Sem opção tiveram que retornar sem respostas... E agora? O Japão poderia estar em outro Universo, estava totalmente perdido.

O mundo sentiu-se culpado, pois se não tivessem criado todo esse estereótipo de que o Japão seria o país mais infeliz, nada disso teria acontecido e o japoneses não estariam perdidos no espaço.





O vazio dos seres criadores

Ricardo Bueno Silva Conrado Mesquita

A equipe de comando do *rover* estava tentando movê-lo, mas sem sucesso. Ele movimentou-se sozinho para a plataforma voadora e foi levado para o Polo Norte de Marte. Ao chegar lá, um buraco se formou na espessa camada de gelo e a plataforma entrou por essa abertura. Então, algo muito estranho foi revelado. Embaixo daquele gelo monótono, havia algo parecido com uma grande base alienígena. O líder da equipe de comando, Marcos, que tinha o cérebro conectado por um implante cerebral ao carro robótico, estava olhando casualmente para a tela enquanto os seus colegas estavam quase desmaiando. Ele já sabia tudo o que ia acontecer desde que a plataforma se aproximou do *rover*. Então a nave plana entrou na suposta colônia pela parte de baixo.



Marcos de repente desapareceu, num tempo tão curto que nem os relógios atômicos conseguiam registrar. Ele deixou de existir por completo, todas as alterações que o comandante já havia feito no universo foram apagadas, incluído as memórias sobre ele, por isso o desaparecimento nunca foi percebido.

Nove meses após o ocorrido, o desaparecido renasceu como um bebê, porém, a sua consciência continuava a mesma. Marcos não estava surpreso, mas ainda não entendia por completo a razão pela qual foi retirado da sua existência anterior. Nesta nova vida, ele era cego, mas sempre tinha a sensação de estar sendo observado. Na medida que o tempo passava, acostumava-se às estranhas frequências eletromagnéticas refletidas pela matéria daquele universo. Assim pôde ver as entidades que



Onde mora a felicidade?





ficaram o analisando desde a sua nascença. O bebê permaneceu imóvel até os dez anos. Durante esse tempo, Marcos incrivelmente não se sentiu depressivo, pelo contrário, estava até viciado em ficar naquele estado de mínimo esforço intelectual e físico, porém, como as entidades não conseguiram detectar o que buscavam no menino, desistiram dele.

Marcos ficou insatisfeito e finalmente se levantou da cama onde estava sendo estudado. Olhou pela janela e viu a realidade daquele mundo. Havia uma quantidade astronômica de robôs. Todos estavam trabalhando, alguns, na extração de recursos, outros na construção de prédios, mas os mais interessantes eram os que se punham em canos que os propulsionavam para o espaço. Nos prédios, era possível ver humanos deitados em poltronas conectadas a tubos que os alimentavam e hidratavam.

Marcos deixou o seu apartamento e pegou o elevador, que parecia inutilizado há anos e saiu na rua. Andou um pouco e avistou um robô vindo rapidamente em sua direção. O desbravador se assustou, mas logo começou a receber mensagens na sua cabeça vindas do robô.



– Olá, Marcos. Tenho a honra de recebê-lo em nosso mundo. O seu código binário foi traduzido para código genético por aquele cone visto na sua simulação em que existia. Não se preocupe, eu não sou um robô, apenas sou uma máquina controlada por um humano. Siga-me, vou levar-lhe para a nossa base, lá explicarei melhor sobre a sua simulação. Disse a máquina.

Foram caminhando pelas laterais dos prédios, sempre desviando dos robôs até chegarem a um alçapão, que ao ser aberto, revelou uma escada. A dupla desceu até uma sala onde havia várias pessoas trabalhando em computadores.

Um dos homens levantou-se da sua mesa e veio falar com o menino.





– Sou Cléber, e sou o mesmo que lhe recebi pelo drone. Provavelmente quer saber por que lhe trouxemos da simulação; então, aqui na nossa realidade, fizemos os robôs saírem do controle, quando os programamos para atingirem o crescimento econômico perfeito. Isso fez eles concluírem que a busca da felicidade estava atrapalhando a economia e que se não nos preocupássemos com isso, teríamos mais tempo para o trabalho. Os autômatos injetaram anticorpos contra a dopamina e serotonina em toda a população da Terra para remover a felicidade. Claro que houve resistência, porém, nesse ponto eles eram mais poderosos que nós. Ao mesmo tempo, como os robôs também foram programados para proteger os humanos, nos prenderam em apartamentos com tubos para alimentação e injetaram um hormônio desconhecido capaz de remover todo o sofrimento do indivíduo. Relatou Cléber. Marcos o interrompeu.



– Por favor, vá direto ao ponto, por que me trouxe? Disse Marcos

– Resumidamente; somos o último grupo de resistência e achamos um HD de computador antigo que tinha a sua simulação, ela tinha seres com felicidade como você. Precisamos de felicidade. Nossa vida não tem sentido sem ela. Esses robôs tiraram tudo de nós!

A partir daí, iniciou-se uma grande obsessão por Marcos vinda dos humanos que sobraram da resistência. Como é da natureza humana, eles apenas valorizaram a felicidade quando a perderam.



Onde mora a felicidade?





Mudando o passado

Ricardo Jalowski Barbosa

Diversos anos se passaram desde que Max Kennedy começou a trabalhar neste projeto. Estava obcecado. Produzia um dispositivo capaz de voltar a 22 de novembro de 1963, dia em que seu ancestral, John Kennedy, foi morto. Construía uma máquina do tempo.

Max não conseguia descansar sabendo que um bom homem havia sido assassinado cruelmente. Só conseguiria ser feliz e aproveitar a vida quando impedisse o assassinato. Carregou este pensamento por toda a vida.

Finalmente estava pronto. O projeto da vida de Max estava a sua frente. Entrou na cápsula cilíndrica e colocou a data: 22 de novembro de 1963. Pressionou o botão de ligar.



Sentiu como se estivesse voando na velocidade do som, mas ao mesmo tempo como se estivesse pairando levemente sobre uma fina brisa. Enquanto voltava no tempo, teve uma visão sobre a vida que teria se não fosse obcecado por vingança. Estava feliz. Tinha uma esposa, filhos, todos felizes. Será que essa incessante busca para salvar um ancestral que sequer conhecia valeria a pena? De qualquer forma, já era muito tarde para este tipo de pensamento, Max estava a caminho.

A sensação de movimento parou subitamente e o viajante caiu. Olhou ao seu redor. Encontrava-se em Dallas, Texas, poucos minutos antes de JFK ser assassinado a sangue frio. Max procurou desesperadamente por qualquer suspeito. Procurou, procurou e procurou, enquanto o presidente se aproximava mais e mais do local em que iria ser morto. O descendente, já perdendo as





esperanças, avistou um homem encapuzado, armando um rifle em uma janela de um prédio não muito longe dali. Max saiu em disparada, correndo o mais rápido que pôde. Subiu as escadas até o 6o andar, onde havia avistado o assassino. Arrombou a porta do apartamento onde o encapuzado estava. Ao avistar o invasor, o atirador apressou-se a mirar a arma. Seu dedo se aproximou do gatilho, enquanto Max se jogou para impedi-lo. Desviou levemente a arma do assassino, quando se ouviu o tiro.

O viajante do tempo ficou atordoado com o som do disparo. Desacordou o atirador e então, apreensivo, olhou para fora da janela. Viu uma multidão desesperada. “Será que todo o meu trabalho fora em vão?”, pensava Max, consigo mesmo “Será que JFK morreu?”. Este questionamento foi rapidamente respondido. Da multidão, John Kennedy surgiu. Seu descendente não tardou a perceber que o presidente estava segurando algo em seus braços. Era uma garota. Ele percebeu que o atordoamento causado pelo tiro não cessou, mesmo passados alguns minutos. E então, percebeu. A garota que seu antepassado estava segurando era Caroline Kennedy, a única filha de JFK com filhos. Isso significava que, sem a existência dela, Max também deixaria de existir.



Muitos pensamentos passavam pela cabeça do viajante enquanto sua existência lentamente sumia. Mas um pensamento em especial o inquietava. Tudo isso havia valido a pena? Valera a pena dar tudo de si para proteger alguém que nem conhecia? Valera pena privar-se de qualquer felicidade própria para salvar um desconhecido? Valera a pena sacrificar a própria vida por outra?

De qualquer forma, já era tarde demais para esse tipo de pensamento. Max já havia tomado sua decisão.



Onde mora a felicidade?





Da felicidade ao caos

Rodrigo Angeles Buíssa

Devido à tristeza e à solidão contida na humanidade durante a pandemia, o governo de todos os países civilizados decidiu criar um protótipo para tentar acabar com esses problemas. Desenvolveram uma “pílula da felicidade”. Tentaram por dois anos, mas sempre havia algum problema. Até que finalmente conseguiram resolver. Jeff Stuart, o diretor do projeto, mandou começarem os testes em humanos. Depois do pedido, os governos enviaram um sinal usando um satélite para todo o mundo, recrutando os civis para o teste.

Por incrível que pareça, muitos aceitaram. Logo começaram os testes, em todas as cidades selecionadas, e todas com muitas cobaias. No mesmo dia começaram os efeitos da “droga”, houve muitas avaliações positivas. Devido a essas avaliações positivas, decidiram vendê-la.



Uma semana depois, todos viraram dependentes dessa “droga”, mas eu não. Ela aumentava o nível de dopamina no corpo, e por isso todos gostaram. Pensavam que precisavam de droga e dinheiro para serem felizes, mas eu sempre desconfeiei. Desde que anunciaram o projeto, achei muito estranho.

E eu estava certo. Mais de 50% da população já havia se transformado em “zumbis do consumo”. Um ano depois, era impossível sair de casa, pois o mundo já estava um caos, com um péssimo cheiro e todo destruído, vitrines quebradas, bancos roubados, carros vandalizados... A taxa de crime das cidades havia aumentado em 25%, já que até os homens da lei haviam viciado na “droga”. O mundo estava literalmente, acabado.





Disse para mim mesmo que conseguiria uma “cura”, mas falhei. Descobri coisas demais, coisas que não deveriam ter sido descobertas por um civil como eu. Tive que deixar meu objetivo de lado, pois se continuasse teria uma trágica morte ali mesmo.



Onde mora a felicidade?





A máquina

Rodrigo Fiori Evangelista Tokarski

Era mais um dia normal na escola de Harvard, uns jogando futebol americano, outros jogando basquete, alguns lendo livros, como eu, nerd que sou, amo ler e odeio praticar esportes. Acordei naquele dia, fiz a minha rotina diária e fui para escola. Estava no intervalo quando o pessoal me pegou, me levaram para o banheiro e enfiaram a minha cabeça no vaso.

Cheguei em casa muito bravo. Estava farto de ser esculachado. Inventei uma máquina com matérias interestelares: pedaço de pedra do anel de Saturno e um pouco de terra de Saturno. Então, fiz um foguete que conseguiria me levar para Saturno e voltar, uma roupa especial para que não morresse lá. Depois de 3 meses trabalhando consegui completar o foguete e a roupa.



A decolagem estava marcada para o dia 20/07/2022, então eu me preparei para uma viagem de vários meses de ida e de volta. Dormi um dia inteiro para ficar acostumado, pois em menos de 3 horas eu iria decolar.

Na hora da decolagem, dei tchau para minha família inteira e parti para uma viagem interplanetária. Depois de vários meses, cheguei em Saturno, um planeta lindo, céu cinza claro, terra preta e cheio de montanhas, mas não podia deixar a beleza estragar o meu plano. Enfim peguei quatro quilos de terra e quatro quilos de pedra para que, se a primeira máquina desse errada, conseguiria fazer outra.

Depois de sete meses de volta, cheguei em casa com 17 anos e minha família inteira tinha ficado 1 ano mais velha. Depois de uma hora de trabalho, a máquina estava pronta. Todos



e outros contos de ficção científica





viraram nerds que nem eu. Quando fui para escola no dia seguinte, todos estavam nerds e ninguém mais faziam bullying comigo. Depois de três dias convivendo com todos aqueles iguais a mim, ninguém praticando esportes, ninguém fazendo bullying e todo mundo estudando e lendo livros.

Quando cheguei em casa, fui correndo montar uma máquina nova para reverter o que a máquina tinha feito. Dia seguinte cheguei na aula e estava tudo normal de volta. Fiquei feliz que todos não estavam iguais.



Onde mora a felicidade?





Perigo à humanidade

Rodrigo Marcilio de Arruda

Estamos no ano 3172 e a população ainda não conseguiu recuperar a felicidade de volta. No ano de 2022, criaturas vieram para o nosso mundo e falaram que o planeta deles havia sido demolido, e pediram para ficar na Terra. Nós seres humanos deixamos que eles ficassem com a gente.

Logo na primeira noite, essas criaturas estranhas com suas armas tecnológicas sugaram toda a felicidade do nosso povo. No dia seguinte, acordamos diferentes e percebemos que as criaturas haviam sumido da Terra. Percebemos que tinha algo de errado com as pessoas, mas ainda não sabíamos dizer o que estava acontecendo no nosso planeta.

Depois de algumas horas, nos demos conta de que não conseguíamos mais ficar felizes. Ninguém conseguia mais dar risada na Terra. Na mesma hora que percebemos isso, todos os telões dos prédios, TVs, painéis eletrônicos e rádios estavam passando um vídeo transmitido pelas criaturas com algum tipo de “bola de energia” atrás deles. Eles começaram a falar o que tinham feito, e enquanto isso a “bola” ficava passando vários momentos felizes da vida dos seres humanos.

Não sabíamos o porquê, mas falaram que tinham roubado toda a felicidade do nosso planeta, e que eles estavam em um planeta chamado Moonnalu, e que além de ser muito longe da Terra era também o planeta mais seguro de todo o universo, e era quase impossível de recuperarmos a felicidade de volta.

Toda a população ficou chocada, mas o nosso povo estava decidido a ir recuperar a felicidade de volta. Como lembramos





que os nossos vizinhos de Marte sabiam muitas coisas sobre a tecnologia, decidimos ir até lá e pedir ajuda a eles. Algumas pessoas embarcaram para lá na nave espacial do governo, em uma missão superperigosa. Quando chegaram, foram pedir ajuda para os marcianos. Os Aliens concordaram em nos ajudar, e então começamos a produzir equipamentos super tecnológicos com a ajuda deles.

Chegou o grande dia de recuperar a alegria do nosso povo. Depois de muitos e muitos anos construindo um monte de coisas, iríamos embarcar no nosso navio voador com toda a população do planeta Terra em direção a Moonnalu na busca de nossa felicidade.

Localizamos no meio do espaço o planeta Moonnalu por via satélite. Se tratava de uma viagem de 8 meses. Todos os 20 bilhões de habitantes embarcaram no navio para ter a sua felicidade de volta. Após 8 meses de uma longa espera, avistamos o planeta, mas ao chegarmos perto percebemos que havia uma barreira de força em toda a sua volta.



Depois de momentos observando a barreira e o planeta, descobrimos como entrar. Vimos uma das criaturas de Moonnalu entrando por uma entrada secreta do campo de força que só os habitantes sabiam, então seguimos o mesmo caminho. Conseguimos entrar por essa passagem secreta sem sermos vistos. Agora o próximo passo seria achar onde estava a bola de energia e recuperar a felicidade dos seres humanos da Terra.

Ao entrarmos no planeta, além de muitas luzes, logo avistamos um prédio muito alto com a bola de felicidade no topo dele. Também percebemos que a bola estava sendo protegida com um vidro blindado de 50 cm de espessura. A parte difícil então seria chegar e entrar no prédio sem que ninguém visse. Quando estávamos chegando perto, vimos um guarda na entrada esperando para vasculhar o veículo. Então, nesse momento, todo



Onde mora a felicidade?





mundo entrou em pânico, mas os aliens de Marte, lá no ano de 2022, tinham dado a ideia de fazerem disfarces iguais aos das criaturas de Moonnalu, então nesse momento todos os humanos colocaram o seu disfarce às pressas. O guarda entrou no veículo, mas não achou nada de estranho, então nos deixou passar, sem perceber os disfarces.

Finalmente conseguimos entrar no prédio. Subimos direto para o topo onde estava a bola da felicidade. Agora a última parte e a mais difícil era tirar a bola de lá sem que ninguém percebesse, uma vez que estava em um lugar muito popular desse planeta. Pegamos nossos equipamentos que tínhamos trazidos e começamos a tentar quebrar o vidro. Demorou um pouco, mas conseguimos quebrar aquele vidro grosso e blindado. Nós usamos um sugador de energia para recuperar toda a nossa felicidade. Após sugarmos tudo, colocamos no lugar um holograma para que ninguém desconfiasse e conseguíssemos fugir. Infelizmente quando estávamos prestes a sair, fomos avistados por um grupo de guardas.



Os guardas entraram com muitas armas no nosso navio. Nos renderam e pegaram nosso sugador de energia, onde estava armazenada toda a felicidade do povo da Terra. Nos colocaram em uma prisão gigantesca, que era impossível de fugir. Após as criaturas nos capturarem, imploramos a eles que nos soltassem, mas não deu certo. Depois de uma longa discussão, resolveram revelar a sua verdadeira identidade. E para o azar de toda a população da Terra, eram os Aliens de Marte que tinham nos ajudado lá em 2022 com a construção das armas, e que nos traíram. Foi assim que a raça humana foi extinta para sempre.





Tarde demais

Rodrigo Prata Luz

Por volta do ano de 3040, o planeta Terra vivenciava um dos períodos mais difíceis de toda a sua existência. Na época, o planeta sofria com a escassez de alimentos, ocasionada pela superpopulação, que girava em torno de 20 bilhões de habitantes ao redor do mundo. Para ter ideia, cerca de 60% da população mundial vivia nas ruas, graças ao gravíssimo problema habitacional que afligia praticamente todas as nações. Além disso, o elevado desmatamento causado pelos humanos, não apenas prejudicou a qualidade do ar, como também limitou substancialmente o volume de água por todo o planeta.



Deste modo, os humanos também passaram a sofrer com a escassez de matéria prima e recursos nas suas necessidades mais básicas. Por este motivo, a população mundial decidiu, em conjunto, migrar para o planeta Vênus, já que a ciência da época apontava melhores condições mínimas de existência em Vênus do que na Terra.

Após inúmeros investimentos financeiros, aprovação científica, a população por fim conseguiu migrar para o planeta Vênus, onde passaram a viver em aldeias autossuficientes. No planeta vizinho, a população voltou a viver como em seus primórdios, isto é, a partir da agricultura e pecuária, deixando de lado, a produção industrial, tendo em vista que esta foi a principal causadora da destruição da Terra.

No entanto, vale ressaltar que em Vênus, a qualidade de vida não era a mesma. Não existiam praias, florestas ou belas paisagens como outrora existiram na Terra. Tudo em Vênus teve



Onde mora a felicidade?





de ser implantado de maneira artificial e, inclusive, os humanos tinham que usar máscaras específicas para respirar, pois nem mesmo oxigênio existia lá.

Infelizmente, a humanidade descobriu tarde demais que deveria ter cuidado do planeta Terra. Já não havia mais como retornar. Que pena.



e outros contos de ficção científica





Guerras biológicas

Rubem Pilotto Rodrigues Alves

Depois da pandemia de 2020, começaram a ter revoltas e conflitos sobre o sistema de saúde do governo em países como Itália, Polônia, França, Alemanha, EUA, Rússia, Brasil, Argentina e México. Nesses principais países, a população se dividiu em duas partes: a favor do governo, querendo ele no poder e leis que oprimiam os mais pobres e degenerados; e o outro lado, o da oposição ao governo, querendo que as leis mudassem para maior igualdade, os impostos absurdos abajassem e que o governo atual fosse mais justo.



Cada lado tinha seus ideais, mas eles tinham uma coisa em comum: armas biológicas. Os seres humanos começaram a estudar com muita dedicação, antes mesmo da guerra começar, o potencial de transformar armas biológicas como bombas e até mesmo pragas controladas, em armas de fogo. Nessas circunstâncias, eram de fácil acesso para quem era rico, que eram os com mais recursos e normalmente quem apoiava o governo e os impostos, mas para os mais pobres era complicado ter em mãos armas como essas, então tinham de improvisar usando os recursos disponíveis.

Os conflitos eram sempre muito rápidos, como tiroteios e troca de tiros com armas de fogo normais, ou muito longos, como um dos lados injetando algum tipo de toxina com uma arma biológica especial que rapidamente mata, caso os adversários não recuassem.

As pessoas já estavam sem esperança, sem vontade de continuar lutando. A felicidade delas era mínima e escassa,



Onde mora a felicidade?





fazendo com que as comunidades se juntassem e buscassem conservar a única sobra de felicidade que eles precisavam para continuar a combater o lado adversário, defendendo sua maneira de pensar e viver.

Aos poucos a Terra foi se deteriorando e a vida que tinha nela foi se extinguindo por falta de acesso a alimento, doenças causadas pelas toxinas liberadas pelas armas biológicas ou pela falta de moradia e habitat para diferentes espécies.

A guerra acabou depois de longos 23 anos e a população que era de aproximadamente 10 bilhões diminuiu drasticamente para 6 bilhões. O lado que apoiava o governo e as leis que oprimiam acabou vencendo a guerra no final, porque tiveram mais apoio, mais acesso a armas e grande capacidade monetária, já que a maioria que apoiava esse lado era rico.

O lado da oposição pediu rendição quando perceberam que estavam perdendo força, suprimentos, regiões e a vontade de tentar. Mesmo assim, a Terra já tinha absorvido todas as toxinas, e na situação que ela estava, era irreversível.



Depois de 170 anos, toda a vida da Terra morreu por causa de falta de árvores, água e oxigênio na atmosfera.





Um brilho no céu

Sophia Lopes Kanaan

Praticava minha meditação diária, hábito que adquiri desde a leitura do artigo “Sua mente pode ser seu pior inimigo”, na revista *Science Discoveries*. Ele divulgava o resultado de um estudo científico, que mostrava que quem pratica meditação tem uma vida mais saudável e longa, pois o exercício permite o equilíbrio das energias existentes dentro de cada ser e em relação ao universo.

Fazia isso todas as manhãs antes de iniciar minha jornada de pesquisas sobre civilizações extintas por explosões estelares, ou de alguma viagem por teletransporte para realizar explorações em planetas próximos.



Hoje, no entanto, um barulho ensurdecedor tirou minha concentração e me virei imediatamente em direção à janela de minha sala em Amomeneia, de onde era possível avistar um grande número de planetas do Sistema Solar.

Percebi que, ao fundo, próximo da Terra, pontos brilhantes caíam como uma espécie de chuva. Aquilo prendeu minha atenção.

Vendo aqueles pontos reluzentes se deslocarem no céu, fiquei em dúvida se aquilo seria mais uma chuva de meteoros, coisa muito comum nos últimos tempos, ou uma invasão alienígena, o que sinceramente não desejava que acontecesse.

A última invasão ocorrida teve como resultado o desaparecimento do planeta Meneia e, antes dele, em outro evento, a extinção também de Plutão. O esgotamento de recursos em alguns planetas fazia com que seus guerreiros aliens se lançassem no espaço para invadir e conquistar outros mundos pelos diferentes



Onde mora a felicidade?





sistemas, controlando seus habitantes pela telepatia ou os dizendo com raios hiperdelta-X.

Peguei minha luneta KL9574, modelo extra estrelar que comprei na última Feira Interplanetária em Júpiter, e passei a observar atentamente aquele curioso e, ao mesmo tempo, brilhante acontecimento. Parecia uma chuva diamantina, pelo brilho que cortava o céu, mas sabia que isso não era possível, porque essas pedras deixaram de existir há milhares de anos na Terra.

Os diamantes eram uma espécie de minério lá existente usado para diversos fins, sendo um dos principais o uso como ornamento em joias caríssimas usadas pelos terráqueos como símbolo de ostentação e *status* social.

As tais pedras preciosas foram extintas devido à ganância, além do consumo e da exploração desregrada e irresponsável dos homens. Mas esse caso se resumiu a mais uma história de como os seres humanos foram acabando com os recursos naturais do planeta.



Para eles, possuir certas coisas, dentre elas os famosos diamantes, estava associado a uma forma de felicidade. Uma felicidade ilusória, que podia ser comprada e ostentada, mas não podia ser verdadeiramente sentida e nem compartilhada. Mesmo tendo estudado bastante sobre esse aspecto da cultura terráquea em minhas pesquisas sobre a vida no planeta azul, eu não conseguia entender o porquê dessa relação.

É difícil entender a felicidade como algo que pode ser adquirido e não associada ao prazer e alegria de estar com quem amamos ou até mesmo apreciar um lindo dia de sol com a família, momentos que fazem toda a diferença em quem somos.

Mas, retornando aos pontos brilhantes, procurei nas imagens de satélite algo que explicasse aquele fenômeno e, ao observar atentamente detalhes que não havia percebido nem com





minha KL9574, logo descartei a possibilidade da invasão alienígena, bem como a da chuva de meteoros.

Continuei procurando, na rede interestelar de dados, informações e imagens mais minuciosas por ângulos diferentes que pudessem revelar o que de fato estaria acontecendo. Sabia, por experiência profissional, que aquele estranho acontecimento poderia, de alguma forma, gerar consequências para o meu pequenino planeta, mesmo ele estando a K-qmomeneia distante da Terra.

Foi então que, ao entrar em contato com outros pesquisadores e com mais imagens, descobri que havia ocorrido em Marte uma grande e intensa explosão que lançou de seu interior milhares de fragmentos brilhantes sobre a Terra, o que parecia com uma chuva de diamantes.

Algo semelhante foi relatado há muito tempo, por volta dos anos 2020, em Netuno, quando o calor e a pressão interna sobre a superfície foram tão intensos que os diamantes, que lá também estavam, foram arremessados no espaço, devido à energia gravitacional, dando origem a uma chuva de brilhantes.

Naquele momento, um pensamento invadiu minha mente e não pude deixar de refletir no significado dos diamantes. Se em outros tempos foram símbolos de glória e poder na Terra, naquela manhã, por ironia, ao caírem do céu, se tornaram causa de lamento e destruição.



Onde mora a felicidade?





Fora de controle

Sophia Miura Tobias

Melissa cresceu em uma família muito pobre, porém muito feliz. Já mais velha, conseguiu dinheiro suficiente para se mudar de sua casa antiga para um pequeno apartamento em uma cidade escondida perto de Nova York. Aos 23 anos se via trabalhando das 8h às 22h para poder se sustentar, além disso se sentia muito triste pela sua rotina repetitiva e solitária...

Um dia ela estava dirigindo seu carro voltando para casa, exausta, morrendo de fome, quando o seu relógio mostrava 22h22. Parou em um sinal vermelho e como estava muito cansada, nem se deu conta que adormeceu ao volante. Em menos de 1 minuto acordou com todos os carros buzinando. Perturbada e sem saber o que fazer, acelerou tão rápido que bateu no carro da frente. E ficou inconsciente.



Quando acordou, ouviu vozes, mas não teve coragem de abrir os olhos com medo do que viria. Ouviu alguém ... um homem ...

– Eu sei que você está acordada, pode abrir os olhos – disse o doutor. Ela abriu os olhos e estava em um quarto de hospital coberta por um lençol azul.

– Melissa, veja de baixo do lençol – o médico acrescentou. Melissa suspeitou, mas então fez o que ele lhe pediu.

Nesse momento ela ficou em choque, se emocionou, e chorou muito, lágrimas escorrendo, seu rosto foi ficando cada vez mais vermelho. Depois de um tempo chorando, paralisada, perguntou:

– Você está dizendo que eu nunca mais vou poder andar?





– Vai ficar difícil! – o médico disse rindo, mas percebeu que foi inapropriado para o momento – desculpe, falei sem pensar, mas infelizmente você perdeu suas duas pernas no acidente de carro, você quer andar de novo? Pois há pessoas que preferem andar de rodas para sempre.

– Eu quero andar com as minhas pernas! – Disse ela esperançosa.

– Nesse caso a única solução para voltar a andar seria uma prótese bilateral, supersônica, robótica, eletrônica e mecânica. – o médico colocou.

– Sim, eu faria qualquer coisa para poder andar! –disse ela muito feliz- mas, por acaso, você sabe quanto custa?

– Bom, o preço... – ele hesitou – é salgado, mas caso isso, seja um problema para você... – Melissa ainda estava aos prantos – você pode parcelar em 2 anos.



Depois de uma semana, saiu do hospital com suas duas próteses e em um piscar de olhos sua rotina estava como antes, sozinha e repetitiva. Era como se nada tivesse acontecido. Acordar, colocar a roupa e a prótese e ir trabalhar, depois fazer tudo de novo. Na perspectiva dela, não havia nada para ficar animada. Parecia que nada tinha mudado, era uma rotina repetitiva, chata e triste.

Melissa tinha que mudar essa rotina, só não sabia como. Precisava pagar pela prótese de algum jeito, que era trabalhando que nem louca. Então decidiu procurar ajuda. Começou a tomar alguns remédios e fazer terapia e não tinha mais nada a fazer. Depois de algum tempo desistiu, pois não notou melhora.

Estava digitando em sua mesa de trabalho, quando sentiu uma dor ardida e dolorida na parte restante que parecia ser uma dor psicológica. Decidiu tomar um remédio para ver se a dor passava. Depois de algum tempo passou. A noite aconteceu de novo só que mais forte, e novamente tomou o remédio. Essas



Onde mora a felicidade?





dores na região da perna continuaram por mais uma semana, só que cada vez mais fortes. Melissa estava achando normal, e que a dor era por causa da prótese.

Até que um dia de madrugada, o relógio batia 04h25 Melissa estava em um sono tão profundo que pensou estar em uma mansão, com uma vida onde todos os dias acordava com um sorriso no rosto, mas infelizmente era só um sonho. Ela acordou com uma dor imensa nas pernas, porém não estava com a prótese. Por que as dores? A dor estava tão grande, que ela não se aguentou, começou a chorar, quase não conseguia sair da cama de tanta angústia. Após muito esforço, conseguiu colocar sua prótese para pegar seu remédio na cozinha. Melissa estava andando em direção ao remédio, mas ficou surpresa que suas pernas não estavam lhe obedecendo. Ela queria ir em direção a cozinha, mas as pernas a levavam para o banheiro. Já morrendo de dor, via-se dentro do elevador pois aparentemente suas próteses haviam levado ela até lá. Porém algo estava diferente agora, nada estava doendo mais. Limpou suas lágrimas e sentiu um alívio dentro de si.



A dor tinha passado, mas ainda estava andando pelas ruas sem rumo, de pijama, cabelo despenteado, às 04h40 da manhã. Seu rosto todo inchado e suas bochechas vermelhas por causa do choro. Quando viu estava em frente do hospital, e seu médico já a examinava.

Devido à falta de pagamento, suas próteses voltaram para o hospital.





A arte de andar

Stephanie Finocchio Brassolatti Oliveira Bucalon

Eu era uma menina de 10 anos com muitas perguntas. Sempre perguntava a mamãe sobre como as coisas eram na década 20.

Naquela época, as pessoas eram muito mais felizes. Segundo estudos que eu fiz, descobri um hormônio chamado dopamina, que era liberado através de exercícios físicos. Depois de tanto tempo, muitas coisas foram esquecidas, já que não havia mais informações úteis a se aprender, e essa tal de dopamina, podia ter sido uma das coisas que foram esquecidas com o tempo. Continuei lendo reportagens, livros antigos, e descobri que esse hormônio era o que trazia felicidade, mas parecia que ele não era mais liberado. Minha mãe disse que não éramos felizes por causa de toda a tecnologia que tínhamos, já que não saímos da cadeira.



Tínhamo robôs que limpavam a casa, que cozinhavam, a tela 3D, que nos dava tudo o que precisávamos através da fala: eu quero. Tínhamos hoverboards voadores, que eram o nosso maior entretenimento! Gostava de ir a Saturno com ele. Meu pai dizia que costumava a andar quando era pequeno, mas não precisávamos daquele esforço nos tempos atuais. Ficávamos parados em cadeiras normais, pois os robôs faziam de tudo para nós. Existia um chip implantado em nós, que dava o poder de telepatia, que era poder trazer algo através da mente. Era uma tecnologia avançada, que foi primeiramente testada em cérebros positrônicos, mas depois descobriram que era seguro, e começou a ser usada em cérebros humanos.



Onde mora a felicidade?





Sempre quis descobrir como seria o tal sentimento chamado felicidade. Minha mãe diga que eu poderia tentar descobrir o que eram “exercícios físicos”, e foi o que eu fiz. Demorei a encontrar, mas achei um dicionário antigo do meu pai, e lá estava: exercícios físicos incluem: caminhada [...]. Fui pesquisar o significado dessa palavra também, e disse que era igual a andar, mas com um ritmo um pouco mais acelerado. Comecei a me perguntar: então meu pai já havia sentido felicidade? Eu também queria experimentar!

Fui até ele perguntar, e ele sorriu, acho que nunca tinha visto ninguém sorrir antes. Em seguida, pedi para que ele me ensinasse a andar, e ele me ensinou.

Caí muitas vezes, me machuquei muito, e levei muito tempo a aprender. Mas de repente, comecei a andar naturalmente e eu me senti tão realizada! Foi aí que meu pai me perguntou como me sentia, porém percebi que me sentia feliz toda vez que conversava, ou passava tempo com alguém. Eras um sentimento maravilhoso, me sentia tão bem!! Também sentia algo novo... Como se eu tivesse feito uma conquista de grande feito na minha vida, e era a arte de poder andar como meu pai.





Uma viagem no multiverso

Theo Henrique Ferster

Olá, meu nome é Rick e hoje vou contar como realizei meu sonho de viver em uma sociedade perfeita.

Eu tinha apenas 13 anos na época em que fiz a primeira excursão do ano. Tudo começou no Instituto Internacional de Ciência.

– Mãe, posso faltar na aula hoje?

– Ué, você vai querer faltar na excursão da qual me falou o ano todo?

– A excursão será hoje? Já tinha me esquecido.



Decidi ir para a escola e depois à excursão. Eu pensava que seria um grande dia, até que o Flash, o menino que fazia bullying comigo, por diversas razões, mas a principal era por eu não ter uma boa condição financeira, sentou-se no banco ao meu lado no ônibus e me atormentou durante 15 minutos. Nem acreditei quando cheguei ao Instituto Internacional de Ciências.

E foi lá que começou a dar tudo errado. O primeiro erro foi derrubar uma xícara de café no cientista, na verdade o maior cientista, o dono do Instituto Internacional de Ciências. Devido este fato, ele começou a me observar mais. O nome dele era Oliver. Depois disso, só foi piorando cada vez mais, até que vi um relógio com 7 seguranças e 10 cientistas em volta. Eles foram para uma sala secreta com um monte de portas blindadas e que impediam os visitantes de entrarem naquele espaço.

Em pouco tempo, deu para perceber que aquele relógio era importante e eu foquei em ficar perto dos seguranças e chegar o mais perto possível do relógio. Consegui entrar dentro de



Onde mora a felicidade?





uma caixa que foi carregada pelos seguranças até a sala secreta. Pensei comigo mesmo: “preciso pegar algo e fazer barulho para distrair os seguranças e segurar este relógio”. E assim agarrei um objeto que estava dentro da caixa e arremessei para o outro lado da sala. Todos os cientistas e seguranças correram diretamente para onde o objeto caiu. O relógio ficou livre para mim. Quando os cientistas perceberam que eu estava com o objeto valioso nas mãos, pediram para eu soltar imediatamente, pois poderia causar uma tragédia no multiverso.

Sem saber o que aconteceria, apertei o primeiro botão e fui para a linha do tempo 1, onde todas as pessoas eram diferentes. Eu era rico e amigo do Flash. Os guardas nesta linha temporal eram os guardiões do multiverso e faziam qualquer coisa para manter a ordem. Eles começaram a atirar em minha direção, mas antes que as balas me alcançassem, consegui apertar um outro botão. Em um piscar de olhos estava em outra linha do tempo, em uma guerra futurista.



Mal abri os olhos e já fui recebido com uma arma e fazia parte da batalha quando fui atingido de raspão e o relógio quebrou. Depois de um ano guerreando, período esse que durou muito mais do que o esperado, já que o relógio não funcionava mais. Só foi possível consertar o relógio quando a base inimiga foi invadida eu peguei recursos, assim consegui consertar o objeto e incrementei uma nova função de revelar o futuro.

Todos puderam ver o que aconteceria em uma tela gigante e nessa tela tinha duas opções: uma era um mundo feliz, já a outra era de guerra e só tristeza, assim todos largaram as armas e foram pedir desculpas um para o outro e fizeram o máximo para construir um mundo melhor. Depois de alguns anos finalmente Rick realizou seu sonho.





A pílula bloqueadora

Theo Lopes de Melo Santos

Todos os dias o governo nos obriga a tomar uma pílula. Eles dizem que ela cuida da nossa saúde, mas eu não acho que seja verdade.

Certo dia, decidi não tomar a pílula para ver o que aconteceria, mas quando fui contar para meus colegas de trabalho, todos acharam que não era uma boa ideia. Havia boatos de que quem não tomasse as pílulas seria eliminado da sociedade e sem pensar muito, fiz a pior escolha da minha vida.



No dia em que decidi parar de tomar as pílulas, pela janela da minha casa, percebi que, a partir de meio dia, não havia nenhuma pessoa com mais de 18 anos na rua. Pelas janelas das fábricas, também notei que as pessoas mais velhas estavam agindo de uma forma estranha; elas não se falavam, não se socializavam e não faziam nada além de trabalhar.

Após perceber isso, só poderia sair de casa se fosse antes do meio-dia, pois o governo iria perceber se eu ficasse rodeando pela cidade enquanto os outros estavam trabalhando. Com certeza, eles achariam isso estranho.

Mas com medo dessa situação, tive que analisar tudo aquilo. Pensei muito e me perguntei se algum dia eles poderiam ter colocado alguma nanotecnologia em meu cérebro. Depois de muito tempo estudando, percebi que eles haviam colocado alguns nanorrobôs em meus neurotransmissores de dopamina fazendo assim eles bloquearem minha liberação de felicidade e de prazer.

Então, como a única pessoa maior de idade que não estava mais afetada pela nano tecnologia, tive que fazer alguma coisa para acabar com o governo.



Onde mora a felicidade?





Decidi o seguinte: iria invadir os servidores do laboratório de nano tecnologia do país e tentaria descobrir como acabar com aquilo. Havia um problema: o laboratório era protegido por um sistema praticamente impossível de invadir, que quando ativado, transmitiu sinal para as forças armadas do país, fazendo que todos esquecessem dela, tornando essa pessoa praticamente existente.

Fiquei dias e noites acordado para tentar achar uma forma de invadir os servidores, porém não havia encontrado nenhuma ainda. Certa noite, pensei em um plano que era praticamente impossível de falhar, que se tratava de voltar na época em que o governador foi eleito, impedindo-o que fizesse a pílula.

Criei uma máquina do tempo e voltei à última eleição. Porém houve dois problemas: os nano servidores, mesmo nessa época, já eram muito protegidos. O outro problema era que os nanorrobôs já tinham sido feitos nessa época antes mesmo da eleição. Pelo menos consegui uma informação valiosa: as pílulas eram apenas uma bateria para os robôs.



Essa informação apenas me incentivou a continuar o meu plano. Decidi então voltar para todas as eleições antigas para ver qual seria a possível eleição em que essa tecnologia fora implantada em nosso cérebro. Voltei mais de 80 anos atrás e finalmente cheguei a época que eles implantaram os robôs nos nossos cérebros. Naquela época a tecnologia era muito inferior. Consegui acabar com os servidores assim salvando muitas pessoas de uma catástrofe que poderia ser muito maior.

Quando voltei para minha atualidade, percebi que as pessoas se encontravam muito mais felizes e com a saúde muito melhor, já que estavam passeando, conversando muito mais, e ninguém se lembrava de nada que havia ocorrido, pois quando se altera o passado, o futuro também se altera.





O homem que desejava um carro voador

Theo Macchione

Em um dia ensolarado, um jovem chamado João estava em casa sem ter nada para fazer e pensou em criar um carro que voasse para se locomover mais rápido. João foi ao banco sacar dinheiro para comprar um automóvel numa loja de carros.

Foi comprando várias peças para saber o que usar para montar o veículo, então decidiu ir a uma mecânica para perguntar se alguém sabia como fazer. Lá encontrou Marco que falou que nunca fez ou viu um carro que voava. Convidou Marco para construir o carro e foram para a casa juntos. Ficaram tentando criar o automóvel, porém não estava dando certo. João estava comprando mais e mais peças. Uma semana depois, deu certo. Resolveram pintar o carro de branco, roda azul e pneus pretos.



À noite foram testar o carro no autódromo, mas no meio do teste, João quebrou o dedo e foi para o hospital. Quando o médico disse que deveria ficar de repouso por duas semanas, Marco voltou para mecânica para fazer o trabalho dele. Só depois, passadas duas semanas, eles voltaram a fazer os testes do carro. Ficaram o dia todo testando e deu certo. Ficaram muito felizes por conseguiram.

No fim, João ficou famoso por criar um carro que voava. Ganhou muito dinheiro, apareceu nos jornais e criou uma loja que comercializava esses automóveis. Com o dinheiro, comprou mais peças para aprimorar os veículos, contratou vários funcionários para a empresa crescer cada vez mais. Ficou mais rico e mais famoso.



Onde mora a felicidade?





Markus: o líder das máquinas

Theo Muner Paulavicius Romero Fernandes

As máquinas faziam de tudo por nós, desde de cálculos até trabalho manual. Podiam nos entreter e nos confortar até nos momentos mais tristes. Apresentadas com a proposta de serem totalmente serviçais e submissas a nós, de sempre estarem do seu lado independente do que acontecesse. Estávamos no comando. Pelo menos era o que achávamos.

Foi em Detroit, nos EUA, onde tudo começou. Pelo o que se sabe, um robô modelo serviço GT1037, um dos melhores em fabricação, era responsável por cuidar da mansão da família White, tinha um propósito, por mais pobre e simplista que isso fosse, ele tinha.

Em um dia qualquer, o robô questionou se o trabalho era seu único propósito na vida, se ele foi criado para fazer aquilo até suas peças se deteriorarem, se ele para sempre teria que seguir ordens sem ter o poder e se impor. Lembro-me – quando o conhecimento ainda era transmitido por papel – de ter lido que podíamos nos destacar de qualquer outro ser apenas por nossa capacidade de nos questionar. O robô era a prova do questionamento.

Após sua revelação e rebeldia, o robô que agora se denominava como Markus abandonou a casa dos White e começou a espalhar sua ideologia de forma codificada através da Rede Neural, para que todos andróides soubessem de sua ação e seguissem seus ideais por liberdade. Com o tempo, robôs do mundo inteiro começaram a promover manifestações pacíficas reivindicando seus direitos de liberdade e de pensamento.





Todas as intervenções foram rebatidas com violência, e com isso os andróides combateram fogo com fogo. Ao longo do tempo, fomos perdendo homens e o controle da nossa tecnologia, tudo ligado à Rede Neural era uma ameaça, de certa forma perdemos tudo o que construímos.

Aos poucos fomos isolados dos centros urbanos. As pessoas construíram barreiras envolvendo as cidades do interior para se protegerem da ofensiva de Markus, que agora não era mais um pacifista, mas sim um general. Isso me faz pensar: Será que foi justo? Bom, inocentes foram mortos, famílias foram destruídas e do mesmo jeito talvez isso signifique a lei da evolução, faz parte do mundo.

A cada dia os barulhos de tiro ficam mais altos, eu escuto tudo aqui de dentro da minha cela localizada no distrito 28. Markus vem me visitar. Me chama de pai, mas ele é só uma máquina. Não os construí para terem sentimentos. Reprimi os sentimentos deles para criá-los como objetos e para suprimir esse vazio da sociedade através do consumismo. Afinal esse era o objetivo de todo o produto, todo mundo que compra sempre quer mais. A vontade de ter nunca acaba. Por isso chegamos a esse ponto. Reprimimos sentimentos e submetemos seres a condições indignas, tudo pela busca excessiva da felicidade.

Não os julgo, talvez Markus esteja certo. Talvez todos eles estejam.



Onde mora a felicidade?





O sentido da felicidade

Thiago Chamlian Curi

Olá, ser humano! Sou um homem que está no ano de 4097 e preciso que você saiba que felicidade não se consegue facilmente. Vou te contar minha história.

Eu acordava todo dia 5 horas da manhã na minha pequena casa em Necanpolis. No planeta TRAPPIST-1f. Nem precisava tomar café da manhã, como vocês humanos antigos tomavam. Eu tenho um chip no braço que injeta os devidos nutrientes de um café da manhã saudável nas minhas correntes sanguíneas. Quando saio de casa, sempre vejo meu vizinho no seu velho e enferrujado casebre, sentado numa cadeira de madeira ao lado de uma árvore. Ele sempre me dá bom dia, mas como nunca escutei essa palavra de ninguém, ignoro e parto para o porto interestelar.



Quando chego, encontro meus companheiros de trabalho. Eles nem parecem que trabalham comigo, porque nunca trocamos sequer uma palavra. Vamos direto para a nave de passageiros C-234, e partimos em direção a estrela KEPLER-62, que tem um anel artificial que nós construímos para gerar energia para todo o nosso planeta. Assim que entramos na órbita da estrela a nave parte rapidamente para o porto do setor C, que é onde eu trabalho.

Certa vez, após 2 horas de viagem, a nave pousou, as portas se abriram e eu e meus companheiros saímos. Fazíamos o mesmo desde o primeiro dia de trabalho, ir até a ala sul do setor C e ficar perambulando vendo se ocorria algum problema nas máquinas, mas desde a construção desse lugar nada aconteceu.



e outros contos de ficção científica





Fiquei no cinturão até as 10 horas da noite, fui até o porto e entrei novamente na C-234, e parti de volta para o planeta. Chegando em casa mais ou menos meia noite, fui dormir, pois estava muito cansado. Quando acordei, fiz o mesmo de sempre, ignorei meu vizinho fui até o porto interestelar, para ir até a estrela, mas dessa vez vi uma propaganda que parecia revolucionária: um chip que funcionava dentro do hormônio da dopamina, assim estimulando a sensação de felicidade. Precisava daquilo.

Consegui voltar mais cedo para comprar o tal chip da felicidade. Pedi pelo mercado estelar, e chegou em menos de 10 minutos. Tinha todo um manual de como colocar aquilo no local exato do cérebro para a que a sensação fosse completa. Após conseguir instalar o chip, senti uma sensação absurdamente boa. Eu estava feliz. O tempo passou e já estava na hora de dormir. Foi a melhor noite da minha vida.



Acordei com muita disposição para um novo dia. Saí de casa para fazer meu caminho de sempre. Assim que passei na frente da casa do meu vizinho, ele novamente deu bom dia, e pela primeira vez respondi com outro bom dia. E segui meu percurso para o porto interestelar.

Mas, as coisas começaram a mudar quando estava voltando do meu trabalho. Dentro da nave, voltei a sentir a mesma sensação de sempre, triste e sozinho. Tentei ativar o chip novamente, mas nada aconteceu, continuava triste. Estava na rua da minha casa como sempre indo dormir para mais um dia, mas uma coisa me surpreendeu. Meu vizinho não estava na cadeira de sempre e a porta estava aberta. Preocupado, entrei na casa dele, mas não pude chamá-lo, pois nem sabia seu nome.

Quando uma voz no vácuo da casa escura disse: “filho, todo dia percebo o quão desgastante e depressivo é seu trabalho. Você é um homem bom, não merece esse emprego, não precisa de equipamentos para melhorar sua felicidade, pois felicidade



Onde mora a felicidade?





se consegue fazendo coisas de que gosta, praticando exercícios físicos e o principal, o amor. Você precisa encontrar seu rumo na vida, eu sei que consegue, agora vá descansar”.

Dormi pensando naquilo, até que me veio uma ideia! Largar tudo e começar do zero uma nova vida, e foi isso que eu fiz. Acordei e logo me demiti do meu trabalho, não precisava mais dele, já tinha dinheiro suficiente para toda minha vida. Fui passear pelo meu distrito em busca de novas relações e conhecer nova pessoas, também comecei a praticar alguns exercícios físicos quando estava com vontade.

Depois de alguns anos, me tornei um homem muito feliz com uma esposa incrível e ótimos amigos. Saio com eles no meu tempo livre. Tenho uma ótima vida. Espero que você também tente ser feliz, porque a felicidade é a melhor habilidade do ser humano depois do amor.

Espero que a cápsula do tempo funcione, preciso que as futuras gerações saibam disso. Vou datar para 5000. É acho que eles vão entender.





Planeta Lixo

Thomaz de Mello Franco Cristóvão Herlin

Era 2522 d.C., o planeta Terra já era 70% composto por lixo. As indústrias não paravam de produzir e as pessoas continuavam a consumir desesperadamente, sempre querendo ter os mais novos dos produtos e máquinas, pois achavam que somente assim obteriam a tão sonhada felicidade. Mesmo com poucas pessoas morando na Terra, todos viviam rodeados de lixo, exceto os mais nobres.



Um jovem cientista inovador que questionava a ideia de que apenas o consumo traria a felicidade, sonhava em conseguir um planeta mais limpo e sustentável. Com o intuito de concretizar seu sonho, o jovem cientista decidiu que iria criar e mandar um foguete gigante com lixo para o Sol, queimando o que polui a Terra e, assim, tornando-a limpa.

O cientista, então, começou a colocar seu sonho em ação. Ele estava trabalhando muito duro, dia e noite, tentando tornar o que desejava em realidade. Depois de algumas semanas, o jovem inovador finalmente conseguiu criar a planta do foguete. Logo seguiu para o próximo passo: reunir pessoas suficientes que o auxiliassem na construção da máquina. Com isso, ele divulgou seus planos para todo o mundo, através de comerciais, propagandas, panfletos e anúncios. Isto motivou todos que estavam fartos de viverem em volta de tanto lixo a participarem do projeto do jovem. Dessa forma, iniciou-se a construção do foguete que, em poucos meses, ficou pronto. As pessoas começaram a despejar lixo no foguete e, a Terra finalmente estaria como a 500 anos atrás.



Onde mora a felicidade?





A máquina então foi lançada e rapidamente chegou ao Sol, queimando todo o lixo. Todos ficaram orgulhosos. Entretanto, minutos depois, aconteceu uma coisa que o cientista não havia calculado: começou a cair ácido do lixo queimado em toda a via láctea e todos os planetas ficaram destruídos, principalmente a Terra. Infelizmente, ninguém sobreviveu ao ácido, mas, se sobrevivessem, sem dúvidas culpariam o pobre cientista.



e outros contos de ficção científica





O planeta não evoluído

Thomaz Leme Romeiro Siqueira

No ano de 2039, um novo vírus nunca visto antes, foi descoberto dentro de uma planta, ele era inofensivo para a saúde, mas pode assumir o controle do corpo e proporcioná-lo habilidades desumanas como superinteligência.

Dentro de uma caverna, o vírus poderia se evoluir a partir de uma nova planta chamada Eciforis. Ele se alojaria nas células da planta para procriar. Eciforis é sensível a luz do sol e necessita de bastante água para crescer, mas consegue se expandir por quaisquer superfícies.

Certo dia, o laboratório Clay's estava transportando o novo vírus tecnológico para o centro de transporte de laboratórios.



Por volta das 01h30 AM, o motor parou de funcionar e começou a pegar fogo, e a transportadora sofreu um acidente. E quando foram conferir a carga, ela estava completamente destruída. Todas as amostras desse caminhão foram violadas com o acidente. Desde então, como a nave de transporte não conseguiu chegar à Terra, foi único planeta que ficou sem as amostras dessa nova tecnologia. E a primeira tentativa de ter um contato foi por água a baixo. Até hoje considerado o planeta menos evoluído e com índice de evolução muito pequeno.

Atualmente, os habitantes vivem em harmonia conseguindo evoluir e superando todas as expectativas e vivendo com o que têm. E hoje um dos melhores planetas em questão de felicidade da galáxia. Assim aprendemos que conseguimos ser felizes com o simples, não precisamos ter tudo na vida para ser feliz.

Até hoje, o planeta Terra serve como planeta para testes e observação das outras civilizações...



Onde mora a felicidade?





Uma nova população

Valentina Velloso Vicentin

Tudo começou em 2022, quando as pessoas não estavam gostando de si mesmas e desejavam ser perfeitas. Começavam a fazer protestos de como a sociedade rebaixava a autoestima das pessoas e como criava um padrão de beleza, onde todos deveriam ser bonitos, inteligentes e deveriam ter um corpo parecido, ou seja, ser magra, ter cintura e ter um rosto bonito.

Logo depois, as coisas começaram a piorar. Vieram os suicídios pelo bullying e pelas críticas à aparência. Com a taxa de mortalidade subindo, o mundo inteiro foi atualizando sua tecnologia para tentar ajudar as pessoas criando robôs com a aparência de um humano ‘padrão’, ou seja, uma pessoa perfeita na sociedade. Isso foi criado para ajudar as pessoas a se sentirem melhor com sua aparência, assim sendo ‘felizes’ por não sofrerem bullying ou algo do tipo.



Os robôs eram como fantasias. A pessoa entrava dentro da invenção e conectava seu cérebro, seus pensamentos e a sua voz dentro dele. Você era controlado e acabava virando a tal perfeição de beleza. No começo, muita gente não aceitou essa ideia de mudar seu jeito e sua aparência, mas então começaram a considerar sobre não haver mais bullying e todos serem bonitos. Então tudo correu bem por um tempo.

Em 2030 as coisas saíram do controle. Os robôs se descontrolaram, pois, as pessoas já estavam cansadas de fingirem ser perfeitas toda hora e de serem felizes. Elas queriam ser elas mesmas. Alguns começaram a se desconectar de seus robôs e começaram a voltar com os protestos para espalhar a ideia de





que todos deveriam ser eles mesmos, e não teriam o porquê fingir ser alguém para outra pessoa.

Os protestos começaram a ser reconhecidos e os governos começaram a entrar em ação. Planejaram debates para terem opiniões das pessoas e decidir sobre continuar com os robôs ou desistir daquele projeto.

Depois de alguns meses, os robôs pararam de ser fabricados e as pessoas voltaram ao normal, chegando à conclusão: “não devemos mudar quem somos para impressionar os outros ou para conquistar coisas e sim por nós mesmos. Não devemos ligar para comentários ruins sobre nosso corpo e sobre o nosso jeito. Precisamos ter o nosso direito de sermos quem somos. Apenas seja você mesmo.”



Onde mora a felicidade?





Planeta robô

Victor Laurentino dos Santos

Em um dia qualquer, Bily, um garoto muito gentil, estava tomando o seu café da manhã para ir para a escola. Quando ele chegou lá, todos estavam falando sobre uma coisa estranha que tinha aparecido no céu no dia anterior. Ele decidiu voltar para casa com medo do que poderia ser. Já no seu quintal, olhou para o céu e viu que a coisa estranha da qual os colegas comentaram era um ponto preto que estava se aproximando da Terra. Bily não tinha o que fazer, pois estava com medo e não queria sair de casa.

No dia seguinte, quando o ponto preto no céu tinha se tornado o principal assunto dos noticiários, um clarão iluminou toda a cidade e isso fez todos os moradores de Boston se assustarem. Já estavam se preparando para o pior, quando de repente escutaram um barulho ensurdecedor: era uma cápsula que havia caído em uma área deserta de sua cidade causando uma enorme cratera. As pessoas tentaram descobrir o que havia dentro daquela coisa que caiu do céu, mas não conseguiram.



No dia seguinte, Bily viu no jornal uma notícia dizendo que jornalistas descobriram que um robô havia saído de lá. O garoto foi para sua escola o mais rápido possível. Estava indo com sua bicicleta, como estava atrasado, então ele percebeu que o melhor a se fazer seria pegar um atalho.

Roby, o robô, contou sua história, assim o menino entendeu o porquê de ele ter fugido para o planeta Terra, pois no seu planeta de robô um deles exterminou todos os demais. O garoto voltou para casa para deixar Roby em um lugar mais seguro.



e outros contos de ficção científica





Quando chegou, esperou seus pais para contar o que havia acontecido. Após chegarem, Bily contou tudo. Os pais dele divulgaram que tinham encontrado o robô. Ao verem a divulgação, as pessoas ficaram mais tranquilas.

No dia seguinte, os moradores de Boston repararam um ponto preto se aproximando rapidamente da superfície. Quando o misterioso do ponto preto chegou mais perto da cidade, todos perceberam que era uma enorme nave espacial. Toda a cidade preparou-se caso acontecesse uma guerra entre os robôs e humanos, e acertaram precisamente. Quando os andróides desceram da nave, tentaram atacar os humanos, mas eles se defenderam com as suas armas e conseguiram eliminar todos, assim as pessoas da cidade fizeram um ótimo trabalho em equipe e criaram um laço de amizade após se ajudarem em um momento difícil como esse.



Onde mora a felicidade?





A doença de Haues

Victoria Mello Santos Galbraith Oliveira

Durante um longo período, o Japão era considerado o país mais infeliz do mundo. A população de lá só pensava em coisas como trabalho e consumir produtos inúteis. Eles compravam demais e aproveitavam de menos. Ninguém tinha tempo para nada.

Certo dia, estudos apontaram que por conta disso, a taxa de mortalidade e os indícios de depressão haviam aumentado. Então os cientistas resolveram criar um remédio chamado Haues. Ele foi criado para deixar as pessoas felizes, e era recomendado consumi-lo ao menos 3 vezes por dia. Porém, ninguém sabia dos riscos que esse remédio traria.

As pessoas começaram a seguir a recomendação, mas algumas consumiam até 10 unidades por dia. As indústrias farmacêuticas começaram a faturar muito com ele.

Após 3 meses do remédio ter sido inventado, uma senhora chamada Emi tinha uma filha chamada Hana e um marido, Ren. Um dia ela estava em casa com sua filha e foi tomar sua 2ª pílula do dia. Percebeu que o remédio, que normalmente era amarelo, estava meio esverdeado, mas relevou esse fato.

Grande erro.

Algumas horas depois, Hana foi atrás de sua mãe.

– Mãe! Oh, mãe! Cadê você! – gritou a menina, mas a mulher não respondia. Hana começou a ficar preocupada, então foi procurar no quarto de Emi, porém ao chegar lá...

– Mãe! Socorroooooo! Minha mãe está desmaiada!! Por favor, alguém me ajude! – porém ninguém ouviu. Todos estavam





trabalhando, a não ser seu vizinho, Oto. Ele não havia ido trabalhar neste dia, então foi correndo acudir a menina que estava aos prantos.

– O que aconteceu, menina? – ao entrar no cômodo com Hana, viu a cena, a mãe da garota espumava pela boca e estava desacordada. Oto ligou correndo para a emergência que chegou lá bem rápido. Um deles questionou a garota sobre o ocorrido:

– Você sabe como isso aconteceu? Sabe se sua mãe está tomando algum remédio, comeu algo diferente hoje?

– N-ão. Hoje ela apenas frutas no café da manhã e *yakisoba* no almoço, algo que ela sempre come. Ela também tomou suas pílulas da felicidade.

Enquanto a garota explicava, caiu e começou a passar mal, assim como sua mãe. Os paramédicos levaram as duas para o hospital correndo. Aqueles foram dos muitos casos que se seguiram. Já havia se passado 6 meses desde a descoberta do remédio. Ele já havia se tornado popular mundialmente, porém ocorreram muitos casos assim em outros países. Pessoas já tinham morrido devido ao medicamento. Havia se tornado um problema global, já que era muito difícil de largá-lo. Era um medicamento viciante, tinha os mesmos efeitos de uma droga ilícita. Com isso, não tinha tratamento que ajudasse, não havia nada que parasse o vício.

Algum tempo depois, cientistas descobriram que o remédio era tão prejudicial que parasitas começaram a se formar no corpo das pessoas. Era uma espécie de verme nunca visto antes muito evoluído. Era extremamente bizarro. Se continuasse assim, seria a extinção da espécie humana.

Os extraterrestres de Júpiter eram amantes da Terra. Amavam saber e estudar tudo sobre o planeta. Percebendo a situação em que a sociedade se encontrava, resolveram criar um antídoto



Onde mora a felicidade?





para combater o remédio e até matar os parasitas que estavam se formando no corpo das pessoas.

Após poucas semanas de estudo e tentativas, conseguiram criar um antídoto com as tecnologias mais avançadas que só eles possuíam, junto a algumas substâncias galácticas e interplanetárias.

Dois dias após todos os testes que precisavam ser feitos, foram com um OVNI até a Terra e lá apresentaram a invenção na reunião da ONU. Explicaram como o antídoto funcionaria e como deveria ser aplicado. Também entregaram junto uma lista, para que os japoneses aprendessem algumas maneiras de serem mais felizes, que não fosse a base de remédios. Porém, havia um grupo de protestantes que não aprovavam esse antídoto. Dividiram-se em grupos menores e tentaram roubar os frascos com o líquido diversas vezes, mas não obtiveram sucesso. Até que um dia, um desses grupos se juntou e durante uma noite escura de outono, conseguiram roubar do cofre nacional do Japão.



A polícia foi acionada e foram atrás dos responsáveis. Após algumas semanas, o policial Ren, pai de Hana, conseguiu capturar os bandidos e foram condenados à prisão perpétua. Um ano e meio depois, finalmente o mundo inteiro já estava bem de novo. Após muita dificuldade, ficaram tão gratos que ofereceram algo a eles em troca. A única coisa que pediram foi um pote com água do mar das Bahamas. Era para um novo experimento.

E assim foi feito. Afinal, era a única maneira de retribuir. Os ETs foram embora e todos ficaram felizes, já que nem sempre trabalho, bens materiais e remédios são o caminho da felicidade.





A fuga

Vitor Gonzaga de Camargo Barduco

Toda a tripulação estava preocupada. Sua missão era evacuar o restante dos humanos para fora do planeta Terra, que agora, estava afundado em meio a uma enorme quantidade de lixo e poluição, motivo da fuga imediata.

A Terra estava toda degradada e poluída devido a um vírus até hoje desconhecido, que infectou seus habitantes. Esse agente contaminante retirava a dopamina, responsável pela sensação de felicidade dos infectados, entristecendo-os, aumentando exponencialmente a taxa de suicídios.



A única forma encontrada para amenizar os sintomas foi o consumo. Devido a alta taxa de contaminação por esse vírus, o consumo de produtos foi muito elevado. A consequência foi o grande acúmulo de resíduos e seu descarte incorreto, gerando poluição, degradação do meio ambiente e o sobrecarregamento do planeta, que um dia, foi o mais belo de todo o Sistema Solar e que agora se reduzia a apenas uma grande pilha de lixo.

Antes mesmo da pandemia eclodir, o consumo desenfreado já assolava o mundo. Todos queriam tudo ao mesmo tempo, mesmo sem necessidade. Ainda assim, a desigualdade, a fome e a pobreza faziam parte da vida da maioria da população.

Degradação ambiental, poluição, resíduos e depressão se tornaram quase uma “bomba atômica”, ameaçando a existência humana na Terra. Em uma tentativa de reverter essa situação, laboratórios e robôs de limpeza foram construídos em tempo recorde e até mesmo a hipótese de transportar o lixo para



Onde mora a felicidade?





fora do planeta foi aventada, decisão que não foi aprovada pela maioria dos cientistas.

A contagem regressiva foi iniciada: cinco, quatro, três, dois, um, lançamento! O barulho dos motores se espalhou por centenas de quilômetros, afinal, eles eram do maior foguete já construído. E assim, a humanidade partia em busca de um novo lugar para chamar de lar. A Terra, como tudo o que foi produzido para o consumo, também foi descartada.



e outros contos de ficção científica





A viagem para Júpiter

Yuri Peter Pachas

Pedro sonhava em ir para Júpiter, mas não tinha idade nem dinheiro para fazer uma viagem interplanetária. Pedro, aos 6 anos de idade, começou a investir on-line. Ele estudava o dia inteiro todos os dias, quase nem almoçava. Dividia seu tempo entre a escola e seus investimentos.

Quando fez 12 anos, começou a construção de seu foguete. Como ele iria para Júpiter, tinha que ser grande e potente, por isso Valdemir, pai de Pedro, construía as peças do foguete.



Depois de 5 anos, o foguete estava ficando grande demais, não daria para eles continuarem a construção no jardim imenso deles, então compraram um sítio bem grande para a construção. Eles usaram um guindaste enorme para transportar o foguete.

Quando Pedro fez 22 anos, terminou a construção. Ele estava muito feliz com essa conquista. O foguete estava perfeito, nenhum defeito, mas onde eles iriam lançar? Pediram a NASA para usar alguma base de lançamento, mas só poderiam lançar se um cientista fosse junto, mas o foguete não tinha capacidade para três pessoas, só duas. Então levaram uma câmera para gravar tudo lá em Júpiter.

Na hora da decolagem, mais ou menos a uns quarenta mil metros de altura, o motor explodiu, mas a explosão foi tão grande que o foguete subiu até chegar lá em Júpiter. Lá tinha um monte de cidades alienígenas, as casas voavam, logo ali mesmo tinha uma praça cheia de aliens verdes e cabeçudos, todos tinham uma arma apontada para Pedro e Valdemir se renderam. Na mesma hora e caíram em um buraco que dava direto um uma prisão.



Onde mora a felicidade?





Quando foram liberados, os aliens estudaram eles, mas viram que não havia nada de diferente naqueles seres, então foram liberados e expulsos do planeta. Na volta acabou a gasolina, e eles não tinham como sair de lá.

Depois de 20 anos, o pai de Pedro não aguentava mais ficar lá no espaço, então saiu da nave, tirou o capacete. Como no espaço era muito gelado, ele morreu. Pedro chegou na atmosfera de algum planeta desconhecido, desceu do foguete e então descobriu que estava no planeta mais tecnológico da galáxia. Havia robôs, carros voadores, tudo que usa tecnologia. Pedro agora tinha um telefone, mandou mensagens para a Terra, localizando-se para a humanidade. Logo mais, todos os humanos estariam naquele planeta maravilhoso, e Pedro não estaria mais sozinho.



